

**GABRIEL ROLÓN**

**O LAMENTO**  
DO VIOLINO





**GABRIEL ROLÓN**

**O LAMENTO**  
DO VIOLINO

Tradução  
***CLENE SALLES***

 Planeta

Copyright © 2010 Gabriel F. Rolón

Título original: *Los padecientes*

Capa: Amanda Dafoe

Imagem de capa: © Ernie Friedlander / Getty Images

Diagramação: Pedro Henrique de Oliveira

Preparação: Balão Editorial

Revisão: Gabriela Ghetti

Conversão para eBook: Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R659l

Rolón, Gabriel, 1961-

O lamento do violino / Gabriel Rolón ; tra dução Clene Salles. -

São Paulo : Planeta, 2012.

Tradução de: Los padecientes

ISBN 978-85-7665-967-9

1. Ficção espanhola. I. Salles, Clene, 1967-. II. Título.

12-0852. CDD: 863

033205 CDU: 821.134.2-3

2012

Todos os direitos desta edição reservados a

Editora Planeta do Brasil

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 - 3º. andar – cj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)

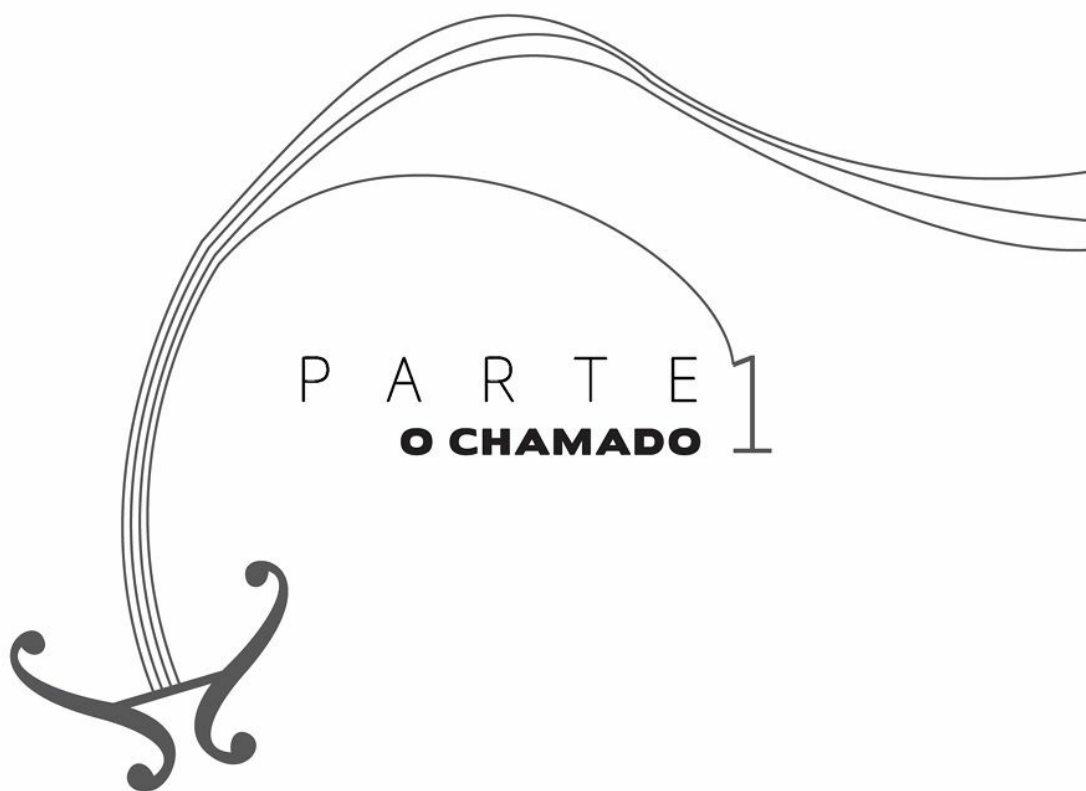
[vendas@editoraplaneta.com.br](mailto:vendas@editoraplaneta.com.br)

A **Vitu**, pelo café que nos ficou pendente.

A **Horacio Castillo**: vamos, Mestre, vá lá e conte no Olimpo sobre nossas tragédias *criollas*; nós, *criollos*, descendentes dos antigos colonizadores espanhóis que vivemos no interior do país.

*O inferno dos vivos não é algo que está por vir; há um, que é aquele que já se vive aqui, o inferno que habitamos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não o sofrer. A primeira, para muitos, é fácil: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até o ponto em que não é mais possível vê-lo, percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: buscar e saber reconhecer quem e o quê, em meio ao inferno, não é o inferno. E fazê-lo durar, e dar-lhe espaço.*

Reflexão de Marco Polo em sua conversa com Kublai Kan,  
em *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino.



P A R T E 1  
**O CHAMADO**

Poucas coisas se parecem tanto com a morte como o silêncio, e ele bem sabe disso. E onde não há lugar para as palavras aparece o absurdo, o inabordável, o inacessível. O que é impossível de falar e que se perde em uma obscuridade sem nome. Só uma dor muda e dilacerante se ergue como última barreira diante da loucura. Por isso seu trabalho o deixa apaixonado e o seduz. Cada paciente representa um novo labirinto e em cada história se desdobra uma angústia que clama por ser calada. E, num estranho paradoxo, a angústia só se silencia com palavras.

A angústia. Sua companheira permanente, a que desde sempre exerce sobre ele uma atração quase patológica. Como essas grelhas elétricas de luzes azuis que nas antigas pizzarias atraíam os insetos em direção à morte. É assim. A angústia o fascina e o cativa.

Talvez não tenha sido outra coisa que o tenha impulsionado para ser psicanalista mais do que tentar fazer algo por essa angústia que aos pacientes é intolerável e para ele, irresistível.

Seu pai havia tido um começo de vida difícil, quase indesejável. Pablo ainda se recorda das noites em que ficavam conversando a sós. Com os olhos assombrados, escutava como ele falava sobre uma infância carente e ameaçada, quase com ternura. Mas sabia que por detrás da aparente aventura de dormir na rua ou dos códigos do reformatório, escondia-se a angústia. Por isso, ficava hipnotizado escutando o relato. Imaginando seu pai-menino tremendo de medo pelas noites, indefeso ante um destino injusto.

Pablo não teria mais de oito ou nove anos quando, pela primeira vez, perguntou-se se alguém teria escutado essa dor que percorria o relato de seu pai e da qual nem sequer ele mesmo parecia se dar conta. Ou, talvez, preferisse não se dar conta. Não é simples aceitar que nos deixaram abandonados, sozinhos. A solidão é, também, outra das máscaras da morte. Pablo sabe muito bem disso, porque também está só. E não é por acaso que pense em seu pai justamente hoje. Precisa dele.

Faz exatamente um ano que não vê Alejandra, e a dor atravessa o corpo dele. Seu pai saberia o que lhe dizer, ou, pelo menos, como contê-lo. Desde sua morte, Pablo não tem podido descansar para alentar-se em ninguém mais e hoje isso lhe custa muito. Quanto tempo faz que não permite que ninguém o abrace quando está mal, quanto tempo faz que não chora?



Seu pai foi um homem de olhar franco e seguro, que sempre intuía seus estados de ânimo e que se sentia no direito de questioná-lo, porque sabia que podia contê-lo. Ainda se recorda de seus braços fortes, sua palavra firme e afetuosa. Pablo sente saudade de um modo quase infantil, inexplicável e com sofrimento. Como sente saudade dela. Ela e seu sorriso inocente, ela e sua sexualidade violenta, ela e sua maldita inteligência.

Um dia, exatamente um ano atrás, Alejandra guardou suas coisas, enfiou-se em sua cama e se entregou de um modo desesperado. Ao terminar, caiu em lágrimas, abraçada a ele. Quando Pablo despertou, já não estava mais ali.

Mas eles não estavam jogando o jogo do mistério, porque antes de partir lhe deixou em um papel sobre a mesa endereço e telefone. Ao lê-lo, Pablo percebeu que Alejandra iria embora da cidade. Pensou um momento, com a intenção de compreendê-la. O quanto a havia machucado para que ela decidisse deixar tudo o que havia construído até então — família, amigos e trabalho — apenas para ficar longe dele?

Sabe que sim. Mesmo que custe reconhecer, não pode enganar-se. É consciente de que os dois se machucaram muito. Ele com sua tamanha sinceridade que fere, buscando levar tudo até o limite, forçando-a até que não pudesse mais, jogando perversamente com o domínio que exercia sobre ela.

Alejandra, da sua parte, amou-o de uma maneira incondicional e doentia e cedeu aos perigosos jogos que ele propunha.

Naquela última noite, Pablo olhou para seus seios, seu púbis, beijou e tocou cada parte de seu corpo como se quisesse guardá-la para sempre na memória de sua boca e de suas mãos. E ela se deixou olhar, deixou-se tocar, foi um pouco o seu brinquedo, deixou-o fazer a seu desejo e, como sempre, desfrutou com isso.

Porque gozava ao ver a cabeça de Pablo entre suas pernas enquanto a beijava ou ao sentir como se movia dentro dela ao mesmo tempo em que sua boca lhe mordida o pescoço de um modo quase animal. Mas o que mais desfrutava era olhá-lo no instante final, gemendo, com essa expressão que oscilava entre prazeroso e dolorido durante poucos segundos. Talvez, porque esse fora o único momento no qual podia vê-lo tal como era, sem disfarces, totalmente despojado de couraças e imagens inventadas.

Entregue ao prazer doloroso, Pablo deixava de ser o intelectual brilhante, o psicanalista agudo que sempre tinha a resposta adequada para cada pergunta e controle sobre todas as suas emoções. Nesse transe, era somente Pablo, um homem que gozava desesperadamente e ao qual

só ela era capaz de fazer sentir dessa maneira.

Mas, infelizmente, para Alejandra, ele também tinha o poder de descontrolá-la, de levá-la em um instante do prazer à angústia. Quem sabe não fosse outro o motivo pelo qual havia decidido deixar sua casa em Buenos Aires para instalar-se naquela pequena cidade a mais de mil quilômetros de tudo o que até este momento fora sua vida. Talvez fosse somente pela esperança de que cada um desses quilômetros a distanciasse de Pablo, da dor e da degradação de que ele era capaz de causar.

Porque, de sua parte, ela também deixava de ser a mulher lúcida e sensível para converter-se em uma fêmea que se submetia totalmente a todos os seus caprichos. E gostava disso.

Por isso, nessa noite, quando tudo se concluiu, ficou encolhida como um feto sobre a cama, chorando em silêncio. Porque já não haveria mais Pablo para ela.

Sabia que iria sentir saudade de forma exagerada, contudo, sabia também que era impossível tentar o que quer que fosse, qualquer algo a mais. Já haviam se machucado demais. Alejandra não tinha como fazer mais nada para evitar e, imersa no jogo, também o havia ferido. Muito a seu pesar, ainda que por custo de sua inocência, de sua verdade. Estava arrependida, mas agora já era tarde.

Por isso, ao partir, não quis acordá-lo. Vestiu-se em silêncio e apenas se atinou a olhá-lo antes de sair do quarto. Lá fora, um insistente chuvisco caía sobre Buenos Aires; relâmpagos iluminavam o céu. Lá dentro, um homem, seu homem, chorava nu e aflito sobre a cama.

Quando saiu para a rua, o frio da noite bateu em seu rosto. A garoa era contínua e gelada. Enfiou a chave dentro de um envelope com o nome dele, jogou-o na caixa de correio da entrada e se foi de sua vida para sempre.

Faz um ano.

O tempo é implacável.

Pablo olha para seu relógio. São nove da noite e, em geral, a essa hora se despede do último de seus pacientes. No entanto, acaba de ver uma pessoa na sala de espera. Olha para ela e sorri, cortês, antes de voltar a entrar em seu consultório. Helena, sua assistente, segue-o.

— Quem é? — pergunta Pablo.

— É a garota da qual falei hoje pela manhã. Você me disse para lhe dar um horário para uma consulta.

— Sim... mas a esta hora?

— Ela disse que era urgente.

— Você já sabe como é... — disse Pablo. — Sempre é urgente.

— Sim, mas ela estava muito angustiada, deu pena.

— E de mim, você não sente pena? Acabo de chegar de uma viagem de trabalho e hoje é um dia especialmente difícil — fez uma pausa quase imperceptível. — Vim do aeroporto diretamente para cá. Sinto saudade de minha cama e preciso descansar. Ou você pensa, como todo mundo, que comigo nunca acontece nada e sempre estou bem?

— Nada disso. Se existe alguém que lhe conhece neste mundo, esse alguém sou eu. E mais, às vezes, acredito que você não precisa de uma assistente e que estou aqui porque o que na realidade precisa é ter alguém por perto que ame e cuide de você.

Pablo deixa escapar um sorriso.

— Ah, não... veja bem, o analista aqui sou eu.

Silêncio.

— E então? O que eu faço com a garota? Se quiser, digo que me enganei ao agendar o horário e a transfiro para outro dia.

— Não, tudo bem — responde depois de um breve silêncio. — Mande-a entrar e pode ir, já é tarde.

— Eu posso esperar até que a consulta acabe.

— Não, não tem importância. Além disso, eu sei bem o que é ter vontade de voltar para casa — disse com ironia.

— Mas, para isso, primeiro é preciso ter um lar para o qual regressar, não? — responde Helena ao mesmo tempo em que lhe dá um beijo. — E você, desde que Alejandra foi embora...

— interrompe a frase, faz um gesto de negativa com a cabeça e se retira.

Ele a vê partir e sorri. Se há alguém que pode lhe dizer qualquer coisa, é Helena. Porque Helena é muito mais que sua assistente. É sua amiga desde a época de escola no secundário. Muito antes que ele se convertesse em um renomado psicanalista. Desde aquela época, na qual o chamavam “Loiro” e não “Doutor”. O apelido de loiro nada tinha a ver com seu aspecto, Pablo era moreno, senão por seu sobrenome: Rouvriot.

Pablo se lembra de ter se apaixonado perdidamente por ela quando tinham quinze anos, mas Helena jamais pareceu corresponder e ele nunca lhe disse nada. Voltaram a se encontrar aos trinta e cinco, numa noite fresca de abril. Ele já era psicólogo, e a publicação de seu primeiro livro havia gerado um grande alvoroço entre seus colegas. E foi justamente na saída de uma de suas conferências que aconteceu o reencontro. Pablo já estava saindo quando escutou uma voz que o chamava com aquele apelido que já quase esquecera.

— Loiro...

Deteve-se, surpreso, e se virou. Então a viu. A princípio, custou a reconhecê-la. Se bem que ainda muito jovem, era possível enxergar nela o cansaço, parecia desgastada. Mas, naqueles olhos que sempre pareciam estar sorrindo, reconheceu a velha amiga.

— Não me diga que estou igual porque não irei acreditar em você — anunciou Helena em voz baixa. E ele não o disse. Olharam-se em silêncio durante alguns segundos até que ela voltou a falar: — Loiro, que vergonha. De repente, depois de tantos anos. Mas a verdade é que eu não vim para escutar sua palestra.

— Ah, não?

— Não, porque de psicologia não entendo nada.

Pablo sorriu.

— E então?

Ela mordeu o lábio inferior no mesmo instante em que abaixava a cabeça. Foi difícil falar.

— Sei que está tudo bem com você, que é um cara bem-sucedido e... Tenho um bebê, sabe? Chama-se Juliana e... estou só... coisas da vida — antes de continuar, Helena pigarreou. Levantou os olhos e o olhou fixamente, com um olhar cansado e dolorido. — Loiro, preciso de trabalho.

Podia reconhecer facilmente a angústia quando a tinha à sua frente, estava treinado para isso. Mas, esta não era qualquer uma, era a angústia de Helena. Pablo a ficou olhando, e centenas de imagens passaram por sua cabeça. Aproximou-se e acariciou-a com ternura.

— Você está com tempo? Posso lhe convidar para jantar?

Ela assentiu sem dizer nenhuma palavra.

E a partir daquela noite, ela se converteu em sua assistente. E que coisa boa ele havia feito. Tanto que hoje em dia Pablo já não saberia o que fazer nem como organizar-se sem a sua ajuda. Dois anos depois, Helena conheceu Fernando, um empresário com o qual negociou uma série de conferências que trouxeram para Pablo um bom dinheiro e, para ela, um grande amor. Já não precisava trabalhar, mas tinha se apegado com a proximidade daquele amigo que, sem que ela imaginasse, alguma vez a havia amado. Os chás da manhã, a agenda difícil de manejar, as desculpas do dia a dia, mas, sobretudo, a amizade haviam se tornado um costume saudável. Por isso, decidiu ficar.

O ruído da porta ao fechar-se é o que indica a Pablo que Helena já foi e o lembra de que na sala alguém espera. Uma mulher jovem. Pareceu-lhe bonita. Ainda não sabe o seu nome.

### III

Ao tê-la bem à sua frente, comprova que, efetivamente, é uma mulher muito atraente. Seu cabelo é escuro, seus olhos são verdes e grandes, seus traços são extremamente finos, sua voz é sensual.

— Eu me chamo Paula — apresenta-se — e, antes de qualquer coisa, quero agradecer-lhe por ter me recebido a esta hora.

— Não há nada que agradecer.

Breve silêncio.

— Desculpe-me pela demora em começar, mas não sei muito bem como agir.

Pablo está acostumado a escutar aquela frase e tenta ajudá-la.

— Helena, a minha assistente, disse-me que o assunto tem certa urgência para você. Por que não me conta do que se trata?

Ela o olha e inspira profundamente, uma vez, outra mais. Por fim, como se tivesse juntado forças, começa a falar.

— Suponho que tenha lido os jornais das últimas semanas.

— Sua suposição não está certa — disse Pablo quase que se desculpando. — Acabo de regressar de uma viagem e estou um pouco desinformado. De todo modo, sim, eu devo ser franco, não leio muito os jornais.

— Entendo.

— Mas o que têm a ver as notícias com o que ocorre com você?

Paula abre, nervosa, o zíper de sua bolsa e procura algo. Não parece encontrar. Ela a fecha sem fazer nenhum comentário e o olha diretamente nos olhos.

— Algumas semanas atrás, encontraram o corpo de meu pai num pequeno descampado. É um lugar onde se encontra uma lagoa, próximo da estrada, mas a estiagem dos últimos meses deixou o cadáver exposto.

Silêncio.

— Se chamava Roberto Vanussi e era um empresário importante.

Paula não abaixa o olhar nem faz nenhum gesto.

— Compreendo.

— Não. Não creio que compreenda. Com certeza, você pensa que, impactada pela notícia,

vim aqui em busca de apoio.

— E não é por isso mesmo?

— Não. Espero não desapontá-lo.

— Pode ficar tranquila, se isso a preocupa. Não me desapontou. Nesta profissão as pessoas se acostumam que as coisas nem sempre são o que parecem. Mas diga-me o motivo para que tenha vindo me ver.

— Porque preciso pedir-lhe um favor. Na realidade — corrige-se —, quero oferecer-lhe um trabalho.

A esta altura da conversa, Pablo está desconcertado.

— Não entendo o que está me falando. Explique-se, por favor.

— Quero que faça algo para ajudar o assassino de meu pai.

Fez-se um longo silêncio. Pablo procura recompor-se do impacto que essas palavras lhe causaram.

— Deixe-me ver se entendi bem. Você está me pedindo para que eu ajude a pessoa que matou seu pai?

— Isso mesmo.

— E posso saber por quê?

A resposta de Paula o sacode ainda mais.

— Porque é meu irmão.

## IV

José Heredia entra no bar e o percorre com o olhar. Seu um metro e noventa, o casaco preto que chega até os joelhos e as botas que terminam numa ponta, como um bico, dão-lhe um aspecto estranho, como se estivesse fora do tempo e lugar. Qualquer um poderia se perguntar o que fazia uma figura como aquela entrando em um café, na Avenida de Mayo, na noite portenha. Destoaria menos se estivesse tomando um vinho em alguma taberna sevilhana ou nas páginas de um livro de Bram Stoker.

Detém o seu olhar em uma mesa localizada ao lado de uma janela no fundo. Cruza todo o salão e se senta na frente de seu amigo. Suspira e finge recuperar o fôlego.

— Posso saber o que está acontecendo com você? Nem me pediu, ordenou que eu viesse. Não podia esperar até amanhã? — seu tom de voz era mais de gozação do que de reprovação. — Sabe o que estava fazendo? Talvez não se importe, mas assim mesmo vou contar. Acabava de atender o meu último paciente e tinha começado a cozinhar. Depois de um dia inteiro dedicado aos outros, aquele era o meu momento. E assim estava eu — continua falando de forma bem teatral — entregue ao ritual de abrir de vez em quando o forno para que a carne estivesse no ponto certo, nem muito crua, nem muito seca. Você sabe que eu adoro cozinhar, é uma espécie de terapia, meu momento de *relax*. Por isso, até pouco antes, toda a minha atenção estava posta no cheiro da carne e no gosto do molho que estava preparando. Mas o telefone me trouxe de volta para o mundo real. Sim, você, quebrando o idílio cotidiano que existe entre a minha cozinha e mim. Assim sendo, espero que tenha um bom motivo para ter me tirado do meu mundo de fantasia.

Pablo costuma rir com seu amigo, mas não desta vez. Olha para ele fixamente.

— Paula Vanussi. Soa algo para você?

José fica sério de repente.

— Óbvio que me soa familiar, sim. É uma de minhas pacientes.

— Gitano, que coisa enroscada é essa que você jogou para cima de mim?

Gitano. Só Pablo o chama dessa maneira. José o olha e compreende que está falando sério.

— Eu descarto a possibilidade de que ela tenha lhe procurado.

— Ah, é? Mas foi, sim. Chegou com sua carinha de anjo e com ar de desprotegida e começou a me falar de cadáveres podres e filhos parricidas. E quando, com o objetivo de ganhar tempo



para pensar em algo no meio de tanta baboseira, eu lhe pergunto como conseguiu meu telefone, ela me diz que foi você quem o deu — silêncio. — Assim sendo, estou aqui para ouvir o que você tem a me dizer.

Sorri.

— Ela lhe disse tudo o que aconteceu?

— Não. Mas suponho que tenha dito a você. Por isso eu lhe chamei. Conte-me.

— Você está pedindo que eu viole o sigilo profissional?

— Dá para parar de me encher o saco, Gitano? Não será a primeira vez que iremos conversar sobre pacientes. Além disso, preciso lembrar-lhe de que quem me enfiou nessa história foi você?

— Não tanto assim.

— Você pode até dizer que nem é “tanto” assim, pelo menos admita que pelo menos é um “pouco”, sim?

— Não, por favor, não me venha com sutilezas analíticas a esta hora.

— Desculpe-me. Mas é isso que somos... ou não?

Nesse momento, o garçom se aproxima da mesa. José pede um café. Pablo continua em silêncio, simplesmente esperando.

— Está bem, eu vou lhe contar, mas vê se muda essa cara de cu, porque não é para tanto.

— ...

— Conheci Paula na faculdade faz mais ou menos três anos, foi minha aluna nas aulas de psicopatologia.

— Ah... é psicóloga.

— Ainda não. Terminou de cursar, mas ainda tem alguns exames pendurados que, se continuar postergando, irão vencer e terá que cursar as matérias de novo. Seria uma cagada. Era justamente um dos temas que estávamos trabalhando na análise.

— Isso não me interessa — interrompe Pablo.

— Você me pediu que contasse.

— Sim, mas não essa parte da história. Fale-me sobre ela, não de sua análise, e diga-me tudo o que sabe sobre a morte... o assassinato — corrige-se — do pai dela.

José joga meio envelopinho de açúcar na xícara e o mexe lentamente, sacode a colher no ar e a leva à boca. Depois a deixa na borda do pires e bebe um gole.

— Como eu lhe dizia, ela foi minha aluna, uma ótima aluna. Estudiosa, aplicada e com muito

interesse em compreender como funcionam as enfermidades psíquicas. Se bem que, esse interesse, que se manteve durante todo o período, fez-se especialmente forte, obsessivo eu diria, quando vimos as psicoses e as classificações psiquiátricas. Você sabe: transtornos graves, problemas neurológicos, quadros borderline, os limítrofes e essas coisas. Nesse momento não dei muita importância ao tema. Depois, compreendi por que esses casos a fascinavam tanto — Pablo o interroga com o olhar. — Javier, seu irmão, é um menino com problemas severos. Pelas coisas que ela conta, imagino uma estrutura esquizofrênica, associada talvez a algum transtorno de personalidade.

Pablo sente que seu humor começa a suavizar à medida que seu amigo vai falando. Só com ele pode acontecer uma coisa dessas. Chega com vontade de matá-lo e, um pouco depois, começa a sentir o prazer de poder falar de um modo relaxado e franco.

Haviam se conhecido na faculdade, no início de suas carreiras, na cátedra de psicanálise. Desde o primeiro momento, deram-se bem, divertiam-se e gostavam de se reunir para estudar. Cursaram juntos quase todas as matérias, no entanto Pablo se formou um pouco antes. Era mais metódico e responsável que seu amigo. José é, apesar de seu ar divertido e amável, um homem introvertido e obscuro, que, em certas ocasiões, atravessa períodos nos quais se isola do mundo. Pablo intui que algum segredo o atormenta, algo que não tenha nunca contado e, talvez, não lhe conte jamais.

Dos dois, não há o que questionar, foi José quem conseguiu entrar como professor da universidade. Uma vez dentro do âmbito acadêmico, falou com o titular da cátedra e o convenceu a convidar seu amigo a ingressar como ajudante. E assim foi. Mas Pablo não estava confortável e, pouco depois, suas discrepâncias com a cúpula da faculdade o levaram a renunciar ao cargo. Apesar disso, e da posição incômoda na qual havia ficado, José continuou apoiando-o e defendeu-o de todas as críticas, inclusive quando as publicações teóricas de Pablo o deixaram para sempre fora do afeto acadêmico. São amigos e ambos se respeitam e se querem bem, apesar das diferenças.

— Na metade deste ano — continua José —, Paula me disse que queria fazer análise comigo e eu lhe respondi que naquele momento não era possível, que era minha aluna e não era ético, mas que se, ao finalizar o curso, ela continuasse com os mesmos desejos, eu não me oporia em atendê-la por algumas sessões para ver se podia ficar com seu caso.

“A questão é que, em dezembro, ela terminou de cursar e, nesse mesmo mês, na primeira chamada, apresentou-se para o exame final que me desligava do rol de professores — sorri — o

único final que fez com tanta velocidade — termina seu café num só gole. — Cacete... está frio.”

— E você começou a análise dela...

— Não imediatamente. Pareceu-me aconselhável reservar os três meses do verão para que terminasse de diluir a relação professor-aluna. Assim, determinamos conveniente e, em março, chamou-me para iniciar a análise.

— E o que aconteceu?

Ele pensa.

— Tive muitas dúvidas em aceitá-la como paciente. Tive muitas sessões preliminares.

— Por quê?

— Não sei. Apesar de muito inteligente, quase brilhante, eu poderia lhe dizer, e produzir muito material de análise, algo nela não conseguia convencer-me. A verdade é que, depois de alguns meses, não encontrei motivos para não a ter como paciente e começamos a análise, apesar de que, por um longo período, não houve a prática do divã.

José faz silêncio e toma alguns segundos antes de continuar.

— Você deve ter se dado conta de que ela vem de uma família de muito dinheiro e notou também que é uma garota muito linda.

— Sim.

— No entanto, a vida dessa menina foi um inferno. Seu pai era um empresário ligado a pessoas de muito poder... Peixes graúdos, entende?

— Não sei.

— Veja, aparentemente tinha uma empresa, uma construtora. Tudo legalizado. Inclusive operava na bolsa. Nada a dizer sobre isso.

— E então?

— Sua filha acredita que isso era uma fachada e que a sua fortuna vinha de assuntos ligados a jogo, drogas e prostituição.

— E que provas ela tem disso?

José meneia a cabeça e chama o garçom novamente.

— Segundo o que me disse, não tem certeza, mas, sim, as suspeitas eram muito bem fundamentadas — ele pede outro café, curto e forte.

— E no que você acredita?

Olham-se, e Pablo nota que ele não está contando tudo o que sabe e, mesmo que isso o irrite,

de algum modo o entende. Está preservando-a.

— Eu, como você, trabalho com a realidade psíquica do meu paciente, não com a concreta. E se, em sua realidade psíquica, o pai é um filho da puta, eu estou vendo o que ela faz com isso e que emoções lhe provoca. O que pensa sobre isso?

Pablo o olha e pensa por um instante.

— Teoricamente sim, mas quando na realidade concreta se comete um assassinato com parricídio incluído, ao menos eu me perguntaria quão sérias eram as presunções da paciente porque, na melhor das hipóteses, pessoas ligadas a esses supostos negócios obscuros, algum desses peixes graúdos como você os denomina, tiveram a ver com essa morte.

— Esqueça isso.

— Porque quem o matou foi o filho. Um pobre moleque que, como acabo de lhe dizer, não está nada bem.

— Como você pode estar tão certo disso?

— Porque ela me disse. Além do mais, tudo indica que é assim e não tenho motivos para colocar em dúvida as provas que levaram os investigadores e os advogados a essa conclusão.

Pablo o olha em silêncio. Pensa antes de falar, como se estivesse ponderando as palavras que vai utilizar.

— Você sabe por que Paula veio me procurar?

— Disse-me que o admira muito, que seus livros a mobilizaram e lhe deram uma ótica diferente para pensar no caso. Sabia que éramos amigos porque isso não é nenhum segredo na faculdade — sorri. — Eu sou quase o único amigo que você tem lá.

— Isso eu já sei. Mas estamos falando de Paula e não da minha dificuldade em ser benquisto por meus colegas.

— Certo. O caso é que ela queria uma opinião sobre a situação psicológica do irmão. Pelo menos, foi isso que me disse.

— José — faz uma pequena pausa antes de continuar —, ela me pediu que eu atuasse como perito no julgamento por assassinato que vai ser levado adiante contra seu irmão. Para ser ainda mais claro, caso eu não tenha me explicado muito bem: o que ela quer é que eu testemunhe que esse garoto é inimputável do assassinato de seu pai. Que explique por que alguém com as alterações psicológicas que, segundo o que me disse sobre Javier, não seria capaz de compreender a gravidade do ato que estava realizando... Você me entendeu? Não está me pedindo uma opinião sobre o quadro clínico de seu irmão, e sim que eu vá como psicólogo

pedir que Javier não vá para a cadeia por homicídio. Como pode ver, entre uma opinião clínica e isso o que está me pedindo, há um abismo.

Faz-se um denso e pesado silêncio entre ambos. José está inquieto e se mexe em sua cadeira. Faz um barquinho de papel com o guardanapo sem levantar o olhar e suspira.

— Tem razão. E não quero que se sinta na obrigação de aceitar seu pedido só porque estou no meio. Juro que eu não sabia que era isso que ela pretendia. Pensei que só queria saber se você podia fazer algo pela saúde de seu irmão.

— José, você sabe que a psicologia forense não é minha especialidade. E, pelo que vejo, Paula Vanussi tem o dinheiro necessário para contratar o melhor forense do mundo.

— Eu sei. Mas é evidente que ela confia muito em você.

Pablo assente.

— E o que você vai fazer?

Levanta o olhar e o fixa em José.

— Lembra-se da época em que fizemos o curso de lógica?

— Sim.

— Houve um tema que me apaixonou.

— Eu me lembro, “falácias lógicas”.

— Exatamente. Essas racionalizações que estão armadas de um jeito que parecem verdadeiras, quando, na realidade, são falsas.

José o questiona com o olhar.

— E o que isso tem a ver agora?

— Uma delas era a chamada “falácia da pressuposição”. Lembra? — José faz um gesto de negação. — Acontece quando se formula uma pergunta que se dá por subentendido que já foi respondida com outra, que, na realidade, nunca foi formulada.

O gesto de seu amigo lhe transmite o esforço que está fazendo para compreender do que está falando.

— Vamos lá... Por exemplo, um homem pergunta à sua mulher: “Quando você deixou de me amar?”. Mas essa pergunta supõe que houve outra anterior que já foi respondida: “Você deixou de me amar?”. E, na realidade, essa nunca foi feita.

— Compreendo. Mas, diga-me, o que isso tem a ver com este caso?

— Que tanto você como Paula me perguntaram se aceito tentar demonstrar que Javier Vanussi não sabia o que fazia quando matou seu pai.

— E?

— Mas nunca me perguntaram se eu estava certo de que foi ele quem o matou. Nenhum dos dois disse nada por algum tempo. Por fim, José o interroga.

— Eu lhe pergunto, então... Você acredita que Javier matou seu pai?

— Não sei, Gitano.

# V

O telefone a desperta. Tateia às escuras o relógio e vê que são duas da manhã. Sobressalta-se e dá uma olhada ao redor. Por sorte, Fernando dorme ao seu lado. Não ouviu quando voltou, mas ali está ele. Respira aliviada.

— Quem poderá ser então? — pergunta-se.

Atende, cuidando para manter o tom de voz baixo, para não acordar o marido.

— Alô.

— Helena, desculpe estar incomodando a esta hora, mas é importante.

Mesmo estando sonolenta, reconhece a voz.

— Loiro... é você?

— Sim.

— O que houve? — levanta-se nervosamente da cama. — Para que você me telefone a esta hora, deve ser algo muito urgente. Diga-me que está bem, por favor.

— Sim, fique tranquila. Não é nada grave, mas é, sim, importante.

— Verdade que não aconteceu nada de grave com você, certo?

— Verdade. É por outra coisa que estou telefonando.

— Tudo bem, pode falar.

Deixa passar alguns segundos antes de fazer a pergunta. Supõe, e não está errado, que sua amiga não encontrará nenhum sentido, menos ainda a esta hora.

— Nós temos algum contato na Clínica Ferro? É preciso que seja um contato importante.

— Você está falando da clínica psiquiátrica do bairro de Belgrano?

— Sim, essa mesma.

— Pablo — balbucia Helena enquanto vai despertando —, aconteceu algo que eu deveria saber? Algum dos seus pacientes teve algum problema?

— Não, nada disso. E não quero incomodá-la além do necessário. Simplesmente me diga se temos ou não um contato de peso por lá.

Helena faz um breve silêncio.

— Óbvio que você tem um contato importante lá.

— Quem é?

— O doutor Rubén Ferro em pessoa, o dono da clínica psiquiátrica.

Pablo pensa por alguns segundos.

— Não sabia que tínhamos alguma relação com ele.

— Isso não me estranha em nada, já que você nem se dignou a atender às suas ligações telefônicas — disse com um tom de reprovação. — Ele o convidou mais de uma vez para dar uma palestra para a equipe dele. É uma pessoa mais velha, muito amável e, sobretudo, muito interessada em seu trabalho, e você sempre lhe diz não.

— E como ele reagiu?

— Digamos que não é um homem acostumado a rejeições, mas sabe ser diplomático e, vindo de você, fingiu uma grande compreensão e ficou à sua inteira disposição para o que precisar.

Pablo pensa um instante e suspira.

— Bem, agora eu preciso.

— Posso saber do que se trata?

— Preciso que o contate agora mesmo — continua como se não tivesse escutado a pergunta de Helena. — Preciso que me permita ter acesso a toda informação que possua sobre um de seus pacientes. Ah, tenho muito interesse em marcar uma conversa pessoal com o médico que conduz o caso.

— Nada mais? — comenta ironicamente. — Posso saber ao menos de quem se trata? Se não, será bem difícil arrumar o que você me pede.

— Sim, naturalmente. O nome do paciente é Javier Vanussi.

Helena pensa um instante.

— Vanussi? Mas... esse não é o sobrenome do sujeito que apareceu morto há alguns dias?

— Sim.

— Loiro, em que confusão você se meteu?

— Ah, não... Não se faça de inocente porque foi você mesma quem me arranjou a sessão com a filha do Vanussi — breve silêncio. — Paula, a que tinha um assuntinho urgente.

Pausa.

— Não sabia que era a filha desse homem.

— Bem, agora você sabe. Assim, se houver algum problema, você e o Gitano vêm comigo.

— José? E o que ele tem a ver com tudo isso?

— Para explicar agora, o assunto é longo demais, e já é bem tarde. Depois, no consultório, eu conto.

— Bom, está bem. Mas... você pode me dizer para quando você quer que arranje esse



encontro?

— Para o primeiro horário de hoje.

Helena está acostumada com os pedidos urgentes de Pablo, mas isso lhe parece demais. Involuntariamente volta a olhar o relógio que está em sua cabeceira.

— Pablo, são duas e quinze da manhã. Com sorte, poderei localizar Ferro às dez ou onze, e não acredito que um homem como ele tenha a agenda em branco esperando uma ligação sua, por mais importante que seja.

— Mas eu preciso vê-lo — disse não dando importância ao comentário. — Bem, e tem mais uma coisa, melhor que eu possa evitá-lo, senão ele vai me cobrar o favor e eu vou acabar tendo que me comprometer a fazer algo que não tenho vontade. Só quero que lhe diga que preciso saber quem está conduzindo o caso do garoto, e que este me receba.

— De qualquer modo — suspira pacientemente —, isso implica que primeiro devo falar com ele, ser amável, comentar sobre seu interesse e esperar que localize o médico que você procura. Tudo isso levará pelo menos umas duas horas, suponho. E não acredito que você pretenda que eu desperte o doutor Ferro a esta hora da madrugada — silêncio. — Ou sim?

Pablo sorri do outro lado.

— Isso é o que eu mais adoro em você, a rapidez com a qual entende o que eu peço. Será que é por isso que eu gosto tanto de você? — nova pausa. — Ficarei acordado tomando café, avise-me assim que tudo estiver resolvido.

— Mas... — Helena tenta protestar, mas já sabe que é inútil.

— Vamos, arranje isso rápido para que, assim, você possa voltar a dormir.

Pablo corta a ligação. Sabe que naquele mesmo instante Helena está se perguntando por que continua trabalhando com ele. Mas sabe também que, enquanto pensa, está telefonando para o doutor Ferro.

## VI

Nove da manhã. O dia está fresco, um pouco frio, mas ensolarado. A fachada da clínica lhe faz recordar aquelas casas parisienses de que tanto gosta, construída na época de glórias passadas, nas quais Buenos Aires desejava exibir esse traço europeu que a diferenciara do resto, num intento empenhado por ser aquilo que não era. E, em parte, conseguiu. Alguns de seus bairros criam uma ilusão de pertencer às cidades mais pujantes e poderosas do mundo. Caminhar por Federico Lacroze rumo à Avenida del Libertador gera um impacto de beleza e opulência. Nessa região, tudo parece diferente. E ali está localizada a Clínica Ferro.

Seu dono e fundador, o doutor Ferro, já é um homem maduro, que soube construir uma reputação significativa e importante quando jovem. Foi um dos primeiros a compreender que a loucura não somente era uma desgraça, como também podia ser um grande negócio. O avanço feroz da farmacologia psiquiátrica e a vergonha que provoca na maioria das pessoas a presença de um doente mental no seio da família foram fundamentais para seu êxito.

Com a mesma fingida compreensão com a qual um empregado de uma funerária apela para o último gesto de amor que podemos ter por um ente querido para nos vender um caixão mais caro, Ferro convencia a família de *seus louquinhos*, como ele os chamava, de que não havia melhor lugar para que fossem internados (ou escondidos) do que em sua clínica. Cobrava um preço muito alto pelas consciências de seus clientes. Contudo, as coisas funcionam assim.

Se bem que, com o tempo, sua atitude foi se modificando. Talvez pela fortuna já alcançada, talvez pela maturidade pessoal. Ou melhor, a aproximação e o permanente contato com a dor fizeram dele um profissional muito diferente do que era em seu começo: alguém que coloca todo o seu esforço e interesse em fazer algo pela saúde de seus pacientes. Escolhe seus empregados com muito esmero e faz de tudo possível para lhes dar uma capacitação de acordo com suas novas exigências. Dentro desse quadro, tentou mais de uma vez contratar Pablo para que ditasse algum seminário de formação, mas ele sempre se negou, apesar de hoje em dia nutrir um profundo respeito por Rubén Ferro.

Apenas meia hora depois do término da chamada telefônica, Helena ligara para lhe dizer que o doutor Rasserri estaria esperando por ele no primeiro horário, devido a um pedido especial de Ferro. Ele mesmo havia se desculpado por não poder estar presente na reunião e havia pedido para Helena que organizasse um almoço com Pablo para que pudessem conversar com o tempo

que ambos mereciam. *Tudo tem um preço*, pensou Pablo ao se inteirar.

No entanto, o certo é que está aqui agora. Sobe os cinco degraus de mármore que conduzem à entrada e ingressa no edifício. O lugar é muito agradável. Decorado com bom gosto, mostra uma sobriedade que, contudo, não perde o estado cálido. Algumas poltronas, modelo Barcelona de couro branco, estão às soltas, à sua maneira estrategicamente pensada. A iluminação também é cálida e uma cortina deixa passar a luz natural através de um vitrô que dá para o jardim.

Olha ao redor e identifica um balcão. Atrás há um cartaz que indica “Informações”, uma jovem lhe sorri amavelmente. Percebe-a um pouco nervosa.

— Bom dia. Tenho uma hora marcada com o doutor Rasserì.

— Sim, claro. Um momento, por favor — a jovem aperta um dos botões dos interfones. — Doutor Rasserì, o senhor Rouviot está aqui... Naturalmente... Não, não se incomode, eu o acompanho.

Pablo sorri; ela parece enrubescer.

— Desculpe, é que sou uma grande admiradora sua. Li todos os seus livros. E quero dar meus parabéns. Sua maneira de abordar a teoria é muito original e acho que influenciou muitos com suas ideias, inclusive a alguns que dizem não terem lido.

Rouviot agradece de maneira cortês. Está acostumado a esses tipos de comentários, que são feitos de maneira privada. Publicamente tudo é diferente, e não são muitos os que se atrevem a confessar que o leem e muito menos a manifestar estar de acordo com suas teorias.

Pablo a segue por um luminoso corredor que dá algumas voltas até chegar a um escritório. A jovem bate à porta e espera até que, do outro lado, uma voz os convide para entrar.

Rapidamente, dá uma olhada no consultório. Amplo, com carpete de madeira brilhante e paredes brancas. Uma janela que dá para a rua e um suave aroma de café lhe dão as boas-vindas. O ambiente é cálido e amável. Só em uma das paredes, os inevitáveis diplomas que indicam o muito que tem estudado o doutor Rasserì rompem a harmonia do lugar.

Atrás de uma mesa de carvalho, um homem de uns sessenta anos lhe sorri, levanta-se e lhe estende a mão.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Rouviot. Por favor, sente-se.

— Muito obrigado.

— Gostaria de tomar alguma coisa?

— Um café. Amargo e forte, por favor.

Rasserì assente e se dirige à jovem.

— Luciana, se puder fazer a gentileza.

— Naturalmente, doutor — ela diz e se retira.

Pablo sente o desejo de virar para olhá-la, mas se contém. Rasserri, sem dúvida, parece perceber e sorri divertido.

— Ela é muito bonita, não acha? — Pablo assente em silêncio. — E tem uma grande admiração por você. Quando lhe disse que viria hoje, ficou nervosa. Está iniciando a carreira de psicologia e parece que suas teorias lhe são muito sedutoras.

— Ideia que, provavelmente, o doutor não compartilha.

Rasserri sorri.

— Você sabe que nem sempre os psicólogos e os psiquiatras caminham pela mesma estrada. Mas devo confessar que, aqui, por um pedido explícito do doutor Ferro, a maioria lê seus trabalhos, inclusive eu.

— Não é uma obra extensa tampouco importante.

— Pode ser. Mas é o bastante para irritar alguns dos seus colegas.

— E isso lhe parece divertido.

— O que acontece é que o mundo dos psicólogos não deixa de me assombrar. Uma só ciência, se é que o termo é pertinente, tem conseguido se dividir de maneira inexplicável. Cognitivos, gestálticos, sistêmicos, psicólogos de terapia em grupo, psicodramatistas e, naturalmente, vocês, psicanalistas, algo assim como a elite que olha por cima dos ombros para o resto do mundo “psi”. Inclusive a nós, os psiquiatras.

— Doutor, eu gostaria de acreditar que isso faz parte do passado. Creio que hoje temos a possibilidade de nos respeitar e trabalhar juntos. Ainda que seja verdade que — acrescenta olhando-o nos olhos — nem todos puderam sair dessa velha controvérsia.

Pablo sente que Rasserri ficou irritado. Seguramente, Ferro o fizera cair da cama para receber um psicólogo que o depreciou em vários convites e ao qual supõe ser soberbo e egocêntrico. Tampouco Pablo se sente confortável, mas não foi até ali procurar por prazer, e sim em busca de informação. Nunca se caracterizou por sua diplomacia e desta vez não seria exceção.

— Doutor, imagino que este não deva ser o melhor plano para o seu dia, e lhe juro que não tenho intenções de incomodá-lo nem roubar-lhe mais tempo do que o necessário. Sinceramente, agradeço que tenha acomodado seus horários para poder me receber, já que o imagino como um homem com muitas ocupações.

Rasserri o olha.

— O senhor é mais jovem do que eu acreditava.

— Tomarei isso como um cumprimento.

— Faça-o. Eu sei bem o que custa se posicionar em um meio tão difícil. Mas permita-me dizer-lhe que está equivocado em sua apreciação. Quando o doutor Ferro me pediu que o recebesse hoje, senti uma grande curiosidade e desejava por este encontro.

*Quanta sabedoria tem Lacan, pensa Pablo. A palavra pacífica.*

— Agradeço, e permita-me dizer-lhe algo. Já percebeu que não sou um homem que se esforça para se dar bem — Rasserri assente. — E eu lhe juro que sinto um grande respeito pelo trabalho que vocês realizam neste local. As pessoas só pensam na loucura de uma maneira poética e idealista. Creem que ser louco é algo maravilhoso, que todos os gênios o foram e lhe concedem uma impressão favorável que, pessoalmente, eu não compartilho. Mas nós sabemos o quanto se sofre nessas patologias. Sabemos que os artistas que padeceram dessas enfermidades têm sido grandiosos, não por suas loucuras, mas apesar delas. Vemos os pacientes se machucar, bater-se contra as paredes ou gritar encolhidos numa posição de cócoras em um canto de um recinto acolchoado ou de seu próprio quarto. Por isso, juro que sei perfeitamente o que fazem aqui e com quanta dedicação o doutor Ferro e toda a sua equipe têm trabalhado para fazer algo por essa angústia. Eu lhe dou a minha palavra de que não tem a sua frente um inimigo, mas alguém que, por outro caminho, tem tentado encontrar algumas respostas para tanta dor. Obviamente que, por nossas diferenças técnicas e teóricas, a maioria de meus pacientes se encontra em um estado muito menos limítrofe e desesperado que os seus, mas acredite-me que também sofrem, e muito.

Pablo o olha e se encontra com os olhos firmes de Rasserri. Seu olhar suaviza, e naquele rosto duro aparece algo semelhante a um sorriso.

— Não sei se devo acreditar e começar a ter afeto por você ou se está rindo de mim.

— Creia-me que jamais faria isso. Seu tempo é muito valioso, e o meu também, para perder em atos de cinismo... Não acha?

Rasserri assente.

— Senhor...

— Pablo, por favor.

— Obrigado. — Pausa. — Pablo, diga-me em que posso ajudá-lo.

— Sei que o doutor está cuidando do tratamento de Javier Vanussi, verdade?

— Sim.

As batidas na porta os interrompem.

— Entre.

— Com licença — desculpa-se Luciana. Entra e deixa um café à frente de Pablo. Ele agradece e a olha com atenção, quase como se fosse a primeira vez. É linda. Apesar de seu gestual ser tenso, essa tensão não consegue estragar nem um pouco seus traços quase perfeitos. Seu olhar acinzentado e um pouco tímido atravessa umas lentes sem armação e se crava nos olhos dele antes que ela se retire. A porta se fecha e se produz um breve silêncio.

— A princípio ela sempre causa essa impressão — baliza Rasserri, adivinhando os pensamentos de Pablo. — Eu demorei bastante para acostumar-me com a sua beleza. Inclusive agora, meses depois, e apesar de vê-la diariamente, devo confessar que muitas vezes acaba sendo ainda muito perturbadora.

— Imagino — responde enquanto se recompõe. — Mas eu lhe peço que me fale um pouco sobre Javier Vanussi.

Rasserri suspira, abre uma de suas gavetas e tira um histórico clínico que, certamente, já tinha preparado.

— Eu posso lhe assegurar que é muito mais gratificante falar sobre Luciana.

— Não duvido — sorri.

— Mas, antes de falar sobre o paciente, permita-me que lhe faça uma pergunta.

— Naturalmente.

— Por que um profissional como você decide envolver-se em um caso como este?

Pablo toma seu café e se dá conta de que essa pergunta é, na realidade, uma amável advertência.

— Acredite: também me pergunto. Mas o caso é que a irmã, Paula, solicitou-me uma opinião profissional com a possibilidade de que eu realize um informe para o juiz da causa. E estou avaliando antes de lhe dar uma resposta.

Rasserri o olha e, agora sim, seu sorriso é generoso.

— Paula Vanussi, outra garota muito linda. Já desde pequena tinha uma personalidade avassaladora e um atrativo bem particular. — Silêncio. — Pablo, permita-me que eu diga algo. Deveria ter mais cuidado com as mulheres. Pelo que vejo, é um homem altamente susceptível à beleza feminina. E isso, creia-me, algum dia pode metê-lo em problemas.

Pablo assente.

— Essa abordagem chegou tarde, doutor. Não sabe quão bem teria vindo seu conselho alguns

anos atrás.

Ambos riem. O clima já dissipou a tensão e se sentem bem.

— Mas vai falar sobre Javier ou não?

Rasseri olha-o.

— Vou fazer mais do que isso — coloca-se de pé com o histórico clínico na mão. — Acompanhe-me, por favor. Vou lhe apresentar a Javier Vanussi. Ou, melhor dizendo, ao que sobrou dele.

## VII

A sala na qual entra com Rasserri se parece mais com um escritório da Nasa do que com um quarto de uma clínica psiquiátrica. Um console de som, outro de vidro, quatro plasmas que fazem as vezes de monitores e um computador se encontram sob o olhar atento de um técnico com jaleco branco. Um vidro enorme separa esta sala do quarto conjugado. Através dele se pode ver que este se encontra delicadamente decorado e uma janela que dá para o exterior lhe dá um toque de vida que tenta aniquilar toda a associação depressiva. O televisor está ligado e o controle remoto descansa sobre a mesa de luz. Na tela, Homer Simpson toma uma cerveja apoiado no balcão de um bar. Poderia parecer perfeitamente um quarto de hotel cinco estrelas a não ser por um detalhe: o hóspede está preso à cama e pelo seu sangue corre uma bateria de drogas que o mantém em um estado de profunda letargia.

Rasserri cumprimenta o técnico e o apresenta a Pablo.

— Alguma novidade?

— Não, doutor. Durante as últimas horas, tudo tranquilo. De vez em quando ele tenta mover os braços, mais por reflexo do que outra coisa, mas as ataduras parecem dissuadi-lo rapidamente.

Rasserri olha para Pablo.

— Suponho que já estive antes em uma Câmara de Gesell.

Pablo assente. Na faculdade de psicologia, havia uma Câmara de Gesell que era utilizada para que os alunos pudessem presenciar sessões que os professores às vezes realizavam e outras os alunos mesmos, sob supervisão dos docentes. Mas isto é outra coisa.

Ele volta a olhar tudo o que o rodeia antes de falar.

— Reconheço que estou surpreso. Não imaginava que em Buenos Aires se trabalhasse com este nível técnico.

— Não crie muitas ilusões, devemos ser a única clínica no país que tem tanta tecnologia — diz enquanto se aproxima do vidro e observa o que ocorre no quarto ao lado. — Mas, em todo caso, esta sala não é um invento tão moderno.

Pablo sabe. Trata-se de uma ideia concebida pelo psicólogo e pediatra americano Arnold Gesell. Uma ideia muito simples e, sem dúvida, extraordinária. De um lado do vidro, permite ver tudo o que acontece na sala contígua, do outro, há um simples espelho que oculta o



observador. Só isso, tão simples, porém tão genial.

O que Gesell intencionava era criar um dispositivo que permitisse observar a conduta das crianças sem que sua presença influísse em seus comportamentos. Mais tarde, começou a ser usada com pacientes adultos, doentes graves, não só para estudá-los, como também para poder tê-los sob vigilância sem que se sentissem observados, já que o olhar dos demais só os deixava nervosos.

Com o tempo, seu uso foi se estendendo a outros âmbitos, alguns deles bastantes diferentes da clínica médica. A polícia, por exemplo, implementou-o como modo de identificar suspeitos sem que estes pudessem ver a pessoa que fazia o reconhecimento. E muitos outros usos mais, como o da espionagem ou, inclusive, alguns um pouco mais eróticos, como dar satisfação ao prazer voyeurístico.

— E quanto ao resto do que vê aqui — prosseguiu Rasserri, alheio aos pensamentos de Pablo —, notará que tudo é de última geração. Deve saber que o doutor Ferro é um homem muito responsável, quase obsessivo, eu diria. E em alguns casos nos pede que registremos tudo o que acontece com o paciente vinte e quatro horas por dia. Por isso, tudo é monitorado e gravado.

Pablo se aproxima de uma das telas de plasma na qual se observa a imagem em primeiro plano de Javier Vanussi. Ele o vê muito magro e com sinais claros de estar sob os efeitos de uma forte medicação. Fica por um tempo olhando-o em silêncio.

— Parece apenas uma criança.

— Isso mesmo. Mas ele tem vinte e quatro anos. Além disso, poderíamos dizer que Javier Vanussi jamais será um adulto.

Pablo assente.

— Qual é o diagnóstico?

Rasserri suspira.

— Tenho feito essa pergunta um milhão de vezes. Se você fosse um leigo, eu poderia respondê-la com uma breve descrição de sintomas e alguma nomenclatura que poderia deixá-lo conformado. Mas não é assim, razão pela qual me vejo na obrigação de confessar-lhe que não sei exatamente qual é o diagnóstico.

Pablo assente. Rasserri faz um sinal a seu colaborador para que se retire. Quando ficam a sós, retoma a palavra, mas algo mudou em sua voz. Fala de um modo mais íntimo, quase dolorido.

— Conheço Javier há mais de dez anos. Obviamente que era um garoto com problemas sérios, do contrário seu pai não o teria mandado para cá. Porém, era isto: um menino, e com

uma criança sempre se tem esperanças.

— O pai mandou-o, como o doutor disse, ou o trouxe pessoalmente?

Breve silêncio.

— Vocês analistas e sua paixão por palavras — suspira e aguarda alguns segundos antes de continuar. — Pablo, Roberto Vanussi era um homem muito particular. Em todos esses anos, somente o vi duas vezes, e uma delas foi quando veio para uma sessão com o doutor Ferro, para pedir-lhe que cuidássemos de seu filho. Depois disso, não voltei a vê-lo. Sei que de tempos em tempos falava por telefone com Ferro e que depositava pontualmente os honorários. Mas até onde eu sei, isso era só o que fazia por seu filho.

— Mas imagino que Javier não viria só.

— Não, geralmente quem o acompanhava era Francisca.

— Francisca?

— Sim. É a empregada da casa e, naquela época, fazia as vezes de mãe substituta, já que a progenitora das crianças tinha morrido há algum tempo. Outra vezes, era Paula quem o acompanhava, mas o pai sempre esteve ausente. Você sabe que é muito comum em casos como estes que tenha pais ausentes e mães perdedoras, frustradas.

— A mãe de Javier era uma mãe frustrada?

Pensa e um brilho aparece em seus olhos.

— Victoria Peña era uma mulher muito especial. Uma pessoa linda, que adorava seus filhos. Mas, para o seu mal, estava apaixonada demais por seu esposo e isso afetou muito seu papel de mãe.

Pablo assente em silêncio, sem entender muito bem.

— Doutor, seria pedir muito que me permitisse entrar no quarto de Javier? Naturalmente, na sua companhia.

Rasserri o olha por um instante. Pablo sente que está tratando de discernir o porquê de seu pedido e, sobretudo, avaliando o efeito que isso poderia ter para o paciente. Depois de alguns segundos, concorda.

— Está bem, siga-me. No entanto, não creio que irá ver algo muito diferente do que pôde perceber nos monitores.

Eles saem da sala e se encontram com o técnico, que espera atrás da porta. Rasserri indica que volte para seu trabalho. A temperatura baixou bastante, ou pelo menos assim parece para Pablo, que sente um estremecimento. Percorrem uns poucos metros e param de frente a uma

porta na qual figura o nome de Javier. Debaixo dele, um cartaz indica: “Proibida a entrada de qualquer pessoa não autorizada”. Rasserri abre a porta e cede passagem.

Pablo entra com uma sensação estranha. Não é a primeira vez que irá ver um paciente que está internado, mas este é diferente, não só porque o âmbito lhe é desconhecido senão porque, além disso, Javier Vanussi não é seu paciente. Registra uma leve taquicardia e se dá conta de que está nervoso. Avança lentamente até a cabeceira da cama e se detém por algum tempo. O que vê lhe gera um forte impacto. Javier Vanussi o está olhando diretamente nos olhos, mas nesse olhar não se percebe nada, e tem a angustiante sensação de estar sendo observado por um morto.

# VIII

Não precisa levantar o lençol para saber que está nu. Jamais irá entender o porquê desse detalhe. Para ele, um paciente é, antes de qualquer coisa, uma pessoa com dignidade. Muitas vezes se colocou no lugar deles e sentiu uma profunda irritação ante a ideia de que, se aproveitando de seu estado indefeso, o manipulem, o mantenham descoberto e o deixem exposto sem pudor algum para examiná-lo, enquanto algum empregado limpa o quarto ou um familiar assiste à televisão.

Inclina-se um pouco sobre o paciente e o observa. Do outro lado da cama, Rasserri mantém um silêncio respeitoso e observador. Pablo põe a mão sobre a testa de Javier. Está frio e, apesar disso, transpira.

— Doutor, suponho que esse estado em que ele está seja induzido por alguma medicação, verdade?

— Correto.

— E quem tomou essa decisão?

— Eu.

É um momento delicado. Sabe que Rasserri está sendo o mais amável que pode numa circunstância como esta e intimamente agradece. Não quer criar polêmica por menor que seja. Todo profissional é receoso de que outro venha questionar sua prática e suas decisões clínicas. Mas necessita averiguar tudo o que possa e sabe que deve fazê-lo com o cuidado que a situação requer.

— Doutor, não quero que me leve a mal, mas já sabe que nós, os psicólogos, não entendemos muito bem como funcionam essas práticas terapêuticas — sorri. — Temos nossas limitações. Poderia perguntar-lhe o porquê de uma decisão como essa?

O silêncio se torna pesado.

— Senhor...

— Pablo.

— Claro — sorri. — Pablo, você sabe o que é um Transtorno de Personalidade Limítrofe?

Pensa por um momento e tenta trazer à sua memória as aulas dedicadas à psiquiatria que teve na faculdade, ou algum dos seminários aos quais compareceu tentando chegar mais perto da compreensão do discurso médico. Algo lhe vem na forma de uma lembrança meio borrada.

Nada muito nítido.

— Tenho uma vaga ideia. Sabe que nossas classificações clínicas são diferentes das que vocês utilizam — Rasserri assente. — Sem dúvida, sempre me interessou aprender o máximo que pudesse da terminologia psiquiátrica. Como lhe dizia em seu consultório, sou um daqueles que acreditam que temos que trabalhar juntos pelo bem do paciente que, definitivamente, é o que importa. E me parece que uma das maiores dificuldades que é preciso vencer para chegar a uma boa comunicação é a diferença de linguagem. Se alguém não compreende o que estão dizendo, é impossível manifestar seu acordo ou dissenso. Também é difícil de aprender — pausa. — Sei que o transtorno ao qual faz referência compromete a autoimagem e as relações interpessoais do paciente. Creio recordar que, além disso, pode gerar atos agressivos, tanto aos demais como contra si mesmo e inclusive transtornos de percepção e alucinações. Eu lhe peço que perdoe meu desconhecimento e, se puder, corrija-me e me conte quais dessas possibilidades sintomáticas que apresenta Javier. Minha pergunta foi somente essa, uma pergunta, não um questionamento, e espero que não tenha me levado a mal.

Rasserri o observa antes de falar.

— Javier sempre foi um garoto muito instável, o que lhe dificultou o relacionamento com os demais, porém, ao mesmo tempo, desesperava-se ante a possibilidade de ficar só e tinha pavor do abandono. Por isso, suas relações eram muito intensas, mas volúveis. Como pode imaginar, é muito difícil vincular-se com alguém que todo o tempo se debate entre o ódio e a adoração. Além disso, a alternância entre os momentos maníacos e os depressivos pela qual esses pacientes passam resulta que as pessoas não saibam como tratá-los.

Pablo presta atenção em cada uma das palavras. Sabe que Rasserri está se esforçando para ser claro, e está conseguindo. Enquanto o escuta, vai traduzindo a informação que recebe para seu próprio idioma.

O que o médico está lhe dizendo é que Javier tem tido graves problemas para construir sua identidade e que, na hora de relacionar-se, oscila entre o amor e o ódio, e, como consequência, surge a dificuldade para vincular-se com os demais. Esse comportamento é típico de certos transtornos psicológicos nos quais a personalidade do paciente não foi constituída satisfatoriamente.

Pablo sente que essa conversa está sendo produtiva. Pelo menos tem uma ideia de qual pode ser o diagnóstico. Aparentemente, Javier padece do que alguns dos seus colegas, não psicanalistas, chamariam de “Transtorno de Personalidade Narcisista” ou de uma

“Personalidade Como Se”.

Nesses casos, esse movimento pendular não recai somente sobre os demais; assim como os próprios pacientes estão sujeitos a isso e passam da sensação pessoal de perfeição para a de inutilidade.

— Em Javier, além disso — continua Rasserri —, são comuns as reações irascíveis, e ele é um paciente altamente suscetível ao aumento de ansiedade. Qualquer coisa pode despertar-lhe uma intranquilidade que às vezes o angustia e outras o torna violento. Em algumas oportunidades, descarrega essa ansiedade com masturbações compulsivas, ataques de fúria ou comportamentos autodestrutivos.

O psiquiatra faz uma pequena pausa e Pablo acredita ter percebido uma mudança no olhar de Rasserri. O médico se aproxima de Javier e, para sua surpresa, acaricia-o na cabeça. Não é um gesto que se veja habitualmente. Em geral, é necessário não deixar que a emoção se filtre na prática profissional, já que a pena e até mesmo o amor podem angustiar, e um profissional angustiado perde grande parte de sua capacidade de ajudar o paciente.

Rasserri está certamente comovido. Pablo acompanha esse momento com um respeitoso silêncio. Por um instante, começou a jogar seu jogo, o de entender a angústia alheia e sustentar um silêncio que permita ao outro sentir na carne sua emoção. Agora, sim, Pablo tem o pressentimento de ter o controle da situação. Olha para Rasserri, intui sua angústia, cheira-a, quase pode tocá-la. E, outra vez, a sensação de ser seduzido pela dor o leva a intervir.

— Você gosta de Javier, não é? — esteve a ponto de dizer: paciente. Mas com a velocidade de quem está acostumado a pensar em situações limites, decidiu, de um modo quase inconsciente, que essa palavra convocaria o psiquiatra. É melhor dizer Javier e deixar que o médico dê passagem ao homem e se envolva emocionalmente por um instante.

— Sim — pausa. — Talvez lhe pareça estranho, mas, nós, os médicos, também temos coração.

— E uma história, suponho — Rasserri o olha fixamente. — Doutor, eu também tenho pacientes com os quais venho trabalhando há muito anos, da mesma forma como você e Javier. E sei que, ainda que dissimulemos, nesse tempo compartilhado há emoções que vão se desenvolvendo dentro de nós. Carinho, simpatia, tédio... até amor. Como o doutor bem o disse, temos coração. E, acredite-me, longe de julgar isso como algo ruim, creio que é a diferença entre ser só um bom clínico ou ser um profissional diferente, com outras habilidades e ferramentas, de sentir correr pelo sangue a dor alheia e comover-se com ela — pausa. —

Sempre e quando tivermos em conta que não podemos permitir que esses sentimentos guiem nossas decisões, acredito que temos direito a sermos seres humanos. Não acha? — Rasserri assente. — De toda forma, relaxe. Não creio que, nesse estado, Javier esteja em condições de perceber seu carinho.

O médico o olha diretamente nos olhos.

— Você acredita nisso? Eu não estou tão certo. Sei que os comas induzidos anulam as funções cerebrais e que, por esse motivo, o paciente não tem a possibilidade de perceber nada do que está acontecendo. Mas, com certa frequência, tenho sentido que em algum lugar essa chama nos faz ser algo mais do que um puro organismo biológico que segue vivendo. Inclusive, tenho perguntado a muitos pacientes que passaram por esse transe se recordavam algo dos dias em que estiveram dormindo — sorri.

— E o que eles responderam?

— Que não. Não se recordavam de nada, de modo que não sei por que continuo pensando nessa possibilidade. Na melhor das hipóteses, não pode ser mais do que o meu desejo de que pudesse ser assim.

Pablo desvia o olhar e pensa. Se Rasserri fosse seu paciente, o deixaria angustiado e questionaria o porquê desse desejo que, intui, ultrapassa os limites do sono induzido e se dirige diretamente ao maior de todos os enigmas que os homens devem enfrentar: a morte. Mas não o é, ele está ali para outra coisa. Por isso, só faz um comentário para tentar ajudá-lo a recuperar-se desse breve momento de tristeza:

— Quem pode afirmar, doutor? Não se esqueça de que, mesmo que não saia nas tomografias, o inconsciente existe e isso implica que há coisas que registramos e sentimos, mesmo que não possamos recordá-las — pausa. — Mas, se me permite voltar a esse caso — agora sim precisa dele emocionalmente longe de Javier; que seja somente isso, um caso —, o que o levou a tomar a decisão de induzir farmacologicamente esse estado?

Rasserri o olha e de pouco em pouco vai se recompondo.

— Depois de um tempo de trabalho, Javier tinha melhorado. Muito. Era possível vê-lo tranquilo, cumpria sua visita de controle quinzenal e seu estado era de calma, mas a notícia do aparecimento do cadáver de seu pai o desequilibrou novamente. Tentamos estabilizá-lo aumentando a medicação, mas foi inútil. Uma manhã, Paula me telefonou para avisar-me que seu irmão havia tentado suicídio.

— Como foi?

— Ao entrar em casa, dirigiu-se ao seu quarto para vê-lo e comprovou que não estava, então percorreu a casa até encontrá-lo. Estava jogado no chão da cozinha em meio a uma poça de sangue. Havia cortado seus pulsos com uma faca — faz uma pausa.

— Algo mais?

— Sim. Estava completamente nu e flagelado.

— Flagelado?

— Isso mesmo. Até cair desmaiado por causa da perda de sangue, ficou castigando-se com um cinto que pertencia a seu pai.



# IX

— Oi.

— Loiro, até que enfim, você apareceu.

— Aconteceu alguma coisa?

Helena não se esforça para dissimular seu desgosto.

— Nada. Só que você não veio para o consultório e sequer se incomodou em avisar.

— Você sabia que eu tinha uma visita agendada na Clínica Ferro, e foi você mesma quem marcou.

— Sim, mas não me disse quanto podia durar. A paciente das dez e quinze foi embora bastante irritada e aqui, bem na minha frente, tenho Andrea, sua paciente das onze horas. Digame que está me telefonando para avisar que está chegando, por favor.

— Não exatamente — pensa por um momento. — Faça-me um favor, passe-me para ela.

Helena obedece e, com seu melhor sorriso, indica para Andrea que o senhor Rouvriot quer lhe falar. Ela pega o telefone um pouco desajeitada e cumprimenta sem saber muito bem o que esperar. Helena fica olhando-a e percebe que, em poucos segundos, sua expressão corporal relaxa. Inclusive sorri.

— Não se preocupe, Pablo. Compreendo perfeitamente... Está tudo bem, claro... Certo, então espero seu telefonema. Tchau — ela estende o telefone. — O doutor quer falar com você, Helena — ela pega sua bolsa. — Não se incomode em descer para abrir a porta — assinala o telefone. — Não o faça esperar.

Helena espera que se feche a porta do consultório antes de falar.

— Você pode me ajudar a entender uma coisa?

— O quê?

— Por que, quando eu trato de explicar aos seus pacientes que você não poderá atendê-los, tratam-me como lixo e quando é você mesmo quem dá a notícia por pouco não lhe carregam no colo?

Pablo ri.

— A explicação é que eu faço isso melhor que você.

— Sim, deve ser isso — silêncio. — E só mais uma perguntinha: posso saber a que horas você irá chegar?

— Olha, é provável que hoje eu não apareça por aí.

— O quê? Você está louco? Há dez pacientes agendados.

— Sim, já sei disso. Mas você é quem vai se encarregar de cancelá-los e dar-lhes outro horário para recuperar as sessões. E o fará com esse encanto que é característico seu. Combinado?

— O que me resta? Você é o chefe.

Pablo suaviza sua expressão.

— Helena, você sabe que nunca suspendo sessões a não ser que tenha algo muito importante para fazer — pausa. — Vamos, dê-me esse respaldo. Depois lhe conto tudo.

— Ai, Loiro, você sempre me convence. Eu não sei como não acabei indo para a cama com você. Dá para ver que não devo ter lhe atraído o suficiente — brinca sem saber que por muitos anos esse desejo esteve presente de um modo quase obsessivo no pensamento do amigo.

— Não me dê ideias. Lembre-se de que você é uma mulher muito bonita.

— Obrigada.

— Mas não eram os pacientes o motivo pelo qual telefonei.

— Ah, não?

— Não.

Helena escuta alguns ruídos ao fundo.

— Onde está?

— Em um café, esperando uma pessoa.

— Quem?

— Já lhe disse que depois conto.

— Está bem. Já entendi que não quer falar agora. Diga-me então do que você precisa, porque não creio que tenha me telefonado para desejar bom-dia.

Pablo se detém antes de responder.

— Preciso falar com Fernando.

Silêncio.

— Fernando, meu esposo?

— Sim.

Helena se cala. A resposta de Pablo a surpreendeu.

— Tenho que lhe pedir um favor.

— Olha, Pablo...

— Não se assuste, não vou enfiá-lo em nenhuma confusão. Somente preciso fazer algumas perguntas.

Ela pensa por alguns segundos.

— Loiro, você sabe que eu lhe devo a vida.

— Isso não é verdade.

— Sim, é sim — pausa. — Quando eu fui lhe procurar naquela noite, na saída de sua palestra, eu era uma mulher destruída, sozinha, sem trabalho, abandonada com uma filha, desesperada, a um passo da depressão. E você me ajudou a ter uma realidade diferente — silêncio. — Por favor... não vá me arruinar nada agora, certo? Porque não sei se poderia suportar.

Pablo a escuta e a entende.

— Fique tranquila. Seria incapaz de fazer algo que pudesse machucá-la. Talvez você nem imagine o quanto eu gosto de você.

— Está bem. Eu envio uma mensagem com o número de telefone dele para seu celular e fique tranquilo que me encarrego dos pacientes.

— Obrigado, magrela.

— Espere, só mais uma coisa.

Pablo sorri.

— Fique tranquila. Eu já disse que não vou meter seu marido em nenhum problema.

— Não, não é por Fernando, é por você — silêncio. — Cuide-se, Loiro. Eu conheço você, sei que não é tão duro e, para mim, você é importante. Por favor...

Pablo não diz nada. Sente essa emoção que, às vezes, pouquíssimas vezes, sobe desde o estômago e vai parar na garganta. Sabe que Helena gosta dele como poucas pessoas no mundo, por isso suas palavras o comovem tanto. Reanima-se rapidamente. É um mecanismo de defesa típico. Nem sempre é algo bom, mas não sabe ser de outro modo.

— Obrigado. Relaxe. Sei me cuidar.

— Assim espero.

Desliga e toma um gole de café. Nesse mesmo momento, a pessoa que espera entra no bar. Ela o observa por um segundo e fecha os olhos. Talvez devesse prestar mais atenção no conselho de Helena.

# X

Escuta-a ofegar, como se a voz viesse de bem longe. Entreabre os olhos e a olha. Na penumbra do quarto, Luciana é ainda mais linda. Nua e ajoelhada sobre ele, move-se suavemente. Pablo pressiona-lhe apenas o quadril com suas mãos. Ela geme. Aproxima-se do seu ouvido e lhe sussurra de um modo imperativo.

— Olhe para mim.

Ele obedece. De perto, seus olhos azuis-acinzentados parecem ainda mais cinzentos. Seu cabelo, loiro e comprido, cai pelos lados roçando-lhe o corpo. Pablo a aperta na altura da nuca. Ela deixa escapar um gemido e acelera seus movimentos.

Alguns instantes atrás, quando ela estava com a boca entre as pernas dele, ele afastou seus cabelos do rosto para poder vê-la melhor enquanto o beijava, e tudo pareceu deter-se por um momento. Depois, deu a volta lentamente e a penetrou com suavidade, brincando de descobri-la, sem pressa, desfrutando de cada momento, falando, tocando, sentindo.

Agora ela está sobre ele e não irá parar.

— Não deixe de me olhar, por favor.

Sabe de sua beleza. E também sabe que o comoveu. Deu-se conta dessa inteligência inconsciente que tem algumas mulheres.

Pouco a pouco, seus movimentos se tornam mais compulsivos e sua voz se eleva em busca de um grito que ameaça chegar. Pablo está acostumado a controlar tudo, inclusive momentos como este. Mas, desta vez, ele não quer, ou não pode, o que no caso, dá na mesma.

*E por que não?, pergunta-se. Depois de tanto tempo sem sentir algo assim.*

Ele também começa a mover-se com mais força e quase que de imediato seus ritmos se acoplam de modo natural. Sente que seu coração se acelera, então a atrai para junto de si com força e a beija. Sente que a língua de Luciana percorre cada canto de sua boca com uma inocente maestria. Ele desfruta do beijo, da dor, dos gemidos, da beleza e de sentir que não quer estar em nenhum outro lugar do mundo que não seja dentro dela.

O ofegar que parecia vir de longe vai se aproximando cada vez mais e Pablo decide entregar-se. O grito de Luciana chega de repente. Emociona-o e faz com que desapareça todo o restante do controle. Ele fecha os olhos e a aperta contra seu corpo, sente seus espasmos finais e uma sensação passada, perdida e quase esquecida abre passagem até que o grito que escuta já

não é o de Luciana.

Ela o morde novamente e, depois de alguns segundos, ficam em silêncio. Abraçados. Estranhamente emocionados. Pablo sente que uma lágrima molha seu rosto. Luciana está chorando. Ou talvez não seja ela.

# XI

Sentado na beira da cama, observa como Luciana se arruma em frente ao espelho do banheiro. Como escova seu cabelo, que chega à cintura e apenas acaricia as curvas de seu corpo. Custa-lhe deixar de olhá-la. Ainda não consegue voltar à realidade. Tudo aconteceu de um modo inesperado e mágico. Ela se aproxima mais do espelho e corrige um último detalhe. Satisfeita com o que vê, coloca os óculos e caminha até ele. Ajoelha-se no chão e apoia a cabeça sobre suas pernas. Ele brinca com o cabelo dela e durante alguns minutos nenhum dos dois faz nada.

— Não é necessário que eu lhe diga que não costumo fazer isso todos os dias, não?

Pablo encolhe os ombros.

— A única coisa que me importa é que o tenha feito hoje comigo.

Ela sorri.

— Já contei? Eu me chamo Luciana Vitali. Tenho vinte e oito anos e estudo psicologia. Meus pais são de Junín. Eu vim para cá estudar faz três anos e, desde então, trabalho na Clínica Ferro.

— Teve sorte. Não é fácil entrar lá.

— Um amigo de meu pai fez o contato. Eu gosto do trabalho. Estou próxima do que será minha profissão e me tratam com respeito. Meu cargo é de secretária particular do diretor — ele a olha assombrado; ela sorri —, mas prefiro exercê-lo no balcão de entrada para poder ter contato com os pacientes e suas famílias. É enriquecedor para mim — Pablo pensa que Luciana, como ele, também se sente seduzida pela angústia. — Pagam-me muito bem e, além disso, tenho as tardes livres para estudar — olha-o sensualmente —, ou para algumas outras coisas, como hoje — ele a acaricia com ternura. — Posso lhe fazer uma pergunta?

— Faça.

— Várias vezes fiquei encarregada de telefonar para sua assistente por parte do doutor Ferro para convidá-lo a dar uma palestra ou uma oficina na clínica e a resposta foi sempre a mesma. Com grande amabilidade, disseram-me que não. Eu devo confessar, em cada uma dessas ocasiões sentia uma desilusão — olha-o fixamente nos olhos. — Eu tinha muita vontade de lhe conhecer. Eu o admiro, de verdade.

— Obrigado. Mas qual é a pergunta?

— Por que, se jamais aceitou vir à clínica, nem sequer por dinheiro que, entre parênteses,

seria muito, hoje apareceu assim, do nada, como que pedindo licença?

Ele pensa um pouco antes de responder. É evidente que ela não está a par dos interesses que o levaram para se reunir com Rasserri.

— Conhece Javier Vanussi?

— Claro, é um dos nossos pacientes VIP. Trocamos algumas palavras quando vinha consultar com o doutor Rasserri e sempre foi muito amável comigo. Na clínica, como pode imaginar, as coisas são conduzidas com muita discrição. Apesar de tudo, trata-se de uma clínica psiquiátrica e, você sabe melhor do que eu, a loucura dá medo ou vergonha às pessoas. Porém, não pude evitar inteirar-me pelos jornais do que fez.

Detém-se.

— O que houve?

— Nada. É que os mecanismos da mente não deixam de me surpreender. Jamais teria acreditado ser possível que Javier fosse capaz de algo assim. Apesar de suas dificuldades, parece um garoto bom e amável. Dá a impressão de ser incapaz de machucar alguém.

Pablo simplesmente a olha. Nota que seus olhos se fecham levemente, e o tom da sua voz se torna mais grave.

— Mas o que você tem a ver com toda essa história dos Vanussi?

— Por enquanto, nada; mas me ofereceram algo que não decidi se devo aceitar ou não — Luciana o interroga com o olhar. — Ser o perito para argumentar que Javier não é imputável por esse crime — ela sorri. — O que houve?

— É um caso muito simples para um profissional como você.

— Por que diz isso?

— Porque até eu poderia fazê-lo. Basta folhear o histórico clínico de Javier para ter todos os elementos necessários e demonstrá-lo.

Pablo a olha surpreendido.

— E como você sabe disso? Por acaso permitem que você tenha contato com os históricos clínicos dos pacientes?

— Sim. O doutor Ferro é muito metuculoso e supervisiona cada caso. Eu, como já disse, sou sua secretária particular e fui escolhida para ser a encarregada dos históricos clínicos, arquivá-los para que fiquem guardados e legíveis se ele quiser vê-los.

— Mas essa é uma informação sumamente confidencial. Como é que não a guardam de maneira codificada?

— Naturalmente que está codificada, mas eu tenho a chave. Depois de uma longa conversa com Ferro e Rasserri, na qual me transmitiram a confiança que estavam depositando em mim e me instruíram da importância sobre a informação que ia ser passada para as minhas mãos, deixaram que eu ficasse encarregada disso — Pablo a olha em silêncio. — Em que ficou pensando?

— Em Rasserri. Ele não me permitiu ver o histórico clínico de Javier e se evadiu da minha pergunta sobre a medicação que estava tomando na época em que se supõe que tenha sido o assassinato de seu pai.

— E isso é um dado importante?

— Fundamental. É mais do que óbvio que, no estado em que ele se encontra, Javier não é capaz de matar nem sequer uma mosca. Por isso, é primordial saber qual era o seu estado no instante do crime.

Faz-se um pesado silêncio. Ela o olha fixamente.

— Você não está me pedindo que eu lhe consiga esses dados sem a autorização de Ferro, está? Por favor, nem sequer insinue isso. Não sei o que você está pensando sobre mim, mas o certo é que eu estou aqui porque é você, e por motivos pessoais que eu contarei melhor se voltarmos a nos ver novamente, você é alguém importante para mim. Seja como for, a questão é que eu sei por que estou na cama com você, mas o que não sei é por que você está aqui comigo — breve silêncio. — Não sei se voltaremos a ficar juntos, mas seria uma grande decepção me dar conta de que você só me trouxe aqui para tentar tirar de mim alguma informação.

Está inquieta, quase angustiada, mesmo que tente dissimular. Seu lábio inferior treme de modo quase imperceptível; sua respiração se acelera. Pablo suaviza o olhar, levanta-a pelos ombros e a senta ao seu lado.

— Se é esse o seu medo, pode ficar tranquila. Luciana, não é o momento de falar sobre certas coisas. A verdade é que ainda estou muito confuso com esse encontro e não tenho clareza para dizer o que sinto. Mas, para tirar essa ideia da sua cabeça, quero que saiba que o homem que acaba de ver há alguns instantes é alguém que não me visitava fazia muito, muito tempo. E, além disso... — ela lhe põe o dedo sobre a boca.

— Psiuuu... Não diga nada, por favor. Não se apresse, nem me provoque ilusões. Se for o caso, surpreenda-me.

Luciana se aproxima e o beija. É um beijo doce e prolongado que de pouco a pouco vai perdendo a ternura. As mãos de Pablo voltam a acariciar seus seios firmes e descem até o



quadril, onde param por um momento. Aperta-a, cheira-a e experimenta de novo essa sensação que sobe sobre o seu corpo. Ele não quer sair dali, tampouco ela, por isso leva suas mãos ao rosto para retirar seus óculos, mas Pablo a detém.

— Deixe-os — Luciana sorri e obedece. — Você não tem que ir para a faculdade agora?

— Sim — responde enquanto o morde no pescoço. — Porém, confesse, doutor, você nunca faltou a uma aula?

Ele assente, beija-a sem deixar de olhá-la e, por um pequeno instante, o mundo volta a desaparecer.

## XII

Cinco da tarde. O táxi avança como pode no meio do caos da Avenida Santa Fé. Um grupo de manifestantes está cruzando a rua, e o carro para por alguns minutos. Pablo, ainda com o gosto de Luciana na boca, tira seu celular e faz uma ligação.

— Olá, Fernando, aqui é Pablo.

— Como vai? Helena me disse que você iria telefonar...

— Só preciso lhe perguntar algumas coisas e ver se você pode me fazer um favor.

— Fale.

— Não, por telefone não. Estou perto de seu escritório. Se tiver dez minutos para me convidar a um café, eu passo por lá.

Silêncio.

— Pablo, sei que anda com o tempo bem apertado, mas hoje para mim é impossível. Tenho reuniões programadas que não posso suspender.

Silêncio.

— Compreendo.

— Veja se é possível para você amanhã, eu arrumo um horário e nos encontramos.

— Não tem importância, não se incomode. Obrigado, de qualquer forma. Um abraço.

Desliga e fica com o telefone na mão. Se os cálculos não estiverem errados, a ligação que espera não pode demorar mais de cinco minutos, reclina-se sobre o assento e respira. Apesar do congestionamento, esta região de Buenos Aires o agrada. Desfruta vendo as pessoas que caminham e olham as vitrines, ou enquanto lê um livro numa cafeteria ou observando um edifício. À esquerda, o Jardim Botânico causa uma sensação de paz que a cidade não possui.

Deixa que sua mente brinque com essas impressões, aproveita para relaxar. Em poucos segundos, uma chamada ao celular. Olha para o relógio. Três minutos. Sorri e atende de modo descuidado.

— Alô.

— Pablo, sou eu Fernando.

— Ah, que surpresa.

— Sabe? Se não forem mais de dez ou quinze minutos realmente, venha para o escritório e conversamos.

— Verdade? Não vou incomodar?

— Não, não. Eu lhe espero. Há quanto tempo está daqui?

Olha pela janela. Está a poucas quadras.

— Em dez minutos estou aí.

— Tudo bem. Estou esperando.

Pablo pede ao taxista que pare e paga. Sabe que vai percorrer essa distância mais rapidamente se for de metrô. Desce as escadarias e ingressa. São só duas estações, assim sendo chegará pontualmente. Enquanto espera, envia uma mensagem de texto para Helena.

*Obrigado.*

No mesmo instante, recebe a resposta.

*Loiro, você é um danado... Mesmo assim, gosto de você.*

Pablo odeia dirigir, em contrapartida adora se deslocar de metrô. Talvez porque o remeta à sua época de estudante, ou ainda antes, quando era adolescente, e uma mudança familiar o distanciou de seus amigos, e ele nunca conseguiu gerar vínculos fortes no novo bairro. Por isso, durante muito tempo, os domingos foram dias nos quais a solidão era irritante, até que encontrou uma maneira de torná-la agradável.

O processo era simples. Escolhia um livro e pegava o trem que o levava da Florida, lugar onde vivia, até Retiro. Gostava de ler arrulhado pelo movimento leve e compassado que o trem produzia. Quando chegava ao terminal, sem nem sequer sair à rua, descia e com um só bilhete fazia todas as baldeações possíveis. Muito ocasionalmente descia em alguma estação e caminhava pelas ruas desoladas, mas na maioria das vezes se dedicava somente a ler enquanto viajava. O retorno era a inversão dos movimentos iniciais. O metrô até Retiro e o trem até a sua casa. Talvez a rotina não fosse muito divertida, mas os livros, sim. E nessas viagens lembra-se de ter lido as obras mais importantes de sua vida: *Os miseráveis*, *O retrato de Dorian Gray*, *O aleph*, e a descoberta precoce de um autor que marcaria sua vida para sempre: Sigmund Freud.

De um modo casual, sua *Autobiografia* tinha caído em suas mãos e, desde então, as ideias da psicanálise o invadiram de um modo potente e foram guiando cada um de seus passos.

O metrô para e o tira de seus pensamentos. Desce na estação Agüero. Caminha uns metros e entra no edifício. Olha para o letreiro procurando o escritório, mesmo sabendo perfeitamente qual é, mas não pode evitar. Ali está: Fernando Arana, décimo quarto andar.

Sobe no elevador em companhia de um homem mais velho e uma mulher jovem. O homem está ansioso. Seus gestos são tensos e ele pigarreja sem parar. Seus dedos não deixam de

mover-se sobre a alça da sua maleta; uma gota de transpiração desce pelo rosto e chega ao pescoço. Pablo chega a uma rápida conclusão: ele não é do prédio e vem para conversar com alguém a fim de pedir algo que não acredita que possa conseguir.

A mulher, no entanto, está checando mensagens de texto em seu celular com uma expressão despreocupada. Inclusive apoiou sua bolsa no chão, isso quer dizer que está tranquila e familiarizada com o lugar. Deve ser alguma profissional, provavelmente advogada, que tem seu escritório ali.

Às vezes, pensa que esse registro permanente do que acontece à sua volta, que não pode evitar, não é mais do que uma maneira de distrair a atenção do que está acontecendo com ele. Tenta evocar se antes, quando Alejandra ainda estava em sua vida, era igual. Mas já passou tanto tempo, tanta dor e tanto choro contido que não pode recordar como eram as coisas.

O elevador para no sétimo andar, e o homem se apressa para a porta. Ele se olha com certa dissimulação no espelho, arruma o cabelo nervosamente e desce. A porta se fecha e Pablo fica a sós com a mulher. Em poucos segundos, o ambiente até então indiferente, torna-se incômodo. Ele sabe que basta uma frase rotineira para apaziguar a tensão que o silêncio gera entre duas pessoas que não se conhecem, mas hoje não tem vontade, por isso apenas a olha de esguelha.

Ela deve ter uns quarenta anos, e, se não fosse porque ainda não pode se desfazer da imagem de Luciana, teria pensado que é uma linda mulher. Mas hoje, seu julgamento estético ficou fatalmente condenado à crueldade mais absoluta.

A mulher desce no décimo segundo andar e antes de sair do elevador lhe dedica um olhar. A porta se fecha, Pablo fica só. Respira profundamente. Uma, duas, três vezes. Busca concentração e procura tirar as imagens de Alejandra e de Luciana de seus pensamentos. O que tem para falar com Fernando é muito importante, e a distração é um luxo que não se pode dar.

# XIII

Fernando é bem-apegoado. Um homem inteligente, que sente por Pablo um afeto mais filho da gratidão que do conhecimento. Sabe que o psicanalista resgatou Helena de uma situação difícil e de um destino obscuro e a ajudou quando o mundo parecia lhe dar as costas. Cuidou dela e de sua filha e as foi acompanhando na construção de uma vida melhor. Desde aquele primeiro apartamento que alugou até responsabilizar-se pelo pagamento da escola de Juliana, tudo havia mudado para elas e também tinha sido o causador do encontro entre Helena e ele. E Fernando ama sua mulher. Por isso, mesmo que saiba que há amizade entre eles, de alguma maneira se sente parte dessa comunhão.

— Sente-se, por favor.

— Obrigado. Sei que você tinha um dia terrível.

— Não se preocupe. Mais terrível teria sido chegar à minha casa, se eu tivesse lhe dito não — ambos sorriem. — Mas, vamos lá, direto ao assunto. Do que se trata?

— Ok, vou direto ao ponto. O que você pode me dizer sobre Roberto Vanussi?

Seus olhos apenas se movem, mas é o suficiente para que Pablo detecte que esse nome não lhe é indiferente. Fernando toma para si alguns segundos antes de falar.

— E o que você tem a ver com esse sujeito?

— Por hora, nada — responde e fica em silêncio.

— E o melhor seria que continuasse sendo assim.

— Por que diz isso?

— Veja, Vanussi era uma pessoa muito poderosa que há alguns dias apareceu morto em uma vala. Devo tê-lo visto não mais do que quatro ou cinco vezes em minha vida e sempre em alguma reunião social ou de negócios, jamais a sós. Não era desses sujeitos com os quais gostaria de me unir.

— Por quê?

— Basicamente, porque era um lixo. Um cara sem regras, ou melhor, com regras de merda.

— Regras mafiosas, você quer dizer.

— Exatamente — toma um gole de água. É claro que não gosta de falar sobre o assunto. Está tenso e se nota. — Vanussi tinha contatos com gente importante, deputados, senadores, gente da polícia e, naturalmente, empresários como ele. Na fachada, movia-se no setor mobiliário, mas

isso não é bem certo, ou, pelo menos, não era toda a verdade.

— O que você quer dizer com isso?

— Que esses negócios existiam, mas de nenhum modo eram a fonte da sua fortuna.

— Ah, não? E qual era, então?

Fernando o olha e fica calado. Franze a testa e um gesto de tensão lhe invade o rosto. Não aprecia mais essa conversa, que está dando uma volta desagradável, e parece estar balizando cada palavra.

— Diziam muitas coisas sobre seus negócios.

— Você pode me contar?

— Veja, para mim não consta que tenha sido assim, mas... — para novamente.

— Fernando, olhe para mim. Sou eu. O amigo de sua mulher, o cara que vai ao seu aniversário. Esta é uma conversa entre amigos e tudo o que falaremos ficará por aqui mesmo. Ninguém irá se inteirar de nada do que você me disser.

— Não esteja tão seguro assim. Não me pergunte como, mas essas coisas sempre se ficam sabendo.

Nota-o nervoso e isso não lhe agrada, tampouco lhe serve.

— Relaxe, por favor. Não está prestando declaração em um julgamento nem vou lhe exigir provas. Simplesmente quero saber em que estou me metendo se é que aceitarei ficar encarregado de uma tarefa profissional que me ofereceram. Assim sendo, acalme-se e fale com confiança.

Fernando suspira.

— Vanussi não andava por bons caminhos, disso eu tenho certeza. Aparentemente, conduzia alguns negócios... da noite.

— Explique-me. Putas? Drogas? Jogo?... A que você se refere?

— A tudo isso que você está dizendo. — Olha-o fixamente. — Você até já pode imaginar que esses negócios não podem ser feitos sem estar arranjado com gente poderosa. E, neste caso em particular, deve tratar-se de gente muito poderosa, porque não estou falando de um cabaré localizado numa estrada num povoado de merda, e sim de algo grande em que estão metidos clientes que de nenhuma maneira são os caminhoneiros que param para tomar uísque de quinta categoria na Rota Três. Inclusive...

— Inclusive o quê?

— Eu lhe repito que não tenho provas de nada do que estou dizendo, que são apenas

comentários.

— Sim, você já me disse isso.

Fernando suspira e baixa o olhar. Pablo vê que cerra o punho em um gesto involuntário. Compreende que Fernando não está convencido de continuar falando e que provavelmente tem medo de fazê-lo.

— Você sabe que há sujeitos que gostam de garotas jovens — para —, bem juvenzinhas.

— Está me dizendo que Vanussi estava metido com prostituição infantil?

Fernando passa a mão na testa e seca a transpiração. Está alterado. Volta encher o copo com água e toma até a última gota.

— Loiro...

Jamais em sua vida Fernando chamou Pablo dessa maneira, está procurando sentir-se resguardado por uma aproximação amistosa.

— O quê?

— Entenda que tudo isso é algo muito pesado.

— Eu entendo perfeitamente.

— Mas não vou explicar para você sobre essas perversões.

Ele tenta fazer a frase soar como uma piada, mas não dá certo.

— Não, claro. E, naturalmente, os clientes e aqueles que acobertam todas essas coisas...

— Não — interrompe-o —, não me peça nomes.

— Você tem, por acaso?

Seus olhos se cruzam por um instante, mas Fernando desvia o olhar.

— Está bem. Pelo menos, diga-me, esses nomes, até onde chegam?

Silêncio.

— Alto, Pablo. Mais alto do que se possa imaginar.

Pablo assente. Fernando está sendo sincero e é claro que não quer continuar falando. Ele está incomodado, não é a sua intenção. Dá-se conta de que Fernando quer que vá embora, que sua presença o incomoda e que não deseja prolongar mais este encontro.

— Só mais uma coisa.

Suspira.

— Fale.

— Queria lhe pedir um favor.

— Vamos lá.

Pablo formula um único e simples pedido, mas a cara de Fernando se transforma. Sabe que, neste momento, preferiria não tê-lo recebido nunca em seu escritório. Mas é ele. O amigo que salvou a vida de sua esposa. Pensa se, afinal, isso não excede os limites da gratidão, mas quer que Pablo vá agora mesmo e, com a vontade de que o faça, é capaz de dar-lhe qualquer coisa.

Dá voltas às folhas de sua agenda até encontrar o que está procurando. Pega um papel e lhe escreve algo. Dobra-o e o entrega. Pablo não pergunta mais nada. Só agradece e se retira, deixando atrás de si um homem inquieto e preocupado.

Enquanto se dirige para o elevador, começa a intuir que está se metendo em algo grande demais para ele. Quando chega à calçada, olha o papel que ainda leva na mão. Justamente na porta há um cesto de lixo. Só tem que jogá-lo e se esquecer do assunto. Entretanto, guarda-o em seu bolso, pega o telefone celular e faz uma ligação.



## XIV

O homem alto que está parado na esquina olha o relógio e acende um cigarro. Está inquieto e com um pressentimento desagradável que se instalou desde o momento em que recebeu essa chamada.

A cidade segue a rotina ao seu redor sem que ele se dê conta. Os ruídos, o trânsito, as pessoas, tudo parece desfilar ante seus olhos com indiferença. O tom de voz com o qual falou seu amigo lhe disparou um sinal de alarme. Sabe que algo não anda nada bem. Logo depois, o nota chegar e o que vê o coloca ainda mais tenso. Conhece-o muito bem e não gosta da atitude com a qual se aproxima. Cumprimentam-se seriamente.

— Onde está o carro?

— Aqui do lado.

— Vamos.

— Está bem, mas por que me pediu que o trouxesse?

— Porque temos que ir até General Rodríguez.

José para e o pega pelo braço.

— Espere um pouquinho. Pode me explicar do que se trata tudo isso?

— Agora não. Eu conto durante o caminho.

— Não, Pablo, chega. Não sou um garoto e gosto de tomar minhas próprias decisões. Se você não me disser pelo menos alguma coisa, não saio daqui. Ou melhor dizendo, saio sim. Volto para a minha casa ou vou comer tranquilamente em uma churrascaria ou fazer a porra que eu quiser. Assim sendo, escolha. Ou me conta para que merda temos que ir até General Rodríguez, ou pega um ônibus e vai sozinho.

Pablo nega com a cabeça.

— Tem a ver com Paula.

— O que houve com ela agora?

— Estive fazendo algumas averiguações sobre seu irmão e seu pai. Esse caso ferve, Gitano.

— Não entendo.

— Não dê uma de cuzão porque vai pegar mal. Você mesmo me disse que a garota suspeitava que o pai andasse com coisas fodidas, com gente da pesada. “Peixes graúdos”, assim você denominou.

— Sim, mas também lhe disse que podiam não ser mais do que fantasias. Você sabe como os filhos que têm assuntos não resolvidos com os pais podem ser fodidos.

— Esqueça. Pelo o que eu estive averiguando, o sujeito andava com coisas que superam em muito as piores fantasias que o Édipo não resolvido de Paula lhe pudesse gerar.

José o olha e franze a testa.

— Está falando sério?

— Claro.

Fica pensando com o olhar perdido. Por alguns segundos, faz a pergunta temendo qualquer resposta possível.

— E o que você pensa que vamos fazer em General Rodríguez?

— Vamos falar com a pessoa que esteve encarregada da investigação do caso.

— O que... com um policial?

Pablo assente.

— Um delegado.

José meneia a cabeça e abre os braços com um gesto de incredulidade.

— Ah, não... você está louco. Pensa que vamos entrar assim em uma delegacia de polícia e dizer para esse cara que ele tem que nos receber, mostrar o que tiver sobre o caso, violar o sigilo e expor tudo o que sabe só porque eu sou o analista da filha do morto e você, um psicólogo que se acha o detetive. E mais: acaba de me ocorrer uma ideia. Por que não levamos um de seus livros e você faz uma dedicatória “com todo o carinho” para ver se com isso consegue alguma concessão? Pablo, pense um pouquinho, vão nos jogar para fora de lá a chutes no traseiro.

— Não, isso não vai acontecer.

— E como você pode estar tão certo disso?

— Porque o cara está nos esperando — José olha com uma cara confusa e surpresa.

— E como você conseguiu isso?

— Alguém lhe telefonou para pedir que nos recebesse.

— Está bem — objeta logo após pensar por um momento. — Vamos supor que ele nos receba. Entre isso e conseguirmos alguma informação, há um abismo, porque duvido que nos dê algo, a não ser que tivéssemos um mandado direto do juiz.

— Exatamente — sorri.

Silêncio.

— Pablo, você está me dizendo que conseguiu que o juiz da causa nos habilitasse para ter acesso à informação de um caso de assassinato?

— Sim. Naturalmente, se alguém me perguntar, eu negarei.

— E como conseguiu isso?

— Com um telefonema.

— E de onde você tirou...?

— Chega, Gitano. Temos que ir. Faça todas as perguntas que quiser durante o caminho. Eu tenho meus contatos, mas duvido que o delegado vá fazer com toda a boa vontade do mundo o que lhe pediram: que nos atenda e colabore conosco. Por isso, não devemos esticar demais a corda, porque ele não vai nos esperar a vida toda.

— Está bem. Dê-me um segundo para fazer um telefonema — olha-o. — Tinha um compromisso marcado com uma garota e não quero deixá-la esperando na porta da minha casa como uma imbecil. Pode ser?

— Obviamente.

— Obrigado, você é tão gentil — diz ironicamente e se distancia uns metros. Regressa rapidamente. — Pronto, está tudo ajustado. Vamos.

Começam a caminhar.

*“Temos que ir, não vai nos esperar a vida inteira”.*

O uso que Pablo fez no plural o envolve e José se pergunta em que momento passou a ser parte ativa da história. Percorrem em silêncio o trajeto que leva até o carro. Sobem e José se põe a caminho. Suas mãos ficam pregadas ao volante e sua respiração se acelera. Depois de uns segundos, nos quais permanece imóvel, vira a cabeça e o olha.

— Pablo, não me pergunte por que, mas tenho medo.

Rouviot assente e engole saliva. Pela primeira vez em muitas horas, se permite um olhar introspectivo.

— Eu também, Gitano. Eu também.

## XV

José olha para seu relógio pela quinta vez em dez minutos. Faz quase uma hora que estão sentados em um banco de madeira diante do balcão de recepção da delegacia. Atrás deste, dois agentes conversam pouco e sem muito entusiasmo. De tempos em tempos, um deles pega uma folha e tecla algo em uma velha máquina de escrever. Uma vez terminado esse processo, deixa a folha à sua direita, em cima da anterior. De vez em quando, o outro olha o televisor que se encontra em um dos cantos enquanto os observa com certa dissimulação. Há algo nesse olhar de que Pablo não gosta.

Na melhor das hipóteses, somente teria a ver com o fato de que as delegacias o deixam nervoso. Talvez seja sua impossibilidade de desfazer a associação entre uniforme e repressão, ou talvez simplesmente o código linguístico que se utiliza nelas, tão preciso, e, por isso mesmo, tão estranho e desumano. Em vez de dizer sim, falam afirmativo, um homem é um indivíduo e quem se senta diante deles perde instantaneamente sua identidade e se converte em “o depoente”.

José se move nervosamente no banco, acomoda-se e olha mais uma vez para o relógio. Pablo o observa de canto de olho com a cabeça baixa.

— O que houve?

— Faz uma hora que estamos esperando e não nos dão a mínima bola.

— E o que você esperava? Que nos estenderiam um tapete vermelho? — José o olha. — Gitano, esse cara não tem vontade de nos receber, faz isso forçado por um pedido que vem de cima e essa é a sua maneira de nos irritar, de mostrar que aqui quem manda é ele; apesar da recomendação que nos abriu a sua porta, irá nos atender quando e como quiser. É um gesto compreensível. É um homem acostumado a mandar e não a obedecer. Assim sendo, vamos nos armar de paciência e nos manter o mais tranquilo possível. O cara tenta marcar território e nos desgasta com esta espera. Você sabe, alguém que está aguardando fica ansioso, sente-se ofendido, ferido em seu narcisismo e irritado, é menos lúcido e é aí que o outro tira uma pequena vantagem.

— Mas que vantagem pode querer obter de nós? Não viemos acusá-lo de nada.

— Mas ele não sabe ainda. Na realidade, não tem a menor ideia do que queremos e qual é o nosso lugar nessa história.

— Não me espanta, eu nem tenho uma resposta para isso — Pablo sorri. — Diga-me, você me trouxe até aqui só para que eu seja seu chofer, porque sou analista de Paula, porque sente que eu lhe meti em tudo isso e está se vingando ou por alguma outra coisa que eu desconheça?

— Por todas essas coisas ao mesmo tempo. Precisava de alguém que me trouxesse rapidamente até aqui, não podia perder tempo. — José ameaça falar, mas Pablo o detém. — Já sei... não me olhe assim. Não é o momento para que você venha me lembrar de que eu poderia ter meu próprio carro. Mas sabe também que eu odeio dirigir e, assim sendo, pedi a você porque é meu amigo. Além disso, como bem disse, você precisa pagar por ter me metido nessa confusão.

— Não foi minha intenção.

— Sem justificativas, doutor, tenha responsabilidade por seus próprios atos — sorriem. — Por outro lado, o fato de ser analista da Paula faz com que tenha alguns dados que poderiam ser fundamentais para que eu decida ser ou não o perito nesse caso de merda.

— Com respeito a isso...

— Não me encha o saco com o sigilo profissional outra vez. Sabe que o código de ética nos permite ter uma margem de flexibilidade em certos casos nos quais seja necessário. E me parece que este é um desses.

— Vou pensar.

— E, por último, você é analista e sabe que confio plenamente em sua lucidez. Bem, vou precisar dela nesta entrevista.

— O que foi? — brinca. — O grande doutor Rouviot não confia na sua própria capacidade de escuta? Quem diria... Então, não é tão onipotente como dizem por aí...

Pablo o olha seriamente.

— Gitano, você sabe por que em geral os interrogatórios são feitos por duas pessoas e não uma?

Pensa.

— Suponho que por isso que está me dizendo: duas cabeças pensam melhor do que uma.

— Hummm, essa resposta não está totalmente certa.

— Bem, por esse jogo de bom policial/mau policial, então.

— Sim, pode ser. Mas há algo mais — José o interroga com o olhar. — A pessoa que pergunta monopoliza a atenção do interrogado, e isso obriga aquela a cuidar muito de seus gestos, seu tom de voz e diminui as possibilidades de olhar tudo livremente sem ser observado e

sem despertar uma atitude de alerta, quando não paranoia, no outro. Então, o segundo, de um lugar de menor exposição pode dedicar-se a obter informações que podem ser muito valiosas e que se atenham à expressão corporal, às características do lugar e muitas outras coisas que somam na hora da avaliação total da entrevista. Bem, é isso que eu quero que você faça. Que esteja atento e não perca nenhum detalhe do que ocorrer lá dentro.

Faz-se um breve silêncio.

— Bem, pelo menos não sou apenas o motorista sem taxímetro dessa história.

Não dizem mais nada. Poucos minutos depois, toca um dos telefones do balcão da recepção. O agente que está escrevendo à máquina responde. Ao que parece, o outro foi capturado por uma partida de futebol do campeonato da série B, uma grande disputa entre os times do país.

— Sim, senhor... Claro... Imediatamente...

O agente fica em pé atrás de sua máquina de escrever e fala com eles pela primeira vez.

— Por aqui, por favor. O subcomissário Bermúdez os receberá agora.

— Muito obrigado — responde Pablo com cortesia. José sente que um calor sobe pelo seu corpo. Ele também, como seu amigo, odeia esses lugares.

O agente os conduz por um corredor escuro e úmido até um escritório. Bate a porta e aguarda. Uma voz clara e firme lhe responde. Pablo inspira profundamente e tenta relaxar. Sabe que não terá muitas oportunidades como essa e não quer desperdiçar.

O agente abre a porta e se adianta, convidando-os para entrar. Do outro lado da mesa, recebe-os com um olhar frio, distante e enérgico. Pablo sente que isso não vai ser nada fácil. Não se equivoca.

# XVI

Bermúdez é um homem de uns cinquenta e cinco anos. Sua expressão é de alguém seguro e desarmado, mesmo que ainda revele uma tensão que não chega a dissimular. Essa que muitas vezes antecede a ação. Esse estado ao qual somente se denomina estresse. Pablo tem pensado muito sobre o tema.

Em geral, fala-se do estresse como algo negativo, mas ele sabe que nem sempre é assim. Porque essa alteração psíquica e física gera um estado de alerta que prepara o corpo e a mente para atuar com rapidez diante das situações limites. Em geral, nos momentos de combate, atentado ou acidentes massivos, os que sobrevivem são aqueles que se estressam com mais rapidez. Seus corações se aceleram, seus músculos entram em tensão e sua percepção se faz mais aguda, e isso lhes permite atuar como se as coisas estivessem acontecendo, para eles, em um tempo mais lento do que para os demais. Obviamente que, devido ao grande gasto de energia que se supõe, o estado de estresse não pode se sustentar durante muito tempo sem pagar um alto preço. E é aí que aparece esse outro custo negativo que o torna uma patologia. Estressar-se a tempo pode salvar uma vida, mas viver estressado a torna insuportável.

Pablo o olha e se dá conta de que Bermúdez está estressado, o que indica que está preparado e atento ao que está por acontecer. Mas não o estranha, ele também está.

Bermúdez tem olhos claros que destoam do resto de sua pessoa, não se trata apenas de que o todo de sua expressão corporal é algo desagradável, seu bigode já em desuso ou muitos quilos a mais que não combinam com seus olhos, e sim, provavelmente, de que toda sua postura gera certo desagrado. Não veste uniforme. Uma camisa clara e uma calça comprida cinza tentam lhe proporcionar um ar relaxado e casual. No cabide, descansam um casaco preto e uma gravata vermelha.

Pablo estende a mão com o propósito de cumprimentá-lo.

— Muito prazer, subcomissário. Eu sou o psicólogo Pablo Rouvriot.

Seu amigo faz o mesmo.

— José Heredia, prazer.

Bermúdez estende a mão sem se levantar da cadeira e indica para que se sentem.

— Antes de mais nada, quero agradecer a gentileza de nos ter recebido. Imagino que suas ocupações não são poucas, já é tarde e sei que não é uma hora agradável para falar dessas

coisas.

— Nenhuma hora é agradável para falar dessas coisas — ele o olha. — Senhor, eu não sei qual é a relação que tem com o assassinato.

Pablo se assombra. Sente que Bermúdez bateu primeiro e ele não gosta disso.

— Bem, eu tenho trabalhado em uma clínica na área de terapia infantil durante algum tempo, acompanhando os pacientes e, sobretudo, lidando com os familiares e vi morrer muitas crianças nesse lapso. Não foi uma experiência agradável.

— O que me conta é muito comovente — diz apático —, mas não tem muito a ver com esse outro lado da morte — Pablo o interroga com o olhar. — A morte não é sempre a mesma coisa, mesmo que ainda possa parecer. Onde você trabalhou, os pacientes morrem rodeados de enfermeiras que cuidam deles, de médicos e de familiares que, certamente, rezam na capela do sanatório. Em contrapartida, a morte com a qual eu convivo é muito diferente. Meus mortos morrem sós, aterrorizados, e a última coisa que veem não é a cara de um familiar ou de um médico, e sim de seu assassino. Vão-se para o outro mundo com a imagem da pessoa que decidiu colocar fim em sua vida — bate repetidamente na testa com o dedo indicador de sua mão direita. — Eu não sei se há outra vida depois desta, se houver suponho que não devam chegar ao além com a mesma cara que seus mortos. Querem saber do que falo, gostariam de ver como é essa cara?

Em um rápido movimento, tira uma pasta da gaveta de sua mesa e extrai dela uma série de fotos que desdobra à frente deles.

— Olhem.

Ambos sentem um impacto. São fotos de cadáveres. Alguns estão nus, certamente suas roupas foram removidas no necrotério, outros no estado em que foram encontrados no local do crime mesmo. A um homem, falta um olho e a mandíbula está quebrada. Alguns apresentam expressões de dor, outros se veem angustiados, outros apenas mostram a degradação à qual a morte os submete depois de alguns dias. Pablo sente que o que tem diante dele se parece muito com os rostos que imaginava existir no inferno. Bermúdez separa uma das fotos e coloca em cima das demais.

— Vê este cadáver? — uma massa desfigurada e sanguinolenta impede de reconhecer qualquer expressão humana. — Pertence a uma mulher, uma jovem de vinte e seis anos que foi violentada e depois assassinada a pauladas por um filho da puta que não teve com ela o menor gesto de piedade — ele olha para Pablo com seus olhos claros e um gesto triunfal. — Eu não sei



o quanto sofreram suas crianças, doutor, mas juro que a morte tem arestas que você nem em seus piores pesadelos sequer suspeita. Está seguro de que quer entrar nesse mundo? Porque eu lhe asseguro que uma vez que alguém o faz, não pode voltar atrás e esquecer o que viu. E a vida, juro, jamais volta a ser como antes.

*Bermúdez e a puta que te pariu...*, pensa Pablo.

O subcomissário não só bateu primeiro como continuou batendo e o deixou quase de joelhos. Algo Pablo tem que fazer para sair dessa posição de garoto assustado à qual foi levado. Toma ar, levanta a última foto e a aproxima de seus olhos tentando conter a repulsa que sente. Olha para ela detalhadamente, como se estivesse analisando cada um dos detalhes que se apresentam diante dos seus olhos.

— Pelas palavras que escolheu e pelo tom de sua voz, deduzo que ainda não pôde encontrar o assassino, e a tensão que manifesta em seu olhar indica que está irritado consigo mesmo por não ter conseguido. Atormenta-lhe pensar que o homem que fez isso ainda anda por aí livre, caminhando entre as pessoas, talvez escolhendo pacientemente qual será sua próxima vítima enquanto o senhor está aqui, em seu escritório, capturado por uma foto e um crime que não pôde resolver — faz-se um silêncio. — Se me permite uma opinião, parece-me que está errando em sua busca — olha-o nos olhos. — Acredito que não deveria apontar um homem como causador deste crime enquanto assinala a foto com o dedo.

Bermúdez se coloca desesperadamente sério. As palavras de Pablo o surpreendem. Sente-se como um boxeador desprevenido que, vendo que seu adversário o venceu, aproxima-se displicentemente para arrematar seu último turno com a guarda baixa e recebe um último e desesperado soco no meio da cara que o manda para a lona.

— Mas... o que você está dizendo? Eu disse que a vítima foi violentada, há provas que mostram que houve penetração e encontramos vestígios de sêmen. Não acredito que isso possa ter sido feito por uma mulher, não é?

— Não precisamente. Mas, pelo que vejo aqui, não foi cometido apenas um delito, e sim dois. O primeiro, como o senhor bem disse, é que foi violentada, no qual é evidente que participou pelo menos um homem. Mas há um segundo delito que é o posterior assassinato da mulher. E permita-me dizer-lhe que a ira com que este crime aconteceu mostra um ódio passional e descontrolado que, psicologicamente, é mais provável que venha de uma mulher do que de um homem — Pablo vira a foto e a coloca diante dos olhos de Bermúdez, quase em seu nariz. — Olhe bem para este rosto, o que sobrou dele. Olhe para seus olhos. Vê o horror e o

espanto que reluzem? — para. — Isso nos diz que a vítima não foi desfigurada depois de morta para tentar dificultar seu reconhecimento. Não. Foi agredida em vida. A pessoa que o fez queria que sofresse até o último segundo — para novamente. — É certo que neste delito um homem tenha participado, mas acredito que para chegar a ele deverá primeiro encontrar a mulher. Alguém com personalidade instável e contraditória — volta a olhar para a foto quase como profissional. — O crime não foi planejado, mas uma descarga emocional desmedida e descontrolada. Porém, não permita que isso o engane. Não procure uma mulher de caráter forte e prepotente. Ao contrário, talvez se trate de alguém tímido e reservado, pacífico, inclusive. Uma dessas pessoas que despertam mais dor do que ódio... até que alguém veja que coisas são capazes de fazer...

Pablo deixa a foto na mesa bem em frente aos olhos claros de Bermúdez que, em silêncio absoluto, não deixa de olhá-la. O clima se tornou pesado e sombrio. Pablo olha para José, que se mostra tão incrédulo pelo que acaba de presenciar quanto o policial e faz um gesto com o olhar convidando-o a registrar tudo o que o rodeia.

Depois de uma longa pausa, retoma a palavra.

— Mas eu não quero retê-lo mais do que é devido, subcomissário. Somente quero saber o que pode me dizer do assassinato de Roberto Vanussi.

Bermúdez se acomoda em sua cadeira e, por um momento, seus olhos se detêm nos de Pablo. Nenhum dos dois pisca e, pela primeira vez, sente que o subcomissário olha com respeito para o homem que está sentado frente a ele.

— O que você quer saber?

— Deixo a seu critério. O senhor saberá o que me dizer.

— O corpo de Vanussi foi encontrado faz algumas semanas. Havia sido envolvido num saco de dormir e foi jogado numa pequena lagoa encostada à estrada. Foi um garoto que andava a passeio pela região que o encontrou. Não houve intento de dissimular a identidade da vítima e bastou apenas uma pequena seca do lago para deixar o corpo descoberto, a partir disso dá para supor que o assassino não seja alguém experiente. É provável, inclusive, que esse seja seu primeiro crime. A maneira de se desfazer do corpo fora tão ruim que foi um milagre não termos o descoberto antes. Querem ver as fotos?

— Não, não se incomode. Para mim é suficiente o que possa me dizer.

— A autópsia determinou que a morte aconteceu por causa de feridas originadas por um elemento cortante, uma lâmina, mais especificadamente. Tinha cortes no corpo, torpemente

infligidos — José o interroga com o olhar. — Veja, um assassino experiente não danifica tanto sua vítima. Sabe onde tem que ferir e não perde tempo. Sabe que joga contra o tempo e tenta resolver tudo com a maior rapidez possível. Nesse caso, o assassinado tinha mais de dez feridas e só uma delas foi a causa da morte. Do resto, poderia ter se recuperado logo, com alguns dias de repouso na cama e alguns antibióticos. Mas houve uma ferida, fruto mais da casualidade que de precisão, que tocou um ponto vital e lhe causou a morte. Calcula-se que o assassinato tenha sido cometido há uns quarenta ou cinquenta dias, data que coincide com a última vez em que a vítima foi vista com vida. E mais: creio que poderia precisar a data exata do crime.

— Por quê?

— Veja, Roberto Vanussi tinha uma passagem para viajar à França. No dia anterior a essa data, realizou suas atividades normais e depois ninguém voltou a vê-lo. Aparentemente, todos acreditaram que ele havia partido e por isso ninguém denunciou seu desaparecimento. Mas a verdade é que ele nunca tomou esse voo, o que faz supor que essa foi a data do assassinato.

— E como se chega à conclusão de que o assassino foi seu filho? — pergunta José.

— Como eu lhes dizia, o crime foi mal encoberto. O corpo estava a pouca distância da casa de campo de Vanussi. Vê-se que o assassino não podia demorar-se com o corpo. Era possível que o medo o levasse a desfazer-se dele o quanto antes. A torpeza com o qual foi envolto e alguns rastros sugerem que foi arrastado por uma pessoa só. Inclusive detectamos um golpe na cabeça, posterior à morte, que indica que o corpo não podia ser manipulado com comodidade. Quando fizemos a perícia da propriedade, encontramos restos quase imperceptíveis de sangue que iam desde sua casa até as árvores próximas. Sangue que, naturalmente, coincide com o de Vanussi. Ao que parece, a vítima não morreu imediatamente e tentou escapar arrastando-se até a saída, sem conseguir. Encontramos também sangue da vítima no porta-malas de um automóvel de propriedade da família.

— Como conseguiram reconstruir essas coisas sendo que a investigação foi conduzida tanto tempo depois da morte? — perguntou José.

Bermúdez sorri.

— Vamos dar crédito a quem merece. Não só os psicólogos são capazes de ver além do evidente. Nosso pessoal também é muito correto na hora de fazer o seu trabalho.

Pablo assente.

— Até agora, estou convencido de que Vanussi foi assassinado em sua própria casa, mas nada que nos disse indica que Javier fosse o autor do crime.

— Encontramos a arma homicida enterrada em um canteiro da casa. Obviamente, tinha suas impressões digitais e restos de sangue de seu pai.

Pensa por alguns segundos.

— Mas se tratando de um elemento que pertencia ao lugar, o que há de estranho que suas impressões digitais estivessem na lâmina?

Bermúdez sorri e o olha de um modo quase ingênuo.

— Doutor, parece que há um detalhe fundamental que desconhece.

— Não entendo. Ao que está se referindo?

— Quando se inteirou do aparecimento do cadáver, Javier Vanussi, antes de tentar se suicidar, deixou um bilhete no qual confessou ter sido o assassino de seu pai.

Desta vez Pablo sente o nocaute. Como ninguém o havia colocado a par disso? Sente-se um estúpido por desconhecer um detalhe tão óbvio e importante. No entanto, como quem olha entre a neblina, algo que acredita perceber nesses olhos claros que destoam do resto o leva a fazer uma pergunta.

— Subcomissário, o senhor é um homem que viu centenas de crimes em sua vida, olhou o rosto das vítimas e também o dos assassinos. Sem dúvida confia, e com razão, em seu próprio instinto e sabe, além disso, que esta conversa que estamos tendo na realidade nunca aconteceu

— Bermúdez assente. — Quero saber a sua opinião, por favor. Além dessa confissão, o senhor acredita que Javier Vanussi assassinou seu pai?

Bermúdez o olha fixamente. Nem uma só palavra sai de sua boca. Não é necessário. Pablo entende perfeitamente qual é a resposta para sua pergunta.

## XVII

São quase onze da noite. Faz muito tempo que ninguém telefona a essa hora. Atende com mais curiosidade do que tédio.

— Alô.

— Doutor Rasserri? Desculpe o incômodo, aqui quem fala é Pablo... Pablo Rouviot — silêncio. — Espero que eu não o tenha acordado.

— Não, de maneira alguma. Mas, diga-me, a que devo a surpresa honra de seu telefonema?

Pablo mede o alcance de cada uma das palavras que irá usar. Sabe que o que vai pedir para Rasserri é algo a que ele pode se opor, e com razão, por isso deve ser especialmente cuidadoso.

— Veja, realmente nossa conversa de hoje foi muito importante para mim e agradeço a generosidade com a qual fui tratado.

— Aprecio seu comentário, mas algo me diz que não está telefonando a esta hora só para me agradecer.

— É verdade, doutor. Preciso pedir-lhe um favor e não quero que o tome como um abuso de confiança da minha parte.

*Chega*, diz a si mesmo, ele viu o afeto e o cuidado com que Rasserri tratou Javier e sabe que o garoto é importante para ele. Em um segundo, decide deixar as estratégias de lado e falar a verdade.

— Doutor, preciso falar com Javier Vanussi.

Faz-se um incômodo silêncio que, para Pablo, parece eterno.

— Senhor Rouviot, você deve ter notado que o paciente não está em condições de falar com ninguém.

— Sim, por isso mesmo eu o estou incomodando. Quero pedir-lhe que o tire desse estado de coma induzido. Preciso falar com ele pelo menos uma vez.

— Pablo, você se dá conta do que está pedindo?

— Naturalmente. E sei também quão difícil deve ser tomar essa decisão. Mas o doutor é o único que pode fazê-lo.

Rasserri não responde; Pablo percebe no silêncio a ambivalência que está brincando com ele. É o momento de pressionar.

— Doutor, vou lhe falar com toda a confiança do mundo. Dada a situação, qualquer

psicólogo, por mais inexperiente que fosse, poderia demonstrar sem muito esforço que Javier não está em condições de ir para uma cadeia comum e conseguir que fosse encerrado numa clínica psiquiátrica pelo tempo que dure a sua condenação. Mas sabe o que mais? Há algo que não me deixa em paz.

— Do que se trata?

— Tenho medo de que, por trás da aparência simplista do caso, se esconda algo mais e acabe se cometendo uma injustiça.

— Você está me dizendo que acredita que Javier deveria ir para uma prisão especial?

— Não, estou lhe dizendo que tenho sérias dúvidas de que tenha sido o assassino de seu pai e mereça cumprir uma condenação, em qualquer lugar que fosse. E só tenho uma maneira de averiguar. Preciso falar com ele.

— Pablo, o que você está me dizendo é muito grave.

— Sei disso.

— Além disso, deveria se fazer um trabalho gradativo para tirar Javier desse estado. Sei que não é psiquiatra, mas sei que está ao seu alcance compreender que não é algo que possa ser feito de um segundo para outro.

— E quanto tempo levaria esse processo?

— Entre vinte e quatro e quarenta e oito horas.

Menos do que Pablo tinha em mente. Evidentemente, desconhece muitas coisas sobre os tratamentos psiquiátricos.

— Tudo bem. Posso contar com isso?

Silêncio.

— Deixe-me avaliar seu pedido. Você conseguiu tirar meu sono e duvido que eu consiga pensar em outra coisa, por isso calculo que poderei lhe dar uma resposta amanhã.

— Eu o compreendo.

— Minha assistente, Luciana, irá lhe telefonar. Imagino que se lembre dela.

Tenta que sua voz saia neutra.

— Sim, claro.

— Bom. Amanhã, então, você terá uma resposta.

— Muito obrigado, pelo menos, por considerar o meu pedido.

— Mas antes me diga uma coisa. Culpado ou inocente, o mais provável é que Javier passe muito anos internado, se é que não é esse o seu destino para toda a vida. Então... o que busca

obter com tudo isso?

Pablo responde com toda sinceridade.

— A verdade, doutor. Só isso.

— Não importa quem seja prejudicado por ela?

— Não.

— Compreendo... Bem, Luciana irá lhe telefonar amanhã e comunicar minha decisão.

— Obrigado. Espero o telefonema, então.

Desliga o telefone e se cala. Rasser é, efetivamente, uma boa pessoa, independentemente se concederá ou não seu pedido.

A voz que vem do outro lado da mesa o devolve para a realidade.

— E então, o que ele vai fazer?

— O que ditar a sua consciência.

— E enquanto isso, o que faremos?

Sorri e se recosta na cadeira.

— Jantar, tomar vinho, tentar relaxar e... pensar.

José assente, aliviado, e chama o garçom.

## XVIII

Meia hora depois, enquanto numa churrascaria do centro a comida chega e o vinho é provado, na Clínica Ferro um enfermeiro entra no quarto de Javier Vanussi e troca a bolsa de soro que ainda está pela metade. A ordem de Rasserri foi de suspender algumas das drogas que estavam sendo administradas. O homem trabalha há muito tempo na clínica e tem experiência suficiente com psicofármacos para saber que, sem essas drogas, Javier irá despertar a qualquer momento. Não entende o porquê dessa ordem, ainda menos a esta hora da noite e dada por telefone, mas não está ali para questionar aos médicos, e sim para cumprir suas indicações.

Não longe dali, Paula fica rolando na cama e se pergunta se o psicólogo Rouvriot aceitará ou não o encargo proposto por ela. Não está bem segura se fez bem de envolvê-lo nessa história, mas a ideia de que Javier possa ir parar num lugar cheio de assassinos e violentadores é muito angustiante para ela.

Enquanto isso, outra mulher, loira e linda, pensa no dia surpreendente que vivera. Seus pensamentos a levam para a lembrança dessa tarde e lhe parece que ainda sente dentro de si os movimentos do homem com quem fez sexo.

Com a luz apagada, apalpa os óculos que descansam sobre a mesinha de cabeceira e os coloca com um sorriso. Fecha os olhos e, quase involuntariamente, sua mão desce até entre suas pernas. Segundos depois, começa a se perceber suavemente ofegante e seu quadril começa a mover-se. Pergunta-se se voltará a estar com ele outra vez, mas esse pensamento dura apenas um segundo, logo o desejo se apodera dela e já não pensa no depois. Só está ela, sua paixão e o homem em sua fantasia.

A quilômetros dali, Bermúdez fuma um cigarro na mesa solitária de sua casa. Sua mulher foi dormir há pouco e seu filho talvez não volte esta noite. A moça de vinte e seis anos violentada e assassinada pede, de algum lugar, que não a esqueça. Será que o psicólogo tem razão? Haverá uma mulher por trás disso tudo? Seu olhar se perde na mancha que há na parede e, sem se dar conta, acende um novo cigarro mesmo sem ter apagado o outro. Está fumando demais, é verdade. *Mas esta noite não importa*, pensa enquanto caminha até o seu quarto para se deitar. *Hoje foi um dia difícil.*

Em sua casa, Fernando fecha o livro que em vão tentou ler e acaricia o cabelo de Helena enquanto ela descansa, alheia às tensões de seu esposo. Pablo o envolveu em uma história da



qual não quer saber nada, e algo lhe diz que essa implicação não irá sair sem consequências. Volta a olhar para sua mulher. Vê-la dormir, produz-lhe, invariavelmente, uma profunda sensação de paz, mas não desta vez. Sempre há exceções.

Entretanto, em um escuro canto do mortuário, o corpo carcomido e decomposto de Roberto Vanussi tenta dizer algo. Algo que ninguém parece querer escutar.

Nesse mesmo momento, apenas iluminada pela luz tênue da lua que se infiltra através da janela de seu quarto, uma menininha dorme placidamente. Seu rosto denota uma calma profunda. Em seu estúdio, a alguns metros dali, um violino descansa sobre sua mesa e, no atril, o “Concerto em Mi Menor” de Mendelssohn a está esperando.

Uma hora depois, no restaurante, os amigos esvaziam a segunda garrafa de vinho em suas taças. Agora estão mais relaxados e José sente que chegou o momento de fazer algumas perguntas.

# XIX

— Tenho que confessar que não sabia que tinha tantos conhecimentos de psicologia forense.

— Nem eu.

— O que você quer dizer com isso?

— Que, além do que vimos na faculdade, jamais me especializei no tema. Assim sendo, minha ignorância é quase completa.

— Sem dúvida, você conduziu tudo muito bem...

Pablo o olha com a taça na mão.

— Bermúdez nos recebeu por obrigação e não estava disposto a nos dizer nada. Pelo contrário, seu único interesse era nos fazer sentir como dois tontos universitários imbecis que saíam correndo no instante que mostrasse a primeira gota de sangue. Todo seu discurso sobre o rosto de seus mortos, sua solidão, a crueldade de seus assassinos e dos tormentos dos últimos instantes de vida foi realmente efetivo, e eu juro para você, a princípio, conseguiu seu intento.

— Verdade. Está mais do que claro que quis nos intimidar. Mas como ele sabia que não éramos forenses?

— Porque alguém deve ter lhe dito.

— Quem?

Pensa alguns segundos.

— Boa pergunta. Gitano, somos analistas e por isso sabemos que o importante não é se apressar em obter respostas, e sim abrir os interrogantes. Há várias opções para responder a isso, mas não devemos nos apressar. Pensemos um pouco antes.

— Bermúdez lhe pareceu confiável? — pergunta olhando Pablo fixamente.

— Sim. É um homem que conhece seu trabalho.

— Eu acredito que sabe muito mais do que nos disse.

— Isso é evidente, ainda que eu não tenha certeza se sabe ou simplesmente suspeita. E tampouco imagino o motivo pelo qual se cala.

— Só há três opções. Ou está envolvido, ou lhe ordenaram que não se metesse, ou tem medo das consequências que poderia sofrer se falasse com alguém sobre o que sabe.

— Você aposta em alguma? — José nega com a cabeça. — Nem eu.

— Como você soube que o caso dessa garota não estava ainda resolvido?

— Não soube, deduzi.

José o olha com os olhos um pouco entrecerrados.

— Puta que pariu. Você pode ser um pouco mais claro?

Pablo sorri e assente com a cabeça.

— Você esteve dentro desse escritório comigo. Diga-me o que viu.

— Nada que não esperava ver. Uma sala escura, um pouco asfixiante e cheirando a cigarro. À esquerda, um móvel repleto de pastas de arquivos e folhas soltas, o piso bastante sujo, as paredes úmidas e descascadas. Não sei mais o que lhe dizer.

— E o cabide?

Encolhe os ombros.

— Nada de estranho. Apenas um casaco mal pendurado e uma gravata vermelha que, com sua ponta, tocava o chão.

Pablo assente.

— E a mesa?

José toma um pouco de vinho antes de responder.

— Em perfeita harmonia com o resto.

— Qual resto você quer dizer...

— Bagunça. Um cinzeiro transbordando de bitucas, uma xícara de café por terminar, canetas esparramadas, uma carteira de couro azul, que intuo que continha os documentos do carro e uns bolinhos de lenços descartáveis usados — detém-se. — Agora que penso no assunto, um verdadeiro asco.

— Exatamente — José o olha interrogativo. — Só uma coisa nesse ambiente estava bem guardada, prolixa e obsessivamente ordenada: essa pasta-arquivo que retirou da gaveta do lado direito de sua mesa e que continha as fotos que nos mostrou. Inclusive, apesar do descuido com o qual aparentou jogá-las sobre a mesa, não pôde evitar de esparramá-las numa certa ordem. Na mesma ordem, segundo pude perceber, na qual as guardou depois — José assente. — E sabe por que eu peguei a foto da moça violentada e não outra?

— Suponho porque seja a mais impressionante de todas.

— Não. Imagino que, ao longo de sua carreira, Bermúdez deva ter visto coisas tanto ou mais horríveis do que essa e que, se quisesse, poderia nos ter mostrado fotos muito mais espantosas, terríveis.

— E então?

— Porque foi a que escolheu para nos dar o golpe de misericórdia, a última a nos mostrar. E creio que pensou que fosse a que mais nos comoveria porque a realidade é que, neste momento, mais comove a ele.

— Por puro mecanismo de projeção.

— Por alguma razão, não pôde evitar de nos mostrar sua angústia, então deduzi que essa pasta estava tão cuidada e à mão porque não consegue parar de olhá-la. Seguramente, de tempos em tempos, enquanto esta só em sua sala, pega-a, buscando respostas que não pode encontrar. E isso me sugeriu três coisas. A primeira, que Bermúdez é um bom policial, comprometido com seu trabalho. A segunda, que sua angústia desnuda algo em sua ferida autoestima profissional. E a terceira, que isso só seria possível se essa pasta que abriu para nós contivesse os casos que continuavam impunes. Só faltava estar intitulada: “Crimes não resolvidos” ou, se você achar melhor, “Os fracassos de Bermúdez”.

José permanece em silêncio, processando o que acaba de escutar.

— Uma brilhante dedução, devo reconhecer. Mas e se você estivesse equivocado?

— Teria sido um papelão. Ele teria comprovado que, efetivamente, éramos dois idiotas, não nos teria dito nada e talvez tivesse se divertido por algum tempo conosco. Mas valia a pena correr o risco. Nossa posição já era suficientemente desvantajosa, de modo que não creio que teria piorado muito mais.

— Explique-me um pouco por que disse o que disse sobre o rosto da vítima.

Agora é sua vez de tomar um pouco de vinho antes de continuar.

— Um esforço de identificação. Simplesmente tentei me colocar no lugar de Bermúdez, sentir o que ele sente em sua pele. O que sente cada vez que a olha? O que dizem esses olhos, esse único traço humano que ficou na cara destroçada? Estou certo de que a culpa por não ter preso o assassino não lhe permite olhar outra coisa senão esses olhos, que devem persegui-lo constantemente e que falam do medo e do terror. Um medo e um terror que não sei se a vítima chegou a sentir, mas que certamente Bermúdez imagina.

— E sobre o resto... o que disse sobre a mulher implicada no crime?

Pablo sorri.

— Eu costumava ver um programa de televisão de psicólogos forenses. Cada vez que um ato era levado com demasiada crueldade, incluíam como hipóteses a possível presença de uma mulher despeitada — José o olha atônito. — Bem... depois dizem que televisão não é cultura — brinca Pablo.

— E você não tem medo de ter desviado a investigação gerando uma hipótese equivocada?

— Não. Repito que Bermúdez é um bom policial. Um homem com experiência que não compraria tão facilmente um peixe podre. O que eu disse foi só uma hipótese a mais, que pode ou não estar certa. Em todo o caso, só amplia a busca.

Assente.

— E uma última pergunta: por que não quis ver a foto de Vanussi?

— Por dois motivos. O primeiro é que não estou preparado para tirar nenhuma conclusão de um cadáver que esteve submerso por três meses em uma vala e que deve estar totalmente podre.

— E a segunda?

— Tinha medo de começar a vomitar.

José ri, Pablo também. Necessitam descarregar toda essa tensão. Não são homens acostumados a essas coisas e, apesar do esforço, suas psiques o notam. Logo depois, José fica sério.

— Pablo, vou fazer-lhe pela segunda vez em poucas horas a mesma pergunta. Agora que tem mais dados sobre o fato, você pensa que Javier Vanussi é o assassino de seu pai?

A expressão de Pablo também se enrijece e sente um calafrio que o percorre antes de responder com uma única e fatal palavra.

— Não.

## XX

*Seis da manhã. Na penumbra de seu quarto, seus olhos tentam se abrir sem conseguir, e sua mente ainda embotada pela sonolência cai em transe no qual se mesclam o sonho e a lembrança.*

*Tem que se desfazer do cadáver o quanto antes. Pode ensacá-lo e chamar Hipólito, o caseiro, para que ajude a enfiá-lo no porta-malas do carro, mas isso seria muito arriscado. É verdade que o pobre não enxerga nada além do nariz, é burro e está um pouco louco, mas não é tão estúpido a ponto de confundir um corpo com restos de lixo. Não. Deve fazer isso sem ajuda. E sem que ninguém perceba seus movimentos.*

*Não é difícil, porque a esta hora não tem ninguém em casa, com exceção de Hipólito e sua mulher. Quanto a ela, deve estar dormindo, já que jamais permanece desperta além das dez da noite, e no que diz respeito a ele... ele não vai se dar conta de nada. Depois de tudo, não é mais do que um bêbado perdido que a essa hora não deve nem se lembrar de como se chama.*



P A R T E 2  
**A DECISÃO**

O terror noturno é uma experiência que, em geral, atribui-se exclusivamente à infância, mas isso não é verdade. O exercício da razão e o pensamento que a maturidade adiciona não conseguem suprimir esse compartimento interior no qual habitam os fantasmas que percorrem nossa história. Só há, na verdade, diferenças no modo de enfrentá-los.

As crianças fazem frente aos seus temores por meio de um mecanismo de defesa chamado projeção, algo que lhes permite expulsar a ameaça e depositá-la no mundo externo. Por isso, seus monstros estão fora. Escondem-se dentro dos armários, debaixo da cama ou os espiam pelo espaço que surge por alguma porta entreaberta. A escuridão se transforma em um universo habitado por milhares de olhos e garras, mas basta cobrir a cabeça com o lençol ou atravessar correndo, com o coração saltando até as têmporas, o enorme percurso que leva até o quarto dos pais, para que o perigo fique para trás.

No adulto, em vez disso, escapar dos tormentos criados pelos seus pensamentos não é tão simples assim. Ficam com o residual em sua mente e já não há pessoas que acudam ante o grito, nem luzes que exorcizem os demônios. Por isso há noites difíceis, nas quais a barreira entre a sanidade e a loucura não parece ser tão sólida. E esta é uma dessas noites para Pablo.

Imagens de corpos destroçados, pacientes amarrados e mulheres atraentes não o deixam descansar. Por isso, às sete da manhã, já de banho tomado, vestido e com uma xícara de café preto na mão, ele está olhando para os bosques de Palermo pela janela da sala de sua casa.

Olha para a agenda mesmo conhecendo-a de cor. Tem pela frente um longo dia no consultório, mas sabe que será incapaz de concentrar-se em alguma outra coisa que não sejam os Vanussi. Por isso, parece-lhe sensato suspender suas consultas mais um dia.

Sabe que Helena vai querer matá-lo, mas não deixa de ser uma decisão coerente, porque, quando um psicólogo está muito capturado por um problema, uma situação angustiosa ou um estado de euforia, seu lado pessoal se torna por demais presente e isso faz com que o analista se desvaneça e não possa estar no lugar adequado para escutar seus pacientes. Não é algo que lhe aconteça com frequência. Geralmente, ele domina seus estados de ânimo e pode deixá-los de lado enquanto trabalha. Porém, hoje ele sente que não poderá. Ninguém pode com tudo sempre.



E hoje é sua vez. Por isso, pega o telefone e disca de maneira automática o número que conhece de memória.

Toca uma, duas, três vezes. Uma voz familiar e querida lhe responde.

— Alô.

— Olá, Helena.

— Loiro, como está?

— Em um daqueles dias, versão masculina — brinca.

Helena ri.

— Não me pergunte por que, mas eu imaginava. Por isso, mesmo correndo o risco de que você ficasse bravo, ontem à noite suspendi todos os pacientes marcados para hoje. Eu ia lhe telefonar daqui algum tempinho para avisá-lo. Pensei que iria dormir um pouco mais.

— Helena...

— Já sei. Você vai me questionar com que direito tomei essa decisão. E eu lhe respondo que sei que ontem teve um dia duro e me pareceu que precisava de um descanso. Espero que não fique nervoso. Além disso, não é muito diferente de quando você tem que viajar a trabalho, e seus pacientes já estão acostumados com isso, não é verdade?

— Você está querendo dizer que eu descuido muito deles?

— Não. Eu sei o quanto eles são importantes para você. Mas, diga-me, fiz mal?

Pablo fica um momento em silêncio.

— Não. Até que enfim, você tomou a decisão certa...

— Não seja maldoso — retruca num tom divertido.

— E mais ainda... — pensa por alguns segundos. — Parece que seria razoável que suspendêssemos todas as consultas desta semana. Depois a gente vê o que faz.

— Epa... Está acontecendo algo grave?

Sente que deveria responder que sim, mas essa sensação não lhe parece lógica.

— Não. Porém acho que esse assunto de Javier Vanussi irá me manter muito ocupado durante alguns dias.

Silêncio.

— Loiro... Por que não larga esse caso? Tem alguma coisa nisso que não me cheira bem, que não estou gostando.

— Nem a mim. Por isso mesmo não posso sair do caso.

Helena o conhece bem. Sabe que quando algo o prende é inútil tentar convencê-lo a

abandonar o caso. Mas, em geral, são casos clínicos, e não policiais. Situações para as quais está muito preparado. Ela nutre uma grande admiração profissional por ele e sabe de sua capacidade no campo da psicopatologia, mas isso é outra coisa. Intimamente, ela lamenta e se sente um pouco culpada por ter gerado a sessão com Paula. Talvez por isso sua insistência para que abandone o caso e volte à sua vida de costume.

— Você está seguro do que está fazendo?

Escuta um suspiro pouco perceptível.

— Quem pode estar totalmente?

— Está bem. E o que eu digo para os pacientes?

— Nada. Simplesmente suspenda as sessões. Depois eu me encarrego de dar explicações necessárias para cada um.

— Será feito como você diz. Mais alguma coisa?

Pablo hesita.

— Sim... Como vai Fernando?

— Até onde eu saiba, está tudo bem. Por que, deveria me preocupar com algo?

— Não, por nada. Era só uma pergunta, nada mais.

Ela sente que não é bem assim, que seu amigo não está lhe dizendo a verdade, mas não quer perguntar, talvez porque não tenha vontade de envolver-se ainda mais em uma história que pressente perigosa. Helena é uma mulher muito perceptiva, que confia em sua intuição. E esta também não se equivoca.

Sentado no banco de trás do táxi, olha como a cidade passa a seus pés debaixo da rodovia. O andar sereno e o ronronar monótono do motor o arrulham e, sem se dar conta, acaba dormindo. O cansaço do dia anterior se apodera dele em cheio, e de maneira imperceptível a realidade deixa passagem para o sono.

Está numa velha estação de trem e escuta o ruído produzido pelo vento patagônico. O vento vindo da região da Patagônia é frio, bem cruel.

Senta-se em um banco, respira e fecha os olhos. A sensação de solidão lhe dói. Ele fez esse longo percurso somente para ir buscá-la, mas ela não quis voltar. Como se estivesse envolto em meio a uma nebulosa, vem a recordação de um abraço, de um beijo e a inegável sensação do cheiro de Alejandra em sua pele.

Nunca pôde explicar com clareza, mas o tranquilizava, fazia-o sentir-se seguro, em boas mãos. Nessas ocasiões, depois de alguns minutos, ia relaxando até que, sem se dar conta, acabava adormecendo. Em outras, em vez disso, excitava-se.

O apito do trem o tira de seus pensamentos e lhe indica a iminência da partida. Sobe quase com urgência, mesmo sabendo que poderia esperar por mais alguns minutos. Quer terminar com isto o quanto antes. Talvez tenha medo de arrepender-se. Já nos degraus, olha uma vez mais.

Nada.

Alejandra cumpriu com sua palavra e não foi nem sequer despedir-se dele, quem sabe, porque sabia que essa teria sido uma forma de detê-lo.

Olha para sua passagem, procura seu lugar e deixa as coisas no porta-malas superior. Acomoda-se em seu assento, reclina-o e tenta relaxar. Por que não fuma? Certamente um cigarro permitiria diminuir sua ansiedade, mas esse é um vício que jamais teve. Desde a morte de seu pai por causa de um câncer no pulmão, odeia não só o cigarro como também os fumantes.

O movimento repentino do trem interrompe seus pensamentos. Quase instantaneamente, levanta-se e olha pela janela à procura dos olhos grandes e profundos de Alejandra, mas a única coisa que vê esvoaçar são mãos desconhecidas que saúdam a seres desconhecidos.

Em um momento, parece descobri-la em meio às pessoas e sente um impulso de saltar até a estação. Mas ele não está certo, não está seguro e, enquanto hesita, o trem vai tomando velocidade, distancia-se cada vez mais e se perde na escuridão da noite. A plataforma de

embarque e desembarque, a estação de trem, tudo isso vai se tornando um minúsculo ponto luminoso até que desaparece por completo.

Pablo se recosta em seu assento novamente e sente que o coração bate com força. Fecha os olhos e tenta relaxar até que o som de uma voz o tira da letargia.

— Chegamos... Senhor... Acorde... Nós já chegamos.

Abre os olhos e o impacto do sol o fere. Aos poucos, começa a ter noção de onde se encontra.

— Desculpe acordá-lo, mas nós chegamos.

A realidade vem com tudo para cima de Pablo. Agradece ao chofer, pede para que ele o espere, desce e fica alguns segundos parado em frente à casa. É uma propriedade enorme. Uma porteira de madeira faz as vezes da entrada e dali nasce o caminho arborizado que conduz até a mansão. Toca a campainha e se anuncia.

— Entre, por favor — convida uma voz doce.

Um som característico como de uma cigarra indica que pode abrir o grande portão. E assim o faz e entra nessa espécie de túnel natural que formam as árvores. O canto dos pássaros e o aroma das flores o reconfortam e, por um momento, tudo parece estar bem. Só por um momento. Até que compreende que, por este mesmo caminho que agora está percorrendo, Roberto Vanussi se arrastou agonizante e deixando rastros de seu sangue até encontrar a morte.

A realidade voltou, mas a sensação de inquietação e solidão não partiram com o sonho.

Paula se senta à sua frente e o interroga com o olhar. Vestida com um *jeans* e tênis, tem um ar casual e relaxado, mas, naturalmente, sua expressão corporal denota um nervosismo que não se esforça em disfarçar. A empregada deixa sobre a mesa uma bandeja e olha.

— Obrigada, Francisca. Pode ir, fique tranquila. Qualquer coisa, eu chamo.

A mulher assente e se retira. Pablo percebe que há entre elas um trato familiar e afetuoso.

Olha a sala em que se encontra e repara em alguns detalhes. Um fogão a lenha, um enorme e imponente quadro cujo autor Pablo não reconhece, um piano e uma parede de vidro que permite ver a beleza do lugar.

— Devo confessar, doutor, que esperava ansiosa por este encontro.

— Imagino.

Ela sorri.

— É estranho vê-lo aqui em minha casa — olha-o diretamente nos olhos. — Sempre quis ter a oportunidade de conversar. Fui a muitas de suas conferências, mas jamais tive coragem de aproximar-me. Já sabe como funciona: a idealização às vezes dificulta o contato entre duas pessoas. Além disso, não queria que pensasse que eu era uma estudante tonta e deslumbrada que procuraria me relacionar com um psicólogo a todo custo.

Sorri.

— Qual é a graça?

— Que agora que eu penso, talvez fosse isso mesmo — volta a olhá-lo. Pablo não lhe devolve nenhuma expressão. — Porém, melhor falarmos sobre o assunto pelo qual veio me ver. Suponho que, se chegou até aqui é porque ainda não se decidiu a me dar uma resposta, não?

— Como sabe?

— Porque bastaria um telefonema com um “sim” ou um “não”. Por isso, imagino que sua visita tenha a ver com o fato de que precisa saber de mais algumas coisas antes de resolver o que irá fazer.

Agora é ele quem a olha.

— Uma dedução muito inteligente e acertada, senhora. Eu a parablenizo, é muito perceptiva.

— Obrigada, vindo do senhor é uma honra para mim — serve-se de uma xícara de chá e bebe um gole. — Mas antes que eu pergunte qualquer outra coisa, antes de tudo, gostaria de lhe pedir

um favor. Pode ser?

— Naturalmente... ainda que, pensando bem, dá-me um pouco de medo o que possa pedir. Pelo pouco que a conheço, a senhora não é uma mulher cujas demandas sejam fáceis de satisfazer.

Ela ri.

— Não creia nisso. Não é sempre que eu me vejo na obrigação de procurar peritos para que intervenham em um caso de assassinato. Há aspectos muito mais comuns na minha vida cotidiana.

— Fico feliz pela senhora... Então, qual é o pedido que quer me fazer?

— Se não se incomodar, gostaria que nos tratássemos por “você”. Não sou sua paciente e, seja qual for a sua decisão, parece que entre nós a distância analítica não é necessária. Se aceitar pegar o caso, será mais fácil para nós nos comunicarmos dessa maneira. E se não... Bem, suponho que não ande por aí tratando todo mundo tão formalmente. De fato, não o faria comigo se nós tivéssemos nos conhecido em outra situação. Ou estou errada? Não esqueça que o tenho visto atuar em outras circunstâncias e pude comprovar que não é em nada um homem tão formal assim.

Ao mesmo tempo em que termina de falar, Paula apoia seus calcanhares sobre o sofá e abraça os seus joelhos de uma forma relaxada. Desenha um sorriso e ele se dá conta da quão linda ela é. O reflexo do sol lhe dá uma profundidade estranha e sua pele tão branca ressalta ainda mais o cabelo preto. Ele sabe que, em outras condições, acharia Paula perturbadoramente atraente, mas dada a situação, o que lhe poderia ter sido um grande impacto deixou lugar para uma simples admiração estética.

— Está bem. Parece-me um bom acordo. Paula, tem algo que eu preciso dizer a você.

— Diga.

— Ontem à noite, falei com o doutor Rasserri e pedi que avaliasse a possibilidade de tirar Javier do estado em que se encontra para que eu possa falar com ele.

— Sei disso — ele a olha assombrado. — Pablo, Miguel Ángel Rasserri não é só um grande médico e de uma ética impecável, além disso, depois de tantos anos, converteu-se em um apoio importantíssimo para nós. Quase lhe diria que é um amigo. Por isso, ontem à noite ele me telefonou e me contou sobre seu pedido. Disse-me que ia avaliar, mas que antes de tudo precisava saber se eu tinha alguma objeção a fazer — olha-o. — Você parece surpreso.

— E estou.

— Não vejo por quê. Tendo em conta que não é ele quem pode tomar decisões por si mesmo, apesar de nossa diferença de idade ser mínima, fui nomeada temporariamente tutora de meu irmão e como tal tenho o direito e a obrigação de estar a par de cada coisa que aconteça com ele. Assim sendo, ainda que Miguel Ángel estivesse de acordo, se eu não autorizasse, você não poderia falar com ele.

Ele a nota firme e segura, apesar da difícil circunstância que está enfrentando. Está tranquila, mesmo que ainda um pouco triste e cansada.

— E qual foi sua resposta?

— Que não teria nenhum inconveniente, se eu pudesse vê-lo antes.

— Posso saber o porquê dessa condição?

Assente.

— Pablo, faz semanas que meu irmão está em um estado que não é consciente do que está se passando ao seu redor. E está nessa situação porque seu último ato voluntário foi a tentativa de suicídio. Por isso não me pareceu ser conveniente que seu primeiro contato com a realidade fosse uma conversa com alguém que não o viu nunca na vida para falar justamente do tema que gerou sua última crise. Pareceu-me conveniente, pelo seu bem, que seu regresso ao mundo fosse pela mão de alguém que o ama e em quem confia, e não de um estranho. Não se ofenda, sei que é um grande psicólogo, de outra maneira não o teria contatado para pedir que nos ajudasse, mas ainda assim creio que antes de falar com você ele mereça um pouco de carinho e atenção.

Olha-a quase com admiração. Paula é muito jovem para tomar as rédeas da situação com a clareza e a coerência com as quais está fazendo. Mas sabe que às vezes a dor empurra as pessoas para uma maturidade precoce.

— Não só a compreendo como também estou totalmente de acordo.

— Obrigada.

— Então, sendo que concordamos nesse ponto, não haverá nenhum problema para que eu possa falar com seu irmão.

— Não sei. Como eu lhe disse, não poderia fazê-lo sem o meu consentimento.

— Consentimento que acaba de me dar.

— Sim. Porém, quem ainda não o fez foi Rasserri, e eu não penso em fazer nada que ele me diga que possa prejudicar Javier. Inclusive se isso implicar que não aceite me ajudar neste caso.

Pablo não diz nada. Inclina-se em direção à bandeja e se serve de um pouco de café. Ela aproxima o açúcar, mas ele o rejeita. Faz anos que toma o café amargo.

— Mas não se preocupe — continua Paula —, não acredito que sua decisão demore muito.

— Sei. Pelo menos foi isso que ele me disse ontem à noite. — Bebe um gole antes de continuar. — Mas, como você bem disse, se estou aqui é porque preciso saber de algumas coisas.

— Pergunte-me.

Pablo está a ponto de fazer uma pergunta quando algo o interrompe. Algo estranhamente familiar. Fecha os olhos e sua mente procura a resposta. Não demora muito para identificar o som de um violino interpretando algo que reconhece de longe: o “Concerto em Lá Menor” de Bach. Lembra que Alejandra amava esse concerto e que, durante muito tempo, foi a música que acompanhou seus silêncios, seus jantares, sua intimidade.

— O que houve?

Pablo a silencia com um gesto de sua mão. Não pode deixar de escutar aquela música. Ao final de alguns minutos, a obra termina, mas ambos permanecem em silêncio até que Paula decide interrompê-lo.

— Lindo, não?

— Incrível. Eu lhe peço desculpas. Não esperava encontrar algo assim em meio a uma situação como esta e não pude evitar...

Paula vê seus olhos úmidos e sorri com ternura.

— Você se emocionou.

— Sim.

— Venha comigo, então — levanta-se e lhe oferece a sua mão. Ele a olha surpreso, mas a pega quase com obediência.

— Para onde vamos?

— Acompanhe-me, quero que conheça alguém.

Paula bate suavemente e abre a porta de um dos quartos. Assoma-se com um sorriso e pergunta em voz baixa.

— Posso entrar?

Pablo não escuta a resposta, mas a intui porque ela o olha sorridente.

Paula abre e entra.

Ele a segue em silêncio.



## IV

O quarto é, na realidade, uma sala de estúdio. Um delicado móvel de madeira clara em forma de “L” faz a função de mesa. Nele se distribuem de forma ordenada alguns cadernos, canetas, lápis, borracha, quatro ou cinco livros de música cuidadosamente empilhados, seguramente estão na disposição na qual serão estudados, e folhas pentagramadas em branco. No braço mais curto do “L”, há um computador que, neste momento, está conectado.

O vitrô comunica-se diretamente com o parque, e a parede oposta se encontra ocupada em sua totalidade por uma biblioteca lotada de livros dispostos numa desordem pensada e harmônica. Pablo olha dissimuladamente e comprova a grande variedade literária que contém. Só o piso acarpetado quebra um pouco a beleza do ambiente. Mas supõe que seja uma necessidade acústica. O quarto é lindo, mas antes de mais nada, é um lugar de estudo.

Sentada frente ao atril com o violino sustentado entre o ombro esquerdo e o queixo, uma menina o olha com uma mistura de surpresa e amabilidade.

— Camila, quero lhe apresentar Pablo, um amigo.

Ela o observa por um instante, deixa o violino sobre a mesa e se levanta para cumprimentá-lo. Antes de fazer isso, olha-o fixamente. Seus olhos são tão verdes e profundos como os de Paula, e sua beleza é extraordinariamente confusa. É inegável que ainda é uma criança, embora haja algo nela que gere uma sensação de estar frente a uma mulher. Paula os apresenta.

— Pablo, Camila. Camila, Pablo.

— Olá.

Pablo sorri. Até a sua voz é musical.

— Olá. Eu estive lhe escutando. O que posso dizer? Simplesmente maravilhoso.

— Obrigada — responde com a amabilidade de quem está acostumada com elogios.

Ele a olha sem poder sair do assombro. Não deve ter mais de doze anos, por isso demora a acreditar que fora ela a quem acabara de escutar...

— Pablo ficou muito impressionado.

— Emocionado seria o termo mais apropriado.

Camila assente.

— É uma peça comovente. Toco-a toda manhã antes de começar a estudar. É uma maneira de me conectar com a música pelo seu lado mais sublime. Permite-me desfrutar um pouco antes de

imiscuir nas dificuldades do estudo.

Pablo a escuta, incrédulo. O uso que Camila faz da linguagem é tão perfeito que se torna surpreendente para uma menina de sua idade. Escancaradamente assombroso.

— Posso perguntar sua idade?

Ela ri de um modo travesso, e algo de inocência infantil se assoma a esse gesto.

— Claro, ainda não tenho que me preocupar em mentir. Tenho treze anos.

Paula se aproxima e lhe faz um carinho.

— Mas é a mais madura dos três. A única que tem sabido fazer as coisas direito e, além disso, o orgulho da família.

— Por favor, não. Você sabe que eu não gosto que fale assim.

— Mas é verdade.

Ele olha para Paula e se dá conta de que é a primeira vez que a vê sorrir, relaxada. É evidente que está orgulhosa de sua irmã e que sua relação é bem próxima, estreita.

— Pensei que eram só dois irmãos.

— É que ainda não tivemos tempo para conversar muito sobre nossas vidas, não?

— Verdade.

Faz-se um silêncio que Camila quebra com um comentário simples que é, por sua vez, um pedido e uma ordem.

— Tenho que estudar.

— Certo, perdão — Paula sorri para ela e caminha em direção à porta. Pablo a segue sem deixar de olhar para a pequena violinista.

— Muito prazer em conhecê-la.

— Obrigada — responde-lhe enquanto se acomoda prontamente em sua cadeira de estudo.

Refazem o caminho até a sala na qual estavam anteriormente conversando. No fundo, começam a escutar escalas.

— É espantoso — Paula assente. — Você tem consciência do talento de sua irmã?

— Claro. Todos temos, inclusive ela. Camila não é uma garota que simplesmente gosta de música e por isso tem aulas de violino. É uma musicista que, desde os cinco anos, estuda entre seis e oito horas por dia para chegar a ser uma das melhores. De fato, não creio que exista no país alguém de sua idade que a supere. Mas ela sabe que isso não basta e sempre está buscando decifrar algo mais, melhorar, superar-se a cada dia.

— E o que ela diz sobre a morte de seu pai?

Pensa uns segundos. Suspira antes de falar.

— Não tem falado muito sobre o assunto.

— O que sabe sobre o que aconteceu?

— Tudo. Você deve ter se dado conta de que Camila não é uma garota comum. Sua inteligência e sua maturidade a fazem bastante diferente da maioria das meninas de sua idade. Não tem sido fácil ocultar-lhe dos fatos. Além disso, também era seu pai, e como você diz em um dos seus livros: “por mais doloroso que seja, todo indivíduo tem direito a conhecer a sua verdade”.

Pablo assente.

— E como ela reagiu ao fato de que, aparentemente, Javier seja o assassino?

Ela o olha com assombro.

— Como assim, aparentemente?

Silêncio.

— Sim, e era sobre isso também que eu queria falar com você — pausa. — Paula, você sabe que seu pai se movia em um ambiente complicado e perigoso.

— Sem dúvida.

— Eu não sou um especialista nisso, mas quanto mais me aproximo do assunto, mais dúvidas tenho de que Javier tenha sido o assassino.

Paula o olha, incrédula, e responde prontamente à pancada que a informação acaba de lhe causar.

— O que você está me dizendo é muito forte.

— Sei disso, mas é algo em que temos que pensar. Pelo pouco que pude ver, potencialmente há uma longa lista de pessoas que devem ter se alegrado muito com a morte de seu pai — Paula assente. Ele faz uma pequena pausa. — Deixe-me lhe fazer uma pergunta. Você também está nessa lista?

Ela o olha por um longo tempo antes de responder.

— Pablo, meu pai não era um pai como todos os outros. Era um homem ausente, com o qual não tínhamos quase relação alguma. Alguém inescrupuloso para quem nós, seus filhos, nunca fomos algo importante, pelo menos eu não tenho lembranças felizes ao lado dele. Não tive férias, nem passeios pela praça, nem brincamos juntos nem nada. Creio que jamais me amou e a verdade é que eu tampouco o amava muito. E se devo lhe ser franca, não senti a menor dor ao inteirar-me de sua morte. Pode soar horrível, mas é assim. Não me dói, não sinto sua falta, não

sinto saudade — baixa o olhar. — Acredito, inclusive, que é melhor para nós que esteja morto — toma ar e segue. — Como pode ver, minha relação com ele era muito ruim, mas não sei se tanto para dizer que me alegro com sua morte. Responde à sua pergunta?

— Suponho que sim.

Paula sorri.

— Você me converte em suspeita de homicídio?

— Pelo menos, no momento, eu não lhe descartaria — ela meneia a cabeça sem expressar nenhum gesto de raiva. — Em que você está pensando?

— Que talvez eu não devesse tê-lo procurado.

— É possível, mas o fez. E já que estou aqui, gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas.

— Está bem. Mas, se não for lhe incomodar, podemos conversar enquanto caminhamos pelo parque? Preciso tomar um pouco de ar.

— Como queira.

Paula se levanta e ele faz o mesmo. Não pode evitar olhá-la enquanto caminha diante dele. Efetivamente, é uma mulher sensual e atraente. Saem e se distanciam da casa.

Lá dentro, Camila segue estudando. Seus dedos se movem pela *tastiera*, ou seja, pela escala das cordas do braço do violino com agilidade e precisão. Em sua mão direita, o arco se desliza com destreza pelas cordas e, neste momento, nenhum outro pensamento cruza sua mente.

# V

Duas horas depois, despede-se de Paula na sala. Ela deve ocupar-se de outras coisas, e ele já tem muitos dados nos quais precisa pensar antes de tomar uma decisão. Ao sair da casa, olha para o caminho arborizado que leva à saída e para. Tenta imaginar o percurso que Roberto Vanussi realizou no momento de sua morte. Tropeçando? Talvez se arrastando? Não sabe, mas sente um arrepio e sua mente se enche de imagens e perguntas. Até onde ele teria chegado? Em que lugar exatamente teria ficado o corpo? Qual seria o canteiro em que encontrou a lâmina com a qual foi assassinado?

Sente-se estranho. Tudo se torna tão estranho. Porque se não conhecesse o que ocorreu, o lugar lhe pareceria um paraíso. O bosque, a casa, a beleza de Paula, a música de Camila. Tudo tão perfeito. Mas ele sabe que a perfeição não existe e enquanto pensa nisso uma voz o interrompe.

— É um lindo lugar, não? — diz como se estivesse lendo seu pensamento.

Sobressalta-se e vira a cabeça. Recostada numa cadeira de balanço, debaixo da lateral do beiral, olhos verdes o olham. Ele sorri e se aproxima.

— Sim, realmente.

Mesmo que seu gesto seja amistoso, percebe que Camila não está relaxada e que não deixa de olhá-lo nem um só segundo. Pablo assinala uma cadeira que está à frente dela.

— Posso me sentar?

Ele parece notar uma expressão de dúvida quase imperceptível no olhar dela.

— Sim, claro.

Ele agradece com um sorriso. Camila se acomoda em sua cadeira, cruza as pernas e apoia as mãos sobre os joelhos.

— Terminou de estudar?

— Não, isso não termina nunca. Estou descansando um pouco antes de continuar — faz uma pausa. — Eu sei quem você é.

— Ah, é?

— Sim. Você não é um amigo... você é um psicólogo.

— Bem, nós psicólogos também temos amigos.

— Sim, claro. Mas você não é um amigo de minha irmã. E também não é psicólogo dela.

Ele assente.

— Paula contou para você quem eu sou?

— Não. Mas vi sua foto em vários livros que ela lê. E, uma vez, folheei um pouco.

Ele sorri.

— Verdade? Isso sim é um elogio, uma honra! Em geral não tenho leitores de sua idade. São livros bem teóricos.

— E um pouco chatos. Dei-me conta disso logo que comecei a lê-los — deixa escapar uma risadinha. — Não entendi nada.

Ele também ri.

— Bem, isso me alegra.

— Por quê?

Ele sente a necessidade de ser sincero com ela.

— Porque já teria me preocupado. Saber que você tem uma maturidade excessiva para sua idade é uma coisa, mas se tivesse entendido minha hipótese sobre a importância do papel da mãe nos transtornos esquizofrênicos, isso já seria outra coisa, o que me pareceria demais — ela pensa por um instante e perde o olhar em direção à porteira. — No que ficou pensando?

— Que eu não poderia ser esquizofrênica, então.

— Por quê?

— Porque se minha mãe tem a ver com isso, estou salva. Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos. Não teve sequer tempo de me deixar louca.

Camila se equivoca. Quatro anos é um tempo mais do que suficiente para que isso ocorra, mas ele não diz isso a ela. Pablo sente algo familiar na situação. Leva apenas um segundo para compreender do que se trata. É a presença da angústia. Camila tem se angustiado. Não há expressões que denotem, mas pode sentir. Ela abriu uma comporta e ele se pergunta o que deve fazer, mesmo que a incerteza se instale, mas dura apenas alguns instantes.

— Sente saudade dela?

Assente.

— Todos os dias de minha vida — ela o olha seriamente. — Posso lhe contar um segredo?

Ele sabe que nenhum analista deve permitir que se mobilizem coisas se não está disposto a ficar e fazer algo com isso, que não pode gerar com sua escuta confusões que deixem alguém cara a cara diante da dúvida ou da dor e ir tranquilamente para casa. Por isso, pensa, mas se dá conta de que esses olhos verdes, por um momento, perderam sua inteligência e sua agudeza.

Agora são olhos de uma menina que sofre. Olham-no de maneira suplicante. E não pode se negar a escutar o que ela tem a lhe dizer.

— Claro, conte-me.

Ela move os dedos nervosamente, brincando com o cadarço de seu tênis.

— No estojo do meu violino, tenho uma foto de minha mãe. Veja bem, isso ninguém sabe, nem minha irmã. É como um segredo de confissão.

— Fique tranquila.

Pablo faz silêncio. Não foi uma decisão consciente, mas agiu como teria feito com um paciente. Ele lhe dá tempo para conectar-se com seu afeto e suas recordações.

— É estranho.

— O que é estranho?

— Que apesar de minha mãe ter morrido há nove anos, ainda tenho gravada a sua voz. Como se o tempo não houvesse passado.

Ela fecha os olhos. Certamente, um sem-fim de imagens está cruzando sua cabecinha. Logo depois, algumas lágrimas molham seu rosto.

— Tenho recordações muito fortes dela. Era uma mulher tão linda e carinhosa. E, além disso, tinha um grande talento. Mamãe pintava, você sabia?

— Não.

— Sim, era muito boa. E amava música. Ela me contagiou com essa paixão. Às vezes, ainda sinto o calor de sua mão apertando a minha enquanto escutávamos juntas algum concerto.

— Ela a levava aos concertos aos quatro anos?

— Sim, e antes ainda. Foi nosso mundo compartilhado. Um mundo que hoje eu vivo só — cala-se, mas volta a se abrir. — Claro que sinto saudade dela... mais do que isso... eu preciso dela.

Para uma garota como ela, não deve ser fácil se mostrar debilitada, frágil. Em apenas algumas horas, Pablo conseguiu compreender o rol que ocupa a família. Camila é “a especial”, “a diferente”, a que vai ter que chegar lá em cima e, como disse sua irmã, a única que faz as coisas bem. É muito peso para alguém que, apesar de sua potencialidade, não deixa de estar apenas saindo da infância.

— Sabe, às vezes é bom se permitir sentir angustiada.

— Eu me permito. Só que eu faço quando ninguém me vê.

— Por quê?

— Porque, desde que minha mãe morreu, já não há mais ninguém que me abrace quando eu choro.

Pablo sente o baque. Conhece muito bem essa sensação de desespero. O que Camila acaba de dizer o remete diretamente à relação com seu pai. Mas deve agir rapidamente. Não é sua dor o que está em jogo nesta conversa.

— E Paula?

— Paula... — pensa ela. — Tinha dezoito anos quando mamãe morreu. Agora eu me dou conta do quão garota era. Sem dúvida, sempre a vi como se fosse uma pessoa mais velha. E sim... muitas vezes me refugiei e me senti protegida por ela. Mas isso foi quando eu era ainda bem pequena. Agora já sou grande — ele sorri. — Bem, maior do que eu era, quero dizer, e me dou conta de que não posso com tudo. Comigo tudo caminha bem, diferente de Javier, que sempre teve problemas, e por isso ela teve que lhe dedicar a maior parte do tempo.

— Sente como uma rejeição?

— Não. Parece-me justo. Ele estava doente. Eu podia me virar sozinha.

Ele a olha.

— Camila, você tinha quatro anos. Como pode lhe ocorrer que ia poder se ajeitar sozinha?

Nega com a cabeça.

— Não sei... mas sempre me senti assim.

Faz-se um silêncio. Pablo vê que ela voltou a reclinar-se na cadeira de balanço e que, apesar da angústia, está mais relaxada. Com a cabeça apoiada nas mãos, as pernas esticadas, traz-lhe uma imagem conhecida. Camila parece estar recostada no divã.

— Cuidado — diz a si mesmo —, mas não pode evitar seguir adiante.

— Bem, nem sempre o que sentimos é certo.

— Pode ser.

— E Francisca?

— Francisca foi um pouco a mãe de meus irmãos e eu gosto muito dela, mas nunca pude me relacionar da mesma forma que eles.

Ele pensa bem antes de perguntar.

— E seu pai?

Ela o olha e seu olhar volta a endurecer. Ele pode sentir como as defesas dela se levantam em um segundo e essa menina que havia começado a falar se oculta atrás da máscara da jovem prodígio, a adolescente madura e inteligente. Ajeita-se na cadeira e o olha.



— Não tenho vontade de falar dele neste momento. Não fique bravo.

— Não, de forma alguma.

Silêncio.

— Está fazendo um pouco de frio, é melhor eu entrar. Além disso, acabou a hora do recreio e devo voltar a estudar.

— Certo. Gostei muito de falar com você.

— Obrigada, eu também.

Aproxima-se e lhe dá um beijo. Dá a volta e começa a caminhar em direção à saída. Sente o olhar de Camila cravado sobre ele, mas não pensa em voltar a menos que...

— Pablo — chama.

Ele se detém e a olha.

— Sim?

— Vi que você gosta muito de música. Se quiser, outro dia, posso tocar para você ouvir o concerto que estou preparando.

Ele compreende. Ninguém pode se abrir totalmente na primeira conversa. Ela está pedindo que ele volte, que não a abandone, e o faz à sua maneira, como pode, mas ele necessita que dê um passo mais.

— Você gostaria que eu voltasse?

Hesita. Baixa sua cabeça. Quando volta a olhá-lo, ali estão, novamente, os olhos da menina assustada. Não pode falar, mas move a cabeça em um gesto de aprovação.

— Eu ficarei encantado, então — ela o retribui com um sorriso de gratidão. — Mas, antes, tenho que pedir permissão à Paula.

— Por quê? Não entendo.

— Isso me alegra, uma vez mais. Mas não se preocupe que eu falo com ela.

Ela encolhe os ombros.

— Como queira.

Cruza o grande portão e para. Está mobilizado. Caminha em direção ao táxi e sobe. O automóvel se coloca em movimento e ele fica olhando pela janela enquanto se afasta da casa.

Nesse mesmo instante, Camila entra em seu quarto com um sorriso.

Paula, confusa, pega o telefone e faz uma chamada.

## VI

Rasserri entra no quarto. Está ansioso e não pode ocultar sua preocupação. Depois do pedido de Pablo, não pôde pensar em outra coisa, se bem que, quase imediatamente depois de tomar a decisão de tirar as medicações que mantinham Javier dormindo, não pregou os olhos durante toda a noite. Não está de todo convencido de ter feito correto. Qual será a reação de Javier ao voltar a tomar contato com a realidade? Além disso, enquanto estava nesse estado podia mantê-lo dentro da clínica e protegê-lo. É verdade que não pode deixá-lo dormindo por toda a vida, mas o que acontecerá quando ele despertar?

Preocupa-o pensar que o fiscal da polícia possa pedir sua reclusão em um cárcere comum até que o julgamento termine. Não pode permitir que isso aconteça. E não irá, por isso falou com Pablo e lhe fez prometer que ninguém ficará sabendo da mudança de estado de seu paciente. Seria um segredo entre eles, de outra maneira, não lhe permitiria falar com ele.

Reservava consigo certa esperança de que Paula se negasse a dar sua autorização. Isso o teria poupado de ter que ser ele quem tomasse a decisão. Porém, a jovem, depois de ter pensado por alguns minutos, dera seu consentimento. É evidente que confia muito em Pablo e, goste ou não, ela é a tutora de Javier. De todas as maneiras, havia deixado bem claro que não faria nada que ele considerasse prejudicial para seu irmão. Por isso, o que mais o atormentou durante suas horas de insônia foi buscar o motivo pelo qual aceitou a proposta.

*O psicólogo Rouvriot quer chegar à verdade. Os analistas e a porra da mania de ir atrás da verdade*, pensa o psiquiatra. Como se isso fosse possível. Como se houvesse uma única verdade.

Porém, é verdade que Pablo lhe caiu bem. Qualquer outro poderia ter se aproveitado da situação desses jovens milionários com problemas, demonstrar facilmente que Javier não podia estar em uma prisão comum e ter levado uma boa quantidade de dinheiro no bolso. Mas Pablo agiu de maneira muito distinta e isso para ele não passou despercebido.

Rasserri conhece a família há muitíssimo tempo e sabe que foram poucas as pessoas que se aproximaram deles com a intenção sincera de ajudá-los. A rejeição, quando não o medo que gerava Roberto Vanussi, tinha expulsado todo aquele que tivesse querido entrar em contato com Victoria, sua esposa, ou com seus filhos.

Victoria Peña. Jamais entendeu por que alguém como ela havia se envolvido com um sujeito

como Vanussi. Era uma mulher doce e linda. De fato, tudo o que há de bom em seus filhos, desde a beleza e os talentos até os valores, provém dela. Rasserri não tem nenhuma dúvida disso.

Victoria era dona de uma grande sensibilidade artística e uma enorme firmeza para cuidar dos filhos, educá-los e protegê-los o máximo possível do entorno sinistro de seu pai. Até que as forças a abandonaram. Ele se lembra daquela época. O olhar dela foi perdendo pouco a pouco o brilho que tinha, e sua beleza, mesmo que não a tenha abandonado por completo, começou a ir embora ante o aparecimento dos sinais de um câncer que a consumiria em poucos meses.

Devido ao contato profissional permanente, chegara a tornar-se seu amigo ou, pelo menos, uma pessoa na qual confiava plenamente. Por isso, na última vez que se viram, Victoria lhe pediu que não abandonasse seus filhos. Sabia que lhe restava pouco tempo e lhe aterrorizava pensar que Paula, Javier e Camila, que era apenas uma criança, ficassem sob o cuidado absoluto de Roberto.

Ele tomou esse pedido como um compromisso e sempre tentou cuidar desses jovens na medida em que lhe foi possível. Não tem sido uma tarefa fácil. E não porque Vanussi tivesse se oposto, já que ele nem sequer se inteirava muito do que acontecia com seus filhos, senão porque cada um se refugiou em seu mundo. As mulheres na paixão pela arte e o estudo que herdaram de sua mãe, e Javier... Javier não tivera tanta sorte e, em vez disso, havia inventado uma realidade alternativa na qual se escondia de tempos em tempos. Uma realidade construída com delírios e alucinações.

E tem pagado um preço enorme por essa maneira doente de se proteger. Mas, para algumas pessoas, a loucura se torna o único refúgio possível.

Imerso nesses pensamentos, aproxima-se da cama e se dirige ao médico de plantão.

— Como ele passou a noite?

— Bem, muito bem, doutor. Por alguns momentos, inclusive, pareceu recobrar um pouco a consciência. Mas só foram rajadas. Em seguida, voltou a dormir — Rasserri assente. — Doutor, posso lhe perguntar por que decidiu essa mudança no tratamento?

— Não, não pode.

— Desculpe-me, não quis parecer insolente.

— Tranquelize-se, não o foi. Deixe-me a sós com ele, por favor.

— Como queira, doutor. Com licença.

O médico se retira amaldiçoando o momento em que lhe passou pela cabeça fazer essa pergunta. Rasserri traz para perto uma cadeira e se senta ao lado de Javier. Tenta agir de maneira

profissional, mas adverte que está comovido.

Sabe que para Javier a realidade virá à tona a qualquer momento. Não será algo agradável, quer estar próximo. Afinal de contas, foi uma decisão sua.

Sente o impulso de lhe dar um abraço, de protegê-lo, mas tudo o que acontece no quarto está sendo filmado, e não lhe interessa nem um pouco que suas emoções particulares se tornem públicas.

Pega a pasta-arquivo na qual se registram com intervalo de uma hora as alterações que os aparelhos vão registrando no paciente. Pelo que vê, não falta muito para que abra os olhos e tenha que enfrentar a realidade. Ao pensar nisso, envolve-lhe uma onda de angústia. Terá tomado a decisão certa?

Não tem certeza, não se sente seguro. Mas já faz tempo que aprendeu a conviver com o fato de que não pode estar seguro de tudo.

Olha-o mais uma vez e lhe toma a mão como para demonstrar um cumprimento mais íntimo, e um arrepio lhe percorre. Não pode ser um erro. Os dedos de Javier se fecharam em torno dos seus. Olha para seus olhos e comprova o movimento reflexo que indica que as drogas deixaram de agir. Já falta muito pouco tempo para que desperte.

— O que eu fiz? — pergunta a si mesmo com pesar.

Como resposta a essa pergunta, Javier pressiona um pouco mais sua mão.

— Bem-vindo, Javier — sussurra quase para si mesmo. — Bem-vindo outra vez para este mundo de merda.

## VII

Sentado na poltrona de seu escritório, o advogado Alberto Míguez espera ser atendido. A secretária lhe pediu que aguardasse um instante, mas esse está sendo eterno. Está nervoso e o telefone treme em suas mãos, ainda não entende bem o que está acontecendo, mas sabe que não pode se demorar em comunicá-lo.

Apesar do nervosismo e da cascata de pensamentos que o invadem, percebe os ruídos que chegam do outro lado da linha: risos, atritos das xícaras de café, impressoras e um murmúrio constante num tom mais elevado. Por fim, escuta o som de uma porta que se fecha, e uma voz grave o atende.

— Doutor Míguez, devo dizer que sua ligação não apenas me surpreende como também parece-me pouco prudente. Espero que tenha uma razão muito boa para tê-la feito.

Alberto Míguez hesita antes de falar.

— Temos um problema.

— Explique-se.

— Alguns instantes atrás, recebi um telefonema de Paula Vanussi.

Míguez avalia cada uma das palavras que vai usar. Sabe que não vão ser bem recebidas e teme a reação de seu interlocutor.

— Disse-me que queria marcar uma reunião comigo para modificar os termos da apresentação judicial do caso de seu irmão.

— Doutor, poderia ser um pouco mais preciso?

Sim, ele pode, mas não sabe se quer sê-lo. Por fim, decide que o melhor é ser franco.

— Explico-me. Como o senhor sabe, a defesa de Javier Vanussi ia se centrar em reconhecer a culpa no assassinato de seu pai e tentar demonstrar que, devido ao seu estado mental, não pode ser considerado imputável por esse delito. A ideia era mantê-lo recluso em uma clínica particular pelo tempo que o juiz dispusesse e assunto encerrado.

— Até agora, não está me dizendo nada de novo.

Engole saliva.

— A irmã acaba de me dizer que quer que peçamos uma prorrogação ao juizado.

— E eu posso saber por quê? — pergunta, irritado.

— Porque disse que duvida que Javier tenha sido o assassino de seu pai.

Silêncio.

Míguez sente que umas gotas de transpiração molham-lhe a testa. Tem taquicardia e não pode evitar que todo o seu corpo trema como se estivesse com febre.

— Mas você me disse que tinha uma nota escrita pelo garoto na qual confessava.

— Sim, senhor.

— E disse também que o caso seria muito simples, que nem sequer ia fazer uma grande investigação porque, segundo suas próprias palavras: *perante a confissão da parte, as provas são irrelevantes*. Estou errado?

— Não, senhor.

— E eu posso saber que merda aconteceu para que você esteja me dizendo isso agora? Sabia que não seria fácil.

— Senhor, já ouviu falar de Pablo Rouvriot?

— Não. Quem é?

— É um psicólogo bastante conhecido.

— E que caralho tem a ver um psicólogo nisso tudo?

— Paula o contratou para que fosse o perito e fizesse um informe para o juiz explicando o estado mental de seu irmão e pedindo que fosse reconhecido como imputável do crime.

— E?

— E Rouvriot não está convencido de que Javier tenha sido o autor do feito e convenceu Paula a lhe dar um pouco mais de tempo para investigar.

Do outro lado da linha, chega um pesado silêncio. Míguez não diz nada, simplesmente espera ansioso a reação do homem de voz grave. Os segundos passam e sua inquietude aumenta. Sabe bem com quem está falando, por isso tem medo.

— Doutor, posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim, senhor, claro.

— Diga-me uma coisa, você é um idiota ou se faz de idiota?

— Não entendo.

— Ah, não entende. Então eu vou ser mais claro: você me garantiu que o caso era simples e que ninguém ia remover nada, que havia convencido a família acerca de qual era a melhor estratégia a seguir e que a confissão do tonto do pentelho dava por encerrada a investigação. E mais, se você não se lembra, não só ia cobrar uma linda soma de dinheiro por representar Javier Vanussi como também já foi creditada em sua conta uma soma de dinheiro nada desprezível

como forma de... como podemos dizer, agradecimento pela agilidade com que havia resolvido o assunto. Lembra-se?

— Sim, naturalmente, claro que lembro.

— Ótimo. Então, por que agora você me vem com toda essa merda? E não sei se tem consciência do que está me dizendo, mas temos sido muito generosos com o doutor e esperávamos que estivesse à altura das circunstâncias, devo confessar-lhe que me encontro diante de um dilema.

— Não entendo.

— Claro, coloca-me numa situação de dizer-lhe que as pessoas que lhe deram esse dinheiro não estão satisfeitas com seu serviço e entenderá que isso que não será bem recebido.

A essa altura da conversa, Míguez treme tanto que custa sustentar o telefone na mão.

— Eu juro que se isso não for solucionado vou devolver até o último peso.

— Veremos... Parece que não está entendendo. Por mim, você pode enfiar o dinheiro no rabo, nota por nota. Não é isso que nos interessa. Ficamos no pé em que a investigação se encerrava e isso é o que você se comprometeu a nos dar. Se não, compreenderá que me verei obrigado a tomar decisões que preferiria não tomar. Suponho que esteja me entendendo.

— Sim.

Faz-se um longo silêncio depois do qual o homem lhe fala em um tom muito mais relaxado e compreensivo.

— Veja, doutor, faremos uma coisa. Por hora, esta conversa fica entre nós. Não me parece ainda necessário preocupar ninguém. As pessoas para quem trabalho podem ficar nervosas e isso não seria conveniente para você; e eu, juro, não tenho nenhuma intenção de causar problemas. Ninguém quer que se remexa nesse assunto porque isso poderia trazer consequências desagradáveis para todos e, assim sendo, eu me permito dar um conselho. Encarregue-se de convencer Paula Vanussi de que seu pedido é um erro. Diga que irá expor seu irmão desnecessariamente, que corre o risco de terminar na prisão comum ou que devido aos trâmites judiciais já é tarde para mudar a apresentação... Não sei, você entende mais desse assunto do que eu. Eu deixo em suas mãos. Vou esperar seu telefonema confirmando que o assunto foi resolvido para que todos possamos ficar tranquilos, o que acha?

— Bem, prometo que vou tentar.

— Não, doutor — a voz volta a endurecer. — Não tente, simplesmente faça e resolvido, porque senão eu me verei na obrigação de informar o que está acontecendo e lhe asseguro que

as consequências não lhe agradarão nem um pouco. Mas não tem com que se preocupar. Somente faça o seu trabalho direito e continuamos amigos como sempre. Fui claro?

— Sim.

— Bem, então, até breve — detém-se antes de desligar. — Ah, perdão... Qual era mesmo o nome do psicólogo que você me disse?

— Rouvriot, Pablo Rouvriot.

— Perfeito. Obrigado.



# VIII

Seis da tarde. Sua mesa está coberta de papéis com anotações caóticas e desordenadas. Quase um exercício de associação livre. Chuva de ideias, como chamava Alejandra. Em frente a ele, numa lista escrita em forma vertical, nomes de pessoas com as quais tem falado nesses dois dias se misturam com outras que nem sequer conhece.

Em um momento, um raio de lucidez parece iluminá-lo.

— Mas que merda é essa em que eu fui me meter?

Mas só dura um instante. Sem se dar conta, seus olhos se voltam ao papel, e a caneta brinca em sua mão. Algumas batidas à porta o sobressaltam.

— Posso? — Helena entra trazendo o chá.

— Claro.

Ela se senta em frente a ele, toma seu chá e lhe oferece o seguinte. Ele aceita e, por um momento, a sensação volta a ser aquela do cotidiano.

— Ah... estava precisando disso. Obrigado.

— Loiro, quer conversar?

— Quem quer falar, ao que parece, é você.

— Tem razão.

Pablo coloca seus papéis de lado.

— Bem, estou aqui pronto para lhe ouvir.

Olha.

— Não ficarei dando voltas. Estou preocupada com você. Faz dois dias que quase não aparece aqui, suspendeu os clientes da semana toda, teve uma conversa com Fernando que, pela cara com que ele voltou, não se trata de organizar uma festa de despedida de solteiro, e, além disso, eu o noto ansioso e tenso. Por que não me conta o que está acontecendo?

Ele toma o chá e pensa.

— Está certa de que quer escutar a história?

— Naturalmente.

Ele começa a relatar para sua amiga a sucessão de acontecimentos desde o momento em que Paula Vanussi entrou em seu consultório. Omite, claro, as horas que passou com Luciana. Não é que não possa conversar com ela sobre uma aventura amorosa, mas lhe parece que não é o

momento de falar disso. Tampouco dá detalhes da conversa que teve com Fernando.

Helena o escuta atentamente e sem interrompê-lo. De vez em quando, franze a testa em uma expressão de inquietude. Os minutos passam e Pablo continua falando. E assim, entre um chá e outro, Paula, José, Rasserri, Javier, Camila, Bermúdez e suas fotos vão tomando identidade e ocupando um lugar em seu relato.

Quando termina, ambos ficam em silêncio. Ela está um pouco mais preocupada que antes, e ele muito mais aliviado.

— Uff... Mas que bela confusão — exclama ao mesmo tempo em que aponta a folha na qual Pablo estava escrevendo. — E isso?

— É uma lista de pessoas com as quais eu gostaria de falar.

— De onde as tirou?

— De minha conversa com Paula.

— Quem são?

— Pessoas relacionadas com o pai dela — vira a folha para que ela possa ver os nomes. — A última mulher com quem esteve saindo, seu sócio na empresa de construção, um par de amantes ocasionais, alguns suspeitos devedores, um deputado com quem costumava ter bastante contato e...

Helena o interrompe.

— Loiro, você se dá conta de que tudo isso é uma loucura, certo? — ele a olha. — Você é um psicólogo. Sua vida passa pelos pacientes. O que você avalia sobre estar se metendo nessa confusão? Escute bem — Pablo baixa o olhar. — Olhe para mim. Você não é obrigado a fazer isso. Sua especialidade não é forense, mas, se apesar disso quer brincar de sê-lo, faça-o. Porém, uma coisa é dar uma opinião psicológica sobre o estado de loucura de um indivíduo, e outra bem diferente é enfiar-se para investigar toda essa sujeira. Loiro, não se pode caminhar no meio da merda sem se sujar. E sim, como você é capaz de supor, atrás desse crime há algo mais do que um filho transtornado que sofre de doença mental, parece-me que você está se enfiando numa tempestade, numa tormenta.

— O que está querendo dizer com isso?

— Que se alguém foi capaz de matar um cara tão da pesada como Roberto Vanussi, quem pode garantir que não fará o mesmo com você?

Pablo faz silêncio. O que Helena está dizendo é perfeitamente coerente. Em meio ao turbilhão em que esteve vivendo, não parou para pensar em algo tão simples e elementar. Uma

sensação de angústia lhe percorre o corpo.

— Esqueça tudo isso, Loiro. Volte para cá e faça o que você sabe fazer — ela o olha. — A verdade é que, se antes eu estava preocupada com o que poderia estar acontecendo com você, agora estou apavorada. Mas me fale só mais uma coisa — ele sabe a pergunta antes mesmo que Helena a formule e já tem a resposta. — O que Fernando tem a ver com tudo isso?

— Nada.

— Você tem certeza?

— Sim.

— Então por que quis falar com ele?

— Porque seu marido é um homem com muitíssimos contatos e eu precisava de um favor — Helena o olha, com ar interrogativo. — Está bem. Eu vou lhe dizer somente para que não se preocupe sem motivo. Eu precisava ter acesso a alguns dados que têm a ver com o assassinato de Vanussi e para isso alguém teria que me abrir a porta de uma sala na delegacia de polícia. Bem, Fernando falou com uma pessoa que podia fazê-lo e pediu por mim — Helena vira a cabeça e desvia o olhar. — Em que está pensando?

— Em quantas coisas desconheço sobre Fernando. Sei que é um homem de negócios que conhece muita gente importante, mas não pensei que podia ter acesso a coisas como essas — diz com ar pensativo.

— Helena, não pegue no pé dele. Fernando é um bom sujeito e agradeço o gesto que teve comigo. Mas ele está fora desse mundo. Obviamente, não se pode estar em certos níveis sem conhecer algumas pessoas desagradáveis, mas isso não o converte em uma delas. E se há partes do mundo dele que você desconheça, é justamente porque está cuidando de você e não quer que se relacione com pessoas de merda com as quais ele não pode evitar de se vincular.

Ela assente e lhe serve outro chá-mate. Ele a olha.

— Quanto mais penso no que me disse, mais me convenço de que tem razão.

— Isso me alegra.

— Mas surgiu um problema.

— Qual?

— Camila.

— A garotinha? O que houve com ela?

— Acredito que ela esteja pedindo ajuda.

— É compreensível. Sua mãe morreu quando ela era apenas uma menininha, seu pai aparece

numa vala, cheio de navalhadas, e o assassino acaba sendo nada mais nada menos do que seu irmão, que, além disso, está totalmente louco. Eu não sou psicóloga, mas não acredito que alguém com treze anos que tenha passado por tudo não precise de ajuda. Mas o que você tem a ver com isso?

— Que fui eu quem escutou esse pedido.

— Bem, encaminhe para algum especialista de sua confiança. Você conhece centenas que poderiam pegar o caso — ela o olha. — Não — exclama —, não posso acreditar. É só uma impressão minha ou está considerando a possibilidade de atendê-la você mesmo?

Pablo sorri como resposta.

— Ah, não. Você está mais louco do que eu pensava. Deixe-me ver aqui, diga-me, desde quando é especialista em crianças?

— Helena, entenda-me. Há um pobre garoto que pode chegar a ser condenado pelo resto da vida por um assassinato que provavelmente não cometeu e uma garotinha desesperada que está pedindo ajuda aos gritos. O que você quer que eu faça?

— Que deixe de se autofoder, isso que eu quero. Não é forense nem especialista em crianças. Tenha consciência disso. Não pode com tudo, Loiro. Você não é Deus.

Helena se levanta e caminha pelo consultório.

— Não estou entendendo. Isso é uma encrenca gigantesca e você, por sua própria vontade, está se metendo nela até o pescoço. Loiro, preste atenção no que eu estou dizendo e saia fora disso.

O telefone os interrompe. Helena atende e seu rosto se transfigura com uma expressão de desgosto.

— Um momento, vou verificar se ele está — abaixa o telefone e tampa o bocal. — É Paula Vanussi — olha-o de uma forma enérgica e suplicante ao mesmo tempo. — Peça-me para dizer que não está.

Ele também a olha e hesita. Depois, estende a mão. Ela nega com a cabeça e lhe dá o telefone.

— Tomara que eu esteja errada, mas tenho um pressentimento de que tudo isso não irá acabar nada bem.

Sem dizer mais nada, retira-se e fecha a porta atrás de si. Pablo reserva alguns segundos antes de responder.

— Alô.

— Alô. Já consegui o que você me pediu. Hoje às oito. Se quiser, posso passar para buscá-lo.

Olha para o relógio. Sim, ele tem tempo. Sabe que deveria dizer não e sair dessa história de uma vez por todas. E sabe também que este é o momento de fazê-lo.

Está convencido de que o melhor é seguir o conselho de Helena, mas não consegue tirar da cabeça algumas imagens: a de Javier Vanussi em coma induzido, o rosto de Camila, a cara transfigurada da foto de Bermúdez. E sem decidir, escuta sua própria voz.

— Está bem. Eu lhe espero.

# IX

Verônica Chiezza sempre foi uma garota humilde que a morte prematura do pai deixou totalmente desprotegida. Sua mãe jamais pôde se recuperar dessa perda e pouco a pouco foi se fechando em um mundo de solidão e depressão. Assim, Verônica teve que tomar as rédeas de sua vida aos catorze anos e se encarregar não apenas de si mesma como também da mãe. E não o fez tão mal. Terminou o ensino secundário e depois de alguns cursos de capacitação, que conseguiu pagar com muito esforço, ajudada por seu encanto pessoal, conseguiu um bom trabalho em uma empresa multinacional. Ali, conheceu Roberto Vanussi. Isso já faz alguns anos.

A princípio, não quis envolver-se com ele. Havia algo nesse homem que, apesar de ser bem atraente, a inquietava. Talvez fossem as caras de seus chefes toda vez que ele os visitava ou, na melhor das hipóteses, essa atitude impune que parecia ter ante cada uma de suas falas e de seus atos. Não sabia bem, mas o certo é que ele a assustava, como também a agradava.

Verônica, com seu um metro e setenta e cinco, traços finos e atraentes e grandes olhos marrons, chamou imediatamente a atenção de Vanussi. Era, além disso, uma mulher jovem e inteligente, e ele não demorou a deixar evidentes suas intenções.

Ela declinava com respeito, coisa que não era nada fácil. Roberto Vanussi não era um homem acostumado com rejeições. No entanto, depois de um tempo, pareceu aceitar e deixou de persegui-la. Dessa forma, conseguiu que ela fosse relaxando e essa foi, talvez, a melhor das estratégias. Com a guarda baixa, Verônica encontrou-se, quase sem se dar conta, cativada por Vanussi.

Lembra-se perfeitamente da reunião de trabalho à qual foi inesperadamente convocada e depois da qual ele a convidou para jantar. Naquela noite, dormiram juntos pela primeira vez.

Muitas vezes, ao repassar os fatos, parece inegável que seus chefes a entregaram. Não pode saber com exatidão, mas tem certeza de que foi assim. Seja como for, o certo é que se apaixonou por ele e se entregou absolutamente. Ela se cuidou, isso sim, para não aceitar jamais nenhuma das ofertas financeiras que ele ofereceu: comprar-lhe um apartamento, um carro ou abrir uma conta bancária em seu nome. Não quis. Sentia que isso a prostituiria e era algo que não iria se permitir. Não outra vez.

Eram os anos mais difíceis de sua vida, e o desespero a levou a uma decisão errada. Tinha apenas dezesseis anos e ainda se lembra do hálito repugnante sobre o rosto, o peso irritante e

incômodo desse corpo.

O asco.

Essa única experiência serviu para entender que não servia para ser “puta”, ainda que desde aquela vez, demais traumática, custava-lhe muito não se julgar desse modo. Por isso, não ia tolerar nem sequer a suspeita de uma atitude como essa.

Desfrutou, verdade seja dita, de muitas saídas e algumas viagens ao lado de Roberto, mas sempre na condição de companheira, ainda que ele não deixasse passar em branco nenhuma ocasião de jogar na cara que essa não era mais que sua estúpida ilusão.

Amparado por uma suposta sinceridade, não poupou nenhuma crueldade com ela, até que sua obsessão para que aceitasse compartilhar a cama com outra mulher acabou quebrando o equilíbrio emocional de Verônica. Ela se negou sistematicamente a satisfazer essa fantasia, mas Vanussi não pareceu se importar muito com sua opinião. Para ele, todas as pessoas, e ela não era uma exceção, não eram mais do que objetos sem nenhum poder de decisão. E assim foi. Um dia apareceu em sua casa com uma garota que não deveria ter mais de dezoito ou dezenove anos, e ambos a obrigaram a ceder.

Tampouco esquece isso, mesmo que, sendo sincera, foi muito mais difícil com aquele único cliente de sua adolescência do que com essa garota. Pelo menos, pensou, a garota não era uma maldita filha da puta. Em todo caso não passava de, como ela, uma vítima a mais.

Esse fato, somado a algumas coisas que não podia deixar de perceber mesmo que não quisesse, levou-a a tomar a decisão de não viajar para Paris com ele, como estava programado. E esse foi o momento da ruptura.

Farto de suas negativas, Roberto lhe disse que era uma medíocre, uma perdedora, que estava deixando escapar a oportunidade de sair da merda na qual sempre vivera. Não queria ser sua puta? Que se fodesse, então. Podia conseguir melhores. Deu-lhe uma semana para pensar sob a ameaça de não vê-la nunca mais e suspendeu a viagem por esse período. Mas ela estava já emocionalmente destruída e não só não o contatou nunca mais como também se negou a atender suas chamadas telefônicas. Não voltou a saber nada dele até que se inteirou, pelos jornais, de sua morte.

Em todo esse tempo, sentia muita saudade e não foram poucas as vezes em que amanheceu chorando. Amava-o. Mas o preço de estar ao seu lado era viver ajoelhada, e ela havia decidido não se humilhar diante de mais ninguém. Se o preço da dignidade era o desafeto, estava disposta a pagá-lo.

Estava quase se acostumando a ficar sem ele quando a notícia do assassinato o trouxe de um modo onipresente em sua vida. Nos primeiros dias, não pôde deixar de comprar cada publicação que falasse sobre o tema e devorava os noticiários televisivos. Sentia algo como se fosse um impulso mórbido ao qual não podia resistir.

“Misterioso assassinato de poderoso empresário.”

Esse foi o título com o qual os meios de comunicação difundiram a notícia.

Como não poderia ser de outra forma, a polícia a convocou para prestar depoimento em mais de uma ocasião. Mas tudo cessou quando, em poucos dias, confirmou-se que o próprio filho fora o assassino.

Não voltaram a incomodá-la e ela também deu por encerrado. Já não queria mais saber e se dedicou a lutar de uma vez por todas com sua viuvez não reconhecida por ninguém e a tirá-lo de sua mente. Não foi fácil. Sobretudo quando começaram os telefonemas e as ameaças.

O interfone a resgata desses pensamentos.

— Sim, pode subir.

Verônica sorri. Por fim ia conhecer a filha de Roberto, algo que ele sempre lhe negara. *A vida às vezes ri dos homens*, pensa.

Enquanto se dirige para a porta, olha-se no espelho do corredor e, sem se dar conta, ajeita o cabelo. É ainda jovem e bonita, mesmo que a dor tenha deixado suas marcas.

Pablo Rouviot e Paula Vanussi sobem no elevador e apertam o sétimo andar. Em um dos quartos do apartamento, a mãe de Verônica, resgatada da depressão para sempre, pela graça do Alzheimer, urina-se totalmente, alheia ao drama de sua filha.



# X

Sentado no sofá da sala, Pablo observa a situação com estranheza. Está desconfortável e é difícil disfarçar. Verônica também está, mas diferentemente dele, nem sequer tenta dissimular. Paula, ao contrário, parece ser a única dos três que tem a situação sob controle.

— Você é ainda mais linda do que nas fotos — diz Verônica como uma forma de cumprimentá-la.

— Não sabia que tinha visto fotos minhas.

— Sim. Uma vez eu disse para Roberto que gostaria de conhecer você e seus irmãos — sua boca desenha uma careta que pretende parecer um sorriso, sem consegui-lo. — Então ele me trouxe algumas fotos. Sempre soube de você e, em contrapartida, foi uma surpresa seu telefonema. Jamais imaginei que ele houvesse falado de mim. Não sabia que você sequer tinha ideia da minha existência.

— Não tinha.

— Eu supus. Então, como chegou até mim?

— Quando o corpo de meu pai apareceu, a polícia tentou reconstruir esses últimos momentos. Registraram cada uma de suas coisas pessoais e seu telefone aparecia repetidamente no celular dele. Dá para perceber que estive tentando contatá-la. Pelos horários e pela duração das chamadas, foi possível deduzir duas coisas: que ele foi muito insistente e que você não quis atendê-lo — Verônica assente. — Posso saber por quê?

Olha para Paula e um arrepio lhe percorre o corpo. Ela lembra muito Roberto. Há algo nesses olhos, na firmeza de seu rosto, no seu modo ousado e seguro que lhe provoca uma sensação desagradavelmente conhecida e, sem querer, coloca-se na defensiva.

— Eu já falei sobre isso com a polícia. Suponho que a pessoa que teve acesso ao expediente para lhe dar o meu número de telefone poderá lhe mostrar também a minha declaração.

Paula adverte a mudança no tom de sua voz e lhe sorri.

— Verônica, não vim acusá-la de nada. E sei bem que meu velho era um filho da puta. E pelo que vejo, não foi somente de nós que ele judiou. Suponho que tenha se inteirado de tudo o que aconteceu pelas notícias. Saberá então que o principal suspeito do crime é meu irmão, Javier.

— Até onde eu sei, não só é o principal suspeito como também o único imputado.

— Esse é o assunto — ela olha para Pablo convidando-o a integrar-se à conversa, mas ele

não abre a boca. Depois de alguns segundos, Paula continua: — Temos muitas dúvidas sobre sua culpa e por isso quisemos vê-la. Talvez você possa nos trazer algum dado que nos sirva.

— Mas ouvi dizer que Javier mesmo confessou ter sido o autor do crime — disse, surpresa.

— Verdade. Mas meu irmão não é um garoto normal. Pode ser que sua confissão seja verdadeira, mas também é possível que esteja confuso e o que disse não seja mais do que um delírio, fruto de seu desequilíbrio, algo assim como um desejo inconsciente que aconteceu somente em sua fantasia, que para ele possa parecer verdadeiro.

Verônica a olha.

— Está querendo dizer que alguma vez pode ter desejado matá-lo?

Sorri.

— Por acaso, você não?

Silêncio.

— Meu pai era uma merda que sujava tudo o que tocava. Era muito difícil não lhe desejar o pior em algumas ocasiões. Mas o que tinha de perverso também o tinha de inteligente. Sabia quando era o momento de parar a fim de que o outro não se fosse ou não fizesse algo que ele não quisesse. Era um psicopata. E assim viveu, manejando a todos a seu bel-prazer. Até que, pelo que se vê, passou dos limites, exagerou com alguma pessoa. Alguém não quis mais alimentar isso e deu um basta. Até agora, pensávamos que essa pessoa havia sido o meu irmão, mas temos dúvidas, e por isso estamos aqui.

— Você acredita que pode ter sido eu?

— Não sei. É possível, ainda que não me pareça — olha fixamente para ela. — Eu a vejo debilitada demais para ter feito algo assim. Mais uma daquelas que meu pai humilhava até o ponto máximo, até a saturação. Provavelmente você se cansou disso e decidiu deixar de vê-lo e não atendê-lo mais ao telefone, mas não acredito que o tenha assassinado. Matar alguém não é algo fácil. Para isso, é preciso de uma boa cota de frieza, que não acredito que você tenha. E mais, se eu tinha alguma suspeita, agora que estou à sua frente, diria que o que vejo é uma mulher apaixonada pelo homem errado e nada mais — percebe o olhar úmido de Verônica. — Espero não tê-la ofendido com o que digo.

— Não se preocupe, já estou acostumada com a sinceridade cruel dos Vanussi — faz-se um silêncio prolongado que Verônica interrompe olhando para Pablo: — É seu namorado?

— Não — Paula sorri. — Pablo é um amigo, o psicólogo que está avaliando a situação de meu irmão para representá-lo diante de um eventual julgamento.

Ele assente sem saber muito bem por quê. Não é amigo e ainda não aceitou representar ninguém, mas no meio desta cena um pouco surrealista não se anima em contradizê-la.

Deve reconhecer que a leitura que Paula fez de Verônica em poucos minutos demonstra uma grande agudeza. Concorde com ela que não parece alguém capaz de matar ninguém. Adverte, isso sim, que sua vida não tem sido nada fácil. A expressão corporal fechada, com os braços que parecem abraçar a si mesma, fala de uma profunda sensação de desamparo. É uma bonita mulher e ainda muito jovem. No entanto, a impressão do horror é muito perceptível.

Enumera em sua mente todas essas características: a vida difícil, a atitude inocente, a juventude, a expressão temerosa e defensiva, e as emoções que refletem em seu olhar. Paula tem razão, Verônica é a vítima ideal para um psicopata como Vanussi.

Nesse instante, dá-se conta de que nem sequer viu uma foto dele, e, no entanto, odeia-o de uma forma quase visceral. Cada passo que dá, cada novo dado, cada detalhe que se acrescenta a seu conhecimento sobre Roberto Vanussi preenche-o de uma sensação ainda maior de nojo e de violência. Jamais pôde evitar sentir isso pelas pessoas que se aproveitam das habilidades que lhes confere a sua estrutura perversa para ferir e abusar dos demais. Mas o que o enfurece ainda mais do que seus atos é a ausência de culpa. Essa característica que lhes permite andar pela vida relaxados e felizes, destroçando cada uma das pessoas com as quais se relacionam sem sentir nenhum remorso, sem nenhuma mortificação.

Enquanto as mulheres falam, ele não pôde evitar perceber a voz cansada, o olhar triste e a atitude humilde de Verônica. Certamente merecia um destino melhor. Porém, disso também é feita a vida. Cada escolha que fazemos tem consequências. E para ela, as consequências de ter escolhido dividir um tempo ao lado de um homem como Vanussi irão deixar marcas impossíveis de apagar.

Até essa sorte tem esse tipo de filho da puta. Não só fazem merda com você. Também são inesquecíveis.

Faz quase duas horas que estão conversando e não há muito que ela possa acrescentar. Apenas alguns nomes de pessoas com as quais havia escutado conversar por telefone alguma vez. Ao que parece, ele não falava muito de sua vida e, quase sempre que saíam, o faziam a sós. Era mais do que óbvio que Vanussi a deixara fora do conhecimento de suas atividades. *Não para protegê-la ou para preservá-la, pensa Pablo, senão por essa necessidade de conduzir tudo entre as sombras, sem que ninguém pudesse questionar nem dar opiniões sobre seus atos.*

Olha a cena e se dá conta de que a conversa terminou. Não há muito mais o que dizer. Então, coloca-se em pé e toma a iniciativa de encerrar esse encontro. Não sabe por quê, mas ao se despedir a olha e lhe acaricia o rosto, ela agradece o gesto com a sombra de um sorriso e com os olhos emocionados. Certamente, não falou com ninguém sobre essas coisas até agora. E enquanto Paula tomava nota e perguntava, ela sentiu que alguém, nessa história toda, se interessava por ela.

Saem do apartamento e caminham até o carro de Paula. Antes de subir, ela o olha nos olhos.

— Gostaria de jantar comigo?

Pensa por apenas alguns instantes. Em outra ocasião, não teria hesitado em aceitar a proposta. Paula é realmente linda e tem coisas para falar. No entanto, esta noite prefere caminhar por algum tempo sozinho.

— Eu agradeço, mas hoje não.

— Quer que eu lhe deixe perto de algum lugar?

Nega com a cabeça e a cumprimenta com um beijo. Ela dá a volta para subir no carro, e ele espera que ela coloque o veículo em movimento. Em seguida, movido por um impulso, bate no vidro. Ela o baixa e fica olhando para ele.

— Duas coisas, nada mais. A primeira é perguntar-lhe se tem alguma oposição de sua parte para que eu tenha algumas conversas com Camila.

— Posso saber por quê?

— Parece-me que ela precisa.

Nada.

— Ela pediu isso para você?

— Do jeito dela.

Move afirmativamente a cabeça.

— Está bem, vou pensar. E a outra coisa?

Ele se agacha para ficar bem à altura dos seus olhos.

— Diga-me, onde você estava no dia em que mataram seu pai?

A pergunta a pega de surpresa, mas ela nem sequer desvia o olhar.

— Não posso lhe responder essa pergunta.

Olham-se por apenas mais alguns segundos. Depois, ela sobe o vidro e sai. Pablo fica olhando as luzes traseiras do carro que se distancia. A noite já caiu sobre Buenos Aires e uma horrível sensação de angústia lhe invade o peito.

# XI

O táxi o deixa na Avenida del Libertador, três mil e novecentos, bem na esquina de sua casa. Está cansado e a única coisa que quer é tomar um banho e sentar-se em sua varanda e olhar os bosques.

Assim como há gente que relaxa ao observar o mar durante horas, ele sente a presença dos arvoredos como algo íntimo e protetor. Talvez, em algum lugar de seu inconsciente, transporte-o àquela infância no campo, cheia de árvores e silêncio. E cheia também da presença de seu pai.

Os primeiros versos de “Aniversário”, o poema de Fernando Pessoa, ressoam-lhe na alma:

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / eu era feliz e ninguém estava morto”

E estes dias de sua vida estão povoados de mortos. Mais próximos, próprios e alheios. Reais como Vanussi ou simplesmente perdidos, como Alejandra. Está cansado. Chega à porta de seu edifício e procura a chave. Um homem desce do carro e se aproxima dele.

— Desculpe.

— Sim?

— Você tem fogo?

Pablo tenta um sorriso amável.

— Sinto muito, mas eu não fumo.

— Isso é bom. É preciso cuidar da saúde, não? — Pablo assente conservando ainda o sorriso do momento. — A vida — continua o desconhecido — é algo muito importante e frágil para correr riscos e sair por aí fazendo besteiras, não acha?

O homem brinca com o cigarro apagado entre seus dedos; seu tom de voz é amável e pausado, mas Pablo está acostumado a escutar e sente na pele uma ameaça velada. Respira fundo e avalia a situação. Ninguém irá fazer nada.

Se quisesse roubá-lo, não teria perdido tempo em conversas inúteis e se, sendo ainda mais dramático, a intenção fosse matá-lo, teria escolhido um cenário menos público. A não ser que tivesse uma impunidade absoluta, o que, tem aprendido nas últimas horas, não é algo tão difícil de conseguir como ele acreditara.

Não sabe se está tomando a atitude certa, mas em vez de entrar correndo no prédio, guarda a chave no bolso e vira, ficando cara a cara com o desconhecido.

Olha-o fixamente. É um homem elegante, não muito alto, de expressão tranquila e educado.

Pela porta aberta do carro, pode ver sentado ao volante um segundo homem, calvo e um pouco mais gordo que se endireita para cumprimentá-lo com uma pequena inclinação de cabeça.

— Doutor, você é um homem de sorte. Tem uma vida agradável e cômoda. Não ache que eu o julgue, pelo contrário. Sei que tudo lhe custou um grande esforço, que nunca ganhou nada de presente. Vem de uma família humilde, mas conseguiu. Veja bem: onde você vive? — abarca com um gesto a extensão dos bosques. — Sabe de uma coisa? Creio que este não é só um dos lugares mais lindos de Buenos Aires, senão do mundo. Além disso, devo confessar, a vista dessa varanda é assombrosa. Dá vontade de ficar o dia inteiro ali.

Pablo estremece. Estiveram dentro de seu apartamento.

— É inegável — continua o desconhecido — que é um homem de bom gosto. Sobretudo o quadro com a foto da onda. É magnífico. Se voltarmos a nos ver, e espero que não seja necessário, vou perguntar o nome do autor. Adoraria ter um igual.

Pablo tenta se mostrar sereno. Sabe que a manifestação de medo é um estímulo quase erótico para esse tipo de pessoas e não quer lhe dar esse gosto. Mas não está acostumado a enfrentar situações como estas e não pode dissimular que está assustado.

— O que quer?

Sorri.

— Não, doutor, não me faça essa pergunta. Não queria ofender sua inteligência respondendo a algo tão óbvio. O doutor sabe do que se trata tudo isso.

— Escute-me...

— Não — interrompe-o sem elevar o tom de voz —, melhor você me escutar. Siga sua vida. Não se envolva em situações que não lhe digam respeito. Juro que não perderá nada de importante. E mais, eu lhe asseguro que o mundo é um lugar muito melhor desde a morte de Vanussi. Por isso, ouça-me, preste atenção, dê importância ao que eu falo, deixe as coisas assim. Já está feito. O filho dele o matou. E sabe o que mais? Eu também o teria matado se fosse meu pai. Não pense que todos os pais foram como o seu. Um operário que se sacrificou para dar ao filho a possibilidade de escapar de um destino que parecia condenado à pobreza e à ignorância.

— Como sabe tantas coisas dele?

— Não faça que tanto esforço se torne inútil. Deve-lhe algo. Viva e desfrute. Você também o merece.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Não, não pode. Só vim para dizer-lhe que não temos nada contra você, pelo menos por enquanto. Porém, você está se aproximando perigosamente de um ponto sem retorno. Preste atenção, respeite e dê importância ao que eu digo. Hoje estive folheando um de seus livros. Você é um cara interessante. Tem muito para oferecer. Deixe-me lhe dar um conselho: não se entregue de bandeja — ele coloca a mão em seu ombro. — Sei que Paula Vanussi é uma garota linda, mas acredite-me, não convém você se envolver com ela. Seria mais conveniente a outra... Como ela se chama mesmo?... Ah, sim... Mariani, Alejandra Mariani. Eu, se fosse você, iria buscá-la. Afinal, mil quilômetros não é tanto, não é?

Escutar o nome de Alejandra na voz desse homem o paralisa. Agora sim, ele fez por prazer e acertou em cheio, porque o medo exala pelos poros.

— Por favor...

— Fique tranquilo. Sei que teve um dia difícil. Estar naquela casa tão cheia de morte e agressão, tantas horas escutando essas mulheres de Vanussi falar... é demais para um dia só. Vá, tome um banho e se dedique a escrever algo, ou chame alguma amiga e passe um tempo agradável — ele dá uma piscada e sobe no carro. Abaixa a janela e o olha. — E continue sem fumar, doutor. A vida é algo que vale a pena cuidar.

O carro sai lentamente, como se quisessem deixar registrado que não tinham pressa nem nada a temer. Pablo não consegue se mexer por vários minutos até que, pouco a pouco, vai recuperando o domínio de si mesmo. Pega a chave e entra no edifício. Cruza com uma vizinha e nem percebe. Sobe até o décimo oitavo andar e entra com cautela em seu apartamento. Deixa a porta aberta e percorre cada um dos quartos. Fecha a porta e se dispõe para girar a chave. Mas desiste. Para quê?

## XII

O visitante inesperado tinha razão. O banho lhe fez bem. Enquanto se seca, tenta ordenar um pouco as suas ideias. O que acaba de acontecer com ele foi tão imprevisível quanto mobilizante. Mas o que pretendia? Ou por acaso achava que um homem como ele poderia se meter em um assunto tão nebuloso sem sofrer nenhuma consequência? Talvez tenha lido muitas ficções de suspense. Mas a vida é diferente. Aqui se sente o medo, ele invade o corpo, sobe até a garganta, resseca a boca, produz taquicardia e uma horrível sensação de estar desprotegido.

Não conseguiu tirar da cabeça o nome de Alejandra na boca daquele homem. Teme que já tenha acontecido algo com ela e sente um desejo irrefreável de lhe telefonar para ver como está. Mas a razão lhe indica que não é necessário. Se tivessem feito algo, teriam falado ou trazido alguma *lembrança*. Pensa na cabeça do cavalo entre os lençóis que tanto o impactou quando viu *O poderoso chefe*. Mas isso não é um filme. É real e não deve esquecer, ainda que talvez as coisas não sejam tão diferentes. No final das contas, “a vida imita a arte”.

Está terminando de se vestir quando a campainha toca, sobressaltando-o. É da porta de cima. Sente um medo instantâneo e irracional, mas relaxa imediatamente. Desta vez sabe de quem se trata. Toma ar e, ainda descalço, abre a porta. A imagem do outro lado o tranquiliza.

— O que houve? — abre passagem e entra. — Não gostei nada do tom de sua voz quando me telefonou. Notei que estava angustiado, então vim o mais rápido possível para cá. Apenas demorei um pouco mais do que o esperado porque parei para comprar alguma coisa — diz levantando a garrafa de vinho. — Achei que seria necessário.

Pablo assente.

— Entre e abra o vinho enquanto acabo de me vestir.

José vai até a cozinha. Conhece a casa de cor. Procura o saca-rolha na primeira gaveta da direita, pega o decantador e as taças no lado superior esquerdo do armário da cozinha e serve o vinho. Abre a geladeira e percorre com o olhar. Encontra nos potes plásticos um pouco de queijo *gruyère* e algumas azeitonas. Põe as coisas numa bandeja que se encontra apoiada contra o forno micro-ondas e vai para a sala de estar. Deposita tudo sobre a mesa de centro e fica olhando o vitrô. Vinda de trás, a voz de Pablo o surpreende.

— Você também gosta da vista do meu apartamento?

— Claro, mas por que me pergunta se eu também? Quem mais gosta dela?



Sorri. Agrada-o falar com o amigo analista. Sempre escuta além do que lhe diz. José lhe dá uma taça e com um gesto sugere um brinde. Pablo aceita e em seguida toma um longo trago. O sabor do *syrach* desce pela garganta e, por alguns segundos, esse estímulo familiar o reconforta.

Uma hora depois, já tinha contado para José tudo o que ocorrera durante o dia.

— Que encrenca, irmão — faz um gesto de negação. — Tem que parar aqui. Você não pode seguir arriscando sua vida com algo que não lhe concerne.

— É que agora me concerne.

— Não estou entendendo.

— Camila.

Toma fôlego e se coloca em pé.

— Mas que foda, Pablo! É uma menina com problemas que precisa de ajuda, disso não restam dúvidas, mas não tem por que ser você.

— Helena me disse a mesma coisa.

José vê a dúvida na cara de seu amigo e chega mais perto.

— Racionalize, caralho! Acabou de me dizer que dois capangas vieram pressionar você e ainda continua com dúvida do que tem que fazer? Não posso acreditar. Você ficou idiota depois do golpe? Não, não foi do golpe, não. Você sempre foi meio tonto, mas desta vez é diferente. Esses caras são de foder! Se tiverem que matá-lo, irão fazer sem nem sequer se despentear — vai até a mesa e volta a encher sua taça. Toma um trago e o olha. — Parece-me que chegou o momento de falar com Paula.

— O que disse?

— O que você escutou. Ela mentiu para mim. Disse que queria seu telefone para fazer uma consulta profissional. Até aí tudo bem. E mais, inclusive se tivesse lhe contratado como perito, ainda assim não foi exatamente isso que ela havia me dito, poderíamos considerar como algo dentro da normalidade. Mas chegando neste ponto, vejo-me na obrigação de pedir que lhe deixe fora dessa história.

Pablo ri. Depois se sente estranhamente relaxado.

— De que merda está rindo?

— De você. Como se chama isso que você ensina na faculdade? Ah, sim — brinca. — Contratransferência, um conceito que alude às emoções e pensamentos que os pacientes geram na pessoa do analista. Neste momento me vem à mente algo que li faz um tempo: “Não devemos ceder aos efeitos da contratransferência. É um erro analítico intervir movido pelas emoções que

um paciente possa gerar, resistir a elas faz também parte da irrenunciável abstinência que deve ter um psicanalista se não quer cair em uma falha técnica, teórica e, sobretudo, ética” — cita em tom de brincadeira um dos escritos de José que faz parte do manual de psicopatologia de sua cátedra.

— Não vejo graça. Além do mais, neste momento não sou seu analista, sou seu amigo. É a hora de escolher entre perder um paciente e ser morto, não tem muita margem de dúvida, não acha?

Produz-se um pesado silêncio.

— Gitano, tenho medo.

— Por isso mesmo...

— Deixe-me terminar. É verdade, tenho medo. Mas sinto que, se eu sair correndo dessa história, jamais voltarei a ser o mesmo.

— Não entendo.

Olham-se.

— O amor à verdade, lembra-se? É o único. Não temos poderes especiais, não transmitimos nenhum dom com nossas mãos, não somos diferentes de um advogado, um carpinteiro ou um cantor de cumbia argentina exceto por uma coisa: escutamos coisas que os demais não podem escutar e não recuamos diante da verdade. Recentemente, enquanto tomava banho, a única coisa que eu desejava era não ter me metido nessa história. Quanto mais relaxava, mais pensava que o que tinha que fazer era telefonar para Paula e dizer que não iria seguir adiante. Mas, ao sair da ducha, fiquei, ainda molhado, percorrendo o apartamento. E me detive frente a esse quadro. Essa onda de que o visitante anônimo tanto gostou. Sabe por que eu a escolhi?

— Não.

— Porque essa onda quebrando provoca medo e representa para mim a força do desejo de verdade que vive em cada pessoa e que se arremessa contra tudo com o propósito de se manifestar. E todos saem correndo quando ela está por vir. Todos, exceto uns poucos que se animam a enfrentá-la apesar de suas consequências. Nós, Gitano... nós — mantém o olhar fixo nos olhos dele. — Lembra-se do que Hegel dizia? Que um ser humano não pode ser considerado como tal se não está disposto a perder sua vida biológica por um ideal. A liberdade, a pátria, o conhecimento ou a verdade, não importa qual, algo que não precise para viver, mas que, no entanto, constitui-o em um homem — faz uma pausa e bebe. — Eu sei que deveria me retirar dessa história, mas se o faço, tenho medo de não voltar a ser jamais eu mesmo. De perder o

pouco respeito que tenho.

José o escutou atentamente. Pablo não disse nada que não tivessem conversado em muitas outras ocasiões em um café ou ali mesmo, em sua casa. Mas nessas conversas o enfoque era abstrato, algo que não escapava do campo do pensamento. Agora, é tudo bem diferente.

Olha-o e compreende que seu amigo não irá mudar de opinião. Angustia-se e teme ter se equivocado ao dar seu telefone para Paula, mas agora já é tarde. Não vai detê-lo e não sabe se pode ou quer acompanhá-lo nessa loucura.

O som do telefone o sobressalta. Pablo atende.

— Alô.

— Pablo.

— Sim.

— Boa-noite, aqui quem fala é o doutor Rasserri.

Pablo suspira.

— Boa-noite, doutor. Não esperava seu telefonema. Pensei que sua secretária iria me ligar.

— Ia ser assim, mas preferi chamá-lo pessoalmente. Quero avisar-lhe que Javier já está desperto, e se quiser, eu poderia autorizá-lo para que o veja amanhã — Pablo hesita. As palavras de Helena e de José vêm à sua mente como um último soco de seu instinto de preservação. Rasserri parece notar seu titubeio, afinal de contas também é um homem acostumado a escutar. — Mesmo que tenha mudado de opinião, não é preciso me dizer mais nada. Creio, inclusive, que me sentiria aliviado se assim fosse.

— A que horas?

Suspira.

— Às onze.

— Estarei lá.

— Como quiser. Então o esperamos.

Desliga e olha para José com uma expressão que oscila entre triunfante e angustiado.

Os grãos de areia começaram a cair e a verdade, aquilo a que não quer renunciar, está a ponto de começar a revelar-se. Pressente que talvez não vá gostar do que encontrará. Mas, como se costuma dizer, isso também faz parte da vida. Não sabe por que, mas sem poder se conter, abraça seu amigo e um choro profundo se nega a sair. De onde vem esse choro? Que ausências, quais são os medos que estão sendo atualizados? José não sabe, mas sente que deve abraçá-lo.

Pablo quer chorar, mas não pode. Não aprendeu a fazer isso nos braços de ninguém que não

fosse seu pai, mas ainda assim aferra-se a seu amigo de um modo desesperado.

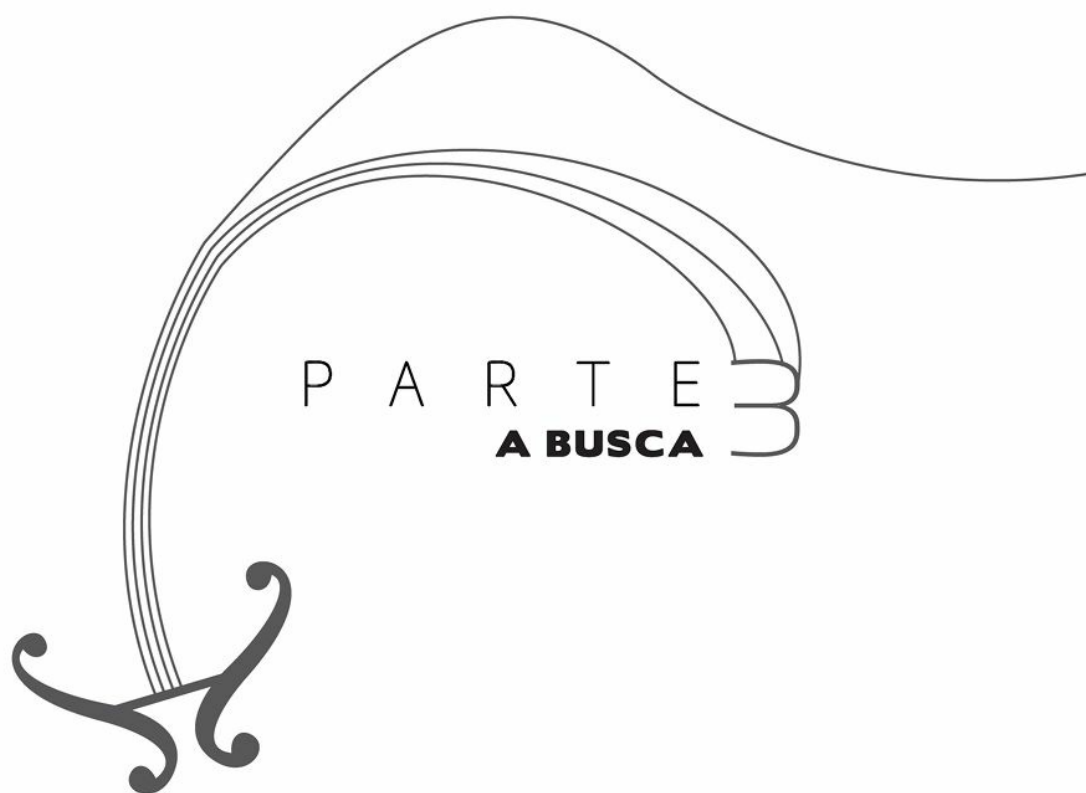
Quase uma hora depois, esgotado e sem se dar conta, adormece. José o acomoda no sofá e veste sua jaqueta. Olha-o pela última vez antes de ir embora. Não precisa acordá-lo para que lhe abra a porta. Ele pode entrar e sair dali sempre que quiser, tem as chaves da casa.

# XIII

*Por um instante, ocorre-lhe a ideia de deixar o corpo na porta da casinha que os caseiros ocupam e que eles se encarregassem de dar explicações. Mas não. Não é um pensamento inteligente. Não, isso não está certo. Sabe que o melhor é que ninguém o encontre dentro dos limites da propriedade.*

*Embala o cadáver com dificuldade. É custoso, não pensava que pudesse pesar tanto. Transpira pelo esforço. Passa uma de suas mãos na testa para tirar algumas gotas de suor e um sulco vermelho lhe adorna o rosto sem que se dê conta. Em seguida, o corpo escorrega de suas mãos e escuta o golpe seco da cabeça batendo contra o chão. Seu primeiro pensamento é se perguntar se terá doído, mas no instante seguinte compreende que esse filho da puta nunca mais sentirá dor alguma. E o que é mais importante, ele já não poderá causar dor a mais ninguém.*

*Sente o impulso de pisoteá-lo até descarregar toda sua raiva, mas faz um esforço para deter seus pensamentos. Deve se concentrar no que está fazendo.*



P A R T E 3  
**A BUSCA**

**H**á caminhos nos quais nossos próprios medos se tornam intransitáveis. A insegurança e a angústia podem encher de abismos até os atos mais simples. Cada um tem seu próprio Everest.

Parado em frente à porta de entrada, observa os cinco degraus que o separam da Clínica Ferro. Por que hesita? Não veio até aqui para deter-se agora. Mas a verdade é: tem medo. Lembra-se de uma vez, ainda garoto, quando vivia no campo com seu pai, tinha saído ao entardecer para caçar. Entusiasmado pela aventura, perdeu a noção do tempo e a noite chegou mais rapidamente do que esperava. De um momento para outro, tudo escureceu e ele compreendeu a enorme escuridão que se apodera das noites sem lua.

Quem vive nas grandes cidades não conhece a escuridão. Sempre vem de algum lugar um reflexo, uma luminosidade que mesmo distante a torna acessível. Mas no campo tudo é diferente. Ele entendeu naquela noite.

Seu coração de nove anos palpitava desesperado. Em vão, tentava buscar um ponto de referência que lhe indicasse para onde se dirigir, mas, quando as sombras caem sobre a planície imensa e solitária, as árvores, as porteiras e os juncos são todos a mesma coisa.

Sentia que devia caminhar para não ficar paralisado, mas temia que cada um de seus passos o afastasse ainda mais da segurança de sua casa. Conhecia os perigos da noite. Sabia da luz má e das criaturas da escuridão. Rapazes caçadores, rasteiros, e cada um deles tomava sua mente de uma forma ainda mais atroz.

Assustou-se ao ver-se tão desprotegido e procurou uma porteira. Ali se sentou, apoiando as costas nela. Não devia desesperar-se. Por mais longa que fosse, toda noite termina. Era só uma questão de tranquilizar-se. Nada mau iria lhe acontecer.

Minutos depois, como se tratasse de um farol milagroso, viu mexer uma luz ao longe. Era quase imperceptível, mas bastava para indicar o caminho. Levantou-se e caminhou em direção a ela. Estaria a pouco mais de um quilômetro, ainda que tivesse aprendido que nessas paragens as distâncias podem ser enganosas.

Foi se aproximando com cuidado, até que por fim pôde ver de onde vinha aquela luz. Era seu pai que mexia o lampião de modo pendular para guiá-lo.

Ao chegar, tentou esconder seu medo. Para nenhum homem é agradável que seja visto como covarde. Seu pai lhe sorriu.

— Vamos — ele disse.

E isso foi tudo. Mas a sensação daquela noite ficou gravada nele para sempre. Muitas vezes se sentiu desse modo, e hoje é uma delas. Sabe, sim, que não virá nenhum farol para resgatá-lo, que só conta consigo mesmo.

Olha para a esquina. Um homem dentro de um velho Peugeot 504 preto lhe chama a atenção, mas não dá importância. Não irá permitir que o acontecimento da noite anterior o torne paranoico.

Sem pensar em nada mais, sobe os degraus e abre a porta. Procura com o olhar o balcão de informações. Ali está. E também ali está Luciana. Ela o vê entrar e sorri. Basta uma piscadela para que ele, e só ele, possa decodificá-la. Agradece o gesto, precisa disso. Na recepção, há seis pessoas, quatro mulheres e dois homens. É evidente que estão esperando alguém que está internado. Uma das mulheres está com os olhos vermelhos de tanto chorar. Deve ser novata na questão de ter um ente querido numa situação como essa. Os demais conversam animadamente. Já não choram. Acostumaram-se com a loucura.

Com um andar ao qual pretende dar um ar decidido, aproxima-se de Luciana.

— Olá.

— Bom dia, doutor.

— Poderia avisar ao doutor Rasserri que estou aqui?

— O doutor não pode atendê-lo agora, mas deixou instruções — olha-o — acompanhe-me, por favor.

Luciana caminha à sua frente e o guia pelos corredores da clínica. Em outra circunstância, teria se deleitado com o movimento de seu corpo. Hoje não pode.

— Cada ambiente neste lugar está monitorado por uma câmera — diz sem deixar de andar. — Por isso não me viro nem paro para falar-lhe. Porém, não há microfones, de modo que podemos conversar tranquilos. Estive pensando muito em você.

Pablo se esforça para que suas expressões não delatem nenhuma emoção. Sabe que está sendo filmado e não aprecia. A ideia de ser mais um dos personagens de George Orwell não lhe causa nenhuma graça.

— Eu também pensei em você. Nesses dias, o momento que passamos juntos foi o único em que estive relacionado com a vida. Tudo o mais foi uma merda.



Ela recebe a carga que levam essas palavras.

— Não parece o mesmo homem que conheci há dois dias.

— Não sou. Tudo isso me tem obcecado.

— Não sei o que lhe dizer — atalha-o sem deter-se. — Suponho que essa história esteja cheia de detalhes que desconheço.

— É melhor que continue assim, acredite.

Viram por um corredor à direita; Luciana se detém frente à porta que leva o nome de Javier Vanussi, uma porta que Pablo já conhece. Bate e abre com cuidado.

— Espere um minuto aqui, por favor.

Ele assente. Luciana fecha a porta e o deixa só.

Está prestes a falar com Javier pela primeira vez. Talvez a única, já que não sabe quantas vezes Rasserri lhe outorgará essa permissão. Está nervoso, mas deve se esforçar para pensar. De que coisas não pode se esquivar? Quais dados precisa obter de qualquer jeito?

Tudo isso o faz se sentir muito estranho. Não está acostumado a proceder dessa maneira. Como psicanalista, jamais conduz a sessão de um ponto pré-estabelecido. Pelo contrário, trata de estar livre de preconceitos e interesses pessoais para escutar o que o paciente tenha a dizer. Não importa do que fale, senão simplesmente que o faça. A técnica da sessão em que a entrevista é dirigida não é seu forte.

Tenta tomar uma rápida decisão antes de entrar. Só tem duas opções: navegar em suas próprias águas sendo consciente de que é provável que obtenha muito pouco ou nada, ou propor um intercâmbio mais ativo, que não lhe é familiar, mas que pode lhe aportar mais dados.

Antes que a porta volte a se abrir, já se decidiu. Ele é analista. E é assim, e só assim, que pode servir de algo. Não irá desperdiçar sua oportunidade tentando ser o que não é.

Finalmente, a porta se abre. Pablo força um sorriso delicado para Luciana, mas encontra, em vez disso, um rosto, também belo, mas muito mais inquietante, de Paula Vanussi. Ela capta sua surpresa.

— Eu lhe disse que antes que você falasse com meu irmão eu iria fazê-lo primeiro.

— Como está?

Abre suas mãos.

— Entre e preste atenção.

Silêncio. Luciana os olha sem entender muito bem o que ocorre entre eles, mas é inteligente e sabe qual é o seu lugar. Por isso, desculpa-se e se distancia. Paula e Pablo ficam sós. Se bem

que ali nunca ninguém está só, pensa enquanto olha para uma das câmeras.

— O que disse para seu irmão sobre mim?

— A versão oficial?

— Ou seja...

— Que você é um psicólogo que está aqui para ajudá-lo. Além disso, Rasserri passou por aqui bem cedo e lhe disse que considerava importante que ele falasse com você. Javier confia muito nele.

Pablo assente. Ela o olha.

— O que está esperando? Você não pediu? Ele está bem ali. É todo seu.

Não consegue discernir se é um convite ou um desafio. Fixa os olhos nela e é incapaz de perceber o que passa por sua mente. Paula se torna indecifrável.

Ele não acredita em Deus, mas em situações como estas a frase de Jesus a Judas durante a última ceia lhe serve de estímulo: “O que tenha decidido fazer, faça-o logo”. Por isso, abre a porta e a fecha atrás de si. Vira e se encontra com o olhar de Javier. Apesar da situação, algo o tranquiliza. *O quê?*, pergunta-se. Até que compreende.

Esses já não são os olhos sem vida que viu pela última vez. São olhos perturbados, cheios de dor, de medo e desconcerto. São os olhos de um paciente que está sofrendo. E isso é algo com o que está acostumado a lidar.

Não é um assassino. Não é um desafio. *É só alguém que sofre*, diz a si mesmo, e isso o faz relaxar. Sorri e se aproxima. Estende a mão para cumprimentá-lo. Javier retribui o gesto; Pablo percebe a sua fragilidade. As dúvidas desaparecem e sente correr por seu corpo novamente essa força que o impulsiona em direção à angústia e à verdade. Outra vez é ele. Senta-se ao lado de Javier e tudo o mais desaparece de sua mente.

Javier Vanussi tem um olhar doce e uma expressão de profunda inocência. Uma inocência mais filha da enfermidade que da pureza. Está magro, pálido e os sinais de tudo pelo que tem passado não estão dissimulados, mas ainda assim pode-se perceber que é um jovem atraente. Ele o vê cansado, como se a vida o estivesse abandonando pouco a pouco. Pablo se lembra do gesto de carinho que Rasserri fez e que tanto o surpreendeu. Agora o compreende. Ele também se sente tentado a abraçá-lo diante da imensa desproteção que transmite.

— Olá, eu sou Pablo.

— Já sei. Miguel Ángel me falou sobre você.

— Miguel Ángel.

— Sim, o doutor Rasserri.

— Claro, perdão. Às vezes, nesta profissão, de tanto usar os títulos nós nos esquecemos dos nomes.

Sorri.

— Não tem importância. A Paula também me falou sobre você.

— Ah, já? E o que ela lhe disse?

— Que queria ajudar-me, mas não entendi bem de que maneira.

Não irá mentir em nada, mas não sabe até onde Javier é consciente da sua situação nem até que ponto está emocionalmente preparado para suportar falar sobre sua realidade presente. Decide averiguá-lo.

— Você sabe por que está aqui?

Faz uma expressão de contrariedade.

— Já estive tantas vezes aqui que quase me custa imaginar-me em outro lugar. Inclusive, sempre me dão o mesmo quarto — sorri —, suponho que deva ser para que eu me sinta melhor.

*Equivoca-se, pensa Pablo, certamente não é para isso, mas porque é o único quarto com Câmara Gesell.*

— Mas, desta vez, você sabe por que voltou a ser internado?

— Sim, porque matei meu pai.

Diz com segurança absoluta. Não há nenhum sinal de dúvida em suas palavras. E sim de angústia.

— Quer falar sobre isso?

Assente.

— Mas antes eu gostaria de lhe dizer algo — sua voz soa comovida. — Eu amava meu pai.

A frase o surpreende, pega-o desprevenido. Não esperava. É a primeira vez em todo esse tempo que alguém lhe fala sobre Roberto Vanussi com amor.

*Bem, pensa Pablo, entremos então nessa parte da história, a de Javier, pelo lado do amor, e não da morte. Afinal, só se pode entrar pela porta que o paciente escolhe abrir.*

— Conte-me.

— Eu sei que meu pai era um homem estranho... mas eu também o sou.

— Por que diz isso?

— Porque é isso mesmo. Eu sei que estou doente. Minha cabeça não funciona como deveria e posso ter reações que não consigo controlar e fazer coisas que depois nem eu sou capaz de recordar — cala-se. — Mas já estou acostumado.

— Sim?

— Sim. Isso não quer dizer que não me cause dor ser assim. Eu preferiria ser uma pessoa normal, mas faz tanto tempo que convivo com isso que não consigo, é difícil imaginar como seria ser igual aos demais.

— E o que, de tudo isso, dói mais?

— Várias coisas. Em primeiro lugar, o corpo.

Obviamente. Como dizia Freud, o Eu é antes de nada um Eu corporal.

— Sentir que meu corpo não me obedece, olhar às vezes ao espelho e não poder me reconhecer ou, como agora, sentir que estou ferido, consumido — angustia-se —, juro que dói.

Pablo o escuta atentamente. Javier não diz que o incomoda, nem que o angustia, senão que lhe dói, e assim ele deve ter assimilado não como uma dor emocional, mas como física. Para Javier, seu corpo lhe causa dor.

— Também me doeu saber que desde sempre, por ser assim, meu pai jamais me aceitou e nunca pôde me amar.

Está justificando. Não disse que o pai não o amou, senão que não pôde amá-lo por ele ser assim, de modo que se torna responsável por esse desamor. Está se angustiado. Pablo sente o impulso de sustentar e aprofundar essa angústia um pouco mais para ver aonde o leva. Mas Javier está muito debilitado. Mal saiu de um longo coma induzido e, certamente, não está em condições de resistir a uma grande tensão. Desiste, então, de seguir por esse caminho. Mas, pelo

menos, ele já lhe disse duas coisas importantes: que amava seu pai e que sempre pensou que esse amor não era correspondido.

*É evidente que a relação com ele fora traumática. E com sua mãe?*, pergunta a si mesmo.  
*Como terá sido com ela? Só há uma maneira de averiguar.*

— Você se recorda de sua mãe?

— Sim.

— Qual é a lembrança que tem dela?

Olha-o de forma estranha. Pensa um pouco antes de falar.

— Minha mãe era linda. Era igual à minha irmã Paula. Mesmo corpo, mesma voz. Se visse a foto de minha mãe, você demoraria a perceber a diferença. Era uma pessoa tão doce e ao mesmo tempo tão indefesa. Amava a arte e tinha um grande talento para pintura. Eu tinha quinze anos quando morreu. Foi estranho vê-la partir. Ela foi apagando, seu corpo foi diminuindo, diminuindo, até que um dia não estava mais.

Diz como se sua mãe não tivesse morrido, mas simplesmente evaporado.

— Viu-a morta?

— Não.

— Por quê?

— Paula não quis.

— E você também não quis vê-la?

Olha-o com assombro.

— Não sei. Fiz o que Paula me disse. Desde que mamãe morreu, ela ocupou o seu lugar e foi sempre quem tomou as decisões.

— E seu pai não teve nada a dizer?

— Papai estava viajando. Voltou umas semanas depois e nunca falou de sua morte... nem dela.

Alguém bate à porta. Ela se abre e uma empregada entra com uma bandeja na qual traz uma refeição. Uma sopa de verduras, um prato com algo que parece ser frango picado com purê de abóbora e uma gelatina de laranja. Pablo olha em seu relógio e vê que é meio-dia. É hora do almoço.

— Quer que eu saia para que possa comer tranquilo?

— Não, pode ficar. Gosto de falar com você. Além disso, não tenho fome.

*Gosto de falar com você.*

É um bom sinal. Algo da ordem do transferencial parece ter se ativado, o que indica que pode seguir avançando. Nenhum dos dois fala nada até que a mulher sai do quarto. Uma vez a sós, retomam o diálogo, ainda que “a sós” é apenas uma maneira de dizer. Neste quarto, nunca se está sozinho, e não deve se esquecer disso. Tudo o que falarem será observado, gravado e repetido na sala contígua. Ao pensar nisso, não pôde evitar olhar para o espelho e perguntar-se quem estará do outro lado. Rasserri, o técnico de avental branco, algum outro médico? Não há como saber.

A ideia o incomoda, mas essas são as regras e não deve permitir que isso o distraia. A voz de Javier o arranca de seus pensamentos.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Naturalmente.

— Como irá me ajudar?

Pensa.

— Isso depende.

— De quê?

— Do que tenha acontecido de verdade — sente como se uma energia elétrica lhe percorresse o corpo. Também conhece essa sensação. É o momento de fazer a pergunta. — Javier, você tem certeza de ter matado seu pai?

Baixa o olhar e fica em silêncio. Sua expressão se torna ensombrecida e todo o seu corpo se retesava. Quando volta a fixar os olhos nele, algo mudou em seu olhar. Está mais duro, mais distante.

— Você não acredita em mim. Pensa que estou inventando ou que estou louco. Mas não estou inventando nem estou louco. Sei muito bem o que digo e o que fiz. Eu matei meu pai, acredite ou não.

Pablo assente.

— Acredito em você. O que eu gostaria de saber é por que fez isso.

Javier respira profundamente. Seus olhos não perdem a dureza, no entanto se enchem de lágrimas.

— Porque era a única maneira de silenciar os gritos.

— Que gritos?

Javier parece não o ter ouvido.

— Não é fácil matar alguém que se ama — ele o olha. — Você, alguma vez, matou alguém?

Pablo sustenta o olhar e responde com um tom que tenta ser neutro.

Javier assente.

— É uma sensação muito esquisita. É como se num momento compreendesse que nada na vida tem sentido, e assim o que está fazendo não é, definitivamente, nada muito grave — volta a olhá-lo. — Você acredita que a vida tem algum sentido?

— A verdade é que eu não sei. Eu gostaria de pensar que sim. Ou, pelo menos, que alguém pode fazer algo para dar importância a uma vida que, no melhor dos casos, para ninguém mais importa muito.

Silêncio.

— Sabia que eu tentei me matar uma vez?

— Sim.

— Na realidade, foram duas vezes — pensa. — Agora creio que não consegui porque na verdade minha morte não era a importante.

— E qual era? A de seu pai?

Assente.

— Sim. Ele era o poderoso, que fazia com que as coisas acontecessem no mundo. Minha morte não podia mudar nada, mas a sua, sim.

O uso que Javier faz da linguagem é claro e preciso, no entanto seu discurso vai se tornando confuso e a significação escapa em cada parágrafo. Pablo se esforça para escutá-lo sem tentar fechar um sentido. Precisa convidá-lo a falar para que possa desdobrar o conteúdo inconsciente que sublinha suas palavras.

— Lembra-se do dia em que matou seu pai?

Assim deve dizer. Com um paciente neurótico, teria perguntado pelo dia que acreditava ter matado seu pai, mas está diante de uma estrutura que tem outras leis de funcionamento e não quer, nem deve, colocar em dúvida suas falas.

— Sim.

Pablo fica em pé e, sem pensar, caminha até a janela. Ele retira o olhar de Javier e se dispõe a escutá-lo. É sua maneira inconsciente de transferir o divã para aquele quarto, de se esquecer por um momento de que está na Clínica Ferro sendo observado e gravado por sabe-se lá quem. De não lembrar que cada uma de suas intervenções será avaliada uma vez e outra mais por profissionais aos quais sequer conhece. Precisa sentir que o faz do seu jeito. Por ele e por Javier.

— Estou lhe ouvindo.

Javier reserva um tempo antes de falar. Talvez esteja buscando em sua memória, quem sabe precise de uns instantes para se conectar com o feito mais transcendente de sua vida. Pablo o respeita e permanece em silêncio sem nem sequer se virar para olhá-lo. Depois de alguns minutos, Javier começa seu relato.

— Naquele dia, eu estava intranquilo. Tinha escutado uma conversa entre minhas irmãs na qual Paula dizia para Camila que papai tinha voltado e senti medo. Não queria que voltasse porque, quando o fazia, tudo começava de novo. Quis pensar que daquela vez seria diferente, mas sabia que isso era impossível. Fui para meu quarto e me enfiei na cama. Tentei dormir, mas não consegui. Não sei quanto tempo passou até que escutei abrir a porta de casa. Não precisei dar nenhuma olhada para saber que era ele. Quis me tranquilizar, mas não podia. Escutava-o andar pela casa, mover as coisas, abrir a geladeira. Na minha cabeça, iam se antecipando as imagens do que, cedo ou tarde, ia acontecer. E assim foi. Não precisei esperar muito. Em questão de apenas alguns minutos, aconteceu o de sempre, o inevitável. Do quarto de meu pai, começaram a chegar os ruídos. Esses ruídos espantosos. Sempre acontecia o mesmo e eu não queria escutar mais, mas não podia evitá-los. Coloquei a música bem alta, mas sabia que era inútil, porque mesmo com os fones de ouvido vazavam os barulhos do quarto ao lado. Eu escutava a voz de meu pai, suas ordens, seus gritos. Estava brigando com alguém. Com uma mulher. Sempre era uma mulher. Insultava-a, batia nela. Ela chorava e eu podia escutar seus lamentos, seus gemidos. Arrastava-a pelo quarto, pegava-a pelo cabelo e ela gritava cada vez mais alto. Até que esse grito começou a me machucar — Javier começa a transpirar e seu pulso se acelera. — Eu queria que a deixasse em paz, para que se calasse de uma vez por todas. Mas não. Ele continuava agredindo-a sem parar. E ela não deixava de gritar. Tampei a cabeça com um travesseiro, mas era inútil. Sempre era inútil. Eu não podia evitar que meu pai a ferisse e, sobretudo, conter os gritos... esses gritos sinistros que me feriram aqui — Javier começa a bater a cabeça com a mão. — Até que compreendi por que esse grito me fazia tanto dano — faz-se um longo silêncio. — Era a voz de minha mãe. Era ela a quem meu pai maltratava nessas noites — Pablo sente seu pulso acelerado. — Até que, em um determinado momento, ela gritou.

Javier se detém por um instante em seu relato e parece tranquilizar-se.

— Esse grito suplicante me gelou o sangue, porém de alguma maneira me indicou o que eu tinha que fazer. Escutei uma batida e o ruído de um corpo ao cair. Meu pai seguia insultando-a e compreendi que, se não interviesse, aquilo não ia acabar nunca e ele ia continuar matando-a uma



vez e outra vez mais.

Pablo não se anima em interrompê-lo. A força do relato, mesmo que delirante, é de uma contundência feroz.

— Então fui até a cozinha, peguei uma faca da gaveta e entrei em seu quarto. Vi que mamãe chorava, nua, estirada sobre a cama. Papai me viu entrar e riu. Nunca me levava a sério. Mas desta vez era diferente. Eu sabia que tinha que matá-lo, porque senão minha mamãe jamais ia deixar de gritar em minha cabeça. Ao me ver entrar, ele tirou o cinto e começou a me bater. Mas eu não sentia nada, nem angústia, nem raiva, nem dor. Eu me acocorei no chão e deixei que me batesse até que pareceu satisfeito, ou cansado. Então, ele foi para a cama e se deitou.

Faz um longo silêncio antes de prosseguir.

— Num momento, levantei os olhos e vi que estávamos a sós. Mamãe já não estava mais no quarto. Eu esperei uns minutos até que dormisse e me aproximei com a faca, que nunca havia soltado de minha mão... e o matei. Foi tão fácil. Eu havia tentado me matar duas vezes sem conseguir. Em contrapartida, com ele foi tão fácil. Foi-se dormindo, à medida que o sangue saía de seu corpo. E eu fiquei olhando fascinado, sem poder afastar os olhos dele. Até que me dei conta de algo maravilhoso — sorri. — Ao meu redor, era tudo silêncio, não havia mais gritos e tive a certeza de que já não iam voltar a me incomodar nunca mais. Então, peguei uma folha de sua escrivania e escrevi somente duas frases: *Acabou. Eu o matei.* Depois me deitei a seu lado e o abracei até que, sem me dar conta, adormeci.

Pablo permanece estático, esperando pacientemente se Javier, por si só, deseja continuar o relato. Está atento e por sua vez conectado com a narração que acaba de escutar. Ao final de alguns minutos, compreende que Javier não continuará falando. Então se aproxima da cama e comprova que Javier adormeceu. Esse também é um fenômeno transferencial. O paciente não recorda, revive o que está contando. Assim, nessa atualização da cena do assassinato, Javier adormeceu abraçado ao seu travesseiro como se fosse seu pai. Seu rosto transmite uma profunda paz. Não sabe por que o faz, mas como fizera Rasserri, inclina-se sobre ele e lhe faz um carinho. Ainda que muitos de seus colegas se enfureçam diante da ideia de um ato como esse, faz muito tempo que entendeu que o mundo não acabaria porque um analista se permitiu ter com um paciente um gesto de afeto.

Olha-o detidamente e comprova que está totalmente relaxado e nesse momento compreende que Javier conseguiu. Os gritos que tanto o atormentaram durante toda a sua vida se calaram para sempre.

Ao sair do quarto, no corredor, apoiado contra a parede e com as mãos enfiadas nos bolsos de seu jaleco desabotoado, quem o espera é Rasserri.

Esse é um código que aprendeu nos anos em que trabalhou no hospital. Os médicos sempre usam o jaleco desabotoado. Abotoado, só os professores da faculdade. É assim e, de um modo inconsciente, cada geração repete esse costume sem sequer questionar.

Nem bem fecha a porta, o médico o aborda seriamente.

— Acompanhe-me ao meu consultório, por favor.

Pablo assente e, em silêncio, segue-o pelo corredor que leva até a sala que já conhece. Entra e senta-se sem esperar convite algum. Rasserri faz o mesmo.

— Café?

— Sim, por favor.

*Preciso disso.* Rasserri levanta o fone do interfone e aperta uma tecla.

— Luciana, poderia trazer-me dois cafés, por gentileza? Obrigado — desliga o telefone e o questiona: — E como foi?

— Devo ser franco, foi um encontro muito forte para mim.

— Sim, eu sei.

Pablo o olha.

— Esteve observando a conversa?

— Estive sim.

Pablo volta a sentir a sensação de desconforto.

— O doutor e quem mais?

— Ninguém mais. Emiti uma ordem que todos saíssem no momento em que entrou. Não me pareceu pertinente que os segredos de Javier caíssem no conhecimento de outras pessoas. Paula, eu e ele mesmo aceitamos que mantivessem essa conversa e ninguém mais tinha o direito de estar presente.

— Então Paula não estava presente.

— Não quis. Foi uma decisão dela. Devo confessar que, em todo caso, é uma pena que isso tenha acontecido só entre você, Javier e mim.

— Não entendo.

Rasserri o olha com uma inconfundível expressão de admiração.

— Você é um grande profissional, Pablo. Nunca havia falado com Javier e a única vez em que o viu ele estava adormecido. Até uma semana atrás, ou menos inclusive, ignorava sequer sua existência. Sabia que tinha uma oportunidade de falar com ele que talvez não fosse se repetir mais e, no entanto, conseguiu uma conexão emocional tão profunda que permitiu a Javier contar o que nunca havia contado a ninguém. Nem sequer para mim.

Pablo sorri.

— Suponho que não esteja com ciúme.

Rasserri lhe devolve o sorriso.

— Só um pouco. Mas, como eu lhe dizia, teria sido de grande importância para nosso pessoal que pudessem ter visto como conduziu a sessão.

— Bem, suponho que esteja tudo gravado, de modo que, basta todos se sentarem em um auditório, que seguramente devem ter aqui, e mostrar.

Rasserri dedica um olhar cúmplice e tira do bolso direito de seu jaleco um CD. Mostra-lhe e o coloca sobre a mesa.

— Eu o apaguei do disco rígido do computador. Só ficou guardado aqui.

Pablo o olha com estranheza.

— E por que fez isso?

Encolhe os ombros.

— Porque uma coisa é registrar os movimentos que o paciente realiza durante o sono, seus impulsos neurais, vigiá-lo, para entrar caso seja necessário evitar que se machuque. Outra muito diferente é violar sua privacidade, invadir um segredo tão profundo de sua vida que só ele e quem mais ele queira tenham direito de conhecer — suspira. — Javier tem uma estrutura psíquica fraca e doentia, mas ainda assim eu me nego a remover-lhe seu direito como pessoa.

Pablo o olha. Por um momento sente uma onda de respeito pelo homem que tem à sua frente. Este é um lugar onde pode se ajudar um paciente. Respeitá-lo até as últimas consequências. Muitos se assustam e se detêm antes, mas Rasserri também é um homem com grande experiência que sabe até onde pode chegar.

Batidas na porta interrompem o seu pensamento.

— Pode entrar.

Luciana entra trazendo os cafés. Pablo a observa dissimuladamente. Está ainda mais linda do que na última vez em que a viu, mas está muito comovido com o que acaba de acontecer para

pensar em outra coisa. Agradece-lhe com um sorriso que ela lhe devolve. Seus olhos azuis-acinzentados se reviram atrás dos óculos. Ele entende. Quando se retira, toma um gole. O aroma e o gosto o reconfortam.

— Pablo, você não tem obrigação de fazê-lo, mas gostaria muito de saber qual é sua opinião depois de ter falado com Javier.

— Doutor, em outra situação preferiria não compartilhar minhas impressões com ninguém. São muito prematuras. Mas, neste caso, vou fazer uma exceção. Acredito que eu deva.

— Obrigado.

— A primeira coisa que tenho para lhe dizer é que não concordo com o diagnóstico inicial que me deu.

Rasseri o olha com um verdadeiro interesse.

— Diga-me, por favor.

— O doutor havia me falado de um transtorno limítrofe de personalidade. Pois bem, depois de ter falado com Javier, creio que esse não é o quadro. E reitero que é apenas uma primeira impressão de alguém que vi só uns minutos e que pode estar errada. Peço-lhe que não o tome como um questionamento profissional.

— Não se desculpe, tem autoridade o suficiente para emitir sua opinião livremente. E vou escutá-lo com muita atenção.

— Obrigado. Veja, nos transtornos de personalidade, os pacientes têm certas áreas muito limitadas, sobretudo aquelas que intervêm no funcionamento do pensamento abstrato. É difícil para eles utilizar a linguagem com precisão, não encontram as palavras para expressar-se e o fazem de uma forma torpe e sem eficácia. Nada disso acontece com Javier. Pelo contrário, seu discurso é preciso, diria, excelente, e se faz entender com uma facilidade assombrosa. Isso quer dizer que não manifesta nenhum transtorno de suas funções superiores — Rasseri o escuta com atenção e assente. — No entanto, há algo que não encaixa em seu relato. Como se não estivesse localizado no tempo e espaço... mas é só uma impressão.

— Posso perguntar por que diz isso?

— Pode, mas não tenho a resposta. É simplesmente algo que parece que eu escuto além do que ele diz. Sinto muito, doutor, mas nós, os analistas, não temos eletrodos nem tomografias para dar uma sustentação real a nossas impressões ou tirar as dúvidas. Temos que confiar em nossa escuta.

— A eterna discussão.

— Exatamente. A clínica do olhar, a de vocês, médicos, *versus* a nossa, a clínica da palavra. Porém, eu lhe peço que me conceda essa opinião.

— Naturalmente.

— Eu agradeço — termina seu café antes de continuar. — É mais do que óbvio que Javier não se relaciona bem com o mundo exterior, oscila o tempo todo. Em alguns momentos, está perfeitamente localizado e em outros tem uma profunda ruptura com a realidade, mas não com toda a realidade, somente com uma parte dela. Justamente a que envolve a relação com seus pais. Com uma mãe que aparece viva e morta ao mesmo tempo, que o atormenta desde seu inconsciente e incita-o a fazer algo para calar sua voz, melhor dizendo, seus gritos, e com um pai com quem tem uma relação ambivalente de amor e ódio. Um ódio tamanho que pode tê-lo levado a matá-lo e um amor do qual ainda não consegue se desgrudar.

— E qual seria o suposto diagnóstico?

Pablo o olha e sua voz soa mais segura do que quisera demonstrar.

— Creio que seja uma psicose mista.

— Pode se explicar um pouco mais?

— Sim. A relação que tem com seu corpo mostra que o processo de construção desse não se realizou satisfatoriamente — olha-o. — O senhor deve saber, doutor, que para nós, os analistas, no ser humano tudo se constrói. A personalidade, a sexualidade e, inclusive, o próprio corpo. Há uma distância muito grande entre o biológico e o subjetivo. Não basta ter um organismo biológico para ter um corpo. Os pais sabem de um modo intuitivo e por isso têm inventado jogos para ajudar seus filhos a construir um corpo — Rasserí o olha sorridente. Pablo lhe devolve o sorriso. — Não me diga que nunca brincou de “Que linda mãozinha eu tenho...” ou não perguntou a uma criancinha: “Onde está a boca?”, e ficou bem contente quando ela conseguiu levar o dedo até aos lábios dando por certo que havia entendido que essa era a sua boca — Rasserí assente. — E mais: uma criança demora muito tempo para conseguir falar na primeira pessoa. Pelo contrário, durante os primeiros anos de sua vida, refere-se a si mesmo em terceira pessoa, como se fosse outro. Fale com qualquer professora de jardim da infância e confirmará. “De quem é esse brinquedo?”, pergunta a professora. “Do nenê”, responde a criança. Não diz: “meu”. Por quê? Porque ainda não construiu nele nada parecido a uma unidade.

Rasserí ri.

— Posso saber do que está rindo?

— É que tantas vezes você se negou a vir nos falar sobre essas coisas. Teria ganhado muito dinheiro por nos explicar isso que agora está me dizendo grátis.

Sorri.

— Nada é grátis na vida, doutor. Tudo tem um preço. Eu, simplesmente, estou pagando uma dívida que tenho com você.

— Eu compreendo. Mas, por favor, prossiga.

— Bem, eu me animo em dizer, pelos transtornos que manifesta com seu corpo, esse corpo que “lhe dói”, que se fere, que às vezes não se reconhece no espelho, que Javier tem uma estrutura com traços esquizoides.

Rasseri se coloca sério.

— Você diria, então, que é um esquizofrênico.

— Não.

O médico o olha com ar de estranheza.

— Mas pelo o que acaba de expor...

— Eu sei, mas há um detalhe importante. Javier apresenta um delírio muito bem definido, claro e firmemente estruturado. E isso, o doutor sabe, geralmente não se dá em quadro esquizofrênico. Pelo contrário, na esquizofrenia é comum a ausência de delírio. Para Javier, em vez disso, seu pai maltrata e mata sua mãe toda noite e ela grita em sua cabeça de um modo que o atormenta. E aparece uma hipótese de solução para isso que o perturba: matar seu pai, não por algo pessoal, nem sequer para matá-lo propriamente, senão como o único modo possível de calar os gritos de sua mãe. Isso quer dizer que, matando-o, na realidade, mata a mãe. E tudo isso em sua mente tem uma extraordinária lógica. Então...

— Paranoia.

— Exatamente. Por isso lhe falei sobre uma psicose mista. Mas não poderia lhe dizer mais com apenas uma sessão. E mais: creio que me arrisquei muito.

— Eu sei e agradeço. Deu-me elementos importantes para levar em conta na hora de avaliar a estratégia terapêutica. Agora, eu me pergunto, por que nenhum de nossos psicólogos advertiu isso que está me dizendo?

— Na melhor das hipóteses, porque nenhum teve a oportunidade de escutar seu relato. Você mesmo me disse que era a primeira vez que ele falava sobre o assassinato de seu pai. Talvez, se tivesse feito isso antes...

— Pode ser. Mas, se me permite, quero fazer-lhe mais uma pergunta.

— Claro.

— Depois de ter escutado como Javier lhe contou com riqueza de detalhes a cena do crime, continua pensando que talvez não tenha sido ele o assassino?

Medita alguns minutos antes de responder.

— Ainda não sei.

— Pablo, você viu todo o equipamento que temos nesse quarto. Registramos cada tensão muscular, cada modificação do ritmo cardíaco, o aumento de sudorese e o menor desenvolvimento na atividade elétrica do cérebro.

— O que está querendo me dizer?

— Que esse quarto conta com os mesmos elementos que vulgarmente se conhece como “detector de mentiras”. Não é nossa intenção descobrir se os pacientes mentem ou não, mas temos a técnica para tirar conclusões a respeito.

— E?

— Que Javier não teve durante todo o seu relato nenhuma manifestação física de estar mentindo.

Pablo o olha diretamente nos olhos.

— Disso eu tenho certeza.

— Então, eu não entendo.

— Doutor, não tenho dúvidas de que Javier me contou a verdade. O que não sei é se essa verdade é real ou é algo que tenha ocorrido apenas em sua mente.

— Isso que dizer que estamos no mesmo pé em que estávamos antes.

— Não. Você tem agora uma segunda opinião sobre o quadro clínico de Javier para tentar ajudá-lo com seu tratamento, e eu sei que não é falando novamente com ele que vou descobrir a verdade dessa história.

Rasseri o olha.

— E o que fará então?

— Reconstruir cada frase da minha sessão com ele. E pensar. Alguém assassinou Vanussi: isso é um fato. Se não foi Javier, a questão é que a verdade não deixa de existir pelo fato de que não seja conhecida. Doutor, eu aprendi que essas coisas se confessam — Rasseri o interroga com o olhar. — É muito comum que os assassinos necessitem que a sensação inconsciente de culpa seja exposta, seja tirada para fora por aquilo que tenham feito e isso pode levá-los a delatar-se. E geralmente o fazem. Às vezes, sem querer, às vezes, de modo velado, no entanto,

eles o dizem ainda sem dizê-lo. Só é uma questão de estar disposto a escutar.

Olha-o.

— E você está disposto a escutar?

Pablo levanta o olhar e Rasserì percebe seu olhar cansado e com uma deixa de resignação.

— Não se trata de uma decisão voluntária. Simplesmente, não posso evitar.

Levanta-se e agradece sua colaboração. Passa pela recepção e se dirige para a saída.

Luciana não está em sua mesa.

*Melhor assim, pensa.*

Ao chegar à rua, olha sem querer para a esquerda. O Peugeot preto continua ali. Caminha até a outra esquina sem se virar e decide que é melhor ir de metrô, assim será mais fácil seguir em frente. Ao dobrar a esquina, liga seu celular. Uma nova mensagem o está esperando.



## IV

Desce do metrô na estação Palermo, sai para a rua e toma um táxi. O lugar para onde vai fica bem perto dali, no bairro ao qual agora chamam Las Cañitas.

O táxi pega a Rua Luis María Campos, cruza a Dorrego e vira à direita. Ali, Pablo perde todo o ponto de referência. A região ainda está tranquila. Depois das oito da noite, será um inferno de pessoas reunidas, aglutinadas nos bares da rua Báez, mas agora a loucura pós-escritório ainda não estalou. Depois de uma volta que não consegue entender, o carro para.

— Chegamos. Arce com Arguibel.

Pablo paga e desce. Confere novamente o endereço e se dirige até lá. Toca o porteiro eletrônico. Uma luz acende e vê a câmera que o focaliza.

— Suba — indica a voz já conhecida.

Entra no edifício e pega o elevador. Desce no andar indicado e olha para os lados tentando localizar o apartamento. Uma porta se abre à sua esquerda, por ela se entrevê Paula. Está vestida com um quimono de seda azul e tem os cabelos úmidos. Ela percebe seu desconforto e sorri divertida.

— Vamos, entre, não vou lhe fazer nada.

Pablo a cumprimenta com um beijo e entra. O apartamento parece enorme. Está completamente pintado de branco e mobiliado com um gosto refinado. Percebe uma música suave e um agradável aroma de limão no ambiente.

— Desculpe-me pela vestimenta, mas não sabia a que horas exatamente você viria. Acabei de tomar banho — diz e se senta no sofá de três lugares. — Quer tomar algo?

— Depois. Pode se trocar primeiro, se quiser.

Paula o olha e ele sente que está tudo armado para que não seja assim, que ela preferiria tirar a roupa ao invés de ter que se vestir. Mas ele não foi para isso e, além do mais, algo lhe diz que não ficaria nada bem se acontecesse algo entre eles. Não tem como explicar para si mesmo o porquê, mas essa sensação é muito forte e não pode fazer de conta que não a está ouvindo. Por fim, ela se levanta com um gestual de desagrado que tenta dissimular.

— Como queira. Ali é a cozinha, se quiser pode ir preparando o café, suponho que seja a única coisa que quer tomar.

Ele olha para o relógio.

— Não é uma má opção para as quatro da tarde, certo?

Paula se vai sem dizer nada. Entra em seu quarto e deixa a porta entreaberta. Por um espelho que ocupa toda a parede, Pablo pode ver como ela tira o quimono azul e fica completamente nua. Não pode evitar de olhá-la. Seus peitos são grandes, mas delicados, sua pele está bronzeada e a marca branca que desenha o formato do biquíni atrai sua atenção até o púbis. Suas pernas são longas e firmes e ele gosta das curvas do seu quadril... e muito. Ela sacode a cabeça, e o cabelo úmido lhe cai sobre os ombros.

*É o suficiente*, diz a si mesmo e se dirige para a cozinha.

Põe a água para ferver e procura as xícaras, os pires, o café, o açúcar e as colheres. Não entende Paula e não entende a si mesmo.

— Você prefere café forte ou fraco? — grita para ela como se não estivesse acontecendo nada.

— Tanto faz.

Prepara dois cafés fortes, apoia-os sobre uma bandeja e os leva para a sala de estar. Deixa tudo sobre a mesa de centro e seu olhar se detém num quadro que está pendurado à altura de sua vista.

É um quadro que retrata uma paisagem campestre. Nele, se vê uma cabana de estilo alpino, bem lá no alto. O dia é nebuloso e a névoa desceu o suficiente para cobrir a parte superior da casa. Dá para intuir que há uma chaminé detrás da neblina. À esquerda da cabana, há um pinheiro alto. À direita, ao longe, surge entre a névoa a figura de um caçador. Traz em sua mão uma presa, parece ser uma lebre. O animal tem os olhos muito abertos. Algo no homem chama a sua atenção, ainda que não perceba bem o quê. Tudo está pintado de uma cor marrom e é harmoniosamente belo.

Os traços lhe fazem recordar o quadro que viu na casa dos Vanussi e cujo autor não pôde identificar. Aproxima-se para ver a quem pertence. Na assinatura apenas consta: V. P.

Pablo se lembra das palavras de Camila: “Mamãe pintava. Era muito talentosa”. Javier também tinha feito referência a isso. Obviamente, esses quadros foram feitos por sua mãe. V. P. : Victoria Peña.

Distraído na contemplação do quadro, não se dá conta de que Paula já tinha regressado até que sua voz o sobressalta.

— Gosta?

Vira e a olha. Paula está vestida com uma camisa xadrez larga, de fundo azul, uma calça

*jeans* e sapatilhas brancas; o cabelo preso em um rabo de cavalo.

— Muito. Não sei por quê, mas me lembra do que há em sua casa da General Rodríguez.

— Boa observação. Pertencem ao mesmo autor. Por aqui tenho mais dois. Quer vê-los?

— Adoraria.

— Venha.

Paula sai da sala e depois de algumas voltas entra num ambiente grande e luminoso que parece ser um salão de jogos. Vê o quadro assim que entra. É de grande tamanho e se impõe em todo o ambiente. Pablo se detém a alguns metros para poder observá-lo melhor.

Diferentemente do outro, este apresenta uma ausência total de cores. Totalmente feito em preto e branco, consegue sem dúvida causar um forte impacto pela hábil utilização das sombras. Há uma série de figuras humanas que se distinguem claramente apesar de estarem desorganizadas e formadas totalmente por figuras geométricas, especialmente círculos e triângulos. São três pessoas no primeiro plano. As figuras geométricas estão simplesmente desenhadas, sem sombras interiores. Uma mulher está com a cabeça apoiada na mão e através dela se veem seus olhos perfeitamente circulares. Um coração escuro aparece à direita de seu corpo. Seu rosto olha para um homem de olhos pequenos cuja boca, sugerida por um triângulo invertido, dá-lhe uma expressão de tristeza. Um grande coração aparece à altura da cintura. A terceira pessoa está pintada com traços muito mais firmes e parece estar olhando-os. Por fora dessa cena, as sombras aparecem em alguns setores bem marcados, chegando quase ao preto e dificultando a percepção de alguns detalhes, enquanto em outros o sombreado é apenas perceptível.

Pablo tem uma distante associação e fica algum tempo pensando frente ao quadro. Paula o observa com ar divertido.

— No que está pensando?

A voz o tira de sua abstração.

— Que me lembra de algo.

— Do quê?

Ele observa o quadro detalhadamente, retrocede um passo e permanece em silêncio por uns segundos, depois dos quais meneia a cabeça.

— Faz uns anos, estive em Madrid. Era um dia cinzento e não tinha muito que fazer. Tomei café da manhã bem cedo em um café da La Grand Vía, depois fui até o Prado e dali segui caminhando até o museu Reina Sofia. Confesso que entrei sem muito entusiasmo. Jamais me

atraí muito pela pintura, mas veja só como são as coisas. Quando alguém viaja, se sente na obrigação de fazer todas as coisas que aqui não faz nunca. Assim sendo, subi umas escadas e ao chegar a um amplo salão eu o vi. Ali estava, majestoso e soberbo: o “Guernica” — olha para Paula. — Você já o viu?

— Sim, mamãe tinha uma reprodução em seu estúdio. Era seu quadro preferido.

— Conhece a sua história?

— Não muito.

— Foi um dos eventos mais dramáticos da Guerra Civil Espanhola. Teve a ver com a ajuda que Hitler ofereceu a Franco.

Paula o escuta atentamente.

— Em abril de 1937, um grupo composto pelos melhores aviadores alemães, chamado Legião Condor, bombardeou Guernica, uma cidade ao norte da Espanha, e três horas depois disso, setenta por cento da cidade estava destruída e umas mil e quinhentas pessoas haviam morrido. Em sua maioria crianças, mulheres e velhos — Paula acompanha o relato com atenção. — Três dias depois, Pablo Picasso começou a realizar o mais forte testemunho desse horror: o “Guernica” — ele a observa antes de continuar. — Não tem cor e o dramatismo foi feito pelo jogo do branco, preto e cinza.

Pablo sorri e ela o olha assombrada.

— Acabo de me lembrar de uma anedota. Durante a ocupação nazista em Paris, o embaixador alemão visitou o ateliê de Picasso. Ali havia uma reprodução do “Guernica”. O homem o olhou admirado e lhe disse: “Ah, sim, eis o que foi feito por você”, ao que Picasso lhe respondeu: “Não, quem o fez foram vocês”.

Paula também sorri.

— É uma história fascinante.

— Não, o que é fascinante é como a arte permite canalizar a angústia e criar, a partir do horror, algo tão maravilhoso.

Ela o olha e sua expressão se torna abatida, melancólica.

— A verdade é que este quadro me lembrou do “Guernica”. Também é comovente e esconde muita dor.

Silêncio.

— Porém, você me disse que tinha mais um do mesmo autor.

— Sim, mas para vê-lo você terá que enfrentar um desafio que me parece ser bem difícil de

superar. Não sei se está disposto.

— Não entendo.

Olha-o nos olhos.

— Sim, porque está em meu quarto e, se quiser vê-lo, terá que entrar.

Ele sorri e lhe acaricia o cabelo. Ela inclina a cabeça em direção à sua mão.

— Não há problema. Creio que poderei resistir.

— Bem. Façamos a prova.

# V

O quarto de Paula é belo e delicado, como ela. Uma enorme cama ocupa grande parte do quarto frente a uma parede espelhada. Alguns almofadões de Andaluzia de cores brilhantes estão espalhados em cima da cama de forma harmoniosamente casual. Sobre uma única mesa de cabeceira, há um abajur de ferro com cacos de vidros coloridos que, ao ser aceso, produz o mesmo efeito de um vitral. Pablo se detém e o observa detalhadamente. É um estranho atrativo.

— Eu o trouxe de Marrocos.

Debaixo do janelão, uma mesa e uma luminária com pé de ferro preto geram um espaço de estudo. *Certamente, pensa, Paula passa aqui a maior parte do seu tempo.*

No quarto não há televisor, mas um equipamento de som e uma biblioteca, numa estante de livros de madeira Thompson. Pablo reconhece seus livros à esquerda da estante superior, em um lugar privilegiado. Sobre o ângulo que forma a união da parede lateral com a qual dá para o fundo, apoiado no chão, está o quadro. Paula acende uma luz suave, estrategicamente dirigida para iluminá-lo.

A primeira coisa que impacta ao olhá-lo é a sensação de estar diante de uma tela totalmente pintada de vermelho, mas ao observá-lo detalhadamente vê que não é assim. Pouco a pouco, vai percebendo as figuras que vão tomando forma à medida que presta atenção.

Compreende que o que lhe gerou a impressão inicial é na realidade um tapume de fundo que está pintado com gamas mais fortes e mais suaves de cor vermelha. Um círculo prateado se destaca à meia altura do centro em direção à esquerda entre linhas verticais. Uma mulher está sentada no chão, apoiada no tapume. Suas pernas estão juntas e esticadas. Suas mãos caem apoiadas sobre as pernas. À direita, vê-se a figura de uma pessoa que vira a esquina, apenas parte dela está aparecendo, percebe-se uma perna, uma parte de seu tronco e um braço. O resto do corpo está oculto detrás do tapume. Nada mais, é um quadro que tem poucos elementos, no entanto torna-se impactante e está trabalhado com grande habilidade.

Ele fica alguns minutos observando-o. Depois de algum tempo, volta-se e olha para Paula. Está sentada na cama, olhando para ele.

— E?

— Simplesmente extraordinário.

— Fico feliz em saber que gosta deles.

Ficam por algum tempo em silêncio como se, por uns minutos, nenhum dos dois tivesse nada a dizer. Até que escuta a voz de Paula.

— Eu lhe devo uma resposta.

Surpreso, ele a interroga com o olhar.

— Ontem à noite, antes de nos despedirmos, perguntou-me onde eu estava no dia em que mataram meu pai e eu lhe disse que não podia responder.

— E então?

Olha-a.

— Pablo, você confia em mim, não?

— O que a faz pensar isso?

— Que sua pergunta, na realidade, foi uma armadilha.

Olha para ela sem responder. Paula é, evidentemente, muito mais lúcida do que ele pensa.

— Por que diz isso?

— Porque, se eu tivesse respondido à sua pergunta, teria admitido saber o momento exato que mataram meu pai. E, supostamente, eu só poderia ter esse dado se tivesse a ver com o crime. Porque, para mim, ele estava na Europa e por isso não fiz denúncia do seu desaparecimento e me inteirei de sua morte apenas quando foi achado no lago.

Ele a olha sem demonstrar nenhuma expressão.

— Mas, como eu não tive nada a ver com o homicídio, não posso lhe responder o que estava fazendo no dia em que o mataram pelo simples fato de que ignoro qual foi esse dia — Pablo assente. Ela expressa contrariedade. — O que houve?

— O que acontece é que é muito difícil percorrermos esse caminho juntos sabendo que não confia em mim. Mas, tudo bem, suponho que não lhe reste outra opção.

Essa afirmação é, na realidade, uma pergunta encoberta. E ele não quer mentir para ela.

— Efetivamente, não me resta outra opção. Nessa história, tudo é possível. De fato, se pode ser que seu filho o tenha matado, por que não sua filha? Não posso descartar ninguém. Na minha cabeça todos são potencialmente culpáveis, e eu não gosto disso. Estou pensando como um paranoico. Muito mais, depois de ontem.

Paula o olha com estranheza.

— O que aconteceu ontem?

— Dois caras vieram me pressionar.

Observa-a com atenção. Sua surpresa parece autêntica.

— Eles o feriram?

— Não, não vieram para isso. Simplesmente queriam me assustar. E conseguiram. Com muita educação, deram a entender que, se eu continuar me metendo nessa história, minha vida não vale nada. E há algo que não posso deixar de me perguntar desde que isso aconteceu.

— O quê?

— Quem está a par de que eu estou fazendo averiguações sobre a morte de seu pai? Porque é evidente que alguém avisou para não sei quem.

— Desconfia de alguém?

— Já lhe disse, de todos e de ninguém. Repassei todas as pessoas que pudessem tê-lo feito e só consigo ficar ainda mais confuso. Rasserri, você, alguém da Clínica Ferro, Bermúdez...

— Bermúdez?

— Sim. É um policial subdelegado que...

— Sei perfeitamente quem é. Esteve à frente da investigação e falei com ele em várias ocasiões. Mas e você, como chegou a ele?

— Isso não importa.

— Claro que importa.

— Por que diz isso?

— Porque a pessoa que lhe passou o contato com Bermúdez também está inteirada de suas investigações e, assim, isso o converte em um potencial informante da gente que foi lhe pressionar, não acha?

Pablo empalidece. Essa ideia nem sequer lhe passara pela cabeça. Por acaso deve somar à sua lista de suspeitos Fernando, Helena ou José? Só de pensar, estremece.

Tenta tirar essa ideia da cabeça, mas a verdade é que Paula tem razão. Por isso, fica em silêncio e se senta ao seu lado na cama. Ela compreende que ele está muito abalado emocionalmente e o abraça. Olha-o bem de perto; ficam a pouca distância de um beijo. Ela o deseja, mas ele a afasta com suavidade.

— O café deve ter esfriado e a verdade é que eu preciso de um.

— Como queira.

Diz sem irritação.

— Obrigado.

Paula se retira e ele fica no quarto. Volta a olhar para o quadro e sente que a moldura vermelha o prende. Crê perceber algo, mas não pode discernir o que é. Coloca-se em pé, vai



para a sala e senta-se no sofá. Depois de algum tempo, ela aparece trazendo-lhe o café e o olha antes de falar.

— Pablo, deixei uma mensagem dizendo que precisava falar com você.

— Suponho que tenha a ver com minha conversa com Javier.

— Não. Tem a ver com Camila.

— O que houve com ela?

— Ela me perguntou por você.

— O quê, exatamente?

— Queria saber quando iria voltar em casa. É obvio que quer falar com você. Você tinha razão. Parece que ela vai conseguir realizar um dos meus sonhos — ele a olha de forma interrogativa. — Vai ser sua paciente.

Sorri.

— Não sei, crianças não são minha especialidade.

— Camila não é uma criança. Tecnicamente falando é uma pré-adolescente e, pelo que tenho lido, você tem experiência nesse tipo de tratamento. Além disso, se julgarmos seu coeficiente intelectual, irá lidar com uma das pessoas mais inteligentes com quem já trabalhou em toda sua vida.

Silêncio. Pablo está tentando sair do estado anterior para poder falar sobre esse assunto com Paula. Ela continua totalmente alheia à sua confusão interna.

— Você me pediu autorização para falar com ela e agora ela me pergunta quando irá até em casa, ou seja, quando irá falar com ela. Não posso evitar de escutar seu pedido, de forma que deixo a decisão em suas mãos. O que vai fazer? O que eu lhe digo? Irá até lá para vê-la ou não?

Ele responde sem nem sequer pensar.

— Amanhã. Ao meio-dia. Tudo bem para você?

— Perfeito. A essa hora ela descansa do seu primeiro turno de estudos.

Pablo se levanta e fica em pé.

— Ficamos combinados, então.

— Faltar ajeitar algo — olha para ele. — Seus honorários que, suponho, devem ser elevados, mas a única coisa que nosso pai nos deixou foi dinheiro, assim, não teremos problemas com isso.

— Correto. Mas antes gostaria de ter algumas conversas com ela. Depois acertamos isso. O que acha?

— Certo. Suas famosas sessões preliminares antes de assumir um paciente.

— Isso mesmo.

— Só mais uma coisa — seu olhar muda. — Tenha muito cuidado com ela, por favor. Camila é uma garota de uma inteligência enorme e, embora não pareça, é extremamente sensível.

Pablo desce e fica pensando nas palavras de Paula. Ao sair do edifício, dá-se conta de que ela não lhe perguntou nada sobre sua sessão com Javier. Certamente não precisa. Supõe que Rasserri tenha lhe contado tudo, talvez até lhe permitido ver o vídeo. Não tem certeza, mas não está em condições de pensar nisso agora.

## VI

Luciana olha para o envelope que está sobre sua mesa. Sente a tentação de abri-lo, mas sabe que não pode nem deve. O doutor Rasserri foi bem claro quanto a isso.

— Isto é para o Rouviot, mas não envie. Quero que você entregue em mãos.

É evidente que o material contido no envelope deve ser de grande importância, tendo em conta que Rasserri não quis se arriscar que se perdesse nem que ninguém além dela, sua pessoa de extrema confiança, levasse-o a Rouviot.

Não precisa ter um grande *insight* para deduzir que seja o que for que contenha o envelope, tem a ver com Javier Vanussi.

Levanta o telefone e digita o número que Rasserri lhe deu sem saber que ela já o tem agendado em seu celular. Depois de três toques, Pablo atende.

— Alô.

— Doutor Rouviot?

— Sim.

— Boa tarde, sou Luciana Vitali, assistente do doutor Rasserri.

Ele sorri.

— Bom... é necessário ter tanta formalidade?

— O que ocorre é que eu estou lhe telefonando cumprindo uma ordem do doutor. Pediu-me que entregasse um envelope em mãos. Não sei se quer passar pela clínica ou se prefere que eu o encontre em algum lugar.

— Luciana, suponho que isso não seja uma brincadeira.

— Não, de fato tenho um envelope sobre minha mesa neste exato momento.

— Não me refiro a isso, digo pelo modo como está me dizendo.

Fica uns segundos em silêncio.

— Pablo, vamos combinar uma coisa. Quando eu lhe telefonar por mim, não vou levar em conta toda essa etiqueta absurda, mas quero que fique muito claro quando a pessoa que lhe telefona não sou eu, mas a assistente de Rasserri. Eu não entendo nada do que está acontecendo por aqui e não é um assunto meu, mas me parece que as coisas estão muito misturadas para que eu me meta nessa confusão.

*As coisas estão muito misturadas, confusas...* A que Luciana está se referindo? Ao caso

Vanussi ou às suas próprias emoções?

— Eu quero lhe informar, além disso, que hoje, enquanto você estava com Javier, sua irmã, Paula, deixou-lhe uma mensagem. Como você foi embora e não o vi sair, não pude avisá-lo. De qualquer maneira, suponho que ela também tenha seu celular, assim sendo não me preocupei porque o recado chegaria a você de uma forma ou de outra.

*Suponho que ela também — leia-se, como eu — tenha seu celular.*

Agora compreende. Luciana está irritada ou, pelo menos, com ciúme.

— Está bem. Já falaremos sobre isso. Mas, diga-me, o que tem o envelope que Rasserri mandou entregar para mim?

— Ignoro. Não costumo abrir a correspondência alheia.

Nesse momento, ele aceita entrar no código que Luciana propõe. Entende-a, porém seu ciúme ou sua irritação deixam de lhe interessar e toma consciência do quão importante pode ser encontrar-se com ela o quanto antes para pegar o envelope.

— Seria muito pedir que entregasse perto da minha casa?

— Não. De fato, tenho a indicação de que devo entregá-lo. Só preciso que você me diga quando e onde.

— Então, gostaria que viesse o quanto antes.

— Bem, se me der o endereço, em dez minutos eu saio para o local.

Luciana anota e desliga. Olha o endereço e se dá conta de que não está muito longe e que em meia hora pode chegar até a casa de Pablo. Pede autorização para Rasserri de sair e começa a guardar suas coisas na bolsa. Antes de ir, separa uns minutos para entrar em um banheiro e olhar-se no espelho. Está bem, agrada-lhe o que vê. Passou pela prova.

Até agora, jamais misturou o profissional com o pessoal, mas, nesse caso, não pode evitar. Ela gosta de Pablo.

Passa novamente por sua mesa e pega o envelope. Dirige-se para o estacionamento privado da clínica e entra em seu carro, um presente de seus pais quando decidiu vir morar em Buenos Aires. É um automóvel ideal para uma mulher sozinha, haviam lhe dito isso. Pequeno, confortável para dirigir, confiável e, sobretudo, fácil de estacionar.

Sai e pega a Avenida Lacroze. Dali vai até a Libertador e, em poucos minutos, estará na casa de Pablo.

*Não gosto de misturar as coisas, volta a pensar.*

Mas às vezes não é tão fácil.

## VII

— Senhor, eu o perdi.

— Como o perdeu?

— Sim, virou por uma rua que para mim era contramão e foi em direção à Avenida Cabildo.

Tive que contornar uma quadra para retomar e, quando pude entrar, já não estava mais.

— Você prestou bem atenção? — sabe que é uma pergunta inútil, mas não pode evitar fazê-la.

— Sim, claro. Eu desconfio que ele entrou no metrô. O que faço? Vou para sua casa?

Pensa por um instante.

— Sim, vá. E faça-me um favor.

— O que quiser, senhor.

— Seja mais atento e não tão imbecil.

Hesita se responde ou não. Ao final o faz.

— Sim, senhor, eu prometo.

O homem de olhos claros desliga irritado o telefone, com a sensação de que terá que se encarregar pessoalmente desse assunto. Olha para o relógio, são sete horas da noite. Com um pouco de sorte, Rouvriot estará em sua casa e terá deixado de brincar de detetive por hoje. Pelo menos, é isso que espera, pelo bem de todos.

# VIII

Helena deixa duas taças de café sobre a mesa. Do outro lado, José a olha preocupado.

— Vamos ter que pará-lo. Não pode continuar metendo a colher nesse assunto.

Ela assente.

— Eu tentei falar com ele, mas não me escutou. Parece obcecado com esse tema dos Vanussi. Acho que não foi uma boa ideia envolvê-lo.

— Tem razão, mas jamais pensei que fosse sair em disparada, sem freio, como tem feito. Só tinha que preencher umas folhas com os dados, assinar, enfiar numa pasta e entregar para convencer o juiz de que não enviasse Javier para uma prisão comum. Só isso — interrompe-se.

— Por que diabo teve que se meter para investigar qual era a verdade da história?

— Estou estranhando sua surpresa. Você o conhece muito bem e sabe como é quando enfia algo na cabeça.

— Helena — crava-lhe o olhar —, agora, com tudo vindo à tona e entornando o caldo, é fácil me jogar a culpa. Mas você sabe muito bem que ninguém tem acesso a Pablo sem antes passar por você, e Paula não foi uma exceção. Assim sendo, nessa cagada estamos juntos. Por isso mesmo, por que em vez de culparmos um ao outro não tratamos de encontrar uma forma de terminar com isso o quanto antes?

— Você tem alguma sugestão?

— Não. Você falou com Fernando?

— Não me pareceu necessário.

— Para mim é necessário, sim. Perdão pela obviedade, mas três cabeças pensam melhor que duas. Além disso, ele também tem sua parte nisso tudo, não?

Helena não diz nada, mas sabe que José tem razão. Algo eles terão que fazer. E rápido, se não quiserem que seja tarde demais.

# IX

Abre a porta e encontra com os olhos azuis-acinzentados que o olham por detrás das lentes dos óculos. Ele sorri e se coloca de lado.

— Entre.

— Não é preciso incomodar-se — responde enquanto abre sua bolsa. Tira dela o envelope e o estende.

Pablo o pega e volta a olhá-la.

— Está bem, senhorita Vitali. Muito obrigado por ter se incomodado de vir até aqui. Agora, bem, eu gostaria de falar com Luciana. Podemos deixá-la entrar ou tenho que esperar que saia do edifício, telefonar-lhe e pedir que volte a entrar para separar as coisas?

Por sua vez, ela sorri, entra e fecha a porta atrás de si. Aproxima-se, acaricia-lhe o cabelo e o beija. É um beijo longo, interminável. Ambos estão esperando por esse momento. A proximidade de seu corpo lhe devolve a sensação de vida de que estava precisando.

Luciana sente como a língua de Pablo percorre sua boca, e seus dentes a mordem suavemente enquanto suas mãos descem por suas costas até acariciar seu quadril.

Ele levanta o vestido cinza-claro e enfia a mão debaixo da sua roupa íntima. O contato com sua pele lhe causa um leve estremecimento. Deixa-o fazer sem opor a menor resistência. Para que entrar nesse jogo histérico? Ela não é assim. Ela o deseja. Que ele faça com ela o que quiser.

Pablo abre o zíper do vestido e o desliza pelos ombros. O vestido cai no chão, bem em cima do envelope. Luciana está sem sutiã e, assim, seus seios ficam à vista. Ela está excitada. Melhor, porque ele também está. Beija-a e ela fecha os olhos, levanta uma perna para ajudá-lo.

Esse momento para Pablo sempre o faz estremecer. Porque sabe que, quando uma mulher colabora para que ele a desnude, está lhe dizendo que o deseja.

Recosta Luciana no sofá e se ajoelha no chão. Ela envolve a cabeça dele com suas pernas e se move com lentidão. Ele a cheira e, pela primeira vez em muito tempo, não sente o desejo de que este aroma seja o de Alejandra. Suas mãos se esticam até apertar os seios duros e suaves; o movimento de Luciana começa a se acelerar. Escuta seus gemidos. Afasta-o e olha para ele.

— Não, espere.

— O que houve?

— Quero sentir você dentro de mim.

Pablo escuta o pedido, a súplica, e sente como se a libido disparasse por cada uma das células de seu corpo. Pega-lhe a mão e a leva para o quarto. Em poucos segundos está dentro dela, tocando-a, mordendo-a, apertando-a. Ela o deixa fazer tudo o que quer. Sente que isto é algo diferente em sua vida.

Não sabe quanto irá durar, mas, neste momento, pouco lhe importa. O importante é que está ali, com ele, na cama dele, em seu corpo.

Sente vir o orgasmo e o retarda por alguns segundos até que se dá conta de que já não quer mais retê-lo.

— Quero que me faça gozar, goza comigo — pede. E ele, obediente, aperta-a ainda mais contra si, não é um momento muito longo, dura apenas uns segundos. Não é eterno, é apenas um segundo em que o passado, o presente e o futuro se cruzam de uma maneira maravilhosa e fatal.

O grito de Luciana retumba no apartamento. Depois, tudo é silêncio. No quarto, apenas se ouvem suas respirações que, pouco a pouco, se vão fazendo mais lentas, e seus corpos úmidos não podem se separar ainda.

No chão do *hall* de entrada, o vestido descansa indiferente; debaixo espera o envelope que, por agora, perdeu para ele toda a importância.



# X

É um dia frio, mas ensolarado, desses de que ele gosta. A noite foi intensa e sente como se ainda levasse algo de Luciana em sua pele. Ela acordou primeiro, vestiu-se sem fazer barulho e o beijou antes de ir. Quando Pablo abriu os olhos, ela já não estava. Sentiu uma onda de angústia, um *déjà-vu*. Mas desta vez é diferente. Luciana não o abandonou, simplesmente foi para seu trabalho. E ele devia fazer o mesmo, por isso está em seu consultório, para colocar as coisas em ordem antes de ir ver Camila. Há pacientes que o esperam e ele tem que se organizar para não prejudicá-los.

Helena entra trazendo o chá e o vê com os históricos clínicos na mão.

— Bom, vejo que percebeu que há outras pessoas que precisam de você. Pacientes com os quais assumiu um compromisso. Até agora isso sempre havia sido algo importante para você.

— Sabe de uma coisa? Estava só aguardando para ver quanto tempo demoraria para me criticar. Mas tudo bem, pelo menos é alguma coisa, porque desde que entrei quase não me dirigiu a palavra.

— O que está querendo, Loiro? O que esperava se desde que Paula cruzou por essa porta você se esqueceu do mundo?

Não sabe como tomar o que Helena lhe disse. Por via das dúvidas, se defende.

— Paula Vanussi é muito bonita, mas não estou gostando dela, se é a isso que se refere.

— Não sei se você está gostando dela ou não e isso não é problema meu. Eu nunca me meti em sua vida sexual. Não é isso que me preocupa.

— Ah, não? E o que exatamente a preocupa?

Helena se serve uma xícara de mate e o toma sem pressa.

— Ontem conversei com Fernando.

Pablo deixa os históricos clínicos sobre a escrivaninha e se reclina em sua poltrona. Olha para ela com expectativa.

— Eu lhe perguntei o que sabia de Roberto Vanussi e do que está à sua volta.

— E?

— Loiro, eu não sei o que lhe passou pela cabeça para se meter nisso. Esse cara era capaz de fazer qualquer coisa por dinheiro ou por poder. Vamos ver se me entende de uma vez por todas. Vanussi era um cara foda que se rodeava de gente tão foda quanto ele. E, seja lá quem o tenha

matado, isso deixa de ser importante, todos lhe devemos um favor.

— E o que mais Fernando lhe disse?

— Que, se você se meter com essa gente, sua vida não vale nada — olha para ele com seriedade. — Mas isso não é tudo. Porque se você quer se suicidar é um problema seu, mas quero que saiba que com o seu comportamento está colocando em perigo todos que o rodeiam.

Olha-a, assombrado.

— Não entendo ao que está se referindo.

Helena pega um envelope preto que estava apoiado na bandeja e coloca diante de Pablo.

— A isto.

— O que é?

— Olhe.

— Como chegou até aqui?

— Deram para o porteiro.

— Mas...

— Abra-o.

Pablo pega o envelope. Seu coração começa a bater rapidamente e uma sensação de angústia o invade preparando-o para algo desagradável.

Como analista, ele sabe que há dois tipos de angústia.

A automática, que é efeito da pura descarga de tensão acumulada, produto da chegada de uma força incontrolável que, como uma erupção se impõe arrasando tudo. Essa angústia paralisa e deixa a pessoa indefesa e sem palavras. A outra forma, a que assinala algo, é mais moderada, mais controlável, não explode, mas produz uma sensação de temor e agonia e sua função é alertar a psique ante a possibilidade do aparecimento de um acontecimento doloroso. Dessa maneira, faz com que, de um modo inconsciente, os mecanismos de defesa se ponham em movimento para proteger a pessoa de uma dor que, por outro lado, se tornaria insuportável.

Pois bem, esse mecanismo foi ativado em Pablo.

Tenta demonstrar uma tranquilidade que não tem e abre o envelope. Tira cinco fotos que foram tiradas com uma teleobjetiva e que mostram Pablo entrando na Clínica Ferro, Helena na porta do consultório, Fernando em seu automóvel, José em um bar e esta, que mais o golpeia, Alejandra sentada sobre a grama à margem de um rio. Não reconhece o lugar, mas não tem dúvida de que foi tirada no povoado onde vive. Todos estão marcados com uma enorme cruz pintada em cor vermelha. Demora a reagir. Olha uma vez mais o envelope anônimo e vê uma

folha de papel que não tinha notado. Tira e lê uma mensagem curta: “Quer continuar?”.

Faz-se um silêncio pesado e prolongado que Helena interrompe.

— E... o que pensa sobre isso?

— Que Javier Vanussi não pode ser o autor disso, não acha?

Helena não lhe diz nada, só o olha com uma expressão de contrariedade. Pablo não pode sustentar o olhar. Ela se levanta e se retira da sala sem dizer nada. Ao ficar só, abaixa a cabeça e aperta o rosto com as mãos. Não tem dúvidas. Isto não é um jogo e deve terminar o quanto antes.

Levanta-se, pega o envelope com as fotos e se dirige para a porta, passa ao lado de Helena e se inclina para dar-lhe um beijo. Olha para ela e vê o medo em seus olhos. Tenta sorrir e acaricia sua cabeça com ternura.

— Perdoe-me.

Não recebe nenhuma resposta.

Sem dizer uma só palavra, atravessa o corredor e sai do consultório.

— Isto tem que terminar — volta a dizer a si mesmo, em voz baixa.

No entanto, olha o relógio. Certamente o motorista já está na porta e Camila deve estar lhe esperando.

# XI

Está sendo complicado estudar esta manhã. Levantou cedo, como sempre. Francisca já havia lhe preparado o café da manhã, mas antes de fazer a refeição tomou banho e vestiu seu uniforme de estudo: conjunto agasalho, tênis e uma camiseta larga. Fazia frio, por isso colocou uma jaqueta esportiva de cor verde. Gosta de se vestir de maneira informal. A roupa folgada faz com que se sinta mais confortável.

Tomou seu café da manhã rapidamente e foi para a sala de estudos. Ali, começou com seu ritual cotidiano: abrir o estojo, tirar o arco, retesar as cordas, passar um pouco de resina e deixá-lo cuidadosamente sobre a escrivaninha. Depois de pegar o violino, olha com respeito e temor entre as efes, as aberturas acústicas. Não sabe por que, mas sempre teve medo de que, durante a noite, alguma barata entrasse por esses orifícios. Sabe que é uma ideia ridícula, mas não consegue evitá-la. Já tentou lutar contra isso e começar a tocar sem realizar a inspeção prévia, mas em todos os casos a angústia a havia impedido de se concentrar. Por isso, desistiu do desafio e o incorporou à cerimônia que precedia ao estudo.

Feito esse repasse absurdo, mas necessário, dedica-se a afinar o instrumento cuidadosamente.

Como sempre, quando crê que a afinação é a correta, comprova-a tocando cordas duplas. Uma vez satisfeita, e antes de se pôr para estudar, toca algo de que goste. Porque sim, por prazer. É uma violinista talentosa, mas hoje não quer complicações, assim sendo, contenta-se em tocar Bach para a quarta corda. Uma peça lindíssima, mas que para ela não apresenta nenhuma dificuldade. Recorda de tê-la escutado pela primeira vez num domingo pela manhã, ainda bem pequena, durante a celebração de uma missa transmitida pela televisão.

Quando termina de tocar, vira sua cadeira e se concentra na partitura que está no atril, a que vem estudando há semanas. É uma obra difícil e espera poder encará-la com toda a sua concentração, mesmo que hoje esteja um pouco dispersa. Ela percebe, ela sente. E sabe ao que se deve.

Sua irmã lhe disse que hoje, ao meio-dia, Pablo virá falar com ela. Olha de soslaio seu relógio de parede, o que usa para controlar seu tempo de estudo. Faltam ainda duas horas e serão muito longas se não ocupar sua mente com outra coisa. Por isso, como sempre faz, respira profundamente com os olhos fechados, uma, duas, três vezes, abre-os e concentra sua mente na

obra que tem à sua frente.

Isso sempre tem lhe dado resultado, talvez por isso decidiu ser violonista. Porque nesse universo abstrato e pessoal, feito de figuras e silêncios, sente que não corre nenhum risco.

Neste mesmo instante, cada um está em seu próprio mundo, todos ignorantes da verdade que espera de cócoras. Bermúdez está ao telefone, José atende um paciente ao qual não consegue prestar muita atenção, Alejandra caminha por uma rua arborizada que não conduz a lugar algum, Míguez está xingando em seu escritório. Pablo sobe no carro que o levará até a casa de Camila.

## XII

*Às vezes, sua mente cria situações cruéis; sai por algum tempo e ao voltar é incapaz de se lembrar de coisa alguma. Como se o tempo não tivesse passado. Mas, desta vez, não pode permitir que isso ocorra.*

*Olha o volume desajeitado aos seus pés e decide que já é o suficiente. Procura o carro e o aproxima o máximo possível, quase até o lugar no qual começa o pequeno bosque de pinheiros. É muito tonto, idiota. Ele foi se arrastando até ali e isso complica ainda mais as coisas. Mas tudo bem... é a última perturbação que lhe causa na vida.*

*Olha uma vez mais ao seu redor para se assegurar de que ninguém esteja observando, arrasta-o e o deixa cair com dificuldade no porta-malas. Tapa o bagageiro e sobe no carro.*

*Pronto. Agora precisa jogá-lo em alguma das lagoas que há entre os juncos, ao lado da estrada. Para quando encontrá-lo — se conseguirem — os bichos já terem apagado qualquer prova.*

*Maldiz ter que ser a pessoa encarregada de fazer isso, mas sabe que quando terminar sentirá um alívio. Não suportava mais ter que lidar com o que acontecia. Roberto sempre tinha sido um perverso, um homem violento que jamais havia se importado com nada. Toda a sua vida tinha sido dedicada a fazer dinheiro e a foder com os demais, e era mais do que certo que algum dia alguém faria justiça. Mas ninguém tinha vindo em seu auxílio e por isso lhe toca estar aqui. Se pudesse, suprimiria também todas as pegadas de sua passagem pela terra. De qualquer modo, ninguém irá soltar uma só lágrima por sua morte. E é justo que assim seja.*

*Não sente nenhuma culpa pelo que está fazendo, no entanto, não pode deixar de tremer. As imagens e as emoções se misturam nublando ainda mais a sua mente que por si só já é instável.*

*Quando Roberto disse que havia decidido suspender a viagem, algo havia quebrado em seu interior. O equilíbrio que vinha sustentando com tanta dificuldade desmoronou numa tacada só. Pensava que lhe esperavam pela frente seis meses de paz e de distanciamento. Mas não. Ele decidiu mudar de ideia no último instante e não viajar. Oxalá não tivesse feito. Teria bastado que pegasse esse avião de merda e tivesse ido. Se fosse assim, agora estaria desfrutando em Paris de um jantar de boas-vindas, saindo com seus amigos ou se retorcendo*

*em amassos com alguma puta. Uma pena, pensa enquanto para o automóvel. Com esforço, mas já sem tanto cuidado, tira como pode o corpo do porta-malas, traz para perto do ombro e depois o empurra fazendo-o rolar até a lagoa.*

*Por um instante, sua mente fica em branco enquanto observa como a água vai cobrindo o corpo até fazê-lo desaparecer.*



P A R T E 4  
**A VERDADE**



A verdade pulsa subjugada e silenciosa. Oculta nos lugares mais obscuros da mente, esquecida em antigos arquivos judiciais, encoberta nos confusos ditames oraculares ou simplesmente presa da repressão ou do desconhecimento, como se tratasse de um desses simples animais que hibernam por um longo período sem manifestar-se, mas que, mesmo assim, ainda nesse estado, continuam vivos.

A verdade. Tão desejada e temida ao mesmo tempo. Às vezes, por maldade, outras pela dor ou simplesmente porque o tempo estendeu um véu de fatal encobrimento, jaz oprimida e quanto mais oculta, mais forte. Porque não sabe morrer. Porque sabe ser silenciada, escondida ou esquecida, mas ainda assim clama que a notem, grita a sua presença. Onipresente em sua aparente ausência. Marcando e condicionando o modo de gozar e padecer, de nos relacionarmos com os outros e com nós mesmos.

Ninguém pode ser completamente feliz senão ao custo de certa ignorância, mas essa ignorância não está ao alcance de qualquer um. Pelo contrário, há pessoas às quais a verdade lhes reclama desde seu próprio sangue o direito de sair das sombras e não podem disfarçar que não a ouvem mesmo que queiram, ainda que doa, como no caso de Pablo, ainda que corra riscos desnecessários.

O envelope preto está apertado entre suas mãos. As fotos que acaba de ver não se apagam de sua mente. Que razão tem para colocar em perigo as pessoas que ama? Com que direito arrasta pessoas inocentes com suas decisões? A resposta é uma só: não pode evitar. A verdade é um ímã que exerce sobre ele uma atração irresistível.

Porém, isso não é gratuito. Pelo contrário, sua cabeça não parou um só segundo desde que saiu de seu consultório. Imagens, pensamentos, dúvidas, temores e, sobretudo, raiva, muita raiva. Pensa que, seja quem for que está por trás disso tudo, é um filho da puta que merece ser descoberto.

Mas, para isso, precisa chegar à verdade.

Como sempre, Pablo e a verdade, essa união inseparável que tanto lhe custou na vida. E não é que não tenha tentado afastar-se dela. Tampouco se trata de que seja um homem de uma nobreza perfeita. De forma alguma. A busca pela verdade não é sua virtude, é sua obsessão. Um

sintoma que não pode abandonar.

Ainda se lembra daquela conferência que ministrou ante uma numerosa audiência que, como analista, não lhe interessava o bem-estar de seus pacientes senão por desvelar a verdade que se oculta neles. Mal havia terminado a frase quando uma mulher se levantou indignada e, antes de se retirar da sala de conferências, gritou para ele:

— Para mim, importa sim o bem-estar. Você me entendeu? Porque estou cansada de sofrer. Assim, se é essa a sua postura, não conte comigo. Você pode enfiar a verdade no seu rabo.

Olhou do palco como a mulher ia embora ante o murmúrio e a surpresa de todos os presentes e logo depois de um brevíssimo silêncio, apenas conseguiu responder-lhe:

— Juro que a entendo. E mais, se pudesse fazê-lo, eu também faria o mesmo comigo.

O público riu com sua resposta. Certamente lhes pareceu engenhosa, divertida, mas não havia sido uma ironia. Pablo tinha falado aquilo com muita seriedade.

E agora está novamente ali, nesta casa enorme, percorrendo o mesmo sendeiro arborizado que atravessou faz... faz quanto tempo mesmo?... Sente que parece ter sido há muito tempo, ainda que saiba que não foi assim. Mas hoje tudo é muito diferente. Hoje nem sequer repara na ideia de que por esta grama, Roberto Vanussi se arrastou enquanto sangrava até morrer, nem na beleza da casa, nem no cheiro dos pinheiros. Sua mente tenta, desesperadamente, desprender-se de todo pensamento.

Foi até lá para falar com Camila e nenhuma outra ideia deve fazê-lo esquecer disso. Se quer ajudá-la, tem que abandonar seus medos e preconceitos. Por isso, Vanussi, Helena, Alejandra, Paula, Gitano e inclusive ele mesmo têm que esperar. Mas é isso que realmente ele quer? Dar prioridade a uma garotinha que só conhece faz pouco tempo ainda que custe o preço de colocar em risco a vida daqueles que ama? Até onde irá sustentar a primazia do analista sobre o homem? O que ele quer?

Não tem tempo de responder a essas perguntas porque a porta da casa abre e Francisca lhe sorri enquanto seca suas mãos num avental xadrez branco e azul. Olha-o. Poderia ter sido uma mulher bonita se não tivesse sofrido tanto, se por acaso tivesse nascido em uma família com outros privilégios. Mas quem disse que a vida é justa?

Pablo percebe a ansiedade que há em seu olhar e deduz que faz algum tempo que está olhando pela janela esperando vê-lo chegar. Estende a mão para cumprimentá-lo, ele cruza a porta lentamente e, com o primeiro passo que ressoa no chão de madeira, suas perguntas se desvanecem e compreende que já tomou sua decisão.

Enquanto espera na sala, procura com o olhar o quadro que chamou sua atenção na primeira visita que fez à casa. Ali está. Olha o ângulo inferior direito em busca da assinatura do autor e imediatamente reconhece as iniciais: V. P. Sabia.

Levanta-se e, enquanto toma o café que Francisca acaba de servir, aproxima-se para observá-lo melhor. Gosta. Tem algo. Compartilha com os outros, os que estão no apartamento de Paula, a mesma estranha beleza. Os traços do autor são inconfundíveis e voltam a prendê-lo. Revelam uma forte personalidade e algo mais que, neste momento, não chega a notar.

A pintura mostra um dia atormentado. Em um lado, há um cachorro agachado e o vento inclina as árvores até os galhos quase tocarem o chão. Algo no animal lhe chama a atenção. Em segundo plano, vê-se uma casa quase às escuras. Só no andar de cima uma tênue luz ilumina do interior de uma pequena janela que se deixa entrever uma sombra. À direita, abaixo e bem pequeno, um homem caminha sob a chuva, algo brilha no corpo dele, como uma luz prateada que o atravessa pela metade, como que separando o torso das pernas.

Permanece concentrado em sua contemplação até que Francisca regressa.

— Senhor, Camila disse que pode entrar em seu estúdio.

Segue-a até o quarto que já conhece.

— Obrigado. Você é muito amável.

Ela se detém e meneia a cabeça.

— Não, amável é o senhor — Pablo a interroga com o olhar. — É... de vir até aqui para falar com ela... — coloca-se séria. — Agradeço muito, sabe? Eu amo essas crianças como se fossem meus próprios filhos e já os vi sofrer demais. O senhor Roberto... — detém-se como se estivesse avaliando a conveniência de seguir falando.

— O que dizia?

— Nada, só que o senhor Roberto não era uma boa pessoa e o senhor já sabe disso. Ele fez Victoria sofrer muito. Ela era uma mulher tão especial, tão doce. Eu nunca entendi como pôde... — volta a interromper-se — ...apaixonar-se por um homem como Vanussi — completa a frase.

Assente.

— Mas, tudo bem, suponho que o amor deva ser algo esquisito, não?

Francisca só supõe porque jamais chegou a conhecê-lo. Era muito jovem quando se casou

para poder sair do seu povoado. Sentia que, se ficasse ali, sua vida não teria nenhum sentido e Hipólito foi uma via de escape. Pensou que com o tempo talvez chegaria a amá-lo, mas se enganou. Ele se tornou um bom companheiro. Seu alcoolismo logo o converteu em uma sombra, em um ser introvertido que viveu absorto em seu mundo, e nele não houve lugar para Francisca. Até alguns anos atrás, lamentou por não ter tido filhos. Pensava que teriam sido uma companhia para sempre e a possibilidade, por que não, de saber o que era o amor.

Agora, em contrapartida, alegra-se de não havê-los tido. Basta olhar a família para quem trabalha há tantos anos para compreender que os filhos não conseguem transformar o inferno no paraíso.

Pablo a tira de seus pensamentos.

— Tem razão, Francisca. O amor é algo estranho.

Percorrem em silêncio os últimos metros até que ela para em frente à porta e bate.

— Entre.

A mulher entra primeiro.

— Entre, doutor.

Está cansado de esclarecer que não é doutor, é psicólogo, mas não diz nada, talvez porque não seja o momento ou, no melhor dos casos, já aprendeu a conviver com esse erro.

Aproxima-se de Camila e lhe cumprimenta com um beijo. Vira-se e vê que Francisca os olha da porta.

— Vou me retirar, qualquer coisa de que precisem, me chamem. Estarei na cozinha.

— Muito obrigado.

A mulher se retira e encosta a porta. Pablo contribui e a fecha. A situação é estranha. Não está acostumado a ser analista em território alheio. Com exceção de algum outro paciente que por razões extremas não pudesse comparecer até o consultório, nunca realizou terapia em domicílio. Mas se dá conta de que desde que Paula Vanussi apareceu em sua vida, com seus grandes olhos verdes, tem feito muitas coisas estranhas.

Aproxima-se da escrivaninha e se detém para olhar o violino que descansa no estojo aberto.

— É lindo... Parece um Stradivarius — brinca Pablo.

Camila ri com astúcia.

— Chegou perto.

— Vamos ver — reage assombrado —, explique-me como é isso — acrescenta enquanto se senta de frente para ela.

Intuíra que a música poderia ser a porta de entrada para falar com Camila, mas não pensou que ia ser tão fácil.

— É um violino personalizado, não de fábrica. Paula me deu de presente quando meu professor lhe disse que teria que comprar para mim um instrumento mais profissional. Eu tinha dez anos e ainda me lembro de quando fomos ao luthier que o mestre me havia me recomendado para encomendá-lo.

— Encomendá-lo?

— Claro, estes violinos se fazem por encomenda. E pode demorar muito tempo até que fiquem prontos, por sorte, no meu caso, foi rápido — olhou-o — Um ano.

Pablo não faz nenhum gesto, mas registra o que acaba de escutar. Um ano para uma criança de dez anos costuma ser uma eternidade. Camila, no entanto, fala dessa espera com uma aceitação espantosa.

— Mostrou-me um catálogo com fotos para que pudesse escolher qual queria que fosse feito para mim.

— Que tipos de fotos?

— Esses luthiers têm fotografado, de todos os ângulos, não só o violino como também cada uma das peças dos grandes instrumentos. Por isso ri quando disse do Stradivari — ele a olha com estranheza — também pode ser dito assim. Na realidade, era seu nome verdadeiro: Antonio Stradivari, italiano. Mas, nessa época, era comum latinizar os sobrenomes. Suponho que desse certo *status*.

É um processo demorado para se acostumar a escutar falar uma garota de treze anos com a maturidade com a que o faz Camila, mas não deve deixar que isso o confunda. Toda a sua preparação e seu estilo não implicam que não continue sendo uma menina de treze anos.

— Eu ri — continua — porque poderia ter mandado fazer uma imitação de um Stradivari... us.

Agora é Pablo que sorri.

— Ah... Isso é possível?

— Naturalmente.

— E fica parecido com o original?

— Igual. O trabalho que fazem é incrível. A madeira, mesmo nova, é tratada de modo que pareça velha, com ralados e rachaduras inclusive, se o original tiver. Mas escolhi outro modelo, um Guarneri, do ano de 1742. Eu havia escutado concertos tocados com ambos os instrumentos

e deste eu gostei muito mais.

— Por quê?

— Porque seu som é mais doce — com muita naturalidade, pega o arco e tensiona um pouco as cordas. Depois, tira o instrumento do estojo e o acomoda — escute.

Pablo fazia uma ideia sobre as virtudes desse pequeno prodígio, mas o som que Camila tira do violino o pega desprevenido e o sacode quase com violência. Talvez fosse porque jamais tivesse escutado tão de perto um violinista, ou talvez porque Camila fosse uma musicista diferente, mas a verdade é que ele fica sem palavras.

Não parece estar tocando nada definido. Improvisa, brinca com o instrumento, embora cada nota seja em si mesma de uma beleza comovente.

— Você percebeu? É um instrumento muito uniforme em cada uma das quatro cordas. Além disso, é anatomicamente ideal para mim.

— Anatomicamente ideal?

— Sim. O que eu quero dizer é que se adapta facilmente ao meu corpo. É um pouco menor do que a maioria, por isso ele me convém. Talvez, se fosse homem, tivesse gostado de um instrumento maior. Porque as mãos de um homem, seus dedos, tudo nele é maior, mais forte. Mas este era o violino para mim. O Stradivari é mais estridente, mais sonoro e imagino que isso fosse muito importante quando o som tinha que percorrer grandes distâncias em lugares com uma acústica ruim. Mas com as salas atuais, isso não faz tanta diferença.

Ele a escuta encantado. Ela não deixa de tocar enquanto fala e percebe que o olhar de Pablo está capturado pela destreza e pela velocidade com que move seus dedos.

— Você é psicólogo, não se deixe enganar.

— Pelo quê?

— Não se deixe enganar. O segredo não está aqui — move os dedos de sua mão esquerda em uma escala ascendente a uma velocidade extrema —, e sim aqui: — agita o arco no ar — o arco é o segredo dos grandes violinistas. Por isso é preciso estudá-lo muito e ter um bom arco. Não é menos importante do que um bom violino — olha para ele com um ar brincalhão. Ali está a menina de treze anos. — Sabe quanto custa este arco?

— Não tenho a menor ideia.

— É também um arco personalizado.

— Essa informação não me ajuda muito.

— Quinze mil dólares.

— O quê...? Esse pauzinho com pelos? — brinca.

Camila solta uma gargalhada.

— Sabia que iria ficar surpreso.

— E o violino, então, quanto custa?

— Trinta mil.

— Bem... não há relação, eu acho.

— Está entendendo mal. Lembre-se: o segredo está no arco. Os dedos da mão esquerda devem ser ágeis e sensíveis, mas a mão direita é a que deve ter um movimento perfeito, a que não pode falhar.

Pablo assente e, por uns minutos, só a música habita o quarto. Quando ela deixa de tocar, afrouxa as cerdas do arco sustentando o violino apoiado entre o ombro e o queixo sem usar as mãos, guarda-o, tira o suporte e volta a colocar o violino no estojo.

— Sei que deve estar acostumada que lhe digam isso, mas estou muito assombrado.

Sorri. Ela sabe que é diferente, que é genial, se bem que não faz nenhuma ostentação disso, tampouco se esforça em aparentar uma falsa humildade.

— O que tocou é muito lindo.

— É nada. É apenas uma improvisação em ré menor. Supus que você gostasse dos tons menores.

— Por quê?

— Porque geram uma sensação de tristeza.

— E o que lhe faz pensar que eu gosto de tristeza?

Olha para ele.

— Você é analista, não?

Ele quer sorrir, mas não consegue. Camila tem razão. Ela leu o seu interior com muita facilidade.

— Ainda que seja apenas uma improvisação, foi muito bonita.

Olha-o como se o estivesse perdoando e assinala a partitura que está posta no atril.

— Isto sim é lindo e genial.

— O que é?

— O “Concerto em Mi Menor”, de Mendelssohn, um dos grandes concertos para violino. Para tocá-lo, deve-se ter um manejo perfeito da técnica e uma grande musicalidade. Caso contrário, não serve. Ainda que estejam todas as notas em seu tempo, a música não aparece.

— Vai tocá-lo?

Levanta os ombros.

— Isso quem quer é meu mestre.

— E você, o que quer?

— Eu não estou totalmente de acordo com ele.

— Por quê?

— Porque sei que tecnicamente posso tocá-lo, mas não creio estar madura para encarar semelhante obra. Mas ele insiste. Sabe como são os russos...

— Não, como são?

— Tenazes, estudiosos e muito exigentes. Nicolai, meu professor, foi discípulo de David Oistrakh. Sabe quem é? — Pablo assente. Camila suspira e move a cabeça com um gesto de raiva e resignação. — Tenho aula duas vezes por semana e estudo oito horas diárias para preparar esse concerto. Ainda assim, não sei como tem que sair. Sabe? Na música, sem esforço não se pode conseguir nada, mas, às vezes, mesmo com esforço, não se alcança.

Coloca-se séria e Pablo compreende que o assunto a angustia.

— Bem, dê tempo ao tempo. Quanto tempo faz que o está estudando?

— Um ano.

Surpreende-se.

— É assim mesmo. Um ano de sacrifício para alcançar e registrar uns poucos minutos de arte. Mas tudo bem. Já me acostumei a muitas coisas de que não gostava em minha vida.

Com essa frase, Camila disse mais do que quis dizer. Pablo a escuta e sente que subiu um degrau, que removeu a primeira camada da cebola. É um momento que não pode desperdiçar, mas deve andar com cuidado.

Pressente que não será do agrado de Camila adentrar em seu mundo obscuro, mas está ali para isso. Não para desfrutar da genialidade da artista, mas para ver o que angustia essa menina de treze anos que, pela primeira vez, mostra-lhe algo de sua dor. Assim sendo, com naturalidade, reclina-se no espaldar da sua cadeira e lhe pergunta.

— A que coisas você está se referindo?

O jogo começou e só resta entrar no mistério.



A voz de Míguez não soa tão firme como queria que fosse. O medo costuma ser um companheiro que não esconde sua presença.

— Paula, não podemos voltar atrás com tudo o que apresentamos e mudar de estratégia a esta altura dos acontecimentos. Se Rouviot não quer assinar, que não assine. Conseguiremos outro que o faça — faz uma pausa, mas diante do silêncio de Paula volta com a carga. — Vamos lá, você sabe que até o mais inútil dos peritos poderia mostrar que Javier é imputável. Em contrapartida, se nos movermos dessa estratégia e quisermos demonstrar a inocência de seu irmão e nos sairmos mal, correremos o risco de que termine numa prisão comum. Você sabe como as pessoas vivem ali? Você está consciente do inferno ao qual pode condenar Javier se continuar seguindo os conselhos desse sujeito? — outro silêncio. — Eu entendo sua admiração por ele, e não vou negar que sua assinatura em nossa apresentação seria um ótimo respaldo. Mas nós não precisamos. Eu posso conseguir que o juiz deixe Javier na Clínica Ferro, dou-lhe certeza disso. E mais, se fizermos do meu jeito, se em algum momento os médicos considerarem que está em condições de voltar ao mundo, poderemos conseguir saídas programadas para que faça uma adaptação paulatina e em alguns anos o terá de volta em sua casa. Mas você tem que seguir o meu conselho. Nenhum advogado em pleno juízo correria o risco que está me pedindo. Assim sendo, eu peço que pense muito bem. Se decidir seguir adiante com essa loucura, terá que fazê-lo sem mim.

O silêncio de Paula o faz perder o controle.

— O caso já está ganho, caralho... Eu não vou me tornar um idiota que deixa passar a bola com o gol livre para seguir as intuições de um psicólogo que acredita ser detetive.

Uma azeda tensão os separa, até que Paula decide falar.

— Alberto, acredite, eu entendo. Mas o que posso dizer? Deixe-me pensar até amanhã e eu lhe respondo.

Desta vez a voz de Míguez soa irritada.

— Mas o que é que você tem que pensar?

— Entenda também o meu lado. Eu fui procurar Rouviot e lhe pedi que fosse o perito da nossa parte nesse julgamento e, desde esse momento, não se dedicou a nenhuma outra coisa que não seja o caso do meu irmão. Por uma questão de respeito, não tomarei nenhuma decisão antes

de falar com ele.

— Como queira. Espero até amanhã então. Paula, faz muitos anos que sou advogado de sua família e confio que entenda que só busco o melhor para vocês, sei que Rouvriot também. Por isso, não tenho dúvidas de que aceitará minha opinião profissional.

Há algo no modo em que Míguez diz a última frase de que Paula não gosta. Porém, certamente, não houve má intenção. Ela também está um pouco alterada por tudo isso e tem que se acalmar se não quiser começar a ver fantasmas onde não há.

## IV

— Não foi fácil viver nesta família.

A sentença de Camila é fatal.

— Conte-me.

Não é preciso insistir. É como se há muito tempo ela estivesse esperando para tirar isso de dentro de si.

— Imagine, sem minha mãe, com um irmão louco e um pai que... — olha-o. — Prefiro não falar dele ainda. As coisas nem sempre são o que aparentam ser. Vista de fora, esta é “o casarão” ou a “mansão dos lindos”, como a chamam os vizinhos. Mas da porta para dentro, tudo tem sido muito diferente.

Pablo nota algumas coisas. Em primeiro lugar, que esse pai ainda a angustia; em segundo, que omitiu Paula da lista de sua família e, por último, que delimita o tempo do inferno: “Portas adentro, tudo tem sido muito diferente”. Tem sido? Desde quando e até quando?

Acredita ter a resposta a essas perguntas. Está convencido de que o inferno começou com uma morte e terminou com outra. Mas precisa constatar.

*Devagar*, diz para si mesmo. *Devagar*.

— Como queira. Se preferir não falar de seu pai, não fale, mas explique-me, por que me disse sem mamãe? Pois houve um tempo em que teve uma mãe, ou não?

Pensa um pouco e seus olhos se umedecem.

— Claro que houve. Mas já faz tanto tempo.

— De qualquer maneira, imagino que tenha alguma lembrança dela.

Olha-o.

— Eu me lembro de tudo. Não me esqueço de um só instante dos momentos que compartilhamos — detém-se e busca algo no estojo de seu violino. Tira uma fotografia — esta era minha mãe.

Pablo observa a foto e algo lhe chama a atenção, ainda que não saiba exatamente o quê. De todas as maneiras, tenta disfarçar sua confusão.

— Era linda.

— Sabe? Só há uma coisa que me vem e que cada vez me dói mais e mais.

— O que é? — pergunta Pablo enquanto deixa a foto sobre a escrivaninha.

— Parece mentira que aconteça isso justamente comigo, que sou musicista. Mas... a cada dia que passa vou esquecendo sua voz — abaixa a cabeça e aperta suas mãos entre os joelhos em um gesto tenso e angustiado. — É horrível.

— Esquecer a sua voz?

— Sim. E saber que nunca mais vou escutar meu nome dito daquela maneira.

— De que maneira?

— Da maneira como minha mãe dizia, daquele jeito que permite sentir-me filha — aparecem algumas lágrimas. — Sabe? Eu acredito que deixei de ser uma menininha na última vez que minha mãe pronunciou meu nome.

Pablo a entende. Sabe que é assim mesmo. Camila perdeu juntamente com sua mãe seu direito de ser tratada como filha. Mas essa angústia diz algo mais. Talvez não seja só isso que perdeu com a morte de Victoria. Talvez haja algo mais profundo e doloroso que ficar sem mãe aos cinco anos: ficar sem inocência. Quer perguntar sobre isso, mas se segura.

*Devagar, Pablo, devagar.*

Por sorte, ela retoma a palavra e irrompe com uma recordação feliz. Está resistindo à angústia. Não é de se surpreender. É a psique de uma menina que se defende da dor.

— Minha mãe amava a arte. Pintava muito bem e escutava música o tempo todo. Ela me ensinou a desfrutá-la desde que nasci e, pelo que me contam, ainda desde antes. Quando estava grávida de mim, sentava-se por horas na cadeira de balanço para escutar Bach. Era seu compositor preferido.

Não é por acaso que Camila começa cada manhã com o “Concerto de Lá Menor”, de Bach. É uma maneira de ter sua mãe com ela, ou talvez de reviver uma recordação antiquíssima, intrauterina, quem sabe? Está convencido, além disso, de que aquela cadeira de balanço é a mesma que está sob o telhado no beiral na varanda, a que ela usa agora para descansar e pensar. É evidente que encontrou alguns mecanismos para conservar essa relação com sua mãe além da morte. Deve sentir-se muito só. E desprotegida.

— Ela costumava ir aos concertos e, desde que eu tinha dois anos, levava-me com ela. Para as pessoas, parecia estranho entrar com um bebê de dois anos numa sala de concertos. Suponho que muitos ficassem de mau humor pensando que eu ia interromper, mexer, chorar ou incomodar.

— Mas não acontecia nada disso.

— Nada. Para mim, era como compartilhar um mundo mágico com minha mãe.

Logo após, seus olhos voltam a umedecer-se.

— Do que você se recordou?

— Do último concerto a que fomos juntas. Eu estava para fazer cinco anos. Foi numa viagem à Europa. Minha mãe me levou para escutar Venguerov. Mamãe estava muito emocionada. Disse-me que ia escutar o melhor violinista do mundo e que não me esqueceria jamais dessa noite. Tinha razão. Foi algo... — faz um gesto acariciando de forma circular seu peito com a mão. — Não consigo lhe explicar com palavras. Depois do concerto, fomos comer, mas nenhuma de nós sequer tocou na comida, estávamos muito emocionadas. Sentada nessa casa de chá, eu disse para minha mãe que queria ser violinista. Ela me abraçou e começou a chorar, e eu lhe prometi que um dia iria tocar esse concerto para ela.

— Você se lembra de qual era esse concerto? — pergunta Pablo, só para escutar uma resposta que já intui.

Camila o olha, baixa o olhar e sorri.

— Claro. O “Concerto em Mi Menor”, de Mendelssohn.

# V

— Não sei o que devo fazer.

— O que quer fazer?

Paula suspira, encostada ao divã.

— Por um lado, quero que isso termine o quanto antes, porque desde que o corpo de meu pai apareceu, sinto que o mundo caiu sobre de mim. E não porque pensasse que estava passeando pela Europa e em vez disso estivesse apodrecendo numa vala a trinta quadras de casa.

— Isso não lhe angustiou?

— Que saber a verdade?

— Naturalmente.

— Não. Nem um pouco.

Não lhe parece uma negação. Realmente, Paula não sente a menor dor pela morte de seu pai.

— Então?

— Tudo isso que surgiu depois desse momento. O surto psicológico de meu irmão, sua tentativa de suicídio, sua confissão. Tratar de cuidar de Camila enquanto internava Javier e encontrar a melhor maneira de defendê-lo.

— Apesar de ter matado o seu pai.

— Alguém tinha que fazê-lo.

Respira fundo.

— Sei que soa horrível o que lhe digo, mas lhe asseguro que meu pai merecia cada uma das dores pelas quais passou. Eu lhe pareço algo monstruoso?

— O que parece a mim não tem a maior importância, mas e você, você se sente um monstro?

— Não sei — pensa. — Enfim, você se deu conta de que as pessoas que são más raramente aceitam que o são? Tenho visto tantos miseráveis convencidos de que o que fazem é normal, que não sei se não serei uma a mais nessa lista. Mas a verdade é que não me sinto mal por isso. Creio que o amor não se ganha, se merece. E meu pai não o mereceu.

— Mas, neste caso, não parece só falta de amor. Quase causa a impressão de que odiava seu pai.

— Pode achar que é quase, se quiser.

O que está dizendo é muito forte e José decide não intervir, prefere deixar que Paula leve o

ritmo da conversa.

— Sabe? — interrompe. Custa-lhe falar. — Durante anos, escutei o motor dos automóveis que entravam em minha casa pelas noites. Às vezes, eram muitos. Agiam com total impunidade. Não tentavam passar despercebidos nem lhes importava se alguém os escutasse. Afinal, ninguém lhes faria nada.

— Por quê?

— Porque nesses automóveis vinha gente grande. Juízes, deputados, gente que depois se via pela televisão falando de moral e postando-se como exemplos da sociedade.

— E o que tinha de mal em uma reunião de amigos?

— Não vinham sozinhos — detém-se. — Uma vez olhei pela janela do meu quarto, sem acender nenhuma luz, para espiar o que acontecia...

— E o que acontecia?

— Esses amigos traziam garotas.

— Prostitutas?

— Meninas — responde com firmeza. — Algumas mais novas do que eu... e, até então, eu tinha vinte anos. Além disso...

— Além disso, o quê?

— Eu as via descer dos carros, andar cambaleando entre os apertões e piadinhas desses sujeitos. Estou convencida de que as drogavam.

— E o que acontecia depois?

— Levavam-nas para a casa de hóspedes que há no fundo, atrás da casa dos caseiros. Colocavam música alta e fechavam as janelas. Uma vez eu li que, na época de repressão, os torturadores faziam o mesmo, punham o rádio bem alto para que não se escutassem os gritos dos torturados.

— Você acredita que acontecia algo do tipo nessa casa?

— Sim.

A lembrança lhe causa angústia.

— Quantas vezes isso ocorreu?

— Não sei. Muitas. Foram anos. Mas depois de um tempo, não quis espiar mais. Odiava toda vez que isso acontecia. Quase não dormia temendo que nessa noite eu voltaria a escutar os motores e as risadas.

Silêncio.

— Em que ficou pensando?

— Que a maturidade traz algumas consequências indesejadas.

— Não entendo.

— Faz pouco mais de um ano que disse para mim mesma que não podia permitir mais isso, que estava errado e que alguém tinha que fazer algo. Então não aguentei mais e fiz uma denúncia anônima.

— E o que aconteceu?

Suspira.

— Nada. Não veio ninguém para constatar nada. Mas nessa noite, ao voltar para casa, meu pai me disse que o acompanhasse até o quarto porque queria falar a sós comigo. Queria falar...

— repete com ironia. — No entanto, não me disse uma só palavra. Simplesmente tirou a cinta e me moeu de tanto bater. Não era a primeira vez que ele fazia isso, mas essa foi a pior de todas. Os gritos acordaram as crianças. Javier entrou no quarto e tentou me defender. Pobrezinho. Toda a fúria de meu pai se voltou contra ele. Ver como ele batia no meu irmão foi insuportável. Com tanto ódio... Juro que me doía mais do que quando ele batia em mim. Então, eu o brequei. Disse-lhe que me perdoasse, que jamais voltaria a me meter com seus assuntos e que faria o que ele quisesse com a única condição de que deixasse em paz os meus irmãos — chora. — E cumpri. Desde esse dia, tratei de não me inteirar de nada, ou fazer de conta de que não me inteirava. Eu não tentei mais escutar os carros e as risadas. Pelo contrário, colocava tampões nos ouvidos e tomava algum remédio para dormir.

— E Camila? O que houve com Camila nessa noite? Porque você me disse que os gritos acordaram *as crianças*. Javier entrou no quarto e tentou defendê-la, mas e ela, o que fez?

— Camila é uma menina muito especial, que fala muito pouco e vive em seu mundo feito de música e livros. Suponho que, de sua forma, lute como pode para lidar com a dor da morte da mamãe. Creio que jamais pôde refazer-se disso. Essa noite, no entanto, ficou parada diante da porta do quarto. Olhando tudo sem dizer nada. Mas jamais vou esquecer o modo como me olhou. Eu tentava acalmar meu pai, e Javier chorava agachado no chão do quarto. Então, eu a olhei e seus olhos se cravaram em mim. Não pude sustentar o olhar e baixei a vista.

— Por quê?

— Por vergonha.

— Vergonha por quê?

— Porque ela não estava assustada. Não me olhou com medo, olhou com pena. E num



momento entendi o que seu olhar estava me dizendo.

— E o que esse olhar de Camila estava lhe dizendo?

Paula aperta os olhos e respira profundamente antes de responder.

— Basta.

## VI

Luciana abre o móvel de carvalho em que guarda os históricos clínicos dos pacientes de Rasserri. Sente que as pernas tremem e o coração se acelera, o que está fazendo? Ficou louca? Se Rasserri entrasse neste momento, não somente a despediria como também a denunciaria por pegar um documento particular de alta confidencialidade. Uma mancha assim arruinaria sua carreira para sempre.

É uma mulher inteligente. Jamais permitiu que as coisas se misturassem. Mas, desta vez, escapou do controle. Seus dedos percorrem as lombadas dos históricos clínicos até encontrar o que procura. Ali está, é fácil de identificá-lo por seu tamanho. É evidente que é um paciente de muito tempo que tem requerido controles permanentes. Este é o histórico clínico que está buscando, mas não pode removê-lo dali nem está disposta a arrancar suas folhas.

Trata de aclarar a mente. Vamos ver. O corpo apareceu havia algumas semanas, segundo leu nas notícias, já fazia entre seis e oito meses que fora dado como morto. Pensa e deduz qual é o lapso de tempo que lhe interessa. Mas, caso haja algum erro de cálculo dos peritos, decide ampliar um pouco mais sua procura, de modo que as anotações que tem que rastrear são aquelas datadas entre dez e cinco meses atrás.

Encontra-as.

Algo lhe chama a atenção. Depois desse período até o aparecimento do corpo, as anotações são breves e as mudanças quase nulas. Como se o paciente tivesse experimentado uma notável melhoria durante os meses que precedera a crise e a tentativa de suicídio. Mas não está ali para tirar conclusões, nem tem tempo para isso. Pega as folhas e tira cópias na impressora de Rasserri.

*Merda..., pensa. Por que tem que fazer tanto barulho?*

Parece que cada folha demora uma eternidade para sair da máquina, mas a verdade é que o trâmite não leva mais de alguns minutos. Uma vez concluído, devolve a pasta ao seu lugar e sai do consultório.

Caminha mais rapidamente do que gostaria até chegar à sua mesa de trabalho. Lá, pega um envelope, coloca nele as folhas e o fecha, apenas escrevendo quatro palavras na frente: *eu estou ficando louca.*

Abre o fecho da sua bolsa e o guarda. Pronto, já passou. Agora é questão de recuperar a

compostura e deixar que o tempo passe até que chegue a hora de ir embora.

Mas, como uma bomba a ponto de explodir, o envelope na bolsa a atormenta como se fosse um “coração revelador”.

Não consegue se concentrar nem trabalhar. Por um momento, pensa em ir até o banheiro, não chamará a atenção de ninguém levar sua bolsa consigo, coisas de mulher. Lá, só precisa abrir o envelope, tirar seu conteúdo, fazê-lo em pedacinhos, jogá-los na privada e apertar o botão. Pronto. Adeus às provas desse instante de loucura. Mas não pode fazê-lo, porém também não pode ficar ali. Deve desfazer-se do envelope agora mesmo. Além de tudo, o lugar em que deve deixá-lo não fica tão longe. Pode ir e voltar em poucos minutos.

Rasserri não chegou ainda e talvez demore um pouco mais, é comum fazer isso sem avisá-la. De toda forma, se ele chegasse antes que ela voltasse, poderia inventar alguma desculpa. Um trâmite inevitável ou uma conta a pagar no horário bancário.

Coloca seu casaco e vai para a garagem. Quer abrir a porta do carro, mas as chaves caem de sua mão. Está muito nervosa e as mãos transpiram. É evidente que não nasceu para ser espiã.

Sobe e sai apressadamente. Ao chegar à esquina, parece que vê o carro de Rasserri dobrar a outra esquina. Tenta relaxar. Nestas circunstâncias, todos os carros são o de Rasserri.

## VII

— Paula sempre fez o que pôde, e Javier nunca pôde nada... exceto naquela noite.

Contundente. Sem desviar o olhar. Disse como uma verdade dolorosa que teve que assumir. Quis que ela esclarecesse essa frase final, mas ainda não era o momento.

— E você, não se sentiu um pouco desprotegida?

— Muito, mas o que eu podia fazer? Mamãe tinha morrido, Javier às vezes era um irmão carinhoso e companheiro, outras era apenas um choro ou um grito que percorria a casa durante a noite e outras, com mais frequência, uma espécie de vegetal totalmente desconectado da realidade. Paula... Ela sempre tentou cuidar de nós e creio que serei a vida toda grata a ela pelo que fez ou, ao menos, pelo que tentou fazer.

— Sente-se em dívida com ela?

— Não. Já não mais.

— E seu pai?

— Já lhe disse que não quero falar sobre ele.

— Não me interessa que me fale dele. Fale-me do que acontecia com você e ele e o que lhe ocorre ainda hoje com ele.

Camila não responde. Vira a sua cadeira e fica olhando através da janela. Toma um tempo para si, esse tempo que Pablo respeita. Desta vez, quem improvisa a situação do divã é ela, porque começa a falar com o olhar perdido e dando-lhe as costas.

— Eu nunca entendi por que minha mãe o amava tanto. Ela desejava que eu também gostasse dele, mas nunca conseguiu. Falava-me muito dele, mas eu percebia que o que me dizia não era a verdade, de que na realidade não me falava do meu pai verdadeiro, mas de um pai inexistente, que ela inventava para mim. Em suas histórias de como se conheceram, apaixonaram-se e começaram a viver juntos, “pintava” para mim um homem bom, doce e compreensivo. Alguém apaixonado, a quem a família importava... Mas isso era mentira, uma a mais dessas pinturas iluminadas e ensolaradas que mamãe fazia para tentar dissimular uma existência obscura.

Pablo nem se mexe. Não quer interromper o relato. Paula tinha razão. Ele ia se encontrar com uma adulta. Seu modo de expressar-se, seu nível de análise não parecem ser de uma menina. Mas ela é uma garota ainda, e não ele deve se esquecer disso.

— Você assistiu ao filme italiano *A vida é bela*?

— Sim.

— Era algo mais ou menos assim que minha mãe fazia comigo. Tentava me convencer de que tudo era um conto de fadas.

— Mas o ogro, nesse caso, era muito real, não?

— Sim, e estava muito perto.

— O ogro era seu pai.

— Enquanto ela viveu, o monstro se manteve preso, acorrentado. Só deixava escapar algumas noites. Eu não sabia bem o que acontecia, mas me dava conta de que algo ocorria, porque nessas noites mamãe colocava a música bem alta, jogava uma toalha de mesa no chão do meu quarto e comíamos e brincávamos sem sair dali. E sabe o que me chama a atenção?

— Não.

— Que, apesar de ser um momento sonhado, eu não podia ser feliz. Algo me dizia que isso era falso, que nessas noites Mozart ou Beethoven não eram música, senão um barulho forte que tentava tapar outros ruídos.

— Ruídos que sua mãe não queria que você escutasse?

Assente.

— E seus irmãos estavam com vocês?

A pergunta tem como única resposta um silêncio absoluto. Pablo pode sentir a respiração de Camila, que se torna mais profunda e mais tensa. Ela está se angustiando. Está tentando lembrar. Certamente, não pensou nesse detalhe.

Costuma acontecer que, na hora de se conectar com os momentos traumáticos, tudo ganha outro valor e até as coisas que parecem mais óbvias se tornam uma incógnita. Nesses casos, a pergunta certa, às vezes feita sem saber bem o que se busca, abre uma fenda no muro que foi levantado pela repressão.

Desta vez, Pablo decide não deixar escapar a oportunidade.

— Camila, seus irmãos partilhavam ou não desses momentos com vocês?

— Não sei.

Conhece esses transes, sente-os na pele. Diante dessas situações, sempre tem se sentido como se fosse o capitão de um barco que vê chegar uma onda gigantesca, uma imensa parede de água que está a ponto de devastar e que, ainda assim, sabe que já não pode retroceder. Respira e, então, toma com força o leme.

— Sim, sabe sim.

Camila vira a cadeira violentamente e o atravessa com o olhar.

— Está me dizendo que estou mentindo?

Tentar soar calmo.

— Não. Só que sabe, sim. Ainda que não consiga recordar, sei que o sabe — repete e sustenta o olhar. — E acredito que tenha vontade de compartilhar comigo. Estou errado?

Os olhos de Camila se tornam avermelhados com uma mistura de fúria, surpresa e angústia. Algumas lágrimas aparecem e molham o rosto. Gira a cadeira novamente em direção à janela, desta vez muito lentamente. Pablo a fica olhando. Um minuto... dois... até que em um momento a fortaleza se derruba.

O grito que escuta é como um uivo de dor que o golpeia no peito. Vê como ela deixa cair sua cabeça até apoiá-la na escrivaninha e chora de modo desesperado. Seu corpo se sacode e suas mãos se fecham apertando o cabelo.

Ali está. Essa é a menina assustada e indefesa de treze anos. Pablo tem o impulso de abraçá-la, mas ainda não é o momento.

*Chore, Camila, pensa. Finalmente... chore.*

## VIII

Bermúdez não disfarça seu desagrado diante do que acaba de escutar.

— Você tem certeza do que está me falando?

O cabo Gerónimo López sente que seu chefe está mais alterado do que de costume. Não é habitual que perca a compostura, por isso responde com um especial cuidado.

— Sim, senhor.

— Puta que pariu. Esse cara é um imbecil.

— Sim, senhor.

— Como chegou até ali?

— Veio com um táxi. O carro está estacionado na porta, suponho que o esperando.

— Já faz muito tempo que está aqui dentro?

— Sim, senhor.

— Sim, senhor... mas que saco! — explode. — Há quanto tempo?

— Aproximadamente três horas, senhor.

Pensa.

— Veja, López, vamos fazer uma coisa.

— Diga-me, senhor.

— Você fica ali até que o cara saia e o segue, com discrição. Não seja idiota, certo? Não seja visto.

— Fique tranquilo.

— Ótimo. Se for para casa, estacione perto e não se mova dali. E não perca a vista da porta.

Entendeu?

— Sim, senhor.

— Bom. Se, em vez disso, ele for para algum outro lado, telefone imediatamente e me avise.

— Muito bem, senhor.

Desliga. Sabe que tem que agir com rapidez se não quiser que seja tarde demais.

— Onde deixei a merda do número do telefone? — xinga enquanto abre a gaveta superior da mesa de trabalho. — Mas será, meu Deus? Que caralho! Isto é uma encrenca!

Revolve com desgosto os papéis da gaveta até encontrar o que procura. Olha o número do telefone que está escrito e o grava enquanto continua amaldiçoando.

— Que cara mais imbecil, Deus... que idiota.



# IX

Faz mais de dez minutos que chora. Durante todo esse tempo, as imagens daquelas noites em seu quarto desfilaram por sua mente sem parar. Viu a si mesma junto de sua mãe, brincando, comendo ou desenhando com o fundo de suas obras preferidas, a “Sonata Kreutzer”, de Beethoven. Mas, apesar da aparência festiva da recordação, a sensação que revive é muito distante de ser agradável. Pelo contrário, é angustiante.

O rosto de sua mãe está tenso e há algo de fingido em cada um dos seus atos. Ela tampouco está feliz. Camila sabe que algo está ocorrendo lá fora, mas não compreende o quê.

— Essas noites eram intermináveis — diz com voz trêmula. — Mamãe se esforçava para manter-me distraída, e eu fingia que estava tudo bem.

— Mas não era assim.

— Não. Sabia que algo estava acontecendo, ainda que não possa dizer o que, mas era algo ruim. Tudo na casa era diferente, os sons, os cheiros... tudo. De repente, ela me levava para o meu quarto. “Vamos brincar”, dizia. Mas na realidade meu quarto não se convertia numa sala de brincadeiras, e sim numa fortaleza. Como esses quartos nos quais as pessoas se encerram quando se sentem inseguras. Eu vi isso num filme. Isso é o que dizem..

— O quarto do pânico.

— Isso — assente. — Meu quarto era o quarto do pânico. Lá fora estava a ameaça.

— E dentro, a angústia.

Olha para ele.

— Sim.

Camila fez uma grande catarse, uma descarga de muita dor contida. É o momento de voltar ao ponto de partida da crise e tentar colocá-la em palavras.

— E seus irmãos, de que lado da porta estavam?

Toma algum tempo para si antes de responder. Seus olhos voltam a se encher de lágrimas, e sua voz soa intercortada.

— Vem uma imagem borrada de Javier balançando-se em um canto no quarto, sem dizer nada, com o olhar perdido, como se sua mente tivesse dado um *tilt*. Isso também me dava medo.

— Ver Javier nesse estado?

— Sim. Porque era como estar com um desconhecido, como se não fosse meu irmão... na

realidade...

— O quê?

— Nem sequer parecia ser uma pessoa.

Pablo sabe ao que se refere. Conhece esses momentos nos quais alguns pacientes perdem o contato com a realidade. Já os viu muitas vezes e tem tido que enfrentar a angústia que, nesses casos, também impacta o analista.

E se não é fácil, nem para os psicólogos, sustentar a tensão que implica estar à frente de alguém que perdeu seu contato com a realidade e se refugiou em um universo próprio e inexpugnável, imagine o que deve ter sido para uma garota tão pequena estar trancada em um quarto do pânico com uma mãe desesperada e um irmão perdido em uma existência alucinada.

Mas o que poderia ser tão mal assim para que Victoria fizesse seus filhos passar por esse terror? Ele suspeita. Mas isso agora não é importante. O que realmente importa é o que Camila possa dizer.

— E Paula?

Nega com a cabeça.

— Não, Paula não estava. Ela era mais velha. Suponho que para ela fosse mais confortável sair com uma amiga ou na casa da Francisca do que conosco. Francisca a protegia muito. Paula sempre foi a sua preferida.

— Quer dizer que entre sua mãe e Francisca os cuidados para com vocês eram divididos?

— Sim.

— E neste ponto suponho que devessem protegê-los de seu pai?

— Sim.

— Por quê?

— Eu nunca falei sobre isso. Nem sequer comigo mesma. Entende o que eu quero dizer?

— Sim.

O quarto do pânico vai entreabrindo suas portas, e Camila começa a se lembrar daquelas coisas que sabia, mas nas quais nem sequer lhe havia sido possível pensar.

Em algumas circunstâncias, o esquecimento não é mais do que o resultado da intenção de reprimir uma situação tão dolorosa que apenas sua lembrança geraria uma angústia capaz de desestruturar a psique. Em geral, essas circunstâncias têm a ver com as vivências infantis, traumáticas... e sexuais.

Quando isso ocorre, o esforço para expulsar da consciência a recordação dessas vivências

deixa capturada uma angústia impossível de ser simbolizada, uma dor que escapa às palavras e que, ao não poder ser dita, busca alguma via de canalização, em geral, patológica.

Há, no entanto, um mecanismo que permite viabilizar de um modo construtivo essa energia contida: a sublimação.

Nas crianças, a brincadeira costuma cumprir esse rol sublimatório, por isso a técnica da psicanálise com crianças se embasa na brincadeira, porque nela colocam para trabalhar todo o seu mundo interno, e interpretando e operando esses jogos se pode tentar solucionar os conflitos que os angustiam. Na idade madura, o trabalho, o estudo ou a arte cumprem essa função.

No caso de Camila, é evidente que a música tem sido o cenário de seu mecanismo sublimatório. E o fez muito bem apesar de tudo, ainda que obviamente tenha um custo.

Essa maturidade precoce, a perfeição de sua linguagem e o excessivo exercício da vontade são os sintomas observáveis de sua intenção obsessiva para manter tudo sob controle. E não é de estranhar.

Sua mãe não tinha conseguido colocar ordem no caos e apenas se limitava a trancá-los e tentar tampar os gritos do horror. Mas o horror, quando se instala, torna-se inevitável.

Há um conceito teórico que a psicanálise utiliza: o Sinistro.

Esse termo faz alusão a situações muito particulares nas quais aquilo que é familiar se torna ameaçador. Acontece, por exemplo, quando as pessoas encarregadas de cuidar e zelar pela segurança de alguém se convertem no perigo que os espreita.

Há uma brincadeira de que as crianças gostam muito. É aquela que consiste em que a mãe, o pai ou alguma figura amistosa esconda seu rosto atrás de uma toalha ou uma almofada para aparecer logo depois de maneira sorridente. A criança manifesta um sentimento gratificante e pede que repita uma vez e outra mais a mesma brincadeira. Agora, observe bem, se no momento em que o rosto querido deve aparecer, o adulto o fizesse, por exemplo, com uma máscara no lugar do sorriso, a diversão geraria uma angústia traumática — é porque, quando a criança esperava encontrar um rosto protetor, encontra, em vez disso, algo desconhecido e ameaçador.

A esta altura, já não tem dúvidas de que Roberto Vanussi submeteu seus filhos a sucessivas experiências sinistras. Ele, o pai, que devia dar segurança a sua família, tem sido a maior ameaça que tiveram que enfrentar.

No que se refere a Camila, Victoria também fez o que pôde, quando pôde, como Paula. A angústia de Camila demonstra que não foi muito.

— Hoje eu acredito que naquele momento eu sabia o que acontecia mesmo que não pudesse

explicar.

— E o que era que acontecia? O melhor é que agora você já está mais velha e tem as palavras necessárias para contar.

Suspira.

— Meu pai era uma pessoa má — interrompe-se. — É horrível escutar a mim mesma dizendo isso.

— Não foi culpa sua ele ter sido assim.

Respira fundo.

— Eu sei que ele fazia muitas coisas más.

— Que coisas?

Pensa e toma forças para seguir com seu relato.

— Sei que ele batia na minha família.

— Em quem?

— Paula e Javier, sobretudo. Creio que também batia em minha mãe, mas essa é mais uma sensação do que uma lembrança. Eu era muito pequena quando mamãe morreu.

— E em você?

Camila levanta a vista. Seu olhar se coloca sério e adquire uma expressão de firmeza e determinação.

— Em mim, ele jamais tocaria.

— Ainda que para isso sua mãe tivesse que trancá-la quando ele se tornava violento.

— Sim.

— E quando sua mãe morreu?

Pensa.

— Quando minha mãe morreu, eu transformei sua sala de pintura em meu estúdio de música.

Ele olha para ela assombrado.

— Este era o quarto onde sua mãe pintava?

— Sim. Naturalmente que só ficaram as paredes daquela época; os móveis, o tapete, as luminárias, tudo foi mudado para que eu pudesse estudar aqui.

Pablo avalia o momento para fazer a pergunta.

— E você transformou esta sala, este quarto, em seu próprio quarto do pânico?

Ela sorri.

— Não havia pensado nisso, mas acho que sim. Na melhor das hipóteses, é por isso que

quase não saio deste estúdio, mas me angustio muito menos do que quando mamãe me trancava em meu quarto.

Sublimação. A música fez sua parte, por sorte.

— Em todo caso, apesar de, pelo que me disse, não ter adiantado muito, sua mãe fez o que pôde para cuidar de você.

Olha-o.

— Você acha?

A pergunta o surpreende. Procurou convocar alguma figura protetora e, como resposta, obteve outra coisa. Não sabe bem o que, mas sente que uma brecha se abre nesse sentimento de adoração que Camila tem demonstrado até agora com respeito a sua mãe. Tampouco sabe por que, mas só há uma maneira de averiguar.

— Não sei. Conte-me o que você crê.

Novamente a angústia. Faz horas que estão conversando e Pablo sente que já é muito, mas não pode deter-se justamente neste momento e deixá-la assim. Não a uma menina que, pelo que vê, não tem mais contenção do que a que ela mesma pode se dar.

Camila não fala. De repente, ficou sem palavras. Pablo pode ver a luta que trava em seu interior.

Até agora, a lembrança da mãe boa foi o único refúgio e se nega a abandoná-la. Certamente teme o que possa encontrar sem essa fortaleza imaginária que tem criado e na qual essa mãe a tem protegido da vontade caprichosa do pai onipotente.

Pablo a olha e compreende que não irá falar, por isso, decide tentar outra coisa. É verdade que falar com Camila é como conversar com um adulto, mas é isso, é *como se*. Segue sendo uma garotinha. Então... por que não?

Olha para ela, sorri e lhe pergunta.

— Quer brincar?

Agora quem fica surpresa é ela.

— O quê?

— Estou perguntando se quer brincar.

— Não entendo.

— Não é tão difícil. Faz muito tempo que estamos falando e me parece que eu preciso de um descanso, uma distração. Quer?

É um estilo que costuma ser usado muito no trabalho com as crianças. Fazer-se responsável

de colocar em palavras e na pessoa do analista o que o paciente está sentindo e não pode dizer. Ele não é especialista em crianças, mas este caso requer todos os recursos dos quais pode lançar mão.

— Você não está grande demais para isso?

— Nunca se é velho para brincar. Só é preciso vencer a vergonha, e creio que com você me sinta resguardado de um possível ridículo.

Ri.

— Bom. E você quer brincar do quê?

— Isso quem irá escolher é você, deixo por sua conta.

Pablo a olha com uma expressão relaxada e tentar aparentar estar se divertindo, mas por dentro sente a calma tensa do que espera ser um ditame importante.

— De esconde-esconde?

Sabia disso. Dessa maneira misteriosa pela qual às vezes se antecipa o analista à resposta de um paciente.

Na análise, a palavra funciona de um modo estranho. Em alguns momentos, já não é a do paciente nem a do analista senão uma palavra que sulca um espaço compartilhado, uma interseção que inclui a ambos e os aloja em um espaço único no qual, por instantes, podem falar e compreender coisas que de outro modo seriam impossíveis de entender.

A psicologia tem invadido a cultura de uma forma tal que seus termos teóricos são de uso permanente e palavras tais como lapsos, ato falho, histeria ou inconsciente circulam no discurso cotidiano. Mas o que só os analistas e pacientes sabem é que o inconsciente não é algo que viva nem em um e nem em outro, e sim nesse território misto que compartilham. O inconsciente não é do paciente nem do analista. É algo que se produz em um momento e que pertence a ambos, alguém disse uma vez que “é um nó entre o paciente e analista”. E nesse nó, Pablo intuiu a resposta.

As cartas foram lançadas. É preciso jogar.

# X

— Noventa e nove e... cem!

Pablo termina de contar e tira as mãos do rosto. O pique escolhido por Camila é uma das paredes do terraço, do beiral externo da casa. Ele decide lhe dar um minuto a mais para que possa esconder-se e fica parado em silêncio. À sua esquerda, a cadeira de balanço de Victoria, agora de Camila, permanece imóvel. Dá a volta e fica de frente ao parque que rodeia a casa principal.

A uns trezentos metros, detrás da porteira, vê-se um carro que o espera já faz não sei quantas horas. Começa a procura. Sabe que Camila entrou em casa e que deve estar observando-o, mas aproveita para percorrer brevemente a propriedade.

A uns trinta metros da construção principal do terreno, está a casa de Francisca, um chalé pequeno e modesto. As janelas estão abertas e através das telas de proteção para impedir a entrada de mosquitos, é possível ver o interior. Aparentemente, não há ninguém. De repente, do nada, aparece um cão grande que se aproxima com desconfiança.

Um pouco mais longe, debaixo de uns pinheiros, há outra construção. Pablo caminha até ela e o cachorro o segue a uma prudente distância. Ao chegar, comprova que é muito mais luxuosa que a dos caseiros, mas, apesar do evidente cuidado, tem toda a aparência de estar desabitada.

Caminha alguns metros mais e se aproxima da churrasqueira e de um forno de barro, dentro do qual olha.

\*\*\*

Camila ri ao ver que Pablo a procura ali, tão longe de onde ela está. Observa-o dar a volta no forno e caminhar, agora sim, em direção à casa.

Está entusiasmada com a brincadeira. Faz muito tempo que ninguém brinca com ela. Sua condição de menina prodígio produz em todos a ideia de que é uma adulta, mas Camila sabe muito bem que não é assim. Só ela sabe das noites nas quais, na escuridão do seu quarto, cobre a cabeça com o lençol, ou do medo irracional que experimenta algumas vezes enquanto toma seu café da manhã sozinha na cozinha desta casa tão grande.

Seus pensamentos estão cheios de perigos e de horrores que geram um medo tal que, às vezes, mal pode se controlar. Mas agora está brincando. Depois de tantos anos.

Vê Pablo se aproximar da entrada e corre para esconder-se. Sente-se tranquila e divertida até que algo interrompe brutalmente seu desfrute: o som da porta.

Reconhece o ruído característico que esta faz ao abrir-se, esse chiado horroroso que tantas vezes escutou na sua vida e que a levava a refugiar-se em seu estúdio ou em sua cama.

A tela protetora bate contra o batente da janela, e Camila sente uma onda de pânico. Chega, não quer brincar mais. Mas não pode nem sequer falar. Sente que seu coração bate com força. Precisa se esconder sim, porque sim e sim, porque isto já não é um jogo. É questão de sobrevivência, de forma que abre uma porta e entra em um dos quartos torcendo para que nenhum ruído a delate. De repente, a Voz a paralisa.

— Camila... Já estou perto... Vou encontrá-la.

Um arrepio lhe percorre o corpo e algo se enfraquece em seu interior. De repente, sente algo quente descendo por suas pernas. Assustada, olha para si mesma e comprova que urinou.

Sua mente privilegiada luta para retomar o controle, mas já é tarde. Só atina para refugiar-se, desejando, como tantas vezes o fizera no passado, que isso não estivesse acontecendo.

\*\*\*

— Camila... Já estou perto... Vou encontrá-la — grita Pablo em tom jovial.

Ele atravessa o *hall* de entrada e se dirige para a cozinha.

— Onde você está?... Vamos ver... aqui — Pablo move de propósito uma cadeira fazendo barulho para lhe dar uma ideia de sua localização. — Ah, não... Mas eu estou bem perto... muito perto — brinca sem saber que, ao escutar essas palavras, Camila tampa a cara com uma almofada para segurar um grito desesperado.

\*\*\*

A Voz a ameaça... “*já estou perto... bem perto*”... Ela tem conseguido escapar durante anos, mas desta vez sente que não pode esconder-se mais. Sabe que está sozinha em casa. Francisca deve ter ido limpar a área da churrasqueira, Paula está em seu apartamento em Buenos Aires, Hipólito deve estar dormindo devido a sua bebedeira, como sempre, e Javier... Javier nunca pôde ajudá-las... exceto naquela noite. Mas agora, a Voz voltou, e ela está só. Desesperada, esconde-se em um canto, mas sabe que é em vão. Mais cedo ou mais tarde, a Voz irá encontrá-la.

\*\*\*



Pablo avança em direção ao estúdio de Camila e entra esperando encontrá-la, mas ela não está ali. Surpreende-se, pensou encontrá-la escondida nesse seu refúgio de tanto tempo, mas se enganou. Ou melhor, talvez esteja lendo mal os sinais. Ele não é analista de crianças e, sendo assim, deve permitir-se algum erro, mas poderia jurar que Camila iria se esconder nesse quarto. Tinha inclusive pensado na interpretação que faria disso.

Ao pensar nisso, maldiz a si mesmo. Sabe que isso não é psicanálise, que as interpretações preparadas no bolso não servem. Deve relaxar... atenção flutuante... essa é a chave, deixar que sua mente capte por si só, sem a intenção de sua parte, o que ocorre com Camila. Mas, para isso, deve encontrá-la.

Pensou que ela queria ser encontrada facilmente, afinal de contas é uma adolescente e a brincadeira não poderia envolvê-la tanto para prolongar-se demais no tempo. Em contrapartida...

De repente, detém-se, e um pensamento o ilumina como um farol em uma noite escura. Ali está o seu erro. Estava rastreando a adolescente, por isso a buscou em seu refúgio atual. Mas ele não está brincando com Camila que hoje tem treze anos... Tem que encontrar a outra, a menininha, aquela das noites sinistras.

Imediatamente compreende, com esse saber que só a transferência pode dar, onde Camila está escondida. Fica sério. Se estiver certo, o jogo chegou a um ponto muito mais profundo do que havia suspeitado ao começá-lo. Pablo se dá conta de que essa casa se tornou insuportável e, por um momento, como se uma repentina empatia o invadissem, sente a angústia de viver nesse inferno.

Conhece essas sensações e compreende que, se ele configurou dessa forma, Camila deve estar desesperada. Não pode perder mais tempo. Tem que encontrá-la e ajudá-la.

— Camila — ele grita —, já vou.

E sai do quarto do pânico.

\*\*\*

— Camila, já vou — grita a Voz e, a partir de seu precário refúgio, ela compreende que tudo terminou.

# XI

Seu olhar não se despregou da entrada, por isso não a assombra que a trava se mova e a porta se abra suavemente. Acocorada em seu esconderijo, vê os sapatos do homem que entra em seu quarto, e caminha sem pressa, com a certeza de que sabe que tem a situação sob controle.

Camila sempre soube que este momento ia chegar, no entanto não pode suportá-lo. Começa a gemer e aperta ainda mais a almofada contra sua cara. Encolhe seu corpo o máximo que pode e chora com a angústia de saber que já não há mais forma de continuar escapando.

Seu tempo chegou. Depois de tanto fugir, de tanto esforço, de tanta angústia, a Voz a encontrou. E agora o horror está à sua frente.

\*\*\*

Este foi o seu erro. Acreditar que estava procurando a garota de treze anos. Mas não. Certamente, o jogo levou Camila de volta a sua infância, àquelas noites nas quais o perigo chegava pela mão de seu pai e se instalava em sua casa com uma potência demoníaca.

Naquelas noites, sua mãe punha em movimento um mecanismo torpe para protegê-la. Escolhia alguma música, subia o volume, fingia divertir-se, armava um piquenique caseiro e barulhento para tampar os gritos de horror e a trancava em seu quarto. E é ali onde deve ir procurá-la. Está seguro disso.

Convencido, segue em direção à fortaleza que, quando menina, Camila compartilhou com sua mãe. Detém-se e pega a maçaneta. Não sabe com o que vai se deparar, mas deve estar preparado.

Lentamente, abre a porta e ingressa. No meio do quarto, uma poça amarelada lhe antecipa a angústia que invadiu o quarto. Olha ao redor e não a vê, mas sabe que está ali.

— Camila — diz com uma voz muito suave. — Fique calma, Camila. Eu estou aqui. Sou eu, Pablo.

Um gemido afogado lhe chega da porta entreaberta do armário. Aproxima-se, tentando não ser invasivo.

— Camila, sou eu, Pablo — repete. Precisa que ela saiba que é ele. Está certo de que, em sua regressão angustiante, tudo se confundiu em sua cabeça. — Não se assuste. Vou abrir a porta do closet.

O choro afogado se transforma em um grito que a almofada não consegue conter. Pablo apenas abre a porta e a vê, no chão, debaixo da primeira estante, como um novelo, contra a parede do fundo.

Sente o impulso de retirá-la e abraçá-la, mas se detém. Não é assim que pode ajudá-la. Pelo contrário, senta-se no chão a um metro de distância e a olha. Sua calça se molha com o líquido amarelado, mas não se importa. Neste momento, nada lhe interessa mais no mundo do que ajudar Camila.

\*\*\*

A porta se abre e a Voz apenas lhe sussurra.

— Camila... sou eu.

Sente-se enjoada e com vontade de vomitar. Espera que essas mãos a tirem e a arrastem para fora a fim de espancá-la e humilhá-la. Sabe que a Voz é capaz disso e muito mais. No entanto, os segundos passam e a Voz continua falando com ela com calma, suavidade, quase ternura.

— Fique calma, Camila. Eu estou aqui. Sou eu, Pablo.

Pablo... Pablo... O nome chega à sua mente vindo de longe e essa voz, que não é a Voz, parece protetora. Mas, apesar disso, Camila não se anima ainda em olhar. No entanto, Pablo continua sussurrando.

— Camila, olhe. Já acabou. Eu já a encontrei e está a salvo. Não vai acontecer nada com você, juro.

Apesar do medo, ele tira a almofada do rosto e apenas entreabre os olhos temendo ver o rosto da Voz. Uma cara que sempre tentou reprimir, que nunca quis conhecer, ainda que agora compreenda a quem pertence esse rosto tão temido.

Faz um esforço para focar o olhar e o que vê lhe arranca um choro, mas desta vez de alívio.

Será mesmo? De verdade está vendo o que crê ver ou é outra das máscaras da Voz para tirá-la de seu refúgio? Por um momento duvida, mas já é tarde para isso.

\*\*\*

Ele a vê lutar contra seus medos. Pode perceber essa batalha interna que Camila está travando, mas sabe que é agora ou nunca.

Compartilhar com alguém momentos como este tem sido sempre seu maior desafio como analista, o de manter-se nessa justa distância entre a presença e a ausência para conter sem

interferir no trabalho do paciente. Sabe que Camila o olha, mas não o vê. E só conta com duas ferramentas: a palavra e o silêncio, e tenta utilizá-las com inteligência. Controla o impulso protetor que o incita a ir até ela e abraçá-la porque sabe que isso não serviria para nada. Ela tem que sair por si só, porque ele não vai estar em todos os momentos com ela.

Rapidamente, repassa tudo o que ela lhe contou sobre aquelas noites. Pablo sabe que a transferência produziu uma dupla transformação. Por um lado, o passado se tornou o presente. Camila não está recordando, e sim revivendo aqui e agora esses momentos de sua infância porque, como sabe bem, o que não é superado repete-se. E, por outro lado, compreende que em sua pessoa foram condensadas duas imagens: neste momento, para Camila, ele é o pai e também a mãe. Vem daí a sua angústia. Não sabe se, ao sair, será recebida pela proteção que sua mãe lhe oferecia ou pelo sadismo de seu pai. Por isso, Pablo precisa capturar bem o lugar devido e localizar-se no único do qual pode ajudá-la: o do analista.

— Camila, já pode sair. Sou eu, Pablo, estou aqui porque me pediu que viesse para ajudá-la e é o que vou fazer se você quiser. Se me pedir, também posso ir embora. Tudo depende de você agora. Não farei nada que não queira. Pode confiar em mim.

Algo em Camila estremece. Pode senti-lo. A adolescente lhe mostra seu olhar e faz esforço, mas a menina ainda está assustada e isso lhe impede a decisão de sair. Pablo pensa e logo compreende qual é a intervenção de que ela está precisando.

A mãe fez o que pôde, pouco e mal. Sempre tentou protegê-la sem conseguir, porque achou que a melhor maneira de protegê-la seria mentir, inventar para ela uma realidade inexistente tapando o horror e distraíndo-a da realidade. Camila antes intuía e o sabe agora, por isso está esperando uma proteção sincera, baseada na verdade.

E ao dizer isso, sentado no chão, abre seus braços oferecendo-lhe um lugar para abrigar tanta angústia contida. Camila, a menininha, a que sempre esteve só, sai correndo de seu esconderijo e se joga em seus braços. Pablo a abraça suavemente, mas com firmeza.

Ela chora desoladamente. Ali está outra vez a criança tomada pelo espanto. Ele simplesmente a abraça. Não tenta acalmá-la. Por muito tempo calou sua angústia. Por isso decide fazer silêncio e acompanhá-la em sua dor. Tem direito a sofrer.

\*\*\*

Uma hora depois, Paula atende ao telefone de sua casa.

— Alô.

— Alô, é Pablo. Estou em sua casa de Rodríguez. Creio que deveria vir para cá.

— Aconteceu algo? — pergunta, assustada.

— Sim. Foi um dia difícil para Camila e ela precisa de você. Eu tenho que ir embora, mas posso esperar até que chegue. Não quero deixá-la só.

— Você pode dizer para Francisca que...

— Não — interrompe ele. — Quando chegar eu explico. Agora ela está dormindo, mas quando acordar, terá que ajudá-la para que se banhe e troque de roupa. Eu não vou tocá-la nem vou deixar que Francisca faça isso. Camila precisa de você.

Paula não entende, mas muitas vezes teve que agir sem entender.

— Já estou indo para aí.

— Eu espero você.

Desliga. Ele está sentado na cama, e Camila ainda descansa em seus braços. Está dormindo. Parece em paz.

## XII

Faz quase uma hora que está debaixo do chuveiro. Precisava disso. A água que cai pelo seu corpo vai lavando a tensão do dia. Foi tudo tão forte e tão cruel que lhe custa tirar da cabeça a carinha aterrorizada de Camila.

Sabe que não será fácil trabalhar com ela, porque essa menina prodígio não é mais do que uma sobrevivente de uma história sinistra. Uma das muitas vítimas de Roberto Vanussi.

Só em pensar nele, estremece.

Fecha a chave que controla a saída da água da ducha e se seca. O espelho do banheiro está embaçado e distorce as imagens. Muitas vezes os espelhos são traiçoeiros. Borges imaginou um mundo de habitantes dos espelhos rebeldes que se negavam sutilmente a obedecer aos mandos dos seres reais e planejavam inverter, algum dia, a ordem estabelecida e nos obrigar que imitássemos seus movimentos. Seja como for, ultrapassando todo o sonho literário, o certo é que hoje o seu rosto, para ele, torna-se desconhecido.

Em um gesto infantil, abre a porta do banheiro e limpa o espelho com a toalha. Suspira aliviado ao reconhecer-se na imagem refletida. Está alterado. Deveria tomar um ansiolítico e dormir até amanhã. Certamente, é isso que fará. Porém...

Contém a respiração e tenta prestar atenção. É imaginação sua ou escutou algo na cozinha? Seu coração se acelera ao comprovar que, efetivamente, há alguém em sua casa.

Trata de não fazer barulho e coloca a calça comprida. A nudez sempre lhe gerou uma sensação de desproteção. Sai sigilosamente do banheiro e, de um modo temeroso, olha ao seu redor em busca de algo que lhe sirva para defender-se. Não tem armas, não gosta disso, mas seu olhar se detém em uma Torre Eiffel de ferro que trouxe de uma de suas viagens a Paris. Pega-a e pensa por um momento, não sabe se vai lhe servir muito, mas nada é pior. Olha em direção à porta e compreende que não tem nenhuma oportunidade de sair do apartamento sem ser visto, de modo que a única coisa que lhe resta a fazer é jogar com o fator surpresa. Inspira e se dirige para a cozinha, com menos decisão do que gostaria.

Ao se aproximar, escuta os ruídos com maior clareza. *O intruso*, pensa, desejando que se trate apenas de um, *está abrindo a gaveta onde estão os talheres*. Deve estar procurando uma faca. Este é o momento. Junta coragem e entra na cozinha com um alarido de batalha. O intruso se surpreende e grita também. A gaveta dos talheres cai no chão.

Pablo se detém com a Torre Eiffel a um centímetro da cabeça de José.

— Puta que pariu, idiota, imbecil! Quer me matar de susto?

— Eu? Pior é você que quase me arreventou a cabeça com este enfeite de merda.

Pablo deixa a torre na pia, coloca as mãos sobre os joelhos e se inclina para frente buscando ar. Se não estivesse tão assustado, iria rir da situação, mas hoje não tem muito motivo.

— O que está fazendo aqui?

— Precisava falar com você. Toquei a campainha e, como não atendia, supus que não tivesse ninguém e entrei para lhe esperar.

— Não escutei a campainha, estava tomando banho. O que procurava na cozinha?

— Uma faca.

A resposta o estremece. Sabe que é uma bobagem, mas demora a colocar seus pensamentos em ordem.

— Posso saber para quê?

José assinala uma caixa de papelão que desprende alguma fumacinha que deixou na bancada da pia.

— Pizza?

— Sim, pizza. O que esperava que eu trouxesse, a sopa da mamãe?

Sorri.

— Você é um tonto.

O sorriso se converte em riso, o riso em gargalhada, e a gargalhada em angústia. Em um instante, as defesas cedem e o psicanalista austero e controlador desaparece. José o abraça e Pablo se desarma nos braços de seu amigo. José não diz nada. Ele também sabe guardar silêncio e conter a angústia.

Alguns minutos depois, Pablo o convida para ir até a sala de estar.

— Venha, vamos nos sentar lá.

— Ande, sente-se primeiro que eu levo a pizza. Trouxe um vinho também. Mas, antes de tudo, vá se vestir, porque você sabe que eu sou sensível e não quero ficar envergonhado. Vai que eu amanheça bêbado e dormindo sobre seu peito.

Pablo ri.

— Eu estou dizendo. Você é um idiota mesmo.

# XIII

Precisava comer algo e o vinho lhe cai bem, relaxa-o. Comem em silêncio. Um silêncio agradável. Depois de ingerir três pedaços de pizza, Pablo limpa a boca com o guardanapo e se aproxima do vitrô. As árvores continuam ali, como sempre, lindas e indiferentes.

— Pablo, precisamos conversar.

— O que quer me dizer?

— Que deixe de se meter e ficar se fodendo com essa história. — Pablo se vira e o olha. — Chega... parou... Terminou. Viu como você está? Isso não é para nós. Somos analistas, nada mais. Tem que reconhecer que isso é demais para você.

A expressão titubeante de Pablo o anima a continuar.

— Veja, se quiser fazer o informe que Paula lhe pediu, faça-o. E se não quiser, não faça nada. Ninguém irá culpá-lo por isso. Também não culpe a si mesmo.

Sabe que José tem razão, no entanto algo nele resiste a aceitar o seu conselho.

— Gitano... você acredita que o garoto o matou?

Antes de dar a resposta, José enfia a mão no bolso e tira um pequeno gravador digital.

— Para responder-lhe, quero que escute algo — Pablo o olha sem entender do que está falando. — Você sabe bem que tipo de analista eu sou e, por isso, não tenho que justificar o que vou fazer. Além do mais, a lei nos habilita a quebrar o sigilo profissional quando há uma vida em risco, certo? Bom, eu creio que, neste caso, podemos dizer que é isso mesmo.

— Não estou entendendo.

— Sabe que eu peço autorização aos meus pacientes para gravar as sessões, não?

— Sim.

— Bom, vou fazer com que você escute a última sessão de Paula Vanussi.

— Mas...

— Não diga nada — interrompe-o. — Só escute.

Antes que Pablo possa protestar, a voz de Paula invade o ambiente, e o relato captura a sua atenção.

Pablo fecha os olhos e se deixa levar pela versão que ela conta daquelas noites que ele já conhece pelo relato de Camila, mas, desta vez, visto pelo olhar de um adulto. Capta a angústia que se dissimula na ironia e o rancor com o qual Paula fala de seu pai.



Então era isso que acontecia enquanto Camila e sua mãe se trancavam no quarto do pânico? Drogas, prostituição de menores, sujeitos poderosos e inimputáveis bebendo e abusando. Compreende por que Victoria colocava a música alta e sente uma onda de asco.

Quando chega o momento do relato do episódio ocorrido depois da denúncia de Paula, Pablo dá-se conta de que, salvo Roberto Vanussi, conhece todos os protagonistas dessa cena e até pode reconstruí-la em sua mente. Imagina Paula suportando as agressões físicas de seu pai, Javier cambaleante tentando enfrentar o monstro apesar de suas limitações, e Camila observando tudo e pedindo em silêncio que tudo terminasse de uma vez por todas, para sempre.

Quando o relato acaba, José desliga o gravador e, por um tempo, nenhum dos dois diz nada.

— Pablo — rompe o silêncio —, eu não sei para você, mas para mim não importa quem caralho tenha matado esse filho da puta. Ele merecia isso e muito mais. Mas agora já foi... morreu... passou... o inferno acabou com o último suspiro de Vanussi. Você me pergunta se acredito que Javier tenha matado seu pai? A verdade é que eu não sei. Não tenho nenhuma merda de ideia sobre isso. Mas sabe o que mais? Não me importa se foi o garoto ou algum mafioso a quem Vanussi fodeu em algum negócio. Quer saber minha opinião? — olha-o fixamente. — Creio que temos que pensar no que é melhor para esses garotos e, segundo o que me parece, o melhor é não revolver mais toda essa porcaria e deixá-los em paz de qualquer maneira. Você falou com eles e sabe que fazer algo por essas cabeças vai ser como tentar reconstruir um copo a partir dos estilhaços que ficaram no chão. Droga, já está feito. Se a sua vida não importa, pelo menos pense em Camila e em Javier. Você os viu. Quer fazê-los passar por um julgamento? Quer obrigá-los a reviver tudo isso? Eu não. E se você é de uma opinião contrária, creio, sinceramente, que o melhor que poderia fazer por minha paciente é aconselhá-lo que saia desse meio.

— Você seria capaz de fazer isso?

— Não sei, caralho — levanta a voz —, mas não quero que ela sofra e... e não quero que aconteça nada com você — aproxima-se e lhe acaricia a cabeça. — Pablo, eu pude defender você das críticas injustas dos colegas, da inveja de alguns medíocres... mas isso é outra coisa. Pense bem.

José levanta-se e recolhe sua jaqueta. Estica a mão para pegar o gravador, mas a voz de Pablo o interrompe.

— Não, deixe-o, por favor. Preciso escutar mais uma vez.

José sabe que isso sim implica numa violação de todos os códigos de ética possíveis, mas já

é tarde para essas sutilezas.

— Está bem. Mas você tem que tomar uma decisão já. Sabe que não temos muito tempo, não?

— Sim.

— Está bem. Amanhã conversamos, então. E tomara que decida o correto.

Levanta-se e fecha a porta atrás de si. Pablo pega o gravador, o envelope que Rasserri lhe enviou, o outro que Luciana atirou por debaixo da porta e se dirige para seu quarto. José tem razão. Não há tempo a perder.

## XIV

Quatro horas mais tarde, ainda acordado, Pablo tenta organizar em sua mente toda a informação para ver se pode ter alguma ideia do ocorrido. Escutou novamente a sessão de Paula e acaba de ver, pela segunda vez, o vídeo de seu encontro com Javier, que estava dentro do envelope que Rasserri lhe enviou. Simultaneamente, vai reconstruindo em sua mente cada uma das conversas que teve nesses últimos dias.

As situações e as pessoas cruzam seus pensamentos de uma forma desordenada, José, Paula, Francisca, Camila, Bermúdez, Javier, Rasserri... cada uma dessas conversas começa a ocupar um lugar em sua cabeça. E da mesma forma que atua quando pensa em um caso clínico, faz uma lista de perguntas que lhe permitam levantar hipóteses a partir do material em mãos.

Javier Vanussi tinha algum motivo para matar seu pai?

A resposta é claramente afirmativa. Ainda que de um modo injusto se culpasse por ele, o certo é que Javier nunca se sentiu amado por seu pai:

“Também me doeu saber desde sempre que, por ser assim, meu pai jamais me aceitou e nunca pôde me amar.”

Sem que lhe importasse e sem nem sequer suspeitar, com essa falta de reconhecimento é possível que Vanussi tenha empurrado seu filho para um caminho sem volta. Humilhou-o com sua indiferença, feriu-o fisicamente e muito mais com sua falta de aceitação e com a vergonha que sentia dele. Javier tinha tentado salvar a um dos pais para si culpando-se “por ser assim”, mas seu sentimento de frustração, certamente, foi trocado pela ansiedade e pela angústia.

A estrutura psíquica de Javier poderia derivar esses afetos a reações violentas o suficiente para que o levassem a cometer um crime?

Pablo tampouco tem dúvidas de que isso é assim. Javier não conta com as ferramentas necessárias para poder fazer algo melhor com sua dor do que destruir os outros ou a si mesmo. Não teve a sorte de sua mãe ou de suas irmãs. Em seu caso, nem a arte nem o estudo vieram como ponto de ajuda e ficou só e indefeso frente a tanta dor. Sua mente doentia deve ter tentado todos os caminhos possíveis, mas não tinha opção melhor do que fez: ferir a si mesmo e provavelmente a seu pai.

Seu corpo é o campo de batalha no qual os restos dessa luta aparecem de forma mais clara. Recorda ter lhe perguntado o que mais lhe doía de tudo o que havia passado em sua vida. Não

precisava voltar a ver o vídeo para se lembrar de cada uma das palavras de Javier:

“... Sentir que meu corpo não me obedece, olhar-me às vezes no espelho e não poder me reconhecer ou, como agora, sentir que estou ferido, consumido, juro que dói.”

Esse foi, certamente, o primeiro movimento defensivo que em sua infância tentou fazer para colocar um limite à sua dor: inverter e colocar contra si mesmo toda a ira e a frustração de ser um filho não amado nem valorizado por seu pai. Um movimento fatal que o empurrou em cheio para a loucura, para esse estado no qual tudo se transformou em uma tortura de alucinações auditivas:

“... não podia evitar os gritos... esses gritos sinistros que feriam os ouvidos.”

Gritos que marcaram seu corpo com os sinais do horror, um horror que era pura dor sem sentido, até que um delírio veio em seu auxílio para tentar remover tanta morte do corpo. E assim, esses gritos insensatos encontraram uma fonte e um motivo:

“... Era a voz de minha mãe. Era ela a quem meu pai maltratava noite após noite.”

E então apareceu afinal uma ideia para colocar fim em tanta angústia: calar essa voz que o torturava, seguramente desde sua infância. Tinha que silenciar sua mãe, mas a mãe real já não podia ser silenciada porque estava morta há muito tempo e tinha um lugar ambivalente na lembrança de Javier. Por um lado sua beleza e ternura e por outro seu enorme desamparo:

“Mamãe era linda... Era uma pessoa tão doce e tão indefesa.”

E foi essa questão sobre ser indefesa que, de alguma maneira, convocou Javier a fazer algo para terminar com a dor dessa mãe, não a doce e linda que guardou em sua recordação, mas a outra, a indefesa, a dos gritos que ferem. Assim, é provável que a ideia de matar seu pai fosse aparecendo para ele como a única solução possível.

Javier é realmente um psicótico, como sugeriu Rasser?

Como analista, Pablo não diagnostica pela presença ou ausência de sintomas, e sim por questões estruturais. De modo que, a existência de alucinações e delírios não são o suficiente já que podem, em alguns casos particulares, como a dor, por exemplo, aparecer em pessoas totalmente normais.

Deve encontrar algo mais profundo que os sintomas visíveis, algo em sua maneira de dizer as coisas, no uso da linguagem, um neologismo, uma holofrase, ou esse traço presente em toda loucura: a certeza, uma ideia inabalável que não deixa espaço para nenhuma dúvida.

E é aí que o vídeo lhe devolve o olhar frio e ausente de um Javier sem traço algum de emoção. Um organismo esvaziado de sentido.

O corpo de um humano é muito mais que um puro corpo. Pelo contrário, é um corpo recoberto de palavras e desejos. Basta olhar um cadáver para entender que ali já não há um sujeito, porque esse corpo ficou sem palavras. E eis o corpo de Javier, resistindo à morte subjetiva e falando com um dizer que apenas está atravessado pela certeza:

“Você não acredita em mim. Você pensa que estou inventando ou que estou louco. Mas eu não estou inventando nem estou louco... Sei muito bem o que digo e o que fiz. Eu matei meu pai.”

Pois bem, indo além das questões psicológicas, ao mundo fictício, Javier pode ter matado seu pai?

Segundo suas próprias palavras, a resposta é sim.

“Estou doente e sei disso. Minha cabeça não funciona como deveria e costumo ter reações que não posso conter e fazer coisas que depois nem sequer sou capaz de recordar.”

Rasseri também parece compartilhar essa ideia ao dar-lhe um diagnóstico de Transtorno de Personalidade Limítrofe. Todo profissional, ao diagnosticar, diz algo de alguém e, neste caso, Rasseri diz que, segundo ele, Javier é capaz de atos de violência, de ira incontrollável, de estados de despersonalização nos quais não lhe é possível medir as consequências de seus atos.

Além disso, lembra-se do que Camila disse:

“... Paula sempre fez o que pôde e Javier nunca pôde fazer nada... Exceto naquela noite.”

*Exceto naquela noite*, repete Pablo. Mas o que é que realmente pôde fazer Javier naquela noite e a que noite Camila se referiu? Poderia ser perfeitamente a do assassinato de seu pai, essa que Javier lhe contou com todos os detalhes.

E a pergunta final.

Há provas suficientes para afirmar que Javier tenha sido o assassino?

Não. Não as possui e sabe disso. Por isso tem dúvidas, mas isso é inevitável. Em um mundo cheio de loucura, não é possível estar convencido de tudo. É bem provável que, como lhe sugeriu José, o assassino seja algum mafioso com contas pendentes com Roberto Vanussi. Tampouco sabe. O que sabe é que Javier está muito mais tranquilo desde que seu pai morreu e Pablo acredita, como seu amigo, que Vanussi merece estar morto e que seus filhos têm direito a um pouco de paz.

Não tem dados que confirmem a culpa de Javier, é verdade, mas tampouco que o desestimem, e a dúvida é suficiente para que possa apoiar sua defesa psicológica. Porque isso é a única coisa que fará. Não vai afirmar que Javier é o assassino, senão de algo próximo de um quase sim, não tem dúvidas. Se Javier Vanussi matou seu pai, não é penalmente imputável por esse

crime. Suas condições psicológicas, seus delírios, suas alucinações, seu grau de despersonalização, seus estados de confusão e sua labilidade afetiva são tão claras que ninguém poderia achar que esse garoto é capaz, em um estado de emoção violenta, de compreender a periculosidade de seus atos.

E, neste mesmo instante, toma uma importante decisão. Em seu informe, irá solicitar ao juiz que não transfira Javier para nenhum outro lugar, já que o melhor para sua saúde é permanecer internado na Clínica Ferro, até que alguma auditoria médica conclua que está em condições de voltar para sua casa, se é que esse momento poderá chegar algum dia.

Rasserri vai garantir que tem os meios necessários para mantê-lo sob controle e assunto encerrado, Javier estará sob cuidados, Paula ficará tranquila, Camila avançará em sua carreira como violinista e agora em análise com ele. E Vanussi... apodrecendo como o lixo que era.

Suspira, pega um indutor de sono na mesa de cabeceira e o toma. Faz tempo que precisa dele para poder dormir. Desde que Alejandra foi embora. Levanta-se e pega o telefone. O toque soa duas, três vezes, antes que a mulher atenda.

— Alô.

— Alô. É Pablo quem fala. Desculpe a hora.

— Não se preocupe, não estava conseguindo dormir mesmo.

— Compreendo. Queria lhe dizer que vou fazer o informe que você me pediu.

Produz-se uma pausa até que, do outro lado, a voz aliviada de Paula lhe responde.

— Obrigada. Você não sabe quão importante isso é para mim.

— Imagino — faz-se um silêncio prolongado. Não há muito mais o que falar. — Bom, se estiver tudo bem para você, amanhã combinamos e eu o levo.

— Como você preferir. Também posso passar e buscá-lo eu mesma.

— Pode ser.

— Obrigada.

Desliga o telefone e o cansaço vem com tudo. A medicação vai fazendo seu trabalho e sente muita vontade de dormir. Precisa. Mas não quer pegar no sono com essas ideias em sua mente. Sente que merece algo melhor. Encosta-se e então abre o envelope de Luciana esperando encontrar algum recadinho pessoal, alguma frase afetuosa ou, por que não, erótica. Já sabe que ela é capaz de se permitir essas coisas.

Com os olhos quase fechando, tira os papéis do envelope e o que encontra o impacta. Não são palavras de amor, são anotações pertencentes a um histórico clínico. Faz um esforço enorme

para ler o que há nessas folhas, mas o sono se impõe de um modo inevitável. Algumas palavras ficam dando voltas em sua mente: Mirethol duzentos miligramas. Alcorex quatro miligramas. Epafenol três mil e... E a escuridão se apodera dele.

## XV

Meia hora depois, o advogado Alberto Míguez faz uma chamada e sente que a alma lhe voltou ao corpo.

— Já está tudo acomodado, no jeito. Eu disse que iria conseguir solucionar.

— Você tem certeza?

— Claro.

— Você também tinha antes.

— Sei disso. Mas pode ficar tranquilo. E mais, eu diria que foi uma intromissão que acabará sendo muito favorável para nós.

— Explique-se.

— O psicólogo Rouvriot é um homem de prestígio, reconhecido além dos meios da área de psicologia.

— E daí?

— Sabe como são as coisas. Até os juízes sentem a pressão de ter alguém de peso à sua frente. E, desta vez, esse peso inclinará a balança para o lado que mais nos convém.

— Assim espero.

— Posso garantir. E, além disso, se for possível, amanhã mesmo vou anexar seu informe à papelada e lhe asseguro que já não terá mais complicação alguma.

— Melhor para todos, então... Sabe? Eu me preocupei com você. Gosto de você e não teria ficado feliz se algo de desagradável lhe acontecesse.

Míguez engole saliva e responde se esforçando para que sua voz não delate o calafrio que acaba de subir por sua coluna vertebral.

— Agradeço sua preocupação, mas já não há mais motivos para que se inquiete.

Uma nova pausa, desta vez muito breve, ainda que para Míguez pareça eterna.

— Bom, muito bem então. Já sabe. Quando o caso for encerrado, receberá o resto do dinheiro. Eu peço que não volte a telefonar-me. Quando for o momento, nós o contataremos. E se alguma vez voltarmos a precisar de seus serviços, espero que esteja interessado em continuar a trabalhar para nós.

— Claro — mente Míguez. Jamais quer voltar a escutar essa voz.

— Alegro-me. Que seja. Até qualquer hora, então.



O homem desliga, e Míguez fica por uns segundos com o telefone na mão. Esta noite voltará a dormir em paz. Pelo menos, é nisso que acredita.

# XVI

O movimento involuntário de seus olhos, a respiração agitada e o tremor de seu corpo dão mostras de que está tendo um sonho intranquilo.

Vê a si mesmo percorrendo uma rua escura. A noite é de um negro quase avermelhado, e o vento e a chuva lhe golpeiam. Tem frio e, sem saber por que, também medo. De uma janela distante, uma velha grita de um modo que o estremece. Um cachorro cruza a rua correndo através dele, como se fosse transparente. Sente a presença de um homem que o olha por debaixo de um chapéu.

Está tremendo. Escuta, vindo por trás, que uns passos se aproximam, no entanto não se vira. Está paralisado. Não pode vê-la, mas sabe quem é. A mulher segue se aproximando à medida que o chama. Reconhece essa voz. É a voz de Paula. De repente, sente a mão que o pega no ombro com uma força surpreendente. Rapidamente se vira e a vê. Os olhos conhecidos de Javier o olham a partir do rosto de Victoria.

De um pulo, Pablo se levanta na cama. Sente o coração acelerado e se dá conta de que está molhado pelo suor. Levanta-se e caminha até o banheiro. Abre o chuveiro e se enfia debaixo dele sem esperar que a água esquente.

O impacto do jato frio o desperta, alivia-o e, pouco a pouco, a razão começa a comandar seus pensamentos. O sonho começa a ficar embaçado, ainda que a voz de Paula, os olhos de Javier e o rosto de Victoria sejam muito fortes para que a repressão os condene ao esquecimento tão facilmente.

Fica debaixo da água por meia hora, depois faz a barba, veste-se com calma e liga o computador.

A psicologia forense não é a sua especialidade e se dá conta de que nem sequer sabe qual é a maneira formal de escrever um informe como o que tem que entregar, por isso opta por fazê-lo da forma que lhe parece lógica. O advogado de Javier se encarregará de corrigir o que estiver faltando.

*Buenos Aires, 5 de agosto de 2009.*

*Ao sr. Juiz*

*Com minha maior consideração:*

*Venho por meio da presente, e a pedido da família do sr. Javier Vanussi, informar que, após um exame diagnóstico realizado no paciente motivo da presente, cheguei à conclusão de que o referido padece de um Transtorno de Personalidade Limítrofe, agravado por sua estrutura esquizoide com traços paranoicos. Como consequência do que foi dito anteriormente, dou fé de que a relação psíquica que possui com o mundo exterior é muito precária e que, com frequência, não pode discernir entre a fantasia e a realidade.*

*Sua debilidade somada à sintomatologia que padece habitualmente (delírios, alucinações, sentimentos de despersonalização) determina um comportamento que pode oscilar entre uma total passividade, geradora de ausências que interrompem sua possibilidade de comunicação, e comportamentos agressivos desmesurados típicos dos quadros maníacos.*

*Depois de revisar detalhadamente seu histórico clínico e de ver pessoalmente o paciente, chego à conclusão de que, em caso de ter sido o responsável pelo delito que está lhe sendo imputado, não é possível que Javier Vanussi tenha sido consciente da periculosidade e das consequências do ato que estava realizando e que deve ser considerado “demente no sentido jurídico da palavra”.*

*Recomendo, assim sendo, que o jovem permaneça internado na Clínica Ferro, lugar onde vem sendo atendido há anos e está totalmente sob controle profissional sem ser perigoso nem para si mesmo nem para terceiros.*

*Sem outro particular, fico à sua inteira disposição e o saúdo.*

*Atenciosamente,*

*Psicólogo Pablo Rouvriot*

Pronto. Volta a ler a declaração antes de imprimi-la e comprova que está cheia de imprecisões e que não passaria pela crítica de qualquer aluno da faculdade que já tivesse cursado psicopatologia. Misturou quadros médicos com psicológicos, sintomatologia com traços de caráter. Mas sabe, pelo menos disso ele se lembra de sua passagem no curso de “Psicologia Forense” na Universidade de Buenos Aires, que o juiz não tem a menor ideia das estruturas psicopatológicas, que não lhe interessa, que o importante é ser descritivo, falar-lhe num idioma simples que possa compreender e que, definitivamente, a única coisa que quer saber é se o acusado compreendia ou não as consequências de seus atos no momento de cometê-los.

Pablo acredita que tenha sido claro a respeito, de modo que o carimba, assina ao pé da página e guarda o informe em um envelope pessoal. Pronto. Agora, só precisa entregá-lo,

esquecer-se do assunto e ocupar-se do que é sua incumbência: Camila.

Faz um telefonema que dura apenas uns segundos e trata de combinar que irá passar na casa de Paula em meia hora. Antes de sair, olha-se no espelho e comprova que nos últimos dias sua imagem piorou bastante.

Vê-se com olheiras e com uma expressão que até agora lhe era desconhecida. Ele se lembra das palavras de Bermúdez: “Uma pessoa jamais volta a ser ela mesma depois de ter visto a cara da morte”.

Sai para a rua e agradece o vento frio. Para um táxi e lhe indica o endereço de Paula. Está convicto de que faz a coisa certa, embora intranquilo. Sente que o melhor seria não ter se envolvido jamais nessa história.

O telefone que toca interrompe seus pensamentos.

— Alô.

— Alô, Loiro.

— Helena. Como está?

— Bem... Quer dizer, estou preocupada com você.

— Fique tranquila. Em pouco tempo termino com tudo isso.

Silêncio.

— Conte-me.

Pablo suspira antes de falar, como se precisasse tomar força.

— Já fiz o informe e neste mesmo instante eu o estou levando para Paula em sua casa.

— Ai, Loiro, não sabe quão tranquila isso me deixa. Ótimo, entregue e venha para o consultório. Acho que nós merecemos um chá, não?

— Eu sim, e você por quê? — brinca Pablo.

— Como assim por quê? Por todas estas noites que não pude dormir pensando em você, ou é isso é pouco para você?

— Está bem, então. Daqui a pouco nos vemos.

— Feito, estou lhe esperando. Um beijo.

— Outro... Ah, Helena.

— Sim.

— Obrigado.

— De nada. Apenas te devo um pouco menos do que alguns dias atrás.

Desliga com um sorriso. Do rádio do táxi, chega a voz de Víctor Hugo Morales. Fecha os

olhos e se deixa levar pelo relato. Está fazendo um comentário sobre uma apresentação de *Madame Butterfly*, a ópera de Puccini, a preferida de Pablo.

A arte mostra de uma forma nua aquilo que na vida tentamos ocultar: que só há duas coisas importantes, a sexualidade e a morte. Para o bem ou para o mal.

Como fundo do relato, a ária principal soa na voz de Maria Callas, quando algo volta em sua memória e o sobressalta. Incorpora-se no assento e procura na agenda de seu telefone. Digita.

— Consultório.

— Bom-dia. Poderia falar com o doutor Carlos D'Ángelo, por favor?

— Neste momento ele se encontra ocupado. Quem fala?

— O psicólogo Rouvriot.

Ao escutar o nome, a mulher hesita.

— Senhor Rouvriot, é um prazer falar com o senhor.

— Digo o mesmo.

— Deixe-me verificar... aguarde-me um instante que vou ver se o doutor pode atender.

— A senhora é muito amável.

Segundos depois, volta a escutar a voz.

— Vou passar a ligação, senhor.

— Muito obrigado.

— Olá.

— Carlos, desculpe-me se eu o interrompo em seu horário de atendimento.

— Não se preocupe. Não teria o consultório tão concorrido se não fosse, em grande parte, por suas indicações, assim sendo, você ganhou o direito de interromper-me. Diga-me em que posso ajudá-lo.

— Preciso saber o efeito de três medicações.

— Quais?

— Mirethol duzentos miligramas, Alcorex quatro miligramas e Epafenol três mil.

— Que merda. Não sei de quem se trata, mas não gostaria de estar no lugar do paciente que toma essa paulada.

— Pode me explicar?

— Veja, o Mirethol é um antipsicótico de última geração que é utilizado para frear um surto grave. Usa-se pouco porque é caríssimo e, além disso, tem efeitos colaterais muito nocivos, mas diante dos outros é incomparável. Detém os delírios de maneira quase imediata, sobretudo se

for usado de forma sublingual.

— Compreendo.

— O Alcorex é um ansiolítico que, em doses menores, é muito utilizado, mas quatro miligramas é o limite máximo aconselhável. E quanto ao Epafenol, é um antidepressivo. Também é a dose mais alta — interrompe-se. — Realmente o psiquiatra que recomendou esse coquetel deve tê-lo visto muito mal e tenta mantê-lo sob controle absoluto, quase diário, eu lhe diria. Quem recomendou tal combinação?

— Isto fica entre nós.

— Naturalmente.

— O doutor Rasserri.

— O médico-chefe da Clínica Ferro?

— Ele mesmo.

— Então deve estar tudo bem. Eu o tive como professor de psicofarmacologia na faculdade. O sujeito é um gênio.

— De todas as formas, a combinação de um antipsicótico com um ansiolítico e um antidepressivo é bastante comum, não?

— Sim, mas não esses medicamentos nem nessas doses. Estamos falando de um caso muito extremo.

— E quais são os efeitos colaterais?

— Muitos. Mas fale-me exatamente o que quer saber.

Pablo pensa um segundo. Sabe que D'Ángelo irá se surpreender com sua pergunta, mas nesse caso, ele é como o juiz. Precisa que lhe expliquem de um modo claro para poder compreender. Assim sendo, faz a pergunta da maneira mais direta possível.

Quando termina de formulá-la, produz-se um instante de silêncio e Pablo se dá conta de que o taxista o observa pelo espelho retrovisor. Nesse momento, por obra da casualidade, inclusive a voz de Victor Hugo Morales se cala.

## XVII

É estranha a maneira pela qual as emoções impactam a percepção, mas a verdade é que desta vez o apartamento não lhe parece tão bonito. Não há música suave de fundo, Paula está vestida normalmente, não há rastros do quimono azul, porém o aroma de limão continua igualmente agradável. Pablo caminha até o sofá da sala de estar, deixa ali uma pasta e se senta na ponta do assento, onde fica o apoio do braço. Seu estado não é o mesmo de quando subiu no táxi há meia hora. Seu olhar é outro e algo lhe dá voltas em sua cabeça sem que consiga encaixar e capturar.

— Posso lhe preparar um café? — oferece Paula.

— Sim, por favor.

Ela vai para a cozinha, ele está inquieto. Conhece bem essa sensação que o envolve quando algo está por abrir passagem e esclarecer-se em sua mente. Isso costuma acontecer no divã, em algumas de suas sessões, quando ele é o paciente. É como um rumor de coisas que se desmoronam de uma maneira caótica, até que vão se acomodando de um modo quase natural.

Algo similar acontece quando uma pessoa revisa o resultado, a resposta a uma sessão de adivinhas depois de revolvê-los. Tudo parece tão fácil. Como se as coisas tivessem estado o tempo todo ali, bem à sua vista. Lembra-se do conto de Poe.

Absorto em seus pensamentos, nem sequer consegue decodificar a pergunta que Paula faz lá da cozinha. Por via das dúvidas, responde que não. Passeia o olhar inquieto pelo ambiente e repara numa foto que está na mesa de centro. Pega o retrato e o olha detalhadamente. Conhece essa pessoa, já a viu antes.

— Esta é sua mãe, não?

Paula dá uma espiada da cozinha e olha a foto que ele ergue em sua mão.

— Sim.

— Era muito bonita.

— Muito — é toda a sua resposta.

A mulher da fotografia é jovem. O cabelo escuro e comprido está revolto pelo vento; uma paisagem da cordilheira serve de fundo. Não sabe por que, mas tem a mesma sensação esquisita de quando a viu na foto que, sem que ninguém o saiba, Camila guarda sempre no estojo do seu violino. Um pouco confuso, volta a apoiá-la na mesa e seu olhar se encontra com o quadro.

Ali está a cabana, com sua parte superior coberta pela névoa, o pinheiro alto e o caçador que

traz a lebre de olhos grandes em sua mão.

Tenta olhá-lo sem focalizar nada, de um modo quase gestáltico, até que uma imagem se manifesta, visível. Será possível que...? Precisa comprovar para estar seguro.

— Paula, um minuto, vou ao banheiro.

— Fique à vontade. Já sabe onde é.

Sai pelo corredor, mas, em vez de dirigir-se ao lavabo, vai diretamente ao salão de jogos. Ali está o outro quadro, o que lhe recordou *Guernica*. Novamente faz o exercício de olhá-lo em seu conjunto sem se concentrar em nada. E sim... ali está a mesma imagem. Dissimulada pelo sombreado perfeito e apenas perceptível. Mas está. E... mais um detalhe. Um novo dado.

Enquanto caminha até o quarto de Paula, toma a decisão mnemotécnica de colocar títulos nos quadros: o da cabana, o *Guernica*... agora irá ver o outro, o vermelho e falta mais um, o que está na chácara de General Rodríguez, o quadro da chuva. Sabe que todos pertencem ao mesmo artista, ainda que, na realidade, já esteja convicto de que para ser exato deveria dizer que pertencem à mesma artista.

Tenta fazer tudo rapidamente, sem dúvida lhe parece que o tempo se acelerou de repente e que se move em câmera lenta.

O quarto de Paula está em ordem, tão imaculado como da primeira vez que entrou. Não perde tempo e vai diretamente até o quadro apoiado na parede, o vermelho. Desta vez está bem simples, porque sabe o que procura. Ali está. A vista, como a *carta roubada*. E também, como no caso anterior, mais um detalhe.

No corredor que dá na sala de estar, ele entra no banheiro e sem nem sequer acender a luz, abre a torneira e molha as mãos. Sua mente está ocupada em se lembrar do outro quadro, o da chuva. Ainda que, como nessas palavras cruzadas que em um momento se tornam previsíveis, não precise procurar muito para encontrar a peça que encaixa e completa a figura.

Volta e se senta novamente no braço do sofá e, mesmo que tenha a sensação de ter demorado muito, dá-se conta de que tudo passou em poucos segundos porque Paula nem sequer regressou com o café. Mais um pouco e ela virá.

— Ainda que tenha me dito que não, por via das dúvidas, trouxe o açúcar — enquanto apoia a bandeja na mesa, o olha e compreende que algo está acontecendo. — Aconteceu alguma coisa?

Faz que sim com a cabeça.

— Antes de lhe dar o informe, preciso conversar com você.



— Claro. Suponho que o tema do assunto sejam seus honorários.

— Não, não é por isso.

— E então? — senta-se à sua frente.

— Sabe? Ontem à noite, tive um sonho.

Ela sorri.

— Adoraria poder ajudá-lo, mas ainda não estou formada e não quero perder o diploma por má prática antes de sequer tê-lo em mãos — brinca.

Pablo segue como se não tivesse escutado.

— Estive pensando em tudo o que passei nesses dias. A troca de informações com Rasserri, a visita a Javier, meus encontros com você e as sessões com Camila.

Omite, claro, a gravação que José lhe deu, o envelope de Luciana e o CD que Rasserri lhe enviou para não comprometê-los.

— Precisava organizar tanta informação. Mas você sabe como é isso. Às vezes, o que não encontra um sentido apesar do esforço consciente se faz evidente a partir de uma amostragem inconsciente.

— Eu creio que não estou lhe entendendo.

— Em meus sonhos, apareciam alguns detalhes: uma escuridão avermelhada, sensação de medo, um cachorro, uma janela, uma garoa, um homem que escondia seu rosto sob um chapéu. E, sobretudo no final, em uma só personagem, a condensação de três pessoas: sua mãe, seu irmão e você.

Paula se acomoda no sofá sem dizer uma palavra.

— Ontem à noite, depois de repassar toda a história, cheguei a duas conclusões. A primeira é que não é totalmente certo, mas bem provável, que seu irmão matou seu pai. E a segunda é que seu velho era um filho da puta que merecia morrer, merecia ser morto. Ainda assim, algumas pontas soltas não deixavam de me dar voltas na cabeça. Mas antes de continuar... jure-me que vamos falar apenas a verdade.

Ela o olha nos olhos.

— Juro.

— Bem. Pouco antes da data em que seu pai desapareceu, seu irmão teve uma crise, lembra-se?

— Sim.

— Desde esse momento e cerca de dois meses depois, Javier esteve medicado com drogas

de última geração, potentes e eficientes, mas perigosas.

— E o que isso tem a ver?

— Hoje chamei um médico amigo meu, um especialista em psiquiatria e lhe fiz uma pergunta.

— Qual?

— Eu lhe perguntei se um paciente que vinha sendo medicado há um mês, no mínimo, dessa maneira, teria podido matar alguém, embalar o corpo, carregá-lo no porta-malas de um carro, dirigir vários quilômetros, tirá-lo do porta-malas, arrastá-lo até jogá-lo em uma vala, voltar para casa e apagar todas as pegadas e rastros de um modo eficaz o suficiente para que ninguém ficasse sabendo.

Faz-se um silêncio tenso.

— E o que ele respondeu?

— Que matar alguém é algo relativamente fácil e que quase qualquer pessoa poderia fazê-lo. Ao que parece, a vida é muito mais vulnerável do que aparenta. Mas que essa combinação de drogas produz uma hipotonia muscular e uma obnubilação psíquica tamanha que todos os demais movimentos que eu lhe descrevi teriam sido impossíveis de realizar. Então, pus-me a pensar que ainda existindo cada vez mais a duvidosa possibilidade de que Javier tivesse sido o assassino, deveria ter contado com um cúmplice que se encarregasse de todo o trabalho posterior ao crime.

Toma o café num só gole e continua.

— Paula, teria sido muito simples tentar derivar a investigação para qualquer um que tivesse relação com os negócios obscuros que seu velho manejava, no entanto você nunca duvidou da culpa de Javier.

— Mas você, sim.

— Naturalmente. De fato, não foi Javier quem entrou em meu apartamento, nem foi ele quem mandou uns gorilas para pressionar-me na porta da minha casa — para e caminha nervosamente pela sala de estar. — Quando comecei com minhas dúvidas, algumas pessoas se alteraram. Quem lhes avisou que eu estava me enfiando num vespeiro? Você, Bermúdez, Rasserri, o juiz, Fernando... quem, caralho? — levanta a voz enquanto se aproxima.

Paula o olha, paralisada. Pablo está um pouco alterado. Ainda assim, olha para ela e lhe suplica.

— Ajude-me a entender. Você sabe como é isso. O analista ata os fios, mas precisa das associações do paciente. E, neste caso, quem pode jogar no rol de pacientes é você — Paula

afasta o olhar. — Entenda-me, eu poderia dar para você este papel de merda e esquecer toda essa história. Mas não posso viver pensando que José ou Helena me enfiaram numa armadilha e me envolveram nisto. Além disso — sorri sem querer —, sou analista e, apesar dos perigos, é mais forte do que eu... sou apaixonado pela verdade.

Paula abaixa o olhar e sente que algo que leva há muito tempo engolindo luta para sair.

— Bem... se você é o analista, e eu, a paciente... ajude-me a dizer a verdade que não consigo transformar em palavras.

Paula o convoca para fazer o que mais sabe, no entanto hesita. Sua sensatez faz o último esforço para dizer-lhe que o melhor é entregar o informe e deixar como está. Mas já é tarde. Ele acaba de dizer: sua paixão é a busca da verdade.

— Sabe? Não é a primeira vez que vejo uma foto de sua mãe — Paula o olha, assombrada, mas ele não vai delatar Camila. — Não importa onde, mas eu já tinha visto outra — diz enquanto volta a pegar o retrato de Victoria. — E nessa ocasião, da mesma forma que agora, algo me chamou a atenção. Algo que não pude identificar o que era, até agora.

— Que coisa?

Pablo estica sua mão até deixar a foto ao lado do rosto de Paula.

— Que não se parece em nada com você.

— E por que isso lhe causa tanto espanto? Nem sempre as filhas se parecem com sua mãe.

— Porque algo havia deixado um resíduo em meu inconsciente. Uma frase de Javier. Quando eu o visitei, ao falar dela disse-me que era igual a você e que se eu as visse juntas não seria capaz de diferenciá-las.

Silêncio.

— Ele disse isso?

— Sim.

— Não entendo.

— Eu, sim — Paula o olha, assombrado. — Creio que vou compreendendo tudo.

O dia está nublado e, apesar da hora, um obscuro aroma do entardecer envolve o ambiente, enquanto cada detalhe vai tomando forma, ainda que de uma forma desordenada, na mente de Pablo.

— Como não me dei conta antes?

— De quê?

— Até onde o sonho me levou.

— E até onde o sonho o levou?

— Aos quadros. Os elementos de meu sonho estão nos quadros: a cor vermelha, a chuva, o cachorro, as transparências, a janela e, sobretudo, o homem oculto. Esse detalhe que, como não podia ser de outra maneira, está presente em cada um deles. Sempre em meio a alguma divisa, dobrando uma esquina, sem olhos, dissimulado atrás de um sombreado ou escondido sob a chuva, entende? Eu sonhei com os quadros porque, inconscientemente, soube que nesses quadros há uma verdade a ser decifrada.

— Por quê? O que tem os quadros? — pergunta, hesitante.

— Duas coisas. Em primeiro lugar, que não dá para analisá-los separadamente, é preciso buscar o sentido conjunto. Você já fez cursos de testes projetivos, não?

— Sim.

— Bom, imagine-os como se fossem parte de uma bateria de testes, um conjunto de desenhos que é preciso analisar em grupos, buscando as coisas que se repetem ou os dados que, ainda sendo diferentes, apontam um mesmo significado para poder fazer a interpretação.

— Convergência e recorrência — lembra Paula.

— Exatamente. Vamos ver... eu jogo as informações e você me diz o que elas sugerem... Em primeiro lugar, as cores: preponderância do marrom, do vermelho e do preto. Depois, os rostos com olhos enfatizados, seja porque são grandes, como no caso da lebre, ou porque estão menores ou omitidos, como no caçador. Transparências como em um quadro geométrico. Em todos, alguma figura com sinais de desvalia e angústia e outras desorganizadas, que não se veem por completo, como se não tivessem todo o corpo, ou com dois corações, isso quer dizer, imagens de corpos fragmentados.

À medida que fala, Paula abaixa a cabeça. No entanto, Pablo continua falando com entusiasmo.

— O pinheiro, alto como a cabana na ponta, fala de uma preponderância fálica, quer dizer, de um alto conteúdo sexual, embora a névoa que cobre a chaminé ou a árvore dobrada pelo vento indiquem que nesse aspecto há algo para ocultar, algo que o artista não quer assumir, mas que em seu inconsciente não pode deixar de dizer. Como se não pudesse deixar de mostrar o que conscientemente não quer ver, como essa pessoa que olha pela janela à meia-luz.

A lembrança do relato de Paula que escutou no gravador interrompe seus pensamentos: “Uma vez eu olhei da janela do meu quarto, sem acender nenhuma luz para espiar o que acontecia...”, mas deve continuar.

— As pernas juntas e as mãos apoiadas sobre elas indicam a necessidade de proteger a região genital e...

Detém-se porque ao olhá-la se dá conta de que Paula está chorando.

— Entende o que estou lhe apontando, não? — pergunta em um tom suave. Ela assente. — A pessoa que pintou esses quadros está denunciando aos gritos que está sendo abusada. E mais, pela maneira obsessiva da temática, eu diria que está vivendo uma tortura e que, certamente, a possibilidade de transformar sua angústia em arte foi sua maneira de conservar a pureza em meio a uma situação sinistra e quase impossível de manejar, não acha?

— Sim.

Produz-se um silêncio pesado e tenso, mas, mesmo assim, ele pode sentir a verdade que abre passagem de um modo irrefreável. Ela faz esforços para controlar-se, mas não é nada fácil. Ele a olha e lhe estende a mão.

— Venha, sente-se aqui, ao meu lado.

Paula obedece.

Em sua primeira visita, Pablo jamais teria provocado uma aproximação semelhante, mas agora resta pouco daquela Paula provocativa e sensual. Por isso a quer perto dele agora, para protegê-la daquilo que, está seguro, encontra-se a ponto de aparecer.

Levanta suavemente sua cabeça para que ela o olhe e, com infinita ternura, afasta o cabelo do rosto e lhe faz um carinho.

— Posso continuar?

Ela assente.

— O relato que Javier me fez sobre como matou seu pai foi preciso, claro e contundente. Já sei que o delírio é imperturbável, mas havia algo de verdade no que me contava, para além do conteúdo delirante. E agora mesmo compreendo o quê.

— O que é?

— Que na realidade esse relato estava construído com elementos diferentes, alguns tomados de realidade e outros de sua própria fantasia, pela forma patológica na qual sua mente doente lhe permitiu simbolizar uma vivência traumática. O que quero dizer é que a psique de Javier realizou um trabalho de condensação e então de duas cenas fez uma, de dois tempos fez um só e, sobretudo, de duas mortes fez uma.

— Não entendo.

— Esta é a minha hipótese... Há algo no que Javier diz que é verdade, que não é produto de

sua enfermidade mental. É verdade que ele escutava como seu pai gritava com alguém, como a insultava, dava-lhe ordens e, inclusive, batia-lhe. Enquanto isso, Javier sofria em seu quarto e cobria a cabeça com um travesseiro tentando calar esses gritos sem consegui-lo. E aqui aparece o ponto que não pode aceitar e que gera uma ruptura com a realidade a partir da qual se desestrutura.

— Que coisa?

— Que na realidade seu pai não está só batendo nessa pessoa, não só a maltrata e a insulta. Esses gritos, esses barulhos são sons que lhe sugerem outra coisa, lhe indicam que está fazendo sexo com ela, que a está violentando. E isso é o que ele não pode processar. Rejeita essa parte da realidade e a desloca com outra. A angústia da violência sexual a desloca para a angústia pelos gritos. Então, o causador de seu padecimento já não é seu pai que violenta, e sim a mulher que grita. É a ela que ele quer calar. Decidido a fazer isso, levanta-se, vai buscar a faca e entra no quarto de seu pai — olha para ela. — E creio que posso reconstruir a cena. Quer escutá-la?

Depois de um silêncio que parece eterno, ela assente.

— Sim.

— Javier entra e vê seu pai batendo e violentando uma mulher, e isso é real. Mas em sua mente, essa mulher é sua mãe. E ele sente que para que deixe de atormentá-lo com seus gritos deve matá-lo, porque algum resto de coerência lhe indica que não serve matar a mulher, porque ela já está morta e ainda continua gritando. Então sua mente diz BASTA, e ele o ataca com uma faca. Mas esse BASTA que ressoa em sua mente tampouco lhe pertence. Ele o incorpora como sendo dele mesmo, mas vem de outra pessoa.

— De quem?

Pablo se lembra da gravação que José lhe deixou escutar.

— De Camila. Ela também escutava muitas vezes essa mesma cena. Mas daquela vez seu pai foi pego no flagra e todos estavam ali... inclusive você — observa o esforço que Paula faz para não quebrar-se, ainda que seja difícil conseguir isso. — E ali é onde encontra sentido a surpresa que tive ao ver o retrato de sua mãe.

— ...

— Javier me havia dito, falando de vocês duas: “são iguais... não conseguiria diferenciá-las”, porque na realidade quem não pode diferenciá-las é ele. Mesmo que, devo reconhecer, tampouco pude fazer isso no início.

Ela o interroga com o olhar.

— Sabe? Quando vi esses quadros que tanto me impactaram, olhei a assinatura e deduzi que tinham sido pintados por sua mãe: V. P., que era para mim, Victoria Peña. Mas algo me fez duvidar de que fosse isso mesmo.

— O quê?

— Uma frase de Camila. Ela me disse que sua mãe queria inventar para ela um pai que não existia e que essa atitude era “mais uma de suas pinturas iluminadas e ensolaradas”. Sua mãe era uma negadora, que acreditava poder ocultar a verdade pintando cenários cheios de luz, em vez disso o artista que pintou esses quadros quer denunciar a verdade a todo custo. Uma verdade que é, ao contrário, escura, sombria e angustiante — volta a ter um gesto de ternura. — Hoje compreendi que V. P. não quer dizer Victoria Peña, e sim Vanussi, Paula. Você pintou esses quadros. Você fez esse esforço para mostrar ao mundo a tortura à qual era submetida por seu pai. Paula, você era essa mulher em quem seu pai batia e violentava, não é?

Ela o olha e o último resquício de resistência se derruba, com uma angústia impossível de conter, começa a chorar de um modo desesperador. Chora, bate nele e grita. Ali estão os gritos desgarrados que Javier escutava, os que Victoria tentava em vão tapar com a música quando se trancava com Camila em seu quarto. Agora, Pablo os tem ali, para ele, e o seu sangue gela.

Em sua primeira visita a esta casa, ela tentou seduzi-lo e deitar-se com ele. Agora compreende que não se tratava de um verdadeiro desejo, sendo ele mesmo quem removeu o erotismo. Não havia sido um ato de sedução, havia sido um mecanismo patológico que ela punha em jogo.

Paula cresceu acreditando que tudo deveria ser pago com seu corpo, converter-se em um objeto e entregar sua sexualidade para ser gozada por outro. Mas ele tinha resistido e por isso, porque não a abraçou naquele momento, é que agora pode fazê-lo, de outro modo, em outra posição, do lugar simbólico de um pai que não a toca para abusar, mas para proteger, para abrigar tanta dor.

Permanecem abraçados um longo tempo até que ela rompe o silêncio.

— Isto eu nunca contei a ninguém... nem sequer para José — diz com um pouco de culpa. — Mas foram muitos anos. Desde que fiz quatorze anos. Naquela noite, o presente de meu pai foi que entrou bêbado em meu quarto e... tocou-me, beijou-me — chora —, foi horrível. Mas o pior é que não parou aí. Pelo contrário, fazer isso se tornou costumeiro, e eu tremia cada noite temendo que ele entrasse no meu quarto.

— E sua mãe?

Sabe que a pergunta é incômoda, dolorosa, mas Paula tem direito de derrubar essa imagem santificada que todo mundo construiu ao redor de Victoria.

— Camila era recém-nascida e acredito que minha mãe decidiu que era a única a quem podia proteger, por isso nunca disse nada do que acontecia e apenas limitava-se a trancar-se em um quarto com Camila e, às vezes, com Javier.

— Às vezes, nem sempre.

— Não... ele também teve que padecer a meu pai.

Olha para ela.

— Seu pai também violentou Javier?

Sua voz sai entrecortada pela angústia.

— Sim. Algumas vezes. Até que...

— Até que você se ofereceu como escudo e pagou com seu corpo o preço de sua proteção.

Paula assente e Pablo registra isso como um ódio visceral lhe percorre dos pés à cabeça. Filhos da puta... ambos, Roberto e Victoria. Agora entende por que Paula reagiu com José quando chamou de prostitutas as mulheres de quem seu pai abusava. Porque ela era uma a mais, talvez a principal delas, e entende também por que na imagem final de seu sonho a mulher condensa Paula, Javier e Victoria e deixa de fora Camila. Porque, de alguma maneira, ela teria conseguido escapar desse inferno.

— Filhos da puta — repete para si.

Os dois, o pai, que não tinha limites; e a mãe, tão apaixonada pelo perverso que foi capaz de oferecer seus próprios filhos para acalmar sua luxúria.

Ele recorda o que Rasserri disse dela: “Victoria Peña era uma mulher muito especial. Uma pessoa linda que adorava seus filhos. Mas, para o seu mal, estava por demais apaixonada por seu marido e isso afetou muito seu papel de mãe”.

Claro que ele a havia condicionado. Tanto que aceitou entregar seus filhos mais velhos e só pôde proteger Camila. Ainda que, à luz da verdade, é possível que também a tivesse entregue quando chegasse o momento. Só que alguém decidiu colocar fim a tudo antes que isso acontecesse. Mas quem?

— Paula, acredito que a cena que Javier me contou sobre como matou seu pai também condensa dois momentos diferentes. Por um lado, é verdade que ele entrou na noite do crime com a faca na mão e o atacou. Mas não acredito que em suas condições tenha podido matá-lo.

Ele se lembra de que Bermúdez havia lhe contado que Vanussi havia recebido apenas uns



torpes ferimentos que não teriam o matado. Essas foram as tentativas de Javier. Mas, depois, teve um corte mortal. Então, como a situação se desenrolou naquela noite?

O relato que escutou de Paula em sua sessão lhe fornece os dados que faltam para armar a história.

— Pelo contrário — continua —, seu pai o espancou, bateu nele com o cinto, feriu-o até que você se interpusesse. E ali ficou assinado o acordo. Ele poderia dispor de seu corpo quando quisesse em troca de não bater mais em Javier. E esse acordo pareceu conformado.

Pablo compreende que, em meio ao seu transtorno mental, Javier acreditou matar seu pai naquele momento. Talvez por isso o aparecimento do cadáver de seu pai, meses depois, teria feito com que ele descompensasse. Recorda que Javier lhe contou que “havia escutado uma conversa entre suas irmãs na qual diziam que papai havia voltado”.

Difícilmente esses seriam os termos daquela conversa, mas assim ele traduziu: “Papai voltou”. Isso quer dizer que, para Javier, não foi o corpo putrefato e já sem vida de seu pai que apareceu — era o seu pai que voltava e, por sua vez, o terror. Por isso tentou matá-lo novamente.

Está convencido de que, em seu delírio, Javier desdobrou e encarnou ambos os papéis, o seu e o de Roberto. Por isso flagelou com o cinto a si mesmo acreditando que fosse seu pai que o fazia, e por isso cortou as veias achando que seu pai a quem estava matando. E é esse o momento em que escreve aquele bilhete: “Acabou. Eu o matei”. E não foi uma confissão senão um grito triunfal.

Isso explica outro erro em seu relato. Ele disse para Pablo que tinha tentado matar-se duas vezes, quando, na realidade, segundo o histórico clínico, suas tentativas de suicídio foram três. Só que o terceiro, para ele, não foi uma tentativa de suicídio, foi um novo ato de assassinato contra seu pai.

Porém, ainda que em sua loucura acreditasse que tivera conseguido, a esta altura Pablo está convencido de que isso não foi assim, que alguém teve que terminar o trabalho. Alguém que estivesse muito mais consciente e forte fisicamente, mas também suficientemente alterado para não encontrar outra solução a não ser a morte de Roberto.

Lembra-se de que Rasserli lhe disse que só em duas ocasiões vira Vanussi, uma delas quando foi internar Javier. Mas sabe que nunca foi visitá-lo nem voltou à clínica depois disso. Qual foi a outra ocasião em que o viu então?

A resposta a essa pergunta lhe leva a outros dizeres do médico durante aquela conversa:

“Paula Vanussi. Outra garota realmente linda. Já desde pequena tinha uma personalidade avassaladora e um atrativo muito especial”.

*Já desde pequena, pensa.*

Paula era uma adolescente quando internaram Javier pela primeira vez. Como é possível que Rasserri a conhecesse desde garotinha? Talvez porque a outra vez em que viu Roberto Vanussi não tivesse relação com a enfermidade de Javier, senão com algo muito anterior.

— Paula, você também foi paciente de Rasserri, não?

Toma para si alguns segundos antes de responder.

— Sim. Quando era muito pequena, comecei a ter alguns episódios de ausência, e meus pais me levaram para fazer uma consulta com ele.

— Ausências? Você se refere a ataques epiléticos?

— Sim.

— Você é epilética?

— Sim. Estou sendo medicada desde que me entendo por gente e levo isso bem. Só em algumas ocasiões de muita tensão essas ausências voltam a aparecer.

Pablo compreende agora o interesse que Paula mostrou em suas aulas de psicopatologia quando se falou de questões psiquiátricas, neurológicas e estruturas limítrofes. Sua preocupação não era pela psique de seu irmão, era pela sua. Ele se pergunta se essas ausências a teriam protegido naquelas noites em que seu pai abusava dela. Provavelmente, sim. Ainda que o certo seja que nesses casos o apagamento da consciência não seja efeito do transtorno epilético, mas, na verdade, do esforço para reprimir o que estava acontecendo. Uma ausência provocada por uma tentativa de defesa mais típica da estrutura histérica que de um transtorno neurológico.

Tudo isso a angustia e lhe dá nojo, mas tem que terminar o que começou.

— Paula, você terminou o trabalho, não?

Assente.

— Foi você que se encarregou de embalar, transportar até a estrada, jogar o corpo de seu pai e apagar os rastros do assassinato?

— Sim. Mas, tendo em conta os resultados, não o fiz muito bem. Nem sequer tive inteligência para desaparecer com a faca.

— Você fez o que pôde — ele justifica.

Vê como ela concorda e uma das frases que disse durante a conversa que tiveram com Verônica volta à sua consciência: “... matar não é fácil...”. Como ela poderia saber a não ser

que...?

Ele a olha e sabe que ainda resta uma pergunta a ser feita.

— Paula... Não foi Javier quem matou seu pai, não?

Olha para ele cheia de angústia e responde com voz fraca.

— Não.

— Por isso você quis falar com ele antes que eu o visse. Queria se assegurar de que não dissesse nada para mim.

— Sim. E aí está, já conseguiu... Essa é a verdade que tinha que saber. E agora, o que você irá fazer?

Pablo se coloca de pé em meio a uma profunda confusão. Paula tem razão, ele já sabe o que queria saber. E agora? Vai denunciá-la? Por acaso merece apodrecer numa prisão apenas pelo pecado de ter nascido nessa família, de ter tido esses pais perversos que a submetiam desde garota, por ter querido proteger seus irmãos? Quem é ele para condená-la desse modo?

É certo, ali está a verdade, e ele fez um juramento ao receber seu título, mas esse juramento é mais forte que o inferno pelo qual Paula passou?

Recorda-se do final da sua conversa telefônica com Rasserri:

— O que procura obter com tudo isto?

— A verdade, doutor. Só isso.

— Não importa a quem possa prejudicar com ela? — perguntara o médico.

Pablo entende. Rasserri sabe de tudo, tem certeza disso. E, ainda assim, escolheu se calar. E agora é ele quem sente em seu interior a força do conflito, a ambivalência.

Sem querer, seus olhos pousam novamente no quadro. Visto dali, Paula mostra seu horror, seu cativo e, à sua maneira, pede ajuda.

O som de sua voz o tira de seus pensamentos.

— Você não me respondeu... O que vai fazer?

Olha para ela e compreende que só há uma coisa que pode fazer. Pega o envelope, tira o informe, deixa-o na mesa e lhe faz um carinho na cabeça antes de despedir-se.

— Aqui tem o informe. Pode usá-lo, se quiser. E não se preocupe com os honorários. Já pagou o suficiente nesta história. Eu, em seu lugar, ligaria para José. Ele pode ajudá-la neste momento.

Ela esconde o rosto entre as mãos e chora. Ele a escuta, mas já não é mais ele quem deve ajudá-la. Já não é mais sua história. Em silêncio, dirige-se para a porta e sai do apartamento.

Espera o elevador e, enquanto desce, manda uma mensagem de texto para José.

— Telefone para Paula. Ela precisa de você.

Na porta, o porteiro, que já o conhece, lhe abre a porta.

— Até breve, doutor.

Não lhe responde. Começou a choviscar e deve esperar alguns minutos até conseguir um táxi. Por fim, aparece um livre. É um carro velho, desses que alguém deixaria passar em outro momento. No entanto, ele o pega.

— Bom dia, chefe — cumprimenta o chofer. — Para onde vamos?

Sua resposta surpreende tanto ao taxista como a ele mesmo. Por que deu esse destino? Nem sequer ele sabe ainda.

## XVIII

Francisca lhe abre a porta. Não deixou de olhá-lo por todo o trajeto que fez atravessando o caminho arborizado que vinha desde o grande portão de entrada até a casa.

— Camila não me avisou que o senhor viria.

— Sei disso. Pode dizer-lhe que estou aqui? Gostaria de falar com ela.

— Sim, claro. Por favor, aguarde um momento.

A mulher desaparece pelo corredor e o deixa só. Olha através do vitrô pelo qual tinha espiado Camila quando brincaram de esconde-esconde e vê, lá longe, o fogão a lenha de barro.

Seu telefone esteve tocando durante todo o trajeto até que decidiu desligá-lo. Certamente era Helena, preocupada com seu atraso, ou José respondendo a sua mensagem. Não sabe, mas também não importa. Não queria falar com ninguém porque precisava desses minutos para pensar.

Quando descia pelo elevador, teve a sensação de que estava tudo concluído, mas, enquanto esperava o táxi, uma das frases de Paula lhe assaltou de repente: “Essa é a verdade que tinha que saber”. E se disse que essa era a verdade que deveria saber, qual era a outra, a que não deveria saber, a que ela preferia manter oculta? E lembrou o que nenhum analista deve esquecer jamais: que a verdade nunca pode ser dita totalmente por alguém. Nesta história, cada um dos protagonistas pode colaborar com algo que o outro tenha reprimido ou decidido ocultar.

Javier e Paula já lhe haviam contado a parte da verdade que tinham a seu alcance, mas Pablo soube que faltava algo mais e compreendeu, então, que devia falar com Camila, se é que queria obter esse outro pedaço de verdade que nem Paula nem Javier tinham podido dizer.

— O que Camila sabe sobre a morte de seu pai? — perguntara para Paula alguns dias atrás.

— Tudo.

Esta havia sido a resposta: tudo. E agora compreende o alcance desse “tudo”.

Agora sabe que ela esteve presente naquela noite e precisa conhecer a sua versão dos fatos, se é que pretende aliviar seu sofrimento. Por isso foi vê-la. Para incitá-la a falar e dessa forma ajudá-la a colocar em palavras o segredo até agora silenciado, que é a causa dos seus piores pesadelos. Sabe que esse segredo está atrás desse outro, ainda sem nome para ele, ao qual Camila chama de Voz. Esse segredo a alimenta, faz-se presente, e se ele não puder conseguir que ela o nomeie, a Voz continuará atormentando-a até torná-la louca.

Pablo percorreu todo o trajeto vendo como as frases, as sensações e as emoções dos últimos dias iam caindo como Tetris. E como se esse fosse o jogo, tentou ordená-las para que o sentido não ficasse travado.

Perguntou-se por que Paula o convocou para essa história quando sua presença não era imprescindível e, nesta mesma manhã, obteve a resposta claramente ante seus olhos, há apenas uma hora: Paula o chamou porque desejava confessar-se.

E por que não o fez com José, que é seu analista?

Não está certo disso, mas acredita que a forte admiração que tem por ele pode ter gerado uma sensação de segurança que nem sequer em sua análise encontra ainda. Depois de tudo, tanto Rasserri quanto José haviam dito que ela confiava muito nele.

Nessa mesma conversa, seu amigo lhe contou que antes de pegar o caso hesitou muito e manteve durante bastante tempo a técnica cara a cara sem poder colocar Paula no divã. Por quê? Talvez porque inconscientemente, segundo suas próprias palavras, Paula lhe parecia uma mulher belíssima.

É possível, então, que algo na ordem da contratransferência erótica tenha se feito presente durante as sessões. E Paula não iria falar frente a frente para alguém que desejasse seu corpo, disse ele tinha certeza. Estava acostumada a perceber o desejo direcionado a ela como um sinal de perigo. Talvez aquele dia em seu apartamento, sem sabê-lo, o havia posto à prova e, quem sabe, a negativa de deitar-se com ela foi a chave que lhe permitiu destravar suas resistências e mostrar-lhe sua parte da verdade.

Precisava falar, mas não queria que seus irmãos corressem riscos. Havia sustentado essa segurança, inclusive, à custa de seu próprio corpo. Por isso quis ter a conversa com Javier antes que Pablo o visse e por isso, agora tinha certeza, lhe pediu um tempo para pensar se lhe permitia analisar Camila. Em ambos os casos, o tempo que pediu foi o que precisou para conversar com eles e assegurar-se de que não dissessem o que tinham que falar. Mas Camila não é Javier e ele, mesmo que seja bem recente esse fato, é seu analista. E a esta altura pergunta a si mesmo: o que Paula se esforça para manter oculto?

— Pode entrar.

A voz de Francisca o tira de suas elucubrações. Pablo agradece e segue a mulher pelo corredor que leva até o estúdio de Camila. Poderia ter ido só, já que conhece o caminho, mas sabe que Francisca não permitiria. À sua maneira, ela cuida de Camila. Por isso, ao retirar-se sempre deixou a porta aberta, e por isso o comentário desnecessário da primeira vez: “Eu

estarei na cozinha”.

Pablo começa a compreender cada um dos códigos que nesse ambiente são estabelecidos para proteger as crianças e resistir, o melhor que puder, aos estragos que podiam chegar a causar os Vanussi. Porque, em sua mente, já não é apenas Roberto, mas Victoria também tomou parte da trama perversa. É certo que não feriu nem abusou, de um modo direto, de nenhum de seus filhos, mas foi a cúmplice necessária sem a qual esse pai não teria podido dispor a seu desejo de seus filhos.

Entra no quarto e é recebido pelo rostinho assustado de Camila.

— Não lhe esperava.

— Sei disso.

Olham-se por alguns segundos até que ela se dirige para Francisca.

— Pode ir tranquila. E, por favor, feche a porta.

Bom sinal. Confia nele.

A mulher obedece e ficam a sós no estúdio. O violino está apoiado sobre a escrivaninha enquanto ela move nervosa o arco que ainda sustenta em sua mão direita. Pablo percebe que algo tenta ganhar lugar em sua consciência sem conseguir, mas sabe que não deve fazer um esforço para agarrá-lo, não é assim que funciona. Atenção flutuante, lembra-se uma vez mais.

Camila está, como sempre, vestida com roupa larga e confortável e sustenta o olhar. Cruza as pernas e apoia suas mãos sobre os joelhos sem soltar o arco. A cena o faz lembrar-se do primeiro encontro que tiveram no beiral da varanda da casa, quando ela estava sentada na cadeira de balanço. O mesmo gesto amistoso, mas também o mesmo olhar atento, como se não quisesse perdê-lo de vista, como se estivesse tentando ter todos seus movimentos sob controle.

Foi também nessa ocasião que havia cruzado as pernas e apoiado as mãos sobre os joelhos que Pablo pergunta a si mesmo onde já tinha visto aquela imagem antes. Não sabia até então, mas agora sabe: no quadro vermelho.

A mulher sentada na calçada apoiada num tapume tem as pernas muito juntas e as mãos apoiadas sobre elas. Esse é um gesto típico e inconsciente de proteção dos genitais característico das pessoas que foram abusadas ou temem sê-lo.

Obviamente Camila não era alheia ao que passava em sua casa. E, ainda que de maneira consciente não possa aceitar ainda, desconhece que essa mãe que tanto ama e à qual se agarra com desespero teve muito a ver com tudo isso.

Agora entende o porquê daquela aparente contradição.

“Ainda tenho gravada em minha mente a sua voz”, dissera a ele em uma de suas conversas. No entanto, logo tinha se queixado de que, apesar de ser musicista, ocorreu-lhe que a cada dia que passa, ela se esquece dessa voz mais e mais.

E eis aí a tentativa defensiva de sua mente, fragmentar a recordação em duas. Guardar e manter a voz doce da mãe protetora e expulsar a outra voz, da mãe cúmplice... a Voz? Seria de Victoria e não de seu pai a que vinha ameaçá-la naquelas noites para trancá-la em seu quarto enquanto ele gozava sadicamente de seus filhos?

Não sabe e não é ainda momento de perguntar. De alguma forma, entende que Camila ainda necessita dessa mãe boa e ele vai respeitar isso.

Volta a olhá-la e compreende a causa da dualidade que produziu em cada encontro. Camila fez de si mesma duas pessoas diferentes. Por um lado, tenta manter a imagem de um corpo infantil disfarçando as curvas que já se fazem notar, os seios e os quadris que antecipam a bonita mulher na qual está se convertendo. Por isso a roupa larga que não deixa entrever seu corpo sexuado. Em seu inconsciente, se seu corpo permanece sendo o de uma menina, pode ser que não chame a atenção do abusador. E, por outro lado, seu nível de pensamento e responsabilidade estão mais de acordo com um adulto que os de uma adolescente. Isso que tecnicamente se chama “pseudomaturidade” e que é também um indicador de violência.

Camila precisou armar um mundo próprio e fechado no qual ninguém pudesse entrar. Daí o violino, seu talento e sua capacidade de ficar durante horas estudando a sós escondiam e justificavam o que na realidade era uma atitude retraída, em busca do isolamento. Não tem dúvidas sobre uma depressão encoberta. Todos esses sintomas, incluindo a enurese espontânea que apareceu quando teve que enfrentar uma situação de angústia, apontam que seu medo de ser também, como seus irmãos, vítima da violência sexual e física de seus pais.

Pablo se senta à sua frente e fala com suavidade.

— Camila, temos que conversar.

É certo que é uma garota diferente. Por isso, não precisa dizer muito mais para que entenda.

— Já?

— Sim, agora.

Assente.

— Você me disse que Javier nunca pôde fazer nada, exceto naquela noite. Quero que me conte o que aconteceu naquela noite.

Camila baixa o olhar e fica alguns segundos em silêncio.



— Antes, devo contar-lhe algo que aconteceu pela manhã.

— Conte-me.

— Meu pai estava vindo aqui quase todos os dias. Não era seu hábito fazer isso. Em geral, dormia em outro lugar e só aparecia uma ou duas vezes por semana. Mas de vez em quando insistia em vir mais frequentemente. Esses dias eram os piores — olha para ele. — Pablo, não se irrite, mas eu menti quando conversamos antes.

— No quê?

— Eu lhe disse que meu pai fazia muitas coisas ruins, que batia em meus irmãos.

— E não era isso mesmo? — ela assente. — E então?

— Mas isso não era tudo o que fazia. Já fazia uns quatro anos que eu entendia o que acontecia nessas noites nas quais ele se embriagava e ficava em casa. Todos intuíamos que ia ficar e que...

— E quê?

— Tenho vergonha de dizer.

— Não tem por que ter vergonha. Não era você que fazia algo de mau — percebe sua resistência em falar do assunto e acredita compreender de onde vem —, tampouco seus irmãos faziam algo de mau.

Sua expressão relaxa.

— Meu pai... gostava de deitar-se com minha irmã — a voz treme e os olhos se enchem de lágrimas. — Meu pai... era um filho da puta. Eu percebia durante o jantar a cara de aflição de Paula. Ela também sabia o que lhe esperava. Como pode, Pablo? Como pode um pai fazer isso?

O que Pablo pode lhe responder? Nada. Por isso faz o melhor no momento. Fica em silêncio.

— Coitadinha da Paula... no dia seguinte era difícil ela me encarar. Ela morria de vergonha, mas eu sabia que não podia evitar.

Pablo a compreende. É comum que nos delitos sexuais a vítima se sinta culpada e envergonhada, e os abusadores se aproveitam disso. É um acréscimo ao seu mórbido prazer.

— Javier também sabia — continua. — Apesar de seu estado, meu irmão é inteligente e creio que por alguns momentos compreendia o que passava.

Pablo não irá lhe dizer que tem certeza disso, que Javier também foi abusado por seu pai e talvez, pensa, a esta altura, por sua mãe. Esse não é um dado que ele precise fornecer.

— Eu me trancava em meu quarto e ligava a televisão. Mas demorava a dormir... não sabe com que vontade eu esperava a chegada da manhã... de dia tudo parece tão diferente. Até que

naquela manhã...

— O que aconteceu naquela manhã?

Respira profundamente antes de falar.

— Eu havia acordado cedo e estava tomando café da manhã na cozinha antes de começar a estudar. Tinha umas passagens difíceis de resolver e não havia dormido nada bem na noite anterior, por isso não esperei que Francisca chegasse para preparar o café da manhã.

Detém-se. Pablo compreende que precisa de ajuda para continuar.

— E então?

— Meu pai apareceu e esquentou um café. Eu estava olhando uma partitura enquanto tomava café da manhã e senti ele se aproximar. Parou atrás de mim e acariciou meu cabelo.

Cala-se por alguns segundos; angústia e raiva inundam o seu olhar.

— “Cami”, disse-me ele, “você está crescendo... e está muito linda”.

— E o que você disse?

— Nada. Fiquei quieta, paralisada, até que ele se foi. Depois fui para meu estúdio e comecei a estudar.

— Conseguiu?

— Sim.

O estúdio. Seu refúgio sintomático.

— Minha vista embaçava, mas eu seguia tocando e tocando. Com mais força do que nunca, com mais raiva do que nunca. Não saí o dia inteiro do meu estúdio — novamente, o quarto do pânico. — Até que chegou a noite.

Pablo não pode evitar descarregar sob a forma de um suspiro a tensão que vinha contendo. Sabe que em alguns momentos Camila discorrerá o véu e ele terá toda a verdade diante de si. Assume que, como suspeitou desde o início, pode não gostar nada do que irá encontrar.

— Jantamos e o meu pai disse para Francisca que fosse para sua casa. Ela tentou ficar usando a desculpa que queria manter tudo limpo, mas ele a impediu. Antes de ir olhou como se estivesse se desculpando, e eu me dei conta do seu sentimento de impotência. Não podia nos proteger. Ninguém podia nos proteger. Estávamos sós diante dele.

E o ogro, o monstro, estava próximo demais.

— Eu fui para meu quarto, mas essa noite não liguei o televisor nem coloquei música para ouvir. Eu havia visto como ele me olhou e isso não me deixava em paz. Eu não conseguia tirar da cabeça seu olhar para mim nem mesmo a sensação da sua mão acariciando o meu cabelo —

detém-se por um instante. — Até que comecei a escutar uns barulhos, os de sempre, porque nem sequer se dava o trabalho de disfarçar o que fazia. Ele acreditava que não lhe aconteceria nada — ela o olha —, mas estava enganado.

Pouco tempo atrás, bem pouco, Pablo tinha acreditado ter chegado à verdade. Agora sabe que não é assim e que Camila já havia dito, só que ele não conseguiu escutar: “as coisas não são o que parecem ser... das portas para dentro tudo foi muito diferente”.

— Num determinado momento, escutei os gritos de Paula pedindo que parasse, que, por favor, não fizesse mais isso. Eu levantei acreditando que meu pai a estava... violentando.

— E não era isso.

— Não. Ele estava batendo em Javier com o cinto. Meu irmão estava acorado em um canto cobrindo a cabeça e chorando e Paula tentava deter meu pai. Ele tinha alguns arranhões no corpo e havia uma faca manchada com sangue aos pés da cama — detém-se. Resiste à angústia e segue falando. — Por fim, ela conseguiu acalmá-lo e ele a abraçou e começou a tocá-la. Foi horrível. Era como se o acontecido o tivesse excitado ainda mais, e Paula não podia lhe negar nada se não quisesse que ele voltasse a bater em Javier. Em um momento, cruzamos o olhar. Ela me pedia com os olhos que fosse embora, que não visse o que estava por acontecer.

— Mas você ficou.

— Sim.

— E o que foi que você viu?

Olha para ele.

— Tudo.

Pablo não precisa lhe perguntar mais sobre isso. Não quer submetê-la a descrever uma situação tão perversa e sinistra, mas há algo que precisa saber.

— Por que você ficou?

— Porque estava cansada de imaginar o que acontecia e tinha que vê-lo sem perder nenhum detalhe — Pablo a olha com ar interrogativo. — Porque naquela manhã compreendi que isso era o que estava à minha espera se ninguém fizesse algo. Ou me negar e apanhar como Javier, ou... ou... deixar-me ser violentada como minha irmã.

A tensão é enorme. Pode senti-la. Mas Camila não irá parar. Pablo se lembra de algo que ela lhe disse: “Em mim, ele nunca irá tocar”, e ainda que o horror o paralise, intui o desenlace.

Camila compreendeu que nem Paula, nem Francisca iriam defendê-la do horror por muito tempo mais e que, se não queria ser mais uma das vítimas de seu pai, teria que fazer algo, porém

só. Mas era apenas uma menina.

“Talvez se eu fosse homem poderia gostar de ter um instrumento maior. As mãos de um homem, seus dedos, tudo nele é maior, mais forte.”

Certamente desejou ter uma força de um homem para pôr fim a tudo isso, mas só contava consigo mesma.

— E naquele momento você tomou uma decisão.

Ela assente.

Ele mesmo havia dito a Paula: se o assassino pode ser seu filho, por que descartar a filha? Não estava errado, só que estava equivocado de filha.

— Camila — tenta ser o vaso receptor —, é preciso que me conte como o fez.

Toma alguns segundos para si antes de falar. Procura ar, seca as lágrimas com o punho de seu casaco de ginástica e chora. Mas não é um choro de angústia, é um choro de raiva.

— Quando tudo terminou, fui para meu quarto e fiquei sentada na cama por um longo tempo, até que escutei uns barulhos na cozinha. Então eu me levantei e fui dar uma espiada. Meu pai estava nu, meio bêbado, com um copo de uísque na mão. Tinha a testa apoiada sobre a mão esquerda e com um dedo fazia círculos com o gelo. Eu o olhei e soube que nunca mais iria encontrá-lo tão indefeso, que era aquela noite ou nunca. Fui até o quarto tentando não fazer barulho e levantei a faca do chão. Javier ainda estava largado, e Paula parecia estar dormindo. Respirei fundo e fui até a cozinha. Ele escutou meus passos às suas costas.

— “Quem é?”, ele perguntou. “Sou eu, Camila”, eu disse. Ele sorriu e me falou: “Cami... já está crescida”. E eu lhe respondi: “Sim, papai. Já estou grande”. Então me aproximei e me dei conta de que tinha que ser muito precisa, porque se falhasse, ele iria me matar... ou algo muito pior. Sabe o que é a artéria carótida?

— Sim.

— Você já a viu? Para alguma coisa servem as aulas de biologia — tenta sorrir sem conseguir. — A professora nos explicou que por ali passa o sangue, nos ensinou a identificá-la rapidamente para pegar o pulso de um companheiro. “A oitenta pulsações por minuto”, disse-nos como brincadeira, “um corte bem ali fará com que uma pessoa perca o sangue em dois minutos”. Se eu o fizesse com rapidez, ele não ia ter tempo de fazer nada comigo. Mas eu só tinha uma oportunidade, devia encontrar a pulsação com os dedos da mão esquerda e cortar ao mesmo tempo. Sabia que não precisava de força, somente de precisão.

Pablo olha o arco que se move entre os dedos de Camila e agora encontra um sentido para

suas palavras: “...Os dedos da mão esquerda só precisam ser ágeis e sensíveis. O segredo está na mão direita”.

— E você foi precisa.

— Sim. A cabeça inclinada sobre a mão me deu a oportunidade que precisava para localizar a artéria num só toque — detém-se. — E cortei. Foi muito fácil. Ele apenas protestou. Deu a volta, tentou deter o sangue com a mão e me olhou. Eu saí correndo até o quarto e chamei gritando por Paula.

“... muitas vezes me refugiei e me senti protegida por ela”, ele se recorda.

— Mas ele não me seguiu. Tive que sacudir minha irmã para acordá-la e tremendo contei a ela o que eu tinha feito. Ela demorou a reagir, como se não entendesse ou não pudesse acreditar no que eu estava lhe dizendo. Então, pegou a faca, deu-me a mão e fomos até a cozinha. Mas ele não estava. Creio que compreendeu que precisava urgente de ajuda e que nenhum de nós daria. Por isso, saiu da casa em busca, certamente, de algum carro que passasse pela estrada. Não foi difícil persegui-lo até a porta da casa porque deixava um rastro de sangue a cada passo que dava. Mas lá fora a coisa ficou mais difícil. A noite estava nublada e as árvores tornavam o caminho ainda mais escuro. “Não foi à procura de Francisca”, disse-me Paula com segurança. Acreditou que o pai intuísse que ela também não o ajudaria. Então fomos para a porteira, olhando para todos os lados até que o encontramos. Ali — assinala para a janela —, próximo daqueles pinheiros. Eu estava tremendo. Paula deve ter notado, porque me abraçou e me disse que não tivesse medo, que ela ia tirar o corpo dali. Mas eu notava que ela estava confusa. Ela também não estava bem. E assim, depois disso tudo, voltamos para casa e nós duas deitamos com Javier em sua cama. Ela tirou um comprimido de sua bolsa e me deu. Perguntei o que era. “Tome. Você irá relaxar e dormir”, ela disse. Eu tomei e ela ficou sentada acariciando minha cabeça até que dormi.

— E depois?

— Depois... nada. Acordei no outro dia, levantei-me e não havia vestígios do acontecimento da noite anterior. Suponho que Paula se encarregara de tudo, porque me pediu que não lhe perguntasse nada, que quanto menos eu soubesse seria melhor. Assegurou-me de que não ia acontecer nada comigo, e eu acreditei nela. E assim foi, até algumas semanas atrás.

Olha para ele sabendo a gravidade do que acabara de lhe contar.

— Sei que o que disse é horrível... mas alguém tinha que pôr um fim nisso.

Paula já havia dito: “Camila é a única que soube fazer as coisas bem”. E agora compreende

aquela outra frase: “Tenha muito cuidado com ela”.

Havia sido, ao mesmo tempo, uma ameaça e uma súplica. Ela estava lhe avisando que Camila era capaz de atos perigosos, mas também que lhe pedia que não a denunciasse e que a protegesse. E, assim sendo, decide em um segundo o que irá fazer.

— Eu a entendo, Camila — sabe que um analista não deve emitir julgamentos de moral sobre os atos de seus pacientes, mas não pode conter-se. — Fez o melhor que pôde para todos.

Ela o sabe, por isso já não se sente em dívida com Paula, porque foi ela que pôs fim ao calvário dos três. Paula não voltará a ser abusada, Javier não terá mais que suportar ser espancado e ela... ela evitou ser o novo brinquedo sexual de seu pai. A um custo altíssimo, um custo que Pablo está disposto a ajudá-la a suportar.

Camila apoia o arco no atril, relaxa suas pernas, tira as mãos dos joelhos e as estende em direção a ele.

— Abrace-me, por favor.

E, como quis ter feito quando a resgatou de seu esconderijo na vez anterior, Pablo a abraça de um modo forte e protetor. E Camila chora, agora sim, um choro angustiado que o comove. Por ser um choro pungido, nesse destroçar ela berra de dor por cada um desses gritos contidos durante tanto tempo. E ele não irá abafar com Mozart nem Beethoven. Pelo contrário, vai escutá-los e tentará lhes dar um lugar e um sentido na verdade de sua história.

Meia hora depois, cruza o grande portão. Como supunha, o táxi não o está esperando. Isso não o surpreende, mas o que não espera é encontrar com um homem de olhos claros que, de dentro do Peugeot 504 preto, abre a porta traseira para ele.

— Suba — ordena. — Temos que conversar.

Sem saber muito bem por que, Pablo sobe.

# XIX

Bermúdez arranca e, sem consultá-lo, vai pela pista que vai dar na estrada. Durante uns segundos que parecem eternos, nenhum dos dois diz nada. Pablo se dá conta de que está em suas mãos e se pergunta por que subiu neste carro. Assim que toma a estrada que vai dar na capital, suspira aliviado.

Bermúdez o olha e sorri. Certamente, fez isso de propósito.

— Então era você quem estava me seguindo?

— Não. Se tivesse sido eu, você jamais teria percebido. Eu mandei que fosse vigiado, mas o cara é um tonto que só faltou ligar as sirenes. Mas bem, é o que nós da polícia temos à nossa disposição. O que se pode fazer? Se um sujeito como você que nem está habituado com esses esquemas se dá conta, imagine um delinquente.

Pablo ignora o comentário.

— Para onde está me levando?

— Para sua casa. Eu disse para o taxista que fosse embora, desse jeito, de passagem, você já também economizaria uns trocos. Mas assim mesmo, cobrou-me a espera, mas não se preocupe, o Estado paga.

Pablo assente.

— Doutor, posso lhe fazer uma pergunta? Mas, por favor, não me leve a mal, é com todo respeito.

— Naturalmente.

— Diga-me uma coisa... Você é imbecil, tonto ou se faz de?

A pergunta deveria incomodá-lo, no entanto o tom de voz e postura de Bermúdez não demonstra nada ofensivo.

— Por que me pergunta isso?

— Porque naquela vez em que conversamos, você me pareceu um cara inteligente, esperto, rápido... “malandro” como diríamos em meu bairro. Mas depois, quando foi se envolvendo em toda esta história e foi metendo a mão na merda, me dei conta de que não tinha a mínima ideia da porra de terreno em que estava pisando. Sabe que sua cabeça poderia ter rolado pelo que andou fazendo, não?

Pablo pensa um segundo.

— Os dois grandalhões do carro preto... Quem os mandou foi você, certo?

Bermúdez cai na gargalhada.

— Você realmente acredita que na delegacia tenho recursos suficientes para pagar esses carros e esses caras? Se eu só posso ter este carro capenga de merda que anda a gás e o imbecil do López que é incapaz de seguir um cego sem que seja visto — olha para ele. — Ao contrário, doutor. Eu mandei que ele o seguisse para cuidar desses caras.

— Obrigado.

— Não há nada que agradecer, sinto certa ternura pelos idiotas — Pablo ri. — E, além disso, eu lhe devo uma.

— Não estou entendendo.

— Já vai entender. Mas, antes, deixe-me pedir uma coisa. Saia desta história porque não é para você.

Bermúdez não sabe que Pablo já declinou. Sabe o que queria e entregou o informe de perícia. Pronto, está fora.

— Veja, eu tentei telefonar ontem para nos reunirmos, mas parece que você não tem o hábito de atender ao telefone — Pablo sorri, e Bermúdez continua: — Sabe, eu menti para você naquela tarde em meu escritório.

— ...

— Quando lhe falei sobre a morte de Vanussi, disse que havia sido um corte fortuito, dado por alguém torpe que nem sequer havia se dado conta do que fazia.

— E?

— Na realidade, minha teoria é outra. Talvez seja um pouco louca, mas creio que esse corte mortal não foi nada casual.

— Ah, não? — pergunta tentando parecer surpreso, sendo que, para falar a verdade, ele quer saber mesmo é como funciona a mente de policial de Bermúdez.

— Não. O corte foi justamente na veia carótida, à altura do pescoço. Aqui, está vendo? — ele toca em si mesmo. — Debaixo do maxilar. E mais: segundo os médicos forenses, o assassino acertou em cheio na cartilagem da tireoide. Sabe o que significa isso?

— Não.

— Que deve ter enchido a traqueia de sangue. Isso provoca asfixia — mexe a cabeça enquanto pensa. — Apesar disso tudo, o cara caminhou uns tantos metros tentando escapar da casa. Não sei como que pôde chegar tão longe, porra. Dá para perceber que esse filho da puta



amava a vida.

— E os outros cortes?

— Os arranhões, você quer dizer?

— Sim.

Bermúdez pensa.

— Olhe, há duas opções. Ou foram feitos depois, propositalmente, para dissimular que o assassino é um profissional ou o crime foi cometido por mais de uma pessoa. Uma que não sabia o que fazia, e outra fria e certa.

— E qual o seu palpite?

Levanta os ombros.

— Que diferença faz? O sujeito já está morto e eu recebi há poucos dias a ordem de encerrar o caso com a confissão por parte do filho.

— Bermúdez, desculpe-me perguntar-lhe novamente, mas você acredita que o garoto seja o assassino?

Bermúdez o olha de lado.

— Não me faça passar por imbecil, doutor. Esse garoto não é capaz nem de cortar as unhas sozinho.

— E então?

— Então, vamos deixar isso como está. Sabe? As pessoas pensam que todo policial é corrupto. Que somos todos uns cretinos que vivemos da propina dos caras envolvidos com jogos e putas e que comemos a pizza com a grana dos caras do boliche do bairro que enfiamos na manga.

— E não é assim.

— Sim, é isso mesmo... na maioria das vezes, mas não sempre. Para mim, interessa o meu trabalho. Eu quero me sentir orgulhoso do que faço... Mas também tenho meu limite.

— Não entendo.

— A justiça. Nós somos o braço armado da lei, mas não a lei. E se um juiz me diz que eu archive um caso, ainda que isso me irrite e me dê um nó no estômago, eu o arquivo, guardo minha raiva e tento resolver outro caso no qual me deixem trabalhar sem me atar as mãos.

— E por que um juiz faria isso?

— Porque está metido no assunto, porque o compraram, porque tem medo ou porque algum sujeito que está por cima dele o está pressionando. Ou sei lá o quê. O que eu sei,

definitivamente, não é muito diferente do que acontece com o policial. Alguns são corruptos e outros, como eu, têm que se bancar sem chiar, sem dar nem um só pio. Entende?

— Sim.

— Bem, isso é bom, fico feliz. Porque esse caso estava encerrado e todos contentinhos, inclusive a família do garoto. Mas veio você e começou a encher o saco querendo averiguar, querendo investigar e algumas pessoas não gostaram nada disso. Esses, certamente, são os que mandaram os grandalhões para que lhe pressionassem.

— Eles podem ser os verdadeiros assassinos? — pergunta e se dá conta de que está tentando acobertar Camila.

— Não sei. Pode ser, mas não necessariamente.

— E por que teriam ficado tão nervosos, se não foram eles?

— Porque reabrir a investigação de Vanussi e seus assuntos comprometeria a muitos caras importantes que talvez não o tenham matado, mas, ainda assim, não têm nenhum interesse que saibam em que tipo de negócios estavam metidos com ele. Sabe? Eu nunca vou chegar mais longe do que me encontro hoje, porque não me envolvo com essas transações. Posso me passar por idiota, mas não negocio. Eu controlo minha região e tento mantê-la o melhor que posso. Você não sabe, mas nessa casa da qual acaba de sair aconteceram muitas coisas — Pablo evita qualquer expressão. — Não sabe quantas noites fiquei estacionado ali na porta vendo como entravam os sem-vergonhas, esses turrões infestavam até altas madrugadas. Mas nunca pude fazer nada. Então, a verdade é que não sei quem matou Vanussi, mas o que eu sei é que nessa casa ninguém mais será violentado. E isso já está bom para mim.

Bermúdez não tem consciência da verdade que está dizendo.

— Por isso, eu lhe peço que deixe tudo como está.

Ele está sendo sincero e merece uma resposta.

— Fique tranquilo, subdelegado. Eu acabei de entregar meu informe psicológico e já não tenho mais nada a ver com isso. No máximo, serei psicólogo da garotinha, mas nada além disso. Pobrezinha, não está bem com tudo o que houve.

— Imagino. Mas, pelo menos, salvou-se de ter que se dar conta de que tipo de sujeito era seu pai... Não?

— Com certeza — mente Pablo.

Faz alguns minutos que saíram da estrada e pegaram a Nove de Julio em direção à Libertador. Permaneceram em silêncio por algum tempo até que Bermúdez estaciona na porta do

seu apartamento. Pablo se dá conta de que o carro destoa neste bairro, mas o certo é que faz um tempo que não se sente tão seguro.

— Bom, Bermúdez, eu lhe agradeço por tudo.

Ele estende a mão, como sinal de que iria cumprimentá-lo para se despedir.

— Espere um pouquinho. Eu disse que lhe devia uma, lembra-se?

— Sim.

— Bem. O assunto é que... você tinha razão.

— Não sei do que está falando.

— Do assassinato da garota. Você estava certo. Quando foi até o meu escritório, fiquei pensando e comecei a montar minhas conexões sobre o caso. E quer saber? Em apenas um dia de investigação, encontrei a mulher.

— Que mulher?

— A que você me disse que eu deveria procurar. Creio que eu a tenho e por isso preciso de sua ajuda.

— Bermúdez, não fode. Você é um homem com experiência, não pode não ter se dado conta de que eu apenas estava trabalhando com uma hipótese para tentar impressioná-lo e ganhar seu respeito. Só queria evitar que você me tratasse como um idiota.

— Sei disso. No entanto, você acertou.

— Casualidade.

— Não. Isso não foi casualidade. Chama-se intuição. Eu não sei se os psicólogos acreditam nisso, mas eu aprendi a respeitá-la. E você a tem. Por isso, peço que me dê uma ajuda. Depois de tudo, você também me deve uma, não?

Está surpreso e não sabe o que dizer.

— Mas... o que eu poderia fazer para ajudá-lo?

Bermúdez estica a mão e tira uma pasta-arquivo do porta-luvas.

— Quero que veja outra vez essas fotos e que leia as declarações. Sobretudo, as de Rosa Gauna. Sei que você pode sacar coisas que podem ter passado batido por mim. A mulher está detida na delegacia, mas depois de amanhã ou mais em breve a tenho que mandar para julgamento e o que não averiguar nesse tempo não poderei fazer depois. Mas não tem importância, essa nenhum juiz irá encobrir. E se é a assassina, quero saber e mandá-la em cana. E depois de tudo, afinal de contas, uma vida é uma vida, não acha?

Bermúdez nota a dúvida na cara de Pablo e joga com a última cartada.

— Pegue — entrega-lhe o envelope. — Pense. Se não quiser se meter, eu entenderei. Só me envie de volta à delegacia amanhã e eu lhe prometo que não irei incomodá-lo.

Pablo assente e desce do carro com a pasta na mão. Com um gesto inconsciente, olha ao redor para verificar se ninguém está observando. Bermúdez percebe e sorri.

— Vá tranquilo. Ninguém mais vai acabar com sua vida.

Essas palavras lhe produzem uma repentina sensação de alívio, caminha lentamente até a porta do seu edifício e entra. Lá em cima, enquanto abre a porta de seu apartamento, dá-se conta de que nem sequer se lembra de ter chamado o elevador, apertado o botão referente ao seu andar e subido. Está cansado e confuso.

Entra e joga sobre a mesa a pasta que Bermúdez lhe deu, mas o impulso faz com que esta resvale e caia no chão. As folhas se esparramam de um modo desordenado e Pablo xinga.

Apoia o celular, ainda desligado, na estante de livros. Sabe que Helena deve estar procurando-o como louca e que, certamente, José estará esperando uma ligação sua, mas não tem vontade de falar com ninguém. Só quer um pouco de paz e de prazer depois de tanta dor e morte.

A imagem de Luciana vem em seu auxílio. Isso é o que ele deve fazer: telefonar para ela, convidá-la para jantar, tomar um banho, descansar, cozinhar algo para ela e depois entregar-se para desfrutar até que a última das suas células fique impregnada de vida mais uma vez.

Decidido a telefonar-lhe, caminha em direção ao aparelho e uma luz vermelha que pulsa lhe indica que tem uma mensagem. Mecanicamente aperta o botão para escutá-la. Reconhece imediatamente a voz.

— Alô, Pablo. Sou eu, Alejandra... Veja, não sei por que estou telefonando para você, mas tive um pressentimento... melhor, eu só queria escutá-lo.

Mesmo não desligando a chamada, permanece em silêncio até que o som indique que o tempo de gravação terminou.

A voz de Alejandra derruba o último estilhaço de resistência que o defendia da angústia e um sem-fim de imagens lhe vem acima.

Imagina o sofrimento de Paula arrastando o corpo ensanguentado de seu pai, de Camila tremendo com a faca na mão e de Javier acorocado e ferido em um canto do quarto.

Olha de lado e desce a cabeça até o chão, dá uma espiada por debaixo da mesa na foto que Bermúdez lhe deu com o rosto irreconhecível da garota assassinada.

Sente como o choro se abre entre a esperança de Luciana e a condenação de Alejandra.

Tenta uma última resistência, mas desiste e, já sem forças, entrega-se. Suas pernas enfraquecem e, com o telefone ainda entre as mãos, cai de joelhos e chora. De uma forma desesperadora. Com um choro que também lhe vem de muito longe, e que não tem já nem forças nem vontade de controlar.

Sim, depois de tanto tempo, está chorando. E por que não chorar? Se, afinal das contas, é tão somente mais um sofredor?

## XX

*Um resto de razão lhe diz que isso é uma loucura, mas sabe que só houve um culpável real de todo o ocorrido: seu pai. Tinha esticado a corda mais do que o devido e aí estavam as consequências. Agora os ratos e abutres vão fazer a festa com o que restou. É uma pena, mas ele mereceu.*

*Volta para o carro e tem um último pensamento dedicado ao morto: “Que se foda, seu filho da puta”.*

*Depois se dirige para a casa, ordena o melhor que pode, toma um banho, veste-se e liga a televisão. Dá uma espiada no quarto ao lado.*

*Tudo parece estar em ordem.*

Fim





A Alberto Díaz, por sua inestimável confiança.

A Lucas e Sonia, por sua leitura cruel.

A Tere, por sua assessoria musical.

A Malena, por perdoar minhas ausências.

A Tata, pelo amor de sempre.

Ao doutor Manuel Carreiro e à psicóloga Cristina Culipe por suas colaborações profissionais.

A Fernando Rabih, por suas contribuições voluntárias.

A Ernesto Mallo, por seus generosos conselhos.

A Adriana, por percorrer comigo o último trajeto do caminho.

A Claudia e Pablo, pelo alento nos momentos de incertezas.

A Sergio, El Negro, e aos rapazes.

A Gastón, Sebas, Anita e Mariela.

\* Nacho e Mariano, como sempre, assinam comigo.

**GABRIEL ROLÓN** cursou seus estudos na Faculdade de Psicologia na Universidade de Buenos Aires e fez especialização em psicanálise. *Histórias de divã* (Planeta, 2008), seu primeiro livro sobre psicanálise, foi um sucesso de vendas sem precedentes na Argentina e foi editado no Brasil, México e Espanha, sucesso que se repete em 2009 com seu segundo livro: *Palabras cruzadas* (Planeta, 2010). *O lamento do violino* é o seu primeiro romance.

# Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Parte 1 - O CHAMADO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

Parte 2 - A DECISÃO

I

II

III

IV

- V
- VI
- VII
- VIII
- IX
- X
- XI
- XII
- XIII

### Parte 3 - A BUSCA

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII
- IX
- X
- XI
- XII

### Parte 4 - A VERDADE

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII
- IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

Fim

Agradecimentos

O Autor